

SANDRA ELISABETE DE OLIVEIRA CAZELATO

**A INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS
POR AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS**

**Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do Título de Doutor em
Lingüística.**

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C319i

Cazelato, Sandra Elisabete de Oliveira.

A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos / Sandra Elisabete de Oliveira Cazelato. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Edwiges Maria Morato.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Provérbios. 3. Parodia. 4. Significação. 5. Processos meta (Linguística). I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The interpretation of parodized proverbials by aphasic and non aphasic.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Aphasia; Proverbs; Parody; Verbal and non-verbal signification; Target process (Linguistics).

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora), Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva, Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, Prof. Dr. Heronides M. de Melo Moura e Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias.

Data da defesa: 20/05/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Edwiges Maria Morato

Edwiges Maria Morato

Anna Christina Bentes da Silva

Anna Christina Bentes da Silva

Vanda Maria da Silva Elias

Vanda Maria da Silva Elias

Lourenço Chacon Jurado Filho

Lourenço Chacon Jurado Filho

Heronides Maurílio de Melo Moura

Heronides Maurílio de Melo Moura

Fábio Luiz Lopes da Silva

Solange Coelho Vereza

Mônica Graziela Zoppi-Fontana

IEL/UNICAMP

2008

Dedico este trabalho aos meus pais,
Dorival e Maria Rute,
companhias carinhosas de toda a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo Pai Eterno que me abençoa sempre.

Aos meus pais, Dorival e Maria Rute, pelos incentivos na realização dos meus sonhos.

À minha orientadora, Edwiges Morato, por me ensinar e incentivar, pelo entusiasmo e pela amizade.

Aos meus irmãos, André e Lilian, pelo carinho.

Aos participantes desta pesquisa, CC, FC, IG, AM, NS, LM, MN, JM, MS, MH, MG e ES pela disposição e carinho.

Ao grupo de pesquisa, pelos ensinamentos, pelo trabalho sempre colaborativo e pela amizade.

Aos amigos, pelo afeto e companheirismo neste caminho e sempre.

Ao CNPq, pelo apoio à esta pesquisa.

ADIAMENTO

*“Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível;
Mas hoje não...
Não, hoje nada;
Hoje não posso.”*

Álvaro de Campos
(heterônimo de Fernando Pessoa)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar processos de significação no contexto das afasias, destacando aspectos lingüístico-pragmáticos da interpretação e manipulação enunciativa de sentidos veiculados nas paródias proverbiais por sujeitos afásicos e não afásicos. O que interessou foram alguns fenômenos característicos da paródia presentes na interpretação de provérbios parodiados, tais como: diferentes processos meta (lingüístico, pragmático, enunciativo, discursivo), intertextualidade, inferenciação, graus de metaforicidade e de cristalização lingüístico-discursiva.

Nosso objetivo foi estudar o trabalho lingüístico-cognitivo implicado na interpretação dos enunciados proverbiais parodiados de forma a reafirmar a relevância do provérbio e da proverbialização para os estudos neurolingüísticos.

Nesta pesquisa foram analisados dados lingüísticos de sujeitos afásicos e de sujeitos não afásicos coletados a partir de um Protocolo de Provérbios Parodiados elaborado especialmente para nossas finalidades. Com o Protocolo, procuramos focalizar o trabalho lingüístico e sócio-cognitivo, bem como o percurso enunciativo realizado pelos sujeitos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, além de verificar o reconhecimento do sentido desses provérbios e sua relação com os provérbios-origem.

Na interpretação de enunciados parodiados, encontramos vários processos de significação verbal (lingüísticos, discursivos, inferenciais, referenciais *etc.*) e não-verbal (gestuais, mnêmicos, faciais *etc.*) que indicam diferentes níveis de reflexão do sujeito sobre a linguagem e seu funcionamento, indicando ainda a presença de uma competência relativamente à linguagem (*cf.* MORATO, 2005a) onde ela poderia estar perdida ou alterada, segundo o que se depreende da definição de afasia corrente na literatura afasiológica tradicional.

A maneira pela qual os sujeitos afásicos e não afásicos atuam sobre os enunciados proverbiais parodiados é indicativa do que está em jogo em diferentes processos co-ocorrentes (lingüísticos, gestuais, mnêmicos, discursivos) no funcionamento da linguagem e do ato enunciativo. Não raramente, pudemos observar nos dados de sujeitos afásicos, à maneira do que ocorre com sujeitos não afásicos, o uso expressivo de gestos, risos, olhares,

expressão facial e postura corporal, indicadores de sua tarefa interpretativa e da explicitação do sentido. Mais do que fenômenos meramente coadjuvantes, esses dados mostraram-se constitutivos do processo de significação e da construção do sentido, sendo relevantes para a interpretação e a expressão dos elementos parodísticos.

Pudemos observar, ainda, nos dados dos sujeitos afásicos, que a instabilidade lingüístico-cognitiva provocada pela patologia cerebral leva o sujeito a ter dificuldades de ordem metalingüística; porém, isto não impede que eles lancem mão de ações reflexivas sobre e com a linguagem. Isso nos leva a reafirmar a presença de uma competência pragmático-discursiva (*cf.* MORATO, 2002a) que se constitui nas práticas interativas e na dependência de vários processos inter-atuantes de significação, bem como nos leva a admitir uma concepção de linguagem não redutível ao sistema lingüístico *stricto sensu*.

Palavras-chave: Afasia, Provérbios, Paródia, Significação verbal e não-verbal, Processos Meta.

ABSTRACT

This research is aimed at identifying and analyzing processes of signification in the context of aphasia, highlighting linguistic-pragmatic aspects of interpretation and enunciative manipulation of meaning used in the proverbial parodies by aphasic and non aphasic individuals. What was important in this work was the presence of some characteristic phenomena of the parody present in the interpretation of parodized proverbs, such as: different target processes (linguistical, pragmatical, enunciative, discursive), intertextuality, inferentiation, degrees of metaphoricity and linguistic-discursive crystallization.

Our objective was to study the linguistic-cognitive work implied in the interpretation of the parodized proverbial enunciations in order to reaffirm the relevance of the proverb and of the proverbialization for neurolinguistics studies.

In this research were analyzed linguistic data of aphasic and non aphasic individuals and they were collected according to a Protocol of Parodized Proverbs that was prepared for this purpose. With this Protocol, we tried to focus on a linguistical and socio-cognitive work, as well as the enunciative journey done by the individuals in the explanation of the meaning of the parodized proverbs, besides verifying the recognition of meaning of these proverbs and its relationship with origin-proverbs.

In the interpretation of parodized enunciations, we could find many processes of verbal signification (linguistical, discursive, inferential, referential *etc.*) and non-verbal (gestural, mnemonic, facial *etc.*) that show different levels of reflection of the individual about language and its functioning, showing yet the presence of a competence relative to language where it could be lost or altered, according to the current definition of aphasia in the traditional aphasiologic literature.

The way in which the aphasic and non aphasic individuals act on the parodized proverbial enunciations shows what is present in different co-occurring processes (linguistical, gestural, mnemonic, discursive) in the functioning of language and in the enunciative act. Occasionally, we could observe in the data of the aphasic individuals, in the same way that happens to the aphasic individuals, the expressive use of gestures,

laughter, facial expressions and body posture, signs of the interpretative task and meaning explanation. More than merely supporting phenomena, these data have shown to be constitutive of the process of signification and meaning construction, being relevant to the interpretation and expression of the parodized elements.

We could observe, in the data of the aphasic individuals, that the linguistic-cognitive instability caused by the brain pathology causes the individual to have metalinguistical difficulties. However, these difficulties do not hinder them to use reflexive actions with and about language. This fact makes us reaffirm the presence of a pragmatic-discursive competence (*cf.* MORATO, 2002a) that is constituted in the interactive practices as well as in the dependence of many inter-active processes of signification. It also makes us admit a conception of language that cannot be reductive to the *stricto sensu* linguistic system.

Keywords: Aphasia, Proverbs, Parody, Verbal and non-verbal signification, Target process.

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	19

CAPÍTULO I

A PARÓDIA DE PROVÉRBIOS: QUESTÕES LINGÜÍSTICAS, DISCURSIVAS E COGNITIVAS

1. INTRODUÇÃO	23
2. DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DOS PROVÉRBIOS	23
3. A PARÓDIA COMO FENÔMENO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO	33
4. A PARÓDIA NOS PROVÉRBIOS	47
4.1. Provérbios: cristalização e paródia	54
5. A PRESENÇA DOS PROVÉRBIOS NO ESTUDO DAS AFASIAS: UMA DISCUSSÃO CRÍTICA	56

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

1. METODOLOGIA	69
1.1. Considerações Gerais	69
1.2. Constituição do Protocolo de Estudo de Provérbios Parodiados	71
1.2.1. Provérbios utilizados no Protocolo da Pesquisa	74
1.2.2. Grade interpretativa dos provérbios utilizados no Protocolo e a relação formal e discursiva dos provérbios parodiados com os provérbios-origem	79
1.2.3. Protocolo de Provérbios Parodiados	88
1.3. Breve descrição neurolingüística dos sujeitos afásicos que participaram da pesquisa.....	90

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

1. COMENTÁRIOS GERAIS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS SOBRE OS PROVÉRBIOS PARODIADOS	95
2. QUADROS E ANÁLISE DOS DADOS DE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA APLICAÇÃO DO PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS (PROCEDIMENTOS 1 E 2).....	103
2.1. Quadros do desempenho dos sujeitos não afásicos e comentários gerais.....	104
2.1.1. Quadros do desempenho dos sujeitos não afásicos no procedimento 1.....	104
2.1.2. Quadros do desempenho dos sujeitos não afásicos no procedimento 2	112
2.2. Quadros do desempenho dos sujeitos afásicos e comentários gerais.....	120
2.2.1. Quadros do desempenho dos sujeitos afásicos no procedimento 1	121
2.2.2. Quadros do desempenho dos sujeitos afásicos no procedimento 2	130
2.3. Análise dos dados da explicitação do sentido dos provérbios por afásicos e não afásicos (procedimentos 1 e 2).....	140
3. RESULTADOS COMPARATIVOS DOS DADOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA PESQUISA	224
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA PESQUISA	244
4.1. A questão da cristalização do provérbio	246
4.2. A questão da paródia	249
4.2.1. A preservação do universo discursivo do enunciado original: a paródia recusada ..	249
4.2.2. O não reconhecimento da paródia do provérbio como enunciado proverbial	257
4.2.3. O provérbio como sintagma metafórico: a recusa do enunciado proverbial menos metafórico	262
4.2.4. Dificuldades postas por questões mais essencialmente metalingüísticas	264
4.2.5. Reconhecimento de enunciados proverbiais origem e parodiados: uma relação necessária e suficiente?	266

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
-------------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	279
----------------------------------	-----

ANEXOS	285
--------------	-----

INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa de Iniciação Científica (1998)¹, realizamos um estudo que teve como objetivo analisar a enunciação proverbial enquanto processo meta-enunciativo. Para tanto, procuramos proceder à análise de diferentes processos de significação implicados no trabalho lingüístico-cognitivo requerido na interpretação de um conjunto previamente selecionado de provérbios. O objetivo geral foi obter dados teórico-metodológicos que descrevessem o caráter meta-enunciativo do provérbio e as possibilidades que se abrem para a investigação dos processos “meta” (lingüístico, pragmático, enunciativo) no contexto das afasias (MORATO, 1995).

No estudo do Mestrado em Lingüística (2003)², “A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo”, nosso objetivo foi estudar as questões sobre os processos de significação em jogo na escolha e no “trabalho” dos sujeitos para estabelecer equivalência de sentido entre provérbios. Além disso, procuramos sustentar a importância de se considerar nos estudos das afasias as práticas discursivas e o percurso lingüístico-cognitivo implicados em enunciações proverbiais. A pergunta que norteava a pesquisa era: Qual o caminho percorrido pelos sujeitos ao relacionarem o provérbio ao(s) seu(s) sentido(s) possível(s) e associá-lo a outro(s) provérbio(s) com o(s) sentido(s) semelhante(s) (no caso, os provérbios equivalentes)? Procuramos também nessa pesquisa verificar se o tipo ou quadro de afasia apresentado pelos sujeitos interferia na capacidade semântico-pragmática de selecionar provérbios equivalentes do ponto de vista do sentido que veiculam.

Nessa pesquisa, foram analisados dados lingüísticos de oito sujeitos afásicos que participavam do Centro de Convivência de Afásicos (CCA)³, coletados a partir de uma

¹ “Estudo de formas meta-enunciativas em sujeitos afásicos: a enunciação proverbial” (FAPESP – Processo 97/11110-7), orientado pela professora Dra. Edwiges Maria Morato, 1998. 41 p.

² Cazellato, S. E. de O. “*A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*”. 2003. 238 p. Dissertação (Mestre), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003. 238 p.

³ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar

nova versão que elaboramos do procedimento utilizado na Iniciação Científica. Esta nova versão do procedimento metodológico do Protocolo de provérbios da Iniciação Científica, chamamos de Protocolo de Estudo de Provérbios Equivalentes.

A partir da análise dos dados lingüísticos, foi possível verificar nesse estudo que os sujeitos afásicos e não afásicos compreendem os provérbios, isto é, estabelecem uma equivalência entre eles, somente se interpretam os contextos nos quais são produzidos. Isto está de acordo com Parret (1988, p.25), quando este afirma que a compreensão, fundamental nas atividades interpretativas, “... não deve nunca ser considerada como um estado mental ou uma experiência específica (...). É uma habilidade extrínseca, não uma operação puramente-psicológica, mas uma operação-no-mundo”.

O percurso lingüístico-cognitivo realizado pelos sujeitos afásicos na seleção do provérbio equivalente indica que o sentido não depende apenas do sistema lingüístico, mas constitui-se também de processos cognitivos, discursivos, culturais incluídos nos diferentes modos por meio dos quais os objetos do mundo se apresentam a nós.

Neste novo estudo, realizado a partir do nosso ingresso no Doutorado em Lingüística (2004), o objetivo é identificar e analisar os processos de significação no contexto das afasias a partir do enfoque num determinado fenômeno meta-enunciativo, a paródia, mais especificamente, a paródia de provérbios. Nesta tese, dedicamo-nos, pois, ao estudo de provérbios parodiados. Como objetivo específico, dedicamo-nos também a análise do reconhecimento e ao estudo da caracterização lingüístico-discursiva do

em encontros semanais rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não-verbais), práticas diversas com linguagem e recursos pragmáticos, textuais e discursivos. As diferentes atividades desenvolvidas nas duas frentes de trabalho desenvolvidas no CCA (Linguagem e Expressão Teatral) exploram lingüístico-cognitivamente distintas práticas realizadas pelos sujeitos afásicos cotidianamente, como a conversação e a discussão em grupo sobre temas diversos, com base no compartilhamento de experiências e conhecimentos; a participação conjunta em eventos cotidianos, sociais (cinema, teatro, exposição, palestra, sarau, pic-nic, visita, *etc.*); a leitura e o acompanhamento do noticiário local, nacional e internacional via mídia impressa e eletrônica; os exercícios de expressão teatral e improvisação de jogos cênicos, *etc.* As práticas e/ou atividades ali desenvolvidas – diferenciadas, inter-semióticas, colaborativas – convocam e exibem dos sujeitos afásicos e não afásicos diferentes processos de significação (lingüísticos, pragmáticos, argumentativos, textuais, discursivos, semióticos) em jogo nas inúmeras ações humanas. Nessa dinâmica, os sujeitos afásicos, em conjunto com seus interlocutores não afásicos, mobilizam diversos movimentos de sentido: enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais), cognitivos (mnêmicos, perceptivos, inferenciais) para se posicionar em relação ao mundo, aos outros, a si mesmos, assim como variar de perspectivas e proceder a ajustes intersubjetivos (MORATO, 2006).

fenômeno parodístico por sujeitos afásicos e não afásicos, discutindo, a partir daí, questões relativas às afasias, como a dificuldade de manipulação de implícitos por afásicos, de acordo com os resultados dos testes clássicos da Afasiologia tradicional.

No escopo desta tese, destacaremos como constitutivos dos processos de significação implicados na interpretação de provérbios parodiados os seguintes fenômenos, característicos da paródia: vários processos meta (lingüístico, pragmático, discursivo), a intertextualidade, a inferenciação, a metaforicidade e os diferentes graus de cristalização lingüístico-discursiva da expressão formulaica.

Nosso objetivo, em suma, foi estudar o trabalho lingüístico-cognitivo implicado na interpretação dos enunciados proverbiais parodiados de forma a reafirmar a relevância do provérbio e da proverbialização para os estudos neurolingüísticos.

Nesta pesquisa, foram analisados dados lingüísticos de oito sujeitos afásicos e de quatro sujeitos não afásicos, coletados a partir de um Protocolo de Provérbios Parodiados elaborado especialmente para nossas finalidades. O objetivo da elaboração desse Protocolo foi o de estudar os processos de significação implicados na interpretação proverbial, procedimento que pode ser um bom lugar para discutirmos a afirmação de que a instabilidade lingüístico-cognitiva provocada pela patologia cerebral leva o sujeito a ter dificuldades de ordem metalingüística, porém não impede que eles lancem mão de ações reflexivas sobre e com a linguagem, de modo a indicar a presença de uma “competência pragmático-discursiva” (cf. MORATO, 2002a) que se constitui nas práticas interativas, não redutível ao sistema lingüístico *stricto sensu*. A maneira pela qual os sujeitos afásicos e não afásicos atuam sobre os enunciados proverbiais parodiados é indicativa do que está em jogo em diferentes processos co-ocorrentes - lingüísticos, gestuais, mnêmicos, discursivos - de significação.

O presente estudo procura, dessa forma, analisar os processos de significação implicados no trabalho lingüístico-cognitivo requerido na interpretação de provérbios parodiados, a partir de uma perspectiva sócio-cognitiva e interacional da relação entre linguagem e cognição.

CAPÍTULO I

A PARÓDIA DE PROVÉRBIOS: QUESTÕES LINGÜÍSTICAS, DISCURSIVAS E COGNITIVAS

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo o objetivo é analisar o trabalho lingüístico e sócio-cognitivo implicado na interpretação de enunciados proverbiais parodiados a partir de um Protocolo de Estudos, elaborado para as finalidades desta pesquisa. Além disso, procuramos reafirmar o interesse do estudo de provérbios como um fenômeno semântico-discursivo relevante para a Neurolingüística.

Apresentamos inicialmente, neste capítulo, uma descrição lingüístico-discursiva dos provérbios, tomados como um fenômeno meta-enunciativo que diz respeito a um só tempo à metalinguagem e à enunciação (*cf.* AUTHIER-REVUZ, 1998). Com isso, partimos da consideração de que o provérbio diz respeito especialmente ao trabalho inferencial, ao reconhecimento de uma memória cultural comum, aos mecanismos psico-pragmáticos gerais envolvidos na interpretação de enunciados formulaicos. A seguir, apresentamos os aspectos lingüístico-discursivos da paródia, destacando seu caráter não apenas metalingüístico, como também textual-discursivo. A partir da identificação dos aspectos lingüístico-discursivos da paródia, passamos a apresentar uma descrição desta nos provérbios. Procuramos apontar que a paródia exige uma reflexividade enunciativa específica com a linguagem, a fim de que seja possível reconhecer e interpretar o sentido do provérbio-origem e da paródia proverbial; além disso, também evocamos alguns aspectos importantes da cristalização dos provérbios e de sua relação com os provérbios parodiados, apontando algumas características do estudo dos provérbios nas afasias, procedendo, em seguida, a uma breve discussão crítica de como são utilizados nas avaliações e diagnóstico das afasias.

2. DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DOS PROVÉRBIOS

De acordo com Mota (1974), há três fontes principais de provérbios: os clássicos, os literários e os populares. Os provérbios clássicos têm origem erudita: são os bíblicos, os filosóficos, os de origem religiosa. Os literários são também de origem erudita, mas provindos da literatura clássica universal, do teatro, dos ditos de personalidades históricas, *etc.* Os populares são aqueles provérbios que apresentam características de usos e costumes do povo. Além desses, há ainda os provérbios parodiados, que são os provérbios em forma de parábolas que remetem aos provérbios, com o uso de trocadilho, oposição fonêmica e uso de antônimos, como, por exemplo, “Quem canta seus males, espanta”, “Antes tarde do que mais tarde”, entre outros.

Nem sempre é fácil definir os provérbios, mas há um consenso de que são ditos populares tradicionais de sabedoria e conselho, de que são rápidos e incisivos, que apresentam uma parte dos pressupostos culturais de uma sociedade, de seus valores e da maneira de fazer as coisas. Eles podem ser usados na escrita, mas são, essencialmente, um gênero oral que emprega recursos retóricos e poéticos, tais como a metáfora, o ritmo, a aliteração, a assonância, as construções binárias. Na sua estrutura, o provérbio é compacto e fácil de ser memorizado. O provérbio é atemporal e pretensamente veicula uma verdade imutável. Outra característica é a sua impessoalidade: os provérbios são anônimos, tradicionais, autoritários. São marcados com frequência por alguma fórmula introdutória, por exemplo, “*Como dizem...*”, ou por mudança no tom de voz do falante (OBELKEVICH, 1997).

De acordo com Maingueneau (2002, p.171), “o provérbio é uma asserção sobre a maneira como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, dizendo o que é verdadeiro.” Há, para esse autor, uma defasagem entre o enunciador e o responsável pela asserção, mas o enunciador é co-responsável pela assertiva, como membro da comunidade dos locutores de uma língua. O enunciador do provérbio identifica seu sentido e se apóia nas propriedades lingüísticas do enunciado, bem como em sua memória cultural. Apresentando certas propriedades lingüísticas, os provérbios são geralmente curtos e estão estruturados de forma binária; freqüentemente neles estão presentes rimas, correlações

entre partes das palavras, simetrias sintáticas ou semânticas, construções ou palavras arcaicas.

Segundo Kleiber (2000), o provérbio apresenta uma certa rigidez formal e referencial ou, em outras palavras, uma estabilidade semântica fixada por convenção por todos os locutores que fazem parte de um código lingüístico comum. Os provérbios são, dessa forma, frases genéricas que exprimem as regularidades estruturantes e não asserções sobre fatos particulares; eles autorizam assim, como frases genéricas, inferências nas situações particulares encontradas, o que podemos dizer dos provérbios parodiados.

Para Roventa-Frumusani (1985), o provérbio funciona como uma mistura inseparável específica do dizer – enunciação genérica pertencendo a uma subjetividade comunitária – e do mostrar – enunciação sob forma de menção ou de polifonia. A autora também destaca a intertextualidade e a heterogeneidade discursiva da enunciação proverbial, caracterizando-a como um “jogo de linguagem”.

A intertextualidade proverbial (ou paremiológica) é parcialmente demonstrada, pois tem caráter de citação com mudanças de entonação, sinais gráficos, uso de introduções, como em *“Como a gente diz”*, *“Como diz o provérbio”* (característica de menção). Entretanto, nem sempre o provérbio é “demonstrado”. Em outras palavras, ele pode dizer respeito à heterogeneidade constitutiva (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998) do discurso, isto é, surge como forma modalizada, tal como em *“como diz o outro”*, *“se eu posso dizer”*, etc. Para Roventa-Frumusani (1985), o valor argumentativo dos provérbios pode ser encontrado no nível do enunciado, na estrutura mnemônica, no paralelismo sintático, nas figuras de similaridade (fônica e semântica) e no nível da sintagmática discursiva no jogo de generalizar e particularizar.

Para Maingueneau (2002), os provérbios apresentam um tipo de polifonia menos visível do que nos casos do discurso relatado, não se tratando de uma citação como o discurso direto. Essa polifonia faz com que seja ouvida, com a voz do locutor, a voz da “sabedoria popular” (responsável pelo enunciado): “A enunciação proverbial é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inumeráveis enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio.” (MAINGUENEAU, 2002, p.169).

Em sua Teoria da Polifonia, Ducrot (1987) analisa a articulação de diferentes fontes enunciativas, ou seja, a superposição de diversas vozes nos atos enunciativos. Ele considera basicamente a produção lingüística na enunciação, ressaltando sua singularidade enquanto um ato de fala que não se repete e que relaciona o dizer do locutor com o dizer de seu interlocutor.

De acordo com Ducrot (1987), o *ON*⁴ é o “agente verificador” que valida o enunciado, podendo ser uma pessoa ou um sujeito universal. Para Grésillon e Maingueneau (1984), este *ON* representa a opinião comum, a “sagesse des nations”, o conjunto de locutores de uma língua. Haveria, segundo os autores, um apagamento do locutor de um provérbio atrás da voz de um enunciador distinto, o *ON* - algo que depende de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Lingüísticos, porque o provérbio, longe de se apresentar como um enunciado qualquer, tem o privilégio de ser memorizado por suas propriedades específicas, como as mencionadas anteriormente. Extralingüísticos, porque o provérbio pertence a um estoque de enunciados de um conjunto de usuários de uma língua dada. Enunciando um provérbio, o locutor maximiza a verdade do seu dizer, o lugar além da diversidade e da relatividade de “autoridades” discursivas e sócio-culturais.

Na construção do sentido é insuficiente apenas o uso dos recursos expressivos, mas são necessários fatores extralingüísticos e as ambigüidades que o locutor esteja buscando, a construção de sentidos novos e os “efeitos de sentido” pretendidos. De acordo com Ducrot (1987), há dois tipos de efeitos de sentido: o pressuposto, que se dá a partir do componente lingüístico e nos enunciados em que não são consideradas as situações de ocorrência; e o subentendido que exige intervenção do componente retórico e considera as circunstâncias da enunciação.

Ducrot (1987) considera o pressuposto como fazendo parte da significação literal (relação imediata, estável, já que pertence plenamente ao sentido literal) do enunciado que, quando submetido a modificações sintáticas, continua apresentando o mesmo pressuposto; já o subentendido faz parte da significação não literal (relação mediata e instável, pois permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita), cabendo

⁴ Na Língua Francesa, o *ON* é um pronome indefinido invariável, um pronome pessoal indefinido da terceira pessoa, tendo sempre a função de sujeito genérico da enunciação (Dictionnaire de la Langue Française “Le Robert”, 1998, p.906).

ao interlocutor a responsabilidade de fazer a interpretação necessária. O pressuposto refere-se à natureza de um elemento semântico veiculado pelo enunciado e o subentendido caracteriza a forma pela qual um elemento semântico é introduzido no sentido:

Ocorre que o subentendido reivindica a possibilidade de estar ausente do próprio enunciado e de somente aparecer quando um ouvinte, num momento posterior, refletir sobre o referido enunciado. Ao contrário, o pressuposto e, com mais razão ainda, o posto, apresentam-se como contribuições próprias do enunciado (mesmo que, no caso do pressuposto, esta contribuição se restrinja à lembrança de um conhecimento passado) ... (DUCROT, 1987, p.20-21).

Segundo Ducrot (1987), pressuposto e subentendido não têm sua origem no mesmo momento da interpretação e a oposição pressuposto / subentendido reproduz a distinção de dois níveis semânticos: o da significação (da enunciação) e o do sentido (do enunciado). Ducrot (1987) considera a pressuposição como um ato de fala (como ato ilocutório, que por definição está inscrito na frase), como parte integrante do sentido dos enunciados, como a existência de uma lógica na língua relacionada com a semântica e que representa as regras do jogo nas relações entre os indivíduos no ato enunciativo. Para ele, a pressuposição existe na forma de implícito. Já o subentendido (considerado como no mesmo plano do ato perlocutório) é o que deixo meu ouvinte concluir e não está marcado na frase; é a maneira pela qual esse sentido será decifrado:

O subentendido, ao contrário, resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias de enunciação da mensagem e de ser captado, através da descrição lingüística, ao final de um processo totalmente diferente, que leve em conta, ao mesmo tempo, o sentido do enunciado e suas condições de ocorrência e lhes aplique leis lógicas e psicológicas gerais. (DUCROT, 1987, p.25).

De acordo com Maingueneau (1997), o pressuposto é uma das grandes formas de implícito, é aquilo que está inscrito na estrutura lingüística, no enunciado e, quando não está inscrito no enunciado, o pressuposto depende da forma como se desenvolve o texto. Já os pressupostos pragmáticos estão ligados à sua enunciação e dependem das condições que

têm de ser realizadas para que o ato de linguagem que pretende completar o enunciado tenha sucesso. Já os subentendidos são conteúdos implícitos pragmáticos, isto é, inferências retiradas do contexto pelo co-enunciador com a ajuda de um raciocínio mais ou menos espontâneo que se apóia nos princípios que regem a atividade discursiva.

Maingueneau (1997) considera como implícito o que se pode extrair do conteúdo de um enunciado que não constitui, em princípio, o verdadeiro objeto da enunciação, mas surge através dos conteúdos explícitos. Têm-se os implícitos semânticos considerados como apenas ligados ao material lingüístico do enunciado e os implícitos pragmáticos que, para extraí-los, o co-enunciador relaciona o enunciado com o seu contexto, fazendo, sobretudo, apelo às leis do discurso (*cf.* Ducrot e, de acordo com Grice, “máximas conversacionais”). São designadas geralmente por proposições implícitas, aquelas que o co-enunciador pode retirar de um enunciado, apoiando-se nesse enunciado ou em informações retiradas do contexto da enunciação. Neste caso, de acordo com Maingueneau, a inferência corresponde aos implícitos semânticos e pragmáticos.

Para Maingueneau (1997), a noção de inferência é fundamentalmente uma proposição tirada de uma outra através de uma regra consciente ou não. Os falantes nem sempre querem falar direta ou explicitamente tudo o que pensam e, por essa razão, expressam-se de maneira a fazer com que os ouvintes tenham de inferir suas verdadeiras idéias. Para fazer isso, lançam mão de diversos recursos, entre eles a linguagem figurada. A compreensão da linguagem figurada também exige do leitor a produção de inferências como ocorre nos provérbios.

O que observamos essencialmente nos provérbios são inferências específicas realizadas pelo locutor/ouvinte no uso e na interpretação de enunciados proverbiais que se caracterizam por apresentarem pressupostos e/ou subentendidos – proposições mais ou menos implícitas que precisam ser reconhecidas pelos interlocutores a partir do conhecimento de mundo, das experiências de vida, do contexto sócio-cultural e sócio-lingüístico próprios de uma sociedade, no processo de inferenciação requeridos pelos provérbios.

Os provérbios se caracterizam também por serem metafóricos, só que num sentido mais amplo; um tropo em que dois termos da equação estão patentes, uma realidade

existente e conhecida, bem definida, e outra realidade a ser revelada (FIORIO, 1995). Eles podem ser mais metafóricos ou menos metafóricos; assim, para a sua interpretação, é preciso considerar o reconhecimento do sentido metafórico e sua relação com o literal. O sentido metafórico resulta muito mais complexo que o sentido literal, pois envolve uma gama variada de processos inferenciais (semântico-pragmáticos), discursivos (dialógicos, interativos, intersubjetivos, culturais) e cognitivos (perceptuais, mnemônicos, analógicos) para a sua interpretação (Cazelato, 2003).

O provérbio está ligado de alguma forma à questão da escassez da literalidade do sentido, indica que não parece possível uma oposição objetiva e descontextualizada entre sentido literal e sentido metafórico. De acordo com Ricoeur (1992), o significado metafórico não é apenas um choque semântico, mas um novo significado predicativo que surge do colapso do sentido literal. Como exemplo, tomemos o provérbio "Cada macaco no seu galho", que literalmente estaria se referindo ao animal, mas metaforicamente refere-se ao homem, suas funções, responsabilidades e qualidades específicas. Não há como interpretar, fazer inferências no enunciado proverbial se o sentido metafórico for exterior ao sentido literal. Portanto, podemos considerar que o provérbio coloca em relação sentido literal e sentido metafórico. Se, no enunciado proverbial, o sentido metafórico não é exterior ao sentido literal, então só há o sentido metafórico, e este é o seu "sentido literal". Talvez uma das características do provérbio é que sua interpretação não pode ser composta pelos sentidos literais das palavras que o compõem.

Já Davidson (1992) afirma que a metáfora nos faz perceber certa semelhança entre duas ou mais coisas, semelhança essa geralmente nova ou surpreendente. Na metáfora, certas palavras assumem significados novos, ou os significados chamados "ampliados". A ambigüidade na palavra deve-se, como lembra o autor, ao fato de ela significar uma coisa em contextos comuns e de significar uma outra coisa no contexto metafórico. Assim, para Davidson, a metáfora não é uma questão de significado, mas de uso, de um conjunto de traços determinados pelo contexto de uso. No contexto metafórico, não hesitamos necessariamente quanto ao seu significado, e se acontecer de hesitarmos para decidir entre um número de interpretações que aceitaremos, dificilmente teremos dúvidas de que se trata de uma metáfora.

Para Lopes (2005), é possível entender a metáfora independente da sua referência, pois há sentenças metafóricas que não têm referentes sendo, portanto, impossível manter uma teoria em que a metáfora compara propriedades de referentes. Para explicar a metáfora, pode-se dizer também que as representações e as características associadas aos objetos e propriedades presentes na metáfora estão envolvidas na determinação das semelhanças na interpretação metafórica. Ao entender a metáfora independente da sua referência, temos uma visão descritivista da metáfora, enquanto que, no segundo caso, temos uma visão referencialista.

A visão descritivista considera os aspectos do sentido, da intenção ou da informação descritiva associada ao significado para determinar a interpretação de uma metáfora, ou seja, a interpretação metafórica é dada em termos de transferência de significado. A falta da semelhança entre as palavras autoriza o reconhecimento da metáfora. Para os descritivistas, a interpretação metafórica surge do conteúdo semântico literal que permite uma falsa ou absurda sentença; é uma questão de construção do significado levando em consideração o contexto, uma forma pragmática de encarar a metáfora. Se o significado das palavras determina a interpretação metafórica, como ficaria a interpretação de uma metáfora nova? (LOPES, 2005).

Podemos considerar como metáforas novas os provérbios parodiados, criados para expressar uma nova maneira de se pensar sobre algo. Eles se situam fora da parte usada do conceito metafórico que estrutura o nosso sistema conceptual normal, em que os fatores semânticos e os novos contextos de uso dessas metáforas levam à interpretação. Segundo Lakoff e Johnson,

as metáforas novas têm o poder de criar uma realidade nova. Isso pode começar a acontecer quando começamos a entender nossa experiência em termos de uma metáfora e ela se torna uma realidade mais profunda quando começamos a agir em função dela. Se a metáfora nova entra no sistema conceptual em que baseamos nossas ações, ela alterará esse sistema conceptual e as percepções e ações a que esse sistema deu origem. Muito das mudanças culturais surge da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda de antigos. (2002, p.242-243).

Lakoff e Johnson (2002) abordam as metáforas novas como metáforas imaginativas e criativas, capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência. Dessa forma, as metáforas podem dar um sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades, às nossas crenças, ao nosso saber.

A visão mais conceptualista (LAKOFF & JOHNSON, 2002) ou referencialista considera dois tipos de metáfora, a metáfora conceptual e a metáfora lingüística, a partir das quais se faz uma revisão de dicotomias como literal/metafórico e linguagem cotidiana/linguagem literária, e da oposição objetivismo/subjetivismo. Com relação às dicotomias literal/metafórico e linguagem cotidiana/linguagem literária, na tradição retórica, a linguagem figurada tem sido entendida como um desvio da linguagem usual e, portanto, própria de linguagens como da poética, o que resulta na dicotomia linguagem cotidiana/linguagem literária. Já em relação à oposição objetivismo/subjetivismo, Lakoff e Johnson (2002) propõem um enfoque experientialista unindo razão e imaginação.

Com relação aos dois tipos de metáfora, a metáfora conceptual e a metáfora lingüística, Lakoff e Johnson (2002) definem a primeira como a compreensão de um domínio da experiência em termos de um domínio diferente da experiência, ou seja, como um mapeamento de um domínio origem (*source domain*) a um domínio alvo (*target domain*). Já a metáfora lingüística, segundo os autores, corresponde à materialização da metáfora conceptual. Os conceitos metafóricos são definidos em termos de conceitos não-metafóricos e são dependentes de atividades e experiências relativas a determinadas culturas (LAKOFF, 1985).

A visão referencialista considera também que a similaridade não é suficiente para explicar os usos metafóricos, já que há propriedades perceptuais, motoras, intencionais e funcionais que o ser humano experiencia (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

Para Lakoff e Johnson (2002), uma implicação metafórica compartilhada pode criar uma correspondência metafórica cruzada. Tomemos o exemplo: “*à medida que avançamos na discussão, mais superfície é criada*”. Aqui ocorre a justaposição de objetivos, portanto uma justaposição de metáforas entre as quais existe uma coerência entre elas. Poderíamos dizer que esta justaposição ocorreria com os provérbios-origem e nas respectivas paródias, em que os dois provérbios compartilham implicações caracterizando uma “justaposição”

entre eles? Tomemos, ainda, como exemplo os provérbios “Antes tarde do que nunca” e “Antes tarde do que mais tarde”, em que a metáfora “é melhor fazer/ter as coisas tarde do que nunca” e “é melhor fazer/ter as coisas de alguma forma tarde do que mais tarde”. Há aqui uma implicação metafórica compartilhada e uma correspondência metafórica cruzada de “é melhor fazer/ter do que fazer/ter mais tarde ou nunca”. Há, dessa forma, uma justaposição entre os provérbios e coerência entre eles.

De acordo com Moura (2002), a interpretação de certas metáforas conceptuais depende do conhecimento lexical que está associado às palavras na codificação da metáfora conceptual; com isso, o léxico restringe as possibilidades de interpretação de metáfora conceptuais. Segundo o autor, a língua organizada no léxico organiza o quadro pelo qual interpretamos, damos sentido às metáforas.

Uma mesma metáfora pode ter diferentes interpretações num mesmo contexto, e essa indeterminação da metáfora exige dos falantes um trabalho de interpretação mais específico, “uma operação de reconstrução lingüística” em que é necessária uma articulação entre as operações lingüísticas e as conceptuais em jogo que, em situações concretas de uso, tentam delimitar um sentido para as metáforas (MOURA, 2002):

... a indeterminação semântica faz com que o falante seja obrigado a um trabalho de reconstrução lingüística que o conduza a uma interpretação mais específica da metáfora em jogo. O material com que o falante trabalha para chegar a uma interpretação mais específica é toda a estrutura semântica de sua língua, com suas categorias, tipos semânticos e papéis temáticos... (MOURA, 2002, p.155).

O enunciado proverbial tem traços de heterogeneidade enunciativa, que é um conjunto de processos enunciativos que se organizam por uma relação complexa com o discurso do outro ou discursos outros, “pré-construídos”, de acordo com Authier-Révuz, (1998); caracteriza-se pela metalinguagem e pela reflexividade enunciativa e possibilita a investigação dos fatores de constituição do sentido e do funcionamento lingüístico-cognitivo. Portanto, é um lugar do discurso sobre a prática da linguagem, para a constituição do sentido e da significação que, segundo Morato (2002a), diz respeito a uma

competência relativamente à linguagem (MORATO, 2005a) que relaciona o lingüístico e o cognitivo envolvidos nas ações simbólicas humanas.

Numa concepção enunciativa, a metalinguagem está integrada ao funcionamento geral da linguagem. Assim, o provérbio é um interessante expediente para o estudo enunciativo da capacidade da linguagem de interpretar a si mesma e ser capaz de reconstituir o que foi dito ou pensado, de saber sobre a linguagem e da linguagem, de marcar – tanto quanto possível – as fronteiras entre nosso dizer e o dizer do outro.

Enquanto forma meta-enunciativa⁵, o provérbio marca as possibilidades de subjetividade e reflexividade na apropriação (social) da linguagem. O reconhecimento do caráter reflexivo da linguagem marca, vale dizer, a qualidade das interações entre processos lingüísticos e cognitivos. Refirimo-nos aqui especialmente ao trabalho inferencial, ao reconhecimento de uma memória cultural comum e aos mecanismos psico-pragmáticos gerais envolvidos na interpretação de um enunciado proverbial (e na enunciação proverbial).

3. A PARÓDIA COMO FENÔMENO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO

A definição de paródia do grego é *parav + w/jdia*: canto ao lado, contra-canto; *para* = ao lado e *ode* = canto, canto paralelo, ou seja, uma canção cantada ao lado de outra. Brewer, no seu dicionário de literatura, definiu a paródia como: “... uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: para-ode)” (Brewer *apud* Sant’Anna, 2002, p.12). De acordo com Hutcheon (1985),

A maioria dos teóricos da paródia remontam à raiz etimológica do termo ao substantivo grego *parodia*, que quer dizer ‘contra-canto’, e ficam-se por aí. Se olharmos mais atentamente para essa raiz obteremos, no entanto, mais informação. A natureza textual ou discursiva da paródia (por oposição à sátira) é evidente no elemento *odos* da palavra, que significa canto. O prefixo *para* tem dois

⁵ A meta-enunciação está relacionada à tomada de um discurso, enunciado ou enunciação já construída, ou seja, é constituída por uma memória cultural e histórica, tal como ocorre com os provérbios. Segundo Authier-Révuz (1998), a meta-enunciação é o discurso sobre a linguagem e sobre um outro dizer, é auto-representação do dizer, e envolve a questão do sujeito e de sua relação com a linguagem.

significados, sendo geralmente mencionado apenas um deles – o de ‘contra’ ou ‘oposição’. Desta forma, a paródia torna-se uma oposição ou contraste entre textos.(...) No entanto, para em grego também pode significar ‘ao longo de’ e, portanto, existe uma sugestão de um acordo ou intimidade, em vez de um contraste. É este segundo sentido esquecido do prefixo que alarga o escopo pragmático da paródia de modo muito útil para as discussões das formas de arte modernas. (1985, p.47-48).

Portanto, Hutcheon considera como um elemento essencial para a construção e compreensão da paródia, o caráter pragmático, ao qual podemos incluir o lingüístico e discursivo, para os efeitos de sentido pretendidos pela paródia.

De acordo com Sant’Anna (2002), o termo paródia foi institucionalizado a partir do século XVII nos vários dicionários de literatura, mas já na “Poética” de Aristóteles havia comentários sobre a paródia como arte, a qual constitui o quarto gênero, ao lado da Tragédia, da Comédia e da Epopéia.

Hegêmon De Tarso, que viveu em Atenas na segunda metade do século V, foi o poeta que Aristóteles considerou como inventor do gênero paródia, o primeiro poeta que escreveu paródias, que desenvolveu esta forma literária e converteu em um gênero novo, ainda que antes dele outros poetas já tenham escrito imitações burlescas da epopéia (ARISTÓTELES, 1966). A paródia nesse século foi descrita como uma imitação cômica e transformação de um trabalho épico de verso (como aplicado a Hegêmon, por Aristóteles).

De acordo com Genette (1986), na primeira página da “Poética” Aristóteles define a poesia como arte de imitação em verso, pelo ritmo, pela linguagem, pela melodia e exclui a imitação em prosa e o verso não imitativo. Para Genette (1986), o que Aristóteles chama de “maneira de imitar” equivale ao que Platão chamava de *lexis*, mas não se trata de gênero, e sim da categoria modo, de forma; trata-se de situações de enunciação. Aristóteles retorna aos termos de Platão para se referir ao modo narrativo e ao modo dramático. No primeiro, o poeta fala em seu nome próprio e no segundo são os próprios personagens ou o poeta disfarçado nos personagens que falam. Aristóteles menciona três tipos de diferenciação entre as artes da imitação: pelo objeto imitado, pelo modo de imitação (modo narrativo e modo dramático) e também pelos “meios”. Este último corresponde melhor ao que

chamamos de forma. A categoria de objetos com as categorias de modo vão determinar quatro classes de imitação que corresponde ao que a tradição clássica chama de gênero; a paródia seria considerada como uma arte de imitação pelos “meios” ou forma, como um gênero dramático inferior.

A paródia já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média, e hoje parece que há uma intensificação do seu uso. “Dom Quixote de la Mancha” parece ser, de acordo com a crítica literária moderna, a maior paródia de todos os tempos, em que Cervantes criticou a fatuidade do gênero e criou a paródia ao parodiar o romance de cavalaria. À primeira vista, “Dom Quixote de La Mancha” é uma paródia literária e tem como fundo o *Amadis de Gaula* e outros livros de cavalaria que foram populares durante o século anterior e que Cervantes propunha desterrar (CERVANTES, 1949, prefácio de Federico de Onis). Dom Quixote vem a ser, pois, o ponto de conexão e conflito entre dois mundos: o da poesia e o da realidade. O mundo da poesia como o fixo, o puro e o luminoso, e o mundo da realidade, o turvo e o heterogêneo, como é a vida em torno dele.

Ao século XIX foi dado o título de “a idade de paródia”, pois os teóricos na ocasião se interessavam bastante pelos aspectos complexos da paródia e alguns discutiram a intertextualidade de trabalhos paródicos, ainda que sem reconhecer a importância de seus elementos cômicos (ROSE, 1995).

De acordo com Bakhtin (1996), a grande literatura paródica da Idade Média foi criada numa atmosfera de feriados e festivais. Não havia nenhum gênero, nenhum texto, nenhuma oração, nenhum ditado que não tenha recebido seu equivalente paródico. O autor nos fala sobre a paródia sacra, a paródia dos textos e rituais sagrados, possível na Idade Média sob a cobertura da liberdade legalizada do riso. Neste contexto, o riso carnavalesco, de acordo com o autor, está relacionado com as formas mais antigas do riso ritual, o qual está relacionado com a morte, com o renascimento, com o ato de produzir, com as crises na vida da divindade, do universo e do homem, ou seja, ao mesmo tempo pode ser entendido como ridicularização e júbilo. Para Bakhtin, a paródia “...é ambivalente e sente sua relação com a morte, a renovação.” (1997, p.128).

O *Cyprian Feasts* é um antigo e excelente exemplo da paródia sacra medieval, isto é, a paródia sagrada - ou para ser mais exata, a paródia em textos sagrados e rituais. Suas

raízes vão fundo na paródia ritual antiga, ritual que degradava e zombava os poderes mais altos. Mas estas raízes estão distantes, o elemento ritual antigo neles tem sido re-interpretado; agora, a paródia cumpre funções novas e altamente importantes (BAKHTIN, 1996).

De acordo com Bakhtin (1997), na Antigüidade Clássica formaram-se e desenvolveram-se inúmeros gêneros no campo da literatura denominados de sério-cômico, os quais têm uma relação com o folclore carnavalesco em que há influência determinante do carnaval na literatura, especialmente sobre o aspecto do gênero. A carnavalização da literatura, segundo ele, é a transposição do carnaval para a linguagem da literatura e opera como uma releitura do mundo. A carnavalização na literatura, segundo o autor, ajudou a remover barreiras entre os gêneros, entre diferentes estilos e entre os diferentes sistemas de pensamento:

Transpostas para a linguagem da literatura, as formas carnavalescas se converteram em poderosos meios de interpretação artísticas da vida, numa linguagem especial cujas palavras e forma são dotadas de uma força excepcional de generalização simbólica, ou seja, de generalização em profundidade. Muitos aspectos essenciais, ou melhor, muitas camadas da vida, sobretudo as profundas, podem ser encontradas, conscientizadas e expressas somente por meio dessa linguagem. (BAKHTIN, 1997, p.158-159).

Essa foi a grande função da carnavalização na história da literatura, uma aproximação do mundo ao homem e do homem ao homem, representando a fuga do cotidiano, a libertação do medo, um novo modo de relações humanas com forma dialógica. A paródia apresenta-se, assim, como um gênero sério-cômico, no qual estão presentes, além do sério e do cômico, o riso carnavalesco como uma posição estética, artística e de interpretação da realidade. A paródia, nessa concepção, deforma e distorce os sentidos em diferentes graus opondo-se ao que é habitual.

Para Bakhtin (1997), a paródia, assim como a estilização e o *skaz*, são fenômenos metalingüísticos, em que a palavra tem duplo sentido, e esse duplo sentido está voltado para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um outro discurso ou para o discurso

de um outro. Ou seja, o autor emprega as palavras ditas pelo outro para expressar suas próprias idéias.

Aprofundando essa argumentação, Bakhtin considera que há diferenças entre a paródia, a estilização e o *skaz*, mas é possível verificar a semelhança da palavra que tem duplo sentido voltando-se para o discurso do outro: são os fenômenos bivocais, pois num só discurso ocorrem duas orientações semânticas, ou seja, duas vozes, em que um autor pode usar o discurso de um outro com uma nova orientação semântica.

Na paródia, Bakhtin (1997) considera que o autor fala a linguagem do outro, mas esta tem uma orientação semântica oposta à orientação do outro: “A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos.” (BAKHTIN, 1997, p.194). Entretanto, consideramos neste trabalho que há na paródia um sentido que nem sempre se apresenta como oposto ao sentido de um outro discurso.

Na estilização, o estilo do outro só pode ser estilizado em um sentido, no sentido da sua própria função. O estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro, ele trabalha com o ponto de vista do outro. Já o *skaz* estilizado é uma orientação voltada para o discurso do outro e, conseqüentemente, para o discurso falado, sendo necessário distinguir a orientação centrada na palavra do outro e a orientação centrada no discurso falado. O caráter bivocal do *skaz* implica uma série de ocorrências de entonação, sintaxe e outras ocorrências lingüísticas que orientam para diferentes pontos (BAKHTIN, 1997).

A metalingüística bakhtiniana, cumpre salientar, se remete a manifestações discursivas que ultrapassam o âmbito lingüístico e que promovem seus efeitos no campo do discurso, diferentemente da visão “tradicional” de metalinguagem adotada pela Lingüística, a qual diz respeito à capacidade da língua de se voltar sobre si mesma. Para Bakhtin (1997), a paródia, a estilização e o *skaz*, enquanto fenômenos metalingüísticos, mobilizam, além de relações lingüísticas, relações intencionais, sociais e ideológicas, relações extralingüísticas.

A paródia, como fenômeno metalingüístico, é uma forma de a linguagem voltar-se sobre si mesma; ela surge como efeito metalingüístico: a linguagem que fala sobre outra linguagem. Na paródia, o autor fala a linguagem do outro, usa o discurso de um outro para os seus fins. Há no discurso paródico ou parodístico duas orientações semânticas, duas

vozes, mas não há fusão de vozes. A idéia do autor segue em direção oposta à idéia do outro; dessa maneira, as duas vozes que compõem o discurso paródico estão em choque e não é possível fundi-las, pois estão em “*oposição hostil*” (BAKHTIN, 1997, p.194). Para Bakhtin (1997), a paródia está sempre orientada para diferentes sentidos e revestida de novos acentos. Entretanto, de acordo com Sant’Anna (2002), a paródia não precisa se caracterizar por uma oposição radical ao discurso-fonte, como defende Bakhtin.

A paródia, segundo o autor, supõe o plano de parodização, isto é, o texto enquanto processo de significação; e o plano parodiado, o objeto referido pelo primeiro. É preciso que haja uma diferença de postura entre esses dois planos, uma duplicidade e discordância de planos para que a paródia se dê e seja percebida pelo leitor. A paródia é processo produtor de sentido para modificar a significação e a função de um texto a outro (JOZEF, 1980).

De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.136-137), “a paródia se elabora a partir da retomada de um texto, que é retrabalhado para obter diferentes formas e propósitos em relação ao texto-fonte. As funções discursivas dessa reelaboração podem ser humorísticas, críticas, poéticas *etc.*” A intertextualidade ocorre quando um texto (intertexto) produzido anteriormente e que faz parte da memória social ou da memória discursiva dos interlocutores está inserido em outro texto. Portanto, é necessário que o texto se remeta a outros textos ou fragmentos de textos produzidos com os quais se estabelece uma relação.

Para Koch (2003, 2004), pode haver intertextualidade com o intertexto alheio, com o intertexto próprio (espécie de autotextualidade) ou com o enunciador genérico. O enunciador genérico poderia ser enquadrado nas situações de intertexto alheio já que o texto alheio não pode ser atribuído especificamente a um enunciador, como o que ocorre com os provérbios, ditos populares e clichês.

De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), há diversos tipos de intertextualidade: a) intertextualidade temática (entre textos científicos de uma mesma área de saber ou de uma mesma corrente de pensamento); b) intertextualidade estilística (ocorre quando o produtor do texto repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas); c) intertextualidade explícita (quando no próprio texto é feita a menção ao intertexto, isto é,

quando um outro texto ou fragmento é citado, como as citações, as referências, os resumos, as traduções, *etc.* em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade); d) intertextualidade implícita (quando se introduz no próprio texto o intertexto de outro sem menção explícita da fonte, ou seja, a fonte não é mencionada); e) intertextualidade intergenérica (ocorre quando no lugar de uma cena enunciativa apresentem-se outros gêneros com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido, mas o produtor do texto conta com o conhecimento prévio dos ouvintes ou leitores a respeito dos gêneros envolvidos); f) intertextualidade tipológica (ocorre quando se pode depreender narrativas, descritivas, expositivas, *etc.* entre determinadas sequências ou tipos textuais, em termos de estruturação, seleção lexical, tempos verbais, advérbios e outros elementos dêiticos) .

Já Sant’Anna (2002) usa os termos intertextualidade e intratextualidade para caracterizar a paródia e a paráfrase. Na intertextualidade o autor utiliza um texto de outros e na intratextualidade o escritor retoma sua obra e a reescreve. A paródia surge como efeito metalingüístico e é possível reconhecer a paródia de textos alheios – intertextualidade - e a paródia dos próprios textos – intratextualidade.

Para Sant’Anna (2002, p.28), “Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças. Falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças.”. Para o autor, a paródia enfatiza a diferença de sentido entre textos. A paródia, para ele, é o discurso em progresso, é um efeito de deslocamento. A paráfrase é um discurso em repouso como efeito de condensação e o autor ainda inclui a estilização como a movimentação do discurso. O autor trabalha com a noção de desvio, a paráfrase como um desvio mínimo, a estilização como um desvio tolerável e a paródia como um desvio total. O desvio tolerável “... seria o máximo de inovação que um texto poderia admitir sem que se lhe subverta, perverta ou inverta o sentido. Seria a quantidade de transformações que o texto pode tolerar mantendo-se fiel ao paradigma inicial.” (SANT’ANNA, 2002, p.39).

Podemos dizer, a partir do exposto, que a paródia, tomada como intertextualidade, pode também ser considerada como uma intertextualidade do tipo implícita, já que apresenta no seu texto um outro texto, sem mencionar explicitamente a fonte, com o objetivo de seguir a orientação argumentativa ou de contradizer, de colocar em questão, de ridicularizar ou de argumentar em sentido contrário ao texto-fonte (KOCH, BENTES e

CAVALCANTE, 2007). Entretanto, podemos questionar o fato de não mencionar explicitamente a fonte no caso da intertextualidade do tipo implícita, pois a paródia apresenta a retomada de um texto ou fragmentos de textos com os quais estabelece uma relação. Sendo assim, a paródia só pode ser reconhecida porque apresenta explicitamente esse texto ou fragmentos de textos, a fonte, no texto parodiado. Portanto, no próprio texto é feita a menção ao intertexto, uma intertextualidade do tipo explícita.

Como exemplo, a paródia “Quem espera sempre cansa” que não menciona de forma mais explícita a fonte, no caso o provérbio “Quem espera sempre alcança”, mas menciona explicitamente esse provérbio ou parte dele e a paródia pode ser reconhecida por apresentar nela parte do provérbio fonte. Podemos considerar, então, que a paródia tem características de uma intertextualidade do tipo implícita e do tipo explícita, implícita ao considerarmos que ela subverte algum sentido no texto-fonte e que está implícito na paródia, sendo crucial reconhecer os implícitos presentes na paródia para a construção do sentido; e explícita ao considerarmos que é possível reconhecer no texto parodiado o texto-fonte. Podemos, então, pensar a paródia como apresentando uma intertextualidade do tipo “parcialmente demonstrada” (conforme Roventa-Frumusani, 1985, define a intertextualidade proverbial).

De acordo com Sant’anna (2002), podemos entender a paródia como intertextualidade das diferenças, a qual também pode ser entendida como subversão (*cf.* GRÉSILLON e MAINGUENEAU, 1984 e MAINGUENEAU, 2002):

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p.30-31).

Ou seja, nos casos de subversão, como a paródia, é preciso reconhecer o intertexto, o texto-fonte para a construção do sentido, o que acontece com trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas, provérbios, frases feitas, ditos populares, *etc.*, que

fazem parte da memória coletiva de uma comunidade, da cultura de um povo e que podem ser facilmente acessados, mas não garantidos.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) discutem o termo *détournement* (cf. GRÉSILLON e MAINGUENEAU, 1984) ou desvio, para caracterizar alguns casos de intertextualidade implícita que consiste em imitar um provérbio conhecido para tirar proveito de sua estabilidade semântica.

De acordo com Grésillon e Maingueneau (1984), o *détournement* consiste em produzir um enunciado que possui as marcas lingüísticas do enunciado proverbial, mas que não pertence ao estoque de provérbios reconhecidos. Os autores definem o *détournement* como uma prática de máscara. A máscara esconde para melhor revelar uma verdade desconhecida ligada à ordem do mundo falacioso como armadilha ao destinatário, como um golpe da força discursiva. O *détournement* pode ser do tipo lúdico ou militante, sendo que o lúdico apresenta jogos com a sonoridade das palavras sem objetivos políticos ou ideológicos; e o militante, pelo contrário, tem o objetivo de dar autoridade a um enunciado, o que caracteriza a captação, ou de destruir a autoridade do provérbio em nome de interesses de diversas ordens, o que caracteriza a subversão.

A captação consiste em desviar ao máximo o sentido da estrutura semântica, enquanto que a subversão procura, ao contrário, fazer aparecer uma contradição entre o sentido veiculado por uma enunciação da estrutura original e a enunciação de estrutura resultante do *détournement*. Para Grésillon e Maingueneau (1984), a subversão e a captação são tidas como freqüentemente tomadas de posições ideológicas fundamentais. Vejamos dois exemplos de *détournement* do tipo militante que caracterizam a captação e a subversão apresentados pelos autores:

Captação:

- 1a. “Les chiens aboient, les Less Cooper passent”
- 1b. “Les chiens aboient, la caravane passe”
- 1a. “Os caes latem, os Less Cooper passam”
- 1b. “Os caes latem, as tropas passam”

Subversão:

2a. “À quelque rose chasseur est bon”

2b. “À quelque chose malheur est bon”

2a. “Para qualquer rosa, qualquer caçador serve”

2b. “Para qualquer coisa a infelicidade serve”

No caso do *détournement* do tipo militante, “o objetivo é levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original.” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p.45). Para as autoras, todo *détournement* é militante em maior ou menor grau, pois sempre orienta a construção de novos sentidos pelo interlocutor. Como exemplo o enunciado “Devagar é que não se vai longe” que podemos considerar como *détournement* militante em maior grau, e o enunciado “Para bom entendedor, meia palavra basta” como exemplo de *détournement* militante em menor grau.

Pelo exposto, poderíamos caracterizar a paródia, por vezes, como intertextualidade implícita do tipo *détournement*, e a paródia dos provérbios como intertextualidade implícita do tipo *détournement* militante com valor de subversão (*cf.* GRÉSILLON e MAINGUENEAU, 1984 e KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007), considerando-a também como intertextualidade do tipo explícita.

A paródia pode ser também caracterizada como uma proposição tirada de uma outra apresentando proposições implícitas em que as informações não estão explicitamente afirmadas no texto. A informação presente na paródia é aquela informação que pode ser obtida a partir das proposições presentes no texto-fonte, isto é, a partir da inferenciação.

Coscarelli (2003) nos fala sobre produção de inferências, que são as situações em que o leitor deve usar seus conhecimentos para completar o que não está explícito no texto, sendo normalmente dirigida pelo próprio texto. As inferências são feitas a partir de informações nele explícitas; através de uma palavra ou expressão o leitor vai ser capaz de recuperar a informação completa. Para isso, o leitor utilizará seus conhecimentos prévios sobre o assunto e as informações que foram dadas pelo texto.

Para Dell'Isola (2001, p.44), “inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova a partir de uma informação semântica anterior em um determinado contexto”. A informação é dada, nos vários níveis de representação, de maneira explícita, e uma parte da informação é obtida apenas por implicação, ou seja, a parte implícita de representação é a inferência, tal como observamos na paródia.

As inferências podem relacionar-se com os conhecimentos pessoais, crenças e ideologia dos indivíduos, o que depende da formação individual e da condição sócio-cultural dos interlocutores, de sua linguagem, dos seus valores, dos seus costumes, da maneira de viver e de ver a vida. O processo de inferência conduz a traços de memória, a qual é um fenômeno que atua tanto na compreensão como nos processos inferenciais. De acordo com Dell'Isola, “inferências são geradas de um conhecimento prévio de mundo que, por sua vez, nasce do conjunto de vivências, experiências e comportamentos sociais de cada indivíduo.” (2001, p.103).

Dell'Isola (2001) considera, ainda, que a inferência sócio-cultural ocorre em três momentos. Num primeiro momento, o leitor/ouvinte, ao decodificar e, posteriormente, compreender a informação explícita, seleciona o que considera mais significativo, de acordo com sua visão de mundo e direciona a uma determinada compreensão específica; num segundo momento, ao ler as “entrelinhas” e integrar os dados da informação com a própria experiência ou conhecimento de mundo, o leitor/ouvinte infere de acordo com o que está enraizado em uma sociedade e em uma cultura. Por fim, num terceiro momento, ao apreciar ou depreciar, criticar, julgar, o leitor/ouvinte é levado a se posicionar emocional e afetivamente diante da informação e avaliar os fatos que lhe forem apresentados.

“Ler as entrelinhas” envolve relacionar informações não dadas, ou seja, o escritor/locutor deve pensar no que o seu leitor já sabe, a fim de não dar muitas informações já conhecidas por ele, adicionando informações não explícitas, já que muitas vezes, o leitor/ouvinte precisa perceber as relações de causa-efeito entre os elementos. Além disso, envolve a formulação de hipóteses e de previsões por parte do leitor/ouvinte ao tentar recuperar as intenções do autor (DELL'ISOLA, 2001).

No ponto em que estamos, é importante comentar algumas questões de ordem enunciativa consideradas por Authier-Revuz (1998) em torno da noção de heterogeneidade

enunciativa. De acordo com Authier-Revuz (1990), as modalidades da enunciação estão comprometidas com as heterogeneidades enunciativas: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Segundo ela, a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva representam duas ordens de realidades diferentes: os processos reais de constituição de um discurso e os processos não menos reais de representação em um discurso de sua constituição.

Podemos considerar a intertextualidade da paródia como heterogeneidade do tipo mostrada com formas marcadas e com formas não marcadas. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), consideramos que seria mais apropriado falar em diferentes espécies de marca que atribuem explicitude (variados graus de explicitude), já que se não houvesse algum tipo de marca no enunciado o interlocutor não alcançaria o intertexto. O que podemos dizer também, como já comentamos, sobre a questão da intertextualidade implícita e explícita consideradas pelas autoras.

A paródia também pode ser considerada como um fenômeno de polifonia, já que é um “jogo” de diversas vozes num mesmo discurso, um enunciado com superposição de diversas vozes que entram em jogo em sua composição. A paródia absorve um texto para depois repeli-lo, recriando-o num modelo próprio (FÁVERO, 2003).

A polifonia, de acordo com Ducrot (1987), tem duas formas. Uma forma em que existem dois locutores distintos numa “dupla enunciação” e há um locutor – ser do discurso – e um sujeito falante – ser empírico – que participam da enunciação fornecida pelo enunciado. A outra forma de polifonia, bem mais freqüente, é a que Ducrot chama de “enunciadores”, os que são considerados como se expressando na enunciação, mas sem ser possível lhe atribuir palavras precisas.

Ducrot apresenta ainda alguns índices de polifonia, tais como a negação (que pressupõe um enunciado afirmativo de um outro enunciador); os marcadores de pressuposição (como o uso dos vocábulos *ainda*, *agora*, *já*; verbos indicadores de mudança ou permanência de um estado anterior como os verbos *continuar*, *deixar de*; verbos factivos indicadores de sentimento como o verbo *lamentar*, que incorporam a perspectiva de outros enunciadores); determinados operadores argumentativos (*pelo contrário*, *ao contrário*); o futuro do pretérito com valor de metáfora temporal (tempos do narrar e tempos do

comentar, mundo narrado e mundo comentado); operadores concessivos (operadores que expressam a noção semântica de oposição, de contraste); operadores conclusivos (as estruturas conclusivas apresentam a premissa maior geralmente implicitamente e de responsabilidade do outro enunciador); aspas e expressões do tipo “parece que”, “dizem que”, “segundo X”, *etc.*, em que se toma um enunciado para uma conclusão a que se quer levar o interlocutor. O que parece é que a polifonia engloba todos os casos de intertextualidade, mas a polifonia é muita mais ampla do que apenas intertextualidade (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007).

No discurso polifônico da paródia, evoca-se a presença de duas vozes que, de algum modo, se opõem ou se colocam enunciativamente.

Para Hutcheon (1985), a paródia é interdiscursiva e “voz dupla”, na qual há repetição com diferença, sendo preciso reconhecer a voz original e a voz que subverte o sentido original para reconhecer a paródia como paródia. A paródia é, assim, um modo de assinalar na enunciação a superposição de diversas vozes, ou seja, a polifonia do sentido de uma determinada enunciação.

Segundo Sant’Anna (2002), a paródia está do lado do novo e do diferente, ela é uma re-apresentação da fala recalcada do outro, é “Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica.” (SANT’ANNA, 2002, p.31).

Como já apontamos acima, de acordo com Hutcheon (1985) a paródia é uma das formas mais importantes de auto-reflexividade. A paródia demanda um trabalho de interpretação do sentido, de aspectos pragmáticos, de contexto, de reconhecimento de intenções, de conhecimento de mundo, *etc.* Assim, ela é muito mais do que um simples modo de articular um texto em função de um outro dizer: a paródia é um esforço textual e discursivo que mobiliza uma dada maneira de fazer sentido. Para Hutcheon, o discurso paródico seria muito mais ativo do que passivo.

De acordo com Hutcheon (1985, p.120-121), “ao codificar parodicamente um texto, os produtores devem pressupor tanto um conjunto de códigos cultural e lingüístico comum, como a familiaridade do leitor com o texto parodiado ...”. A paródia exige que o codificador e depois o decodificador efetuem uma sobreposição estrutural de textos que

incorpore o antigo ao novo. Para identificar uma paródia é preciso reconhecer o texto original buscando uma diferença de sentido implicado no texto parodiado.

A paródia pode desafiar as normas para renovar, reformar, podendo ser normativa ou revitalizadora:

A paródia é hoje dotada de poder de renovar. Não precisa de o fazer, mas pode fazê-lo. Não nos devemos esquecer da natureza híbrida da conexão da paródia com o ‘mundo’, da mistura de impulsos conservadores e revolucionários em termos estéticos e sociais. O que tem sido tradicionalmente chamado paródia privilegia o impulso normativo, mas a arte de hoje abunda igualmente em exemplos do poder da paródia em revitalizar (HUTCHEON, 1985, p.146).

De acordo com Hutcheon (1985), a paródia pode ser uma “transgressão autorizada”, uma forma de preservar a continuidade na descontinuidade com distância crítica e mudança, repetição e diferença:

Ao texto paródico é concedida uma licença especial para transgredir os limites da convenção, mas, tal como no carnaval, só pode fazê-lo temporariamente e a pensa dentro dos limites autorizados pelo texto parodiado – quer isto dizer, muito simplesmente, dentro dos limites ditados pela ‘reconhecibilidade’. (HUTCHEON, 1985, p.96).

Para concluir esta seção dedicada à conceituação lingüística da paródia, consideremos que ela “é repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança.” (HUTCHEON, 1985, p.17), é um modo de auto-referencialidade que opera em dois níveis: um primário, superficial, e outro secundário, implícito.

Em suma, a paródia, enquanto fenômeno metalingüístico, é uma forma de reflexividade, pois mobiliza alguma reflexão sobre a língua. É essencialmente dialógica, visto que apresenta relações dialógicas e interação dialógica entre vozes. É voz dupla com repetição, com distância crítica marcando a diferença e não a semelhança. A paródia orienta para diferentes posições e reveste de novos acentos. É criação ideológica com “vontade de acontecimento” (BAKHTIN, 1997, p.21).

Na paródia, há dois textos que se inter-relacionam, sendo necessário competência para interpretar, codificar e decodificar a paródia; reconhecer os efeitos de sentido veiculados pelo discurso paródico, bem como as vozes que o compõem e os elementos contextuais pragmáticos para compreendê-la.

Dessa forma, os fenômenos metalingüísticos envolvidos na constituição e no reconhecimento do discurso paródico põem em jogo e salientam, nas práticas de linguagem, alguma capacidade reflexiva dos sujeitos sobre o que estão a dizer e a significar, na interpretação e construção do sentido e nos processos de significação implicados no reconhecimento e explicitação do sentido nas práticas humanas. Isso nos leva a considerar o tipo de reflexividade relacionada a uma competência a que não se reduz nem ao lingüístico nem ao cognitivo; é, antes, uma competência relativamente à linguagem e à interação que se deve falar aqui (MORATO, 2005a).

4. A PARÓDIA NOS PROVÉRBIOS

De acordo com Mota (1987), estuda-se na *“paremiologia roceira a contradição dos anexins, são os conceitos que se repelem e destroem”* (1987, p.313). Neles se questionam o sentido veiculado nos provérbios, a autoridade dos provérbios, a “verdade imemorial” e o pré-construído como uma espécie de “verdade universal”. Entretanto, ao questionar o sentido de alguns provérbios, pode-se criar novos textos, no caso, provérbios que podem contradizer ou subverter o sentido dos provérbios-origem para alcançar os efeitos de sentido pretendidos, dando origem às paródias de provérbios.

Castro (1997) usa o termo desvio para caracterizar uma enunciação que, representativa de um provérbio original, constrói uma outra enunciação. Tal como pode ocorrer de diferentes maneiras em relação ao modelo base. O autor apresenta três principais desvios: subversão do provérbio conhecido, valorização da autoridade proverbial e desvio lúdico. O desvio do tipo subversão do provérbio conhecido e o desvio lúdico é o que podemos considerar como paródia.

Para exemplificar, Castro apresenta o confronto entre o provérbio original e o texto produzido pelo jornalista Aporelly onde aparece uma contradição entre o sentido veiculado

pela enunciação original e o sentido resultante do desvio ao contestar ou arruinar a autoridade proverbial. Vejamos o exemplo: “Mais valem dois marimbondos voando que um na mão”.

Neste provérbio parodiado reconhecemos o provérbio “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” que veicula o sentido de que as pessoas devem contentar-se com aquilo que está próximo, singular. São valores de certeza, proximidade, singularidade. O jornalista Aporelly inverte e privilegia valores opostos, de pluralidade e distância. Ele troca pássaros por marimbondos, substituindo o valor de certeza por talvez aflição. Há a presença de duplo sentido que resulta do retorno ao sentido literal quando antes era uma abstração.

No desvio por valorização da autoridade proverbial, a construção dos textos ocorre a partir do modelo de outros textos, estabelecendo semelhanças e dessemelhanças. Os interlocutores têm o conhecimento comum para evidenciar uma enunciação que serve de eco a um número ilimitado de enunciações anteriores. Como exemplo “Os homens são de duas categorias: os solteiros e os loucos”. De acordo com Castro (1997), a voz presente no enunciado privilegia desunião e desarmonia e associa casamento à loucura, à imprudência. Ao propor a equivalência casamento/desunião/desarmonia/loucura, a mesma voz prega a desobediência aos valores prescritos pela conveniência social.

O desvio lúdico, o qual também consideramos como paródia, consiste no emprego de jogo de palavras, por exemplo, para produzir efeitos de sentido diversos a partir do modelo proverbial. Como exemplo, “Um padecimento pesa mais que uma pá de cimento”. O enunciado apresenta os termos *padecimento* e *pá de cimento* com semelhança fonética e distinção semântica. Além disso, *padecimento* pesa e *pá de cimento* pesa (CASTRO, 1997).

Já Roventa-Frumusani (1985) nos fala em provérbios desviados que são utilizados nas propagandas, nos slogans, nos títulos de imprensa, *etc.*, dos pseudo-provérbios que possuem marcas lingüísticas da enunciação proverbial, mas sem pertencer ao estoque de provérbios reconhecidos, e dos provérbios por estratégias de captação ou de subversão (*cf.* GRÉSILLON e MAINGUENEAU, 1984). Esses últimos são provérbios que assumem uma relação de continuidade ou de ruptura da enunciação E1 com a enunciação fonte E0, no caso os provérbios parodiados E1 e os provérbios-origem E0.

De acordo com Obelkevich (1997), os “provérbios degenerados” (ou provérbios parodiados) são aqueles que alteram o sentido dos provérbios:

Apenas quando os velhos ditados são usados para dizer alguma coisa nova, seja por ironia ou por meios mais drásticos, é que são aceitos, mas nos processos deixam de expressar a sabedoria da comunidade e tornam-se matéria-prima para a sagacidade e originalidade do falante individual. Deturpados, alterados, virados de cabeça para baixo, eles ressurgem como ‘provérbios degenerados’... (...) Não é novo esse desejo de esvaziar o provérbio tradicional e re-inventá-lo, mas essa tendência parece estar mais difundida do que nunca, e os resultados podem ser verificados em todos os níveis da atividade cultural... (OBELKEVICH, 1997, p.71).

Como resultado nos exemplos acima, temos um texto, no caso paródia de provérbios ou provérbios parodiados, que questiona a realidade, desfaz verdades e raciocínios, dessacraliza valores instituídos e desvela uma outra face de mundo (CASTRO, 1997).

No caso dos provérbios parodiados, qual seria o trabalho lingüístico-cognitivo requerido para a sua interpretação? Qual o percurso enunciativo realizado pelos sujeitos no reconhecimento do sentido veiculado nos provérbios parodiados e na explicitação do sentido dos provérbios? Como reconhecer a intenção do enunciado/enunciador? Como um sujeito reconhece a paródia proverbial? O que há de formulaico na paródia proverbial?

O enunciado proverbial parodiado apresenta todas as características de um provérbio e de uma paródia, mas há nele um trabalho sobre a linguagem ainda mais sofisticado, pois a reflexividade enunciativa incide sobre reconhecer o enunciado proverbial origem, ao mesmo tempo que sobre o sentido parodístico. Se é verdade que os processos meta demandam diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre a linguagem, a paródia proverbial parece demandar dos sujeitos um nível de reflexão meta-enunciativa/meta-discursiva particular sobre a linguagem. Ou seja, demanda uma atitude lingüística, discursiva, meta-enunciativa e sócio-lingüística dos sujeitos em relação ao provérbio e à paródia.

Nos provérbios parodiados, podemos observar a polifonia do sentido como um “jogo” de diversas vozes num mesmo discurso, a superposição de vozes, a “voz dupla”, a “dupla enunciação”, reconhecendo neles atos a partir de um conjunto de indicações sobre a enunciação que podem ser dados através da negação, de marcadores de pressuposição, de determinados operadores argumentativos, operadores conclusivos, *etc.*

Nos provérbios parodiados, o enunciador do provérbio identifica o sentido do provérbio-origem, usa das propriedades lingüísticas (sintáticas, fonéticas, morfológicas) desse provérbio, se remete a uma memória cultural, mas de maneira a fazer ou reconhecer uma repetição com ênfase na diferença, como define Hutcheon (1985). A paródia se remete, pois, ao enunciado origem; é repetição, mas num enunciado que enfatiza a diferença, portanto é preciso reconhecer no provérbio parodiado o provérbio-origem e, além disso, o efeito de sentido veiculado no enunciado parodiado.

O que acontece nos provérbios parodiados é exatamente essa ênfase na diferença de sentido, que pode ser uma crítica, uma forma de ironia ou simplesmente uma operação chistosa em relação ao sentido do enunciado proverbial origem. É o que acontece quando, a partir do provérbio “Quem canta, seus males espanta”, encontramos a forma parodística “Quem canta seus males, espanta” ou a forma parodística “Quem espera sempre cansa”, formulação enunciativa que ironiza o sentido veiculado no provérbio “Quem espera sempre alcança”. O que ocorre com os provérbios parodiados implica também uma alteração do sentido veiculado no provérbio-origem, resultando num outro sentido, que, segundo Sant’Anna (2002, p.31), “é uma nova e diferente maneira de ler o convencional.”

A paródia distorce os sentidos do texto origem em diferentes graus, portanto com diferentes tipos e graus de intertextualidade apresentando uma mesma construção ou estrutura do texto-fonte, mas com o complemento ou argumento alterado, o que caracteriza o caráter formulaico dos provérbios parodiados.

A paródia nos provérbios enfatiza a diferença de sentido entre os provérbios com o objetivo de destruir a autoridade dos provérbios, a partir da argumentação, da ironia, da contradição, da adaptação a novas situações que orienta para um outro sentido diferente do sentido original.

A paródia subverte um texto com o objetivo de desqualificá-lo, o que depende dos propósitos de quem parodia em relação ao texto fonte / origem que pode ter propósitos humorísticos, críticos, poéticos, *etc.* (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007) e dos efeitos de sentido pretendidos, o que observamos nos provérbios parodiados. Como exemplo, alguns provérbios parodiados: “Quem ri por último, ri atrasado” (provérbio-origem: “Quem ri por último, ri melhor”), “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” (provérbio-origem: “Feliz foi Adão que não teve sogra”), “Depois do temporal vem o lamaçal” (provérbio-origem: “Depois do temporal vem a bonança”), “Quem tem boca vai ao dentista” (provérbio-origem: “Quem tem boca vai a Roma”), “Quem dá aos pobres, empresta.... adeus!” (provérbio-origem: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”) e “Os últimos serão desclassificados” (provérbio-origem: “Os últimos serão os primeiros”), nos quais observam-se relações dialógicas, diferença de sentidos e novos acentos entre os provérbios-origem e os provérbios parodiados.

Observamos, ainda, nos provérbios parodiados, diferentes graus de metaforicidade, podendo os provérbios ser mais metafóricos ou menos metafóricos, com sentidos pressupostos e/ou subentendidos de acordo com os “efeitos de sentido” pretendidos. Além disso, observamos também um processo de produção de inferências a partir das proposições implícitas presentes nos provérbios parodiados em que a informação dada pela paródia, nos vários níveis de representação, não está explicitamente afirmada no texto. Assim, é preciso fazer inferências específicas por meio de uma palavra ou expressão, relacionar informações explícitas e implícitas. Nesse caso, o interlocutor deve ser capaz de formular hipóteses, recuperar as intenções do autor e reconhecer a informação completa presente nos provérbios parodiados.

Reconhecer a paródia implica reconhecer o texto produzido anteriormente, no caso, o provérbio-origem que faz parte da memória social ou da memória discursiva dos interlocutores, que está inserido no provérbio parodiado, para a construção do sentido. É preciso reconhecer e interpretar a voz original e a voz que subverte o sentido original para reconhecer e interpretar a paródia como paródia, ou seja, reconhecer a superposição de diversas vozes, a polifonia do sentido do provérbio parodiado. Isso exige dos interlocutores o reconhecimento de elementos lingüísticos, metalingüísticos, semânticos, discursivos e

pragmáticos dos provérbios parodiados; a relação do provérbio parodiado com o provérbio-origem (ou seja, a intertextualidade); o reconhecimento do que há de implícito e explícito nos provérbios; a identificação do discurso presente nos provérbios parodiados (por exemplo racista, feminista, *etc.*); a identificação dos mecanismos ideológicos, sociais, culturais e históricos veiculados; a identificação do elemento parodístico que faz o sujeito reconhecer o provérbio parodiado como paródia (ou seja, o que leva o sujeito a reconhecer que o provérbio parodiado parodia outro provérbio); a identificação do que é parodiado ou contestado no provérbio-origem e o porquê parodia-se o que se parodia; reconhecer contextos de uso ou situações de enunciação possível de uso, o que parece depender do grau de cristalização formal e discursiva dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados.

Ao que parece, nos enunciados proverbiais parodiados, a metalinguagem, a reflexividade enunciativa, a subjetividade e uma “postura meta” são exigidas de forma relevante na determinação referencial e no trabalho lingüístico-discursivo de interpretação.

A interpretação e manipulação de enunciados proverbiais e de enunciados proverbiais parodiados dependem de alguma maneira da competência pragmática dos sujeitos, de modo a colocar em relação os processos lingüístico-cognitivos (o saber da língua e o saber de mundo), a contextualizar a emergência e a mobilização de diversos processos predados como meta no funcionamento da linguagem (metalingüísticos, metapragmáticos, meta-enunciativos, metaformativos, meta-discursivos). Podemos, nesse caso, observar o movimento do sujeito e suas “manobras lingüísticas” em relação ao dizer próprio e alheio, que tende a confirmar a hipótese de que os modos de funcionamento do componente “meta” não são subsumidos pela língua ou pela cognição, *stricto sensu*.

A paródia proverbial apresenta e convoca dos sujeitos uma reflexividade e uma atividade meta-enunciativa intensa com a linguagem, para reconhecer e interpretar o sentido do provérbio-origem e o da paródia proverbial, o que depende do tipo de intertextualidade, do grau de metaforicidade e do grau de cristalização das expressões na memória discursiva e cultural. Observa-se a subjetividade⁶ e uma atitude reflexiva dos

⁶ De acordo com Benveniste (1995, p.286), a subjetividade “... é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (...) “... não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da

sujeitos em relação ao efeito parodístico e ao caráter persuasivo e acional das práticas como ação no mundo. Portanto, interpretar provérbios parodiados implica um trabalho linguístico-discursivo-cognitivo dos sujeitos sobre o provérbio-origem, sobre o provérbio parodiado e sobre a relação de intertextualidade entre eles.

Tomemos agora uma ponderação sobre o termo explicação, pois ele é importante para entender as reações dos sujeitos de nossa pesquisa, que foram instados a explicar provérbios parodiados. Veneziano e Hudelot (2002) falam sobre a categoria de explicação que, para ser implementada, necessita de uma questão ou algo que apresente um problema. Para outros pesquisadores, há muitos outros termos que podem ser entendidos ou interpretados como explicação, como as paráfrases, as definições, o comentário, a argumentação (em que o enunciado conduz o interlocutor em direção a uma ou mais conclusões, é uma espécie de prova dada pelas pessoas para convencer e justificar as decisões tomadas em detrimento de outras) e a justificação (o locutor deve fornecer um argumento em favor de uma posição). Para Del Ré (2003), o discurso explicativo requer provas, debates e princípios, por isso não pode existir isoladamente, fora de seu contexto, ou seja, fora da situação que o determina.

Podemos considerar no âmbito de nossa pesquisa como “discurso explicativo” a explicitação do sentido dos provérbios parodiados, isto é, o modo pelo qual os sujeitos explicam o mecanismo de sentido, o percurso lingüístico-cognitivo tomado na interpretação de provérbios, mais especificamente de provérbios parodiados, capaz de indicar que os sujeitos compreendem os provérbios somente se interpretam os contextos nos quais são produzidos (Cazelato, 2003).

De acordo com Berthoud-Papandropolou, Favre e Veneziano (2003) há três características que lhes parecem inerentes ao ato de explicar: i) a distinção e a relação existente entre *explanans* (aquilo que explica) e *explanadum* (aquilo que deve ser explicado). Dessa forma, considera-se o ato de explicação como um fenômeno interacional pelo qual o interlocutor identifica um *explanandum*. Há um acontecimento a propósito do qual é preciso explicar o “por quê” a seu interlocutor e dá um *explanans*, isto é, a causa, a

linguagem”. E, a linguagem é “... a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas.” (BENVENISTE, 1995, p.289).

razão ou a justificação desse acontecimento; ii) o componente negativo dos atos de explicação, seja quando surge a necessidade de que algo deve ser explicado, seja quando surge uma dificuldade ou incapacidade, a explicação serve de justificação; iii) a dimensão pragmática dos atos de explicação, ou seja, o modo como o falante considera o outro em suas explicações.

Essas três características do ato de explicar compreendem, de certa forma, o percurso necessário na interpretação de provérbios parodiados, isto é, o percurso de reconhecimento, de interpretação e de explicitação do sentido do provérbio-origem e do provérbio parodiado. Para explicitar o sentido do provérbio é preciso conhecer e interpretar o seu sentido e explicar ao seu interlocutor o “por quê” do sentido que ele considerou para o provérbio, justificando suas escolhas para o seu interlocutor.

Esse percurso de interpretação e de explicitação do sentido é muito mais intenso na explicitação do sentido dos provérbios parodiados do que dos provérbios-origem. Nos provérbios parodiados, como se verá nos capítulos posteriores, observamos uma repetição dos provérbios-origem com distância crítica orientada para diferentes sentidos, revestida de novos acentos a partir da contestação, oposição ou negação do provérbio-origem. Nesse sentido, confrontam-se e contestam-se as práticas sociais e discursivas, ou seja, a cena enunciativa e o sentido do provérbio-origem.

4.1. PROVÉRBIOS: CRISTALIZAÇÃO E PARÓDIA

Ao pensarmos nas condições sócio-históricas da cristalização de enunciados, de que maneira poderíamos resgatar as condições em que o provérbio foi produzido, descobrindo o seu estatuto, o porquê do seu uso até hoje e analisarmos não apenas o produto, mas o processo de instituição do provérbio como elemento do interdiscurso⁷, como fazendo parte de pressupostos ou pré-construídos estabelecidos sócio-culturalmente?

Roventa-Frumusani (1985) comenta que o estudo da realização dos atos da linguagem não pode ser separado da análise do conteúdo proposicional. Para Roventa-

⁷ “Pode-se chamar interdiscurso um conjunto de discursos de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos. Podemos também chamar de interdiscurso o conjunto das unidades discursivas com as quais ele entra em ação.” (MAINGUENEAU, 1997, p.62-63).

Frumusani, o que parece é que o sentido veiculado nos provérbios e os atos de fala presentes no enunciado proverbial são características para o uso e a vigência de um enunciado até os dias de hoje.

De acordo com Obelkevich (1997, p.44), “existem lições para a história social não apenas nos provérbios e em seus usuários, mas também em relação àqueles que os rejeitaram e no significado dessa rejeição.”. A partir da rejeição dos provérbios e do sentido veiculado neles, parece ocorrer o aparecimento dos provérbios parodiados, um novo sentido e uma nova orientação semântica. Obelkevich (1997) assinala que os significados dos provérbios mudam com o passar do tempo e podem variar em relação ao espaço, além de não poderem ser lidos diretamente das páginas das compilações. Para Obelkevich (1997, p.55), “Apesar de toda sua coerência, os provérbios estão longe de ser estáticos.” As mudanças na forma dos provérbios têm implicações para a história da linguagem e para a história das mentalidades. O conteúdo dos provérbios também mudou com os tempos. Os provérbios gradualmente se modernizaram e refletem as preocupações da época.

Os provérbios têm servido para argumentar e dar ao discurso qualidade, fluência e riqueza. São instrumentos de persuasão, de ornamento estilístico e ingrediente da eloquência. De acordo com Obelkevich (1997), os provérbios perderam seu prestígio devido a mudanças na própria cultura letrada, como, por exemplo, o surgimento de novos modelos estilísticos de prosa literária.

Podemos, então, dizer aqui, que os provérbios parodiados, a partir de uma crítica do provérbio-origem cristalizado, são criados com sentidos novos, significações novas de acordo com a história, a ideologia, as posições sócio-culturais, a política, a religião e a moral de uma época contra os pré-construídos dos provérbios-origem estabelecidos numa época anterior e cristalizados até os dias de hoje. Os provérbios podem ser recusados e reinventados também sócio-culturalmente pelas comunidades nas práticas sociais e discursivas, e se estabilizarem em novas contingências históricas. De acordo com Urbano,

É importante ressaltar que a condição de frase feita, ou seja, de forma fixa, impede, em princípio, sua reenunciação de forma arbitrária e com modificações, pois essas alterações descaracterizam o provérbio original, posto que perderia sua identidade e seu

estatuto de citação. No entanto, esse fato não impede que muitos provérbios sejam usados em trocadilhos humorísticos e irônicos, como “Quem espera, desespera”; (tentando-se eliminar sua conotação metafórica); ou sejam recriados autonimicamente, como “Quem espera, nunca alcança”; “Madruga e verás, trabalha e terás” (em oposição e “Deus ajuda quem cedo madruga”), ou mesmo para simples adaptação à situação concreta de uso, que demonstram o conhecimento e a capacidade de reinvenção da linguagem que ocorre no âmbito popular. Recriado, possivelmente numa situação concreta, o novo enunciado pode adquirir um status definitivo de provérbio. (2002, p.276).

Para esse autor, a questão da recriação de um provérbio pode levar ao surgimento de um outro provérbio, um enunciado que acaba por ser “proverbializado”.

Os provérbios parodiados estão ligados a uma memória dos provérbios juntamente com a idéia de que as “lições” que se aprende, podem, às vezes, ser contrariadas, transformadas e cristalizadas:

O provérbio que diz que as aparências enganam pode ser aplicado aos próprios provérbios. À primeira vista parecem seguros e sensatos, constantes não problemáticas da condição humana; quando analisados mais de perto, eles se transformam em variáveis históricas e sociais, uma fonte de divisão e de disputas, envolvidos na linguagem da política e na política da linguagem. (OBELKEVICH, 1997, p.73).

5. A PRESENÇA DOS PROVÉRBIOS NO ESTUDO DAS AFASIAS: UMA DISCUSSÃO CRÍTICA

De acordo com Morato (2002b) e Coudry (1988), a afasia é uma perturbação da atividade discursiva em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, tanto no seu aspecto produtivo quanto interpretativo, causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de Acidentes Vasculares Cerebrais, Traumatismos crânioencefálicos (TCEs) ou tumores. A afasia é uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis lingüísticos. Envolve o funcionamento

da linguagem e o uso (lingüístico e cognitivo) que os interlocutores fazem dela. (MORATO, 2002b).

A afasia pode se manifestar na produção e na compreensão da fala, na leitura e na escrita:

... ainda que em graus variados de severidade, pessoas afásicas em geral hesitam muito para falar, muitas vezes perdem com isso o ‘fio da meada’, mostram alta instabilidade no uso das palavras, trocando de forma inesperada e algo incompreensível umas pelas outras, e têm dificuldades de encontrar aquelas que gostariam de enunciar, mas não são amnésicas; pronunciam de forma laboriosa os sons da fala, repetem partes da palavra ou as distorcem ou suprimem, mas não são gagas ou padecem de deficiências físicas que as impeçam de articular; podem falar de maneira “telegráfica”, sem que isso signifique necessariamente que perderam as palavras ou que não mais entendem a complexidade lingüística; às vezes seus enunciados parecem desconexos e as pessoas afásicas sentem-se à deriva porque não conseguem estabelecer relações de sentido entre as palavras ou entre as palavras e as coisas do mundo a que se referem, o que dificulta não apenas os processos expressivos da linguagem, mas também os interpretativos (necessários para lermos nas entrelinhas ou captarmos duplos sentidos e subentendidos), mas isso não quer dizer que têm deficiência mental. (MORATO, 2002c, p.65).

Tradicionalmente, as baterias de testes têm fornecido os critérios de classificação das afasias, sendo úteis a seu modo ao diagnóstico tipológico ao descreverem as correlações anátomo-clínicas e o procedimento classificatório dos diferentes tipos de afasia. A classificação, contudo, não assegura a explicação do fenômeno lingüístico, pois há uma descontextualização das tarefas de linguagem propostas e se negligenciam os aspectos da linguagem em uso nos testes neuropsicológicos. As baterias de testes de afasia são muito semelhantes, cumpre salientar; quase todas apresentam os mesmos subtestes básicos, usados não somente para assegurar o tipo de afasia do paciente, mas também para assegurar a gravidade do distúrbio verbal.

Nesses testes de afasia, o que se pede aos pacientes são tarefas essencialmente metalingüísticas (no sentido em que metalinguagem se confunde aqui com o conhecimento nocional da língua), como a repetição de fonemas, palavras e de sentenças, denominação de

objetos, definição de palavras, fazer sentenças com palavras especificadas pelo examinador, completar frases, explicação de provérbios, leitura em voz alta e silenciosa, cópia de palavras e parágrafos, ditados de palavras e frases, fala e escrita espontânea, *etc.* (COUDRY, 1988 e LEBRUN, 1983). Essas tarefas não levam em conta a situação de interlocução entre um sujeito não afásico e um sujeito afásico, e o examinador ocupa uma posição de domínio da interlocução, em geral baseada no esquema pergunta-resposta.

Com relação aos provérbios, no âmbito da Afasiologia tradicional, o trabalho de interpretação está reduzido a uma espécie de habilidade metalingüística de ordem mental (*raciocínio abstrato*), que estaria alterada nos casos de afasia. Com uma testagem ancorada simplesmente nas respostas dos pacientes à mera apresentação do provérbio pelo investigador, espera-se obter resultados que indiquem se seu pensamento é capaz de ser "abstrato" ou "coerente". Perde-se de vista, dessa maneira, todo um trabalho lingüístico-cognitivo implicado em enunciações proverbiais; além disso, deixa-se de considerar por completo as práticas discursivas nos quais elas fazem e ganham sentido.

Os resultados dos testes-padrão referem-se, na sua maioria, a problemas de "raciocínio abstrato" e não dão indicações relevantes sobre os processos lingüístico-cognitivos envolvidos. São testes metalingüísticos que avaliam certos conhecimentos que o paciente tem da língua tomada em si mesma. Deixa-se de lado a construção dos dados que ocorre em situações discursivas, em situações de funcionamento da linguagem em que o sujeito atua ao nível social e cognitivo no interdiscurso (aspectos pragmático, discursivo, cognitivo, lingüístico).

Em relação às tarefas metalingüísticas de explicação de provérbios, Goldstein (1948, p.111 *apud* LEBRUN, 1983, p.36) nos fala sobre "a falta de abstração" de muitos sujeitos afásicos, sendo ela capaz de explicar por que os sujeitos não podem construir provérbios e por que eles os parafraseiam, quando muito. Para Goldstein, isso indica proceder de maneira literal e não figurativa.

De acordo com Goldstein (1961, p.69), na linguagem temos dois tipos de conduta, que correspondem à conduta abstrata e à conduta concreta. A conduta é abstrata quando damos um nome a um objeto, pode-se traduzir como "linguagem representativa"; e na

segunda forma de conduta, a linguagem desempenha apenas um papel, em que as palavras simplesmente acompanham nossos atos e expressam uma propriedade do objeto.

Para Goldstein (1961), a afasia é uma deterioração da atitude abstrata (tida como de ordem metalingüística), que se manifesta na linguagem dos pacientes com lesões cerebrais. Para ele, o estudo desse material patológico é uma maneira de se aprender sobre a organização do ser humano. Pode haver dificuldade na evocação de palavras, dificuldade de associar uma palavra a mais de um sentido e a associação com mais de um objeto. Está perdida, portanto, segundo o autor, a capacidade de criar abstração. Sendo uma deterioração da atitude abstrata, a afasia seria basicamente uma perda da metalinguagem, da faculdade de simbolizar o mundo pela linguagem.

Entre as tarefas com provérbios propostas nas baterias de teste, podemos encontrar, como tarefa metalingüística, completar provérbios e os interpretar.

A partir do que se segue, a título de ilustração, apresentamos alguns comentários sobre as atividades com provérbios requeridas nos testes clássicos da Afasiologia e da Fonoaudiologia.

O exame neuropsicológico Iuriano⁸ (CHRISTENSEN, 1987) envolve uma investigação neuropsicológica com características próprias que difere dos testes psicométricos. Os testes psicométricos se centram muito mais em uma análise quantitativa dos distúrbios e em uma classificação geral das funções mentais e seus transtornos, provocados pelas lesões cerebrais.

Segundo Christensen (1987), o exame neuropsicológico é uma parte da investigação clínica e deve se basear em idéias claras sobre os possíveis tipos de transtornos nas lesões cerebrais. Além disso, deve diferenciar se o problema está baseado em um transtorno de componentes elementares da atividade mental concreta ou em um transtorno na organização geral ou no nível de organização mais complexo.

⁸ Na avaliação neuropsicológica, está inserida a avaliação das funções motoras, das funções cinestésicas superiores, das funções visuais superiores, da organização acústica-motora, da linguagem receptiva, da linguagem expressiva, da leitura e da escrita, da destreza aritmética, dos processos de memória e dos processos intelectuais.

Uma das provas dos processos intelectuais envolve os provérbios, que são usados para avaliar a compreensão de imagens temáticas e textos, com atividades para reconhecer sentidos semelhantes entre provérbios e para a explicação dos significados dos provérbios.

A proposta da atividade com provérbios é a seguinte: pedir ao paciente que escolha um significado entre várias frases, algumas das quais contêm palavras com som semelhantes, mas com significado diferente das palavras do provérbio, enquanto as outras frases expressam o significado do provérbio com palavras distintas: "Bater enquanto o ferro está quente", "O ferreiro trabalha todo o dia", "O ouro pesa mais que o ferro" e "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje", *etc.* Outra proposta de atividade com provérbios é pedir ao paciente que explique o significado de um deles, como, por exemplo, "Não conte com as galinhas antes de nascerem".

O objetivo das provas dos processos intelectuais é investigar a habilidade para analisar uma situação junto com a capacidade de escolher os componentes principais, correlacionar uns com os outros, formular hipóteses, desenvolver uma estratégia e seleccionar operações definidas para solucionar o problema (CHRISTENSEN, 1987).

Em outro procedimento avaliativo, intitulado "Reeducação do Afásico Adulto" (1986), Anne Tissot propõe a "reeducação da afasia" como uma forma de "reeducação da linguagem" através de "meios pedagógicos e métodos de aprendizagem próprios à aquisição de uma língua: esses métodos devem ser adaptados ao distúrbio afásico propriamente dito e ao paciente". A autora propõe um protocolo para avaliação da linguagem espontânea, da expressão oral, da repetição, da compreensão, da leitura, da escrita e do cálculo. No protocolo estão incluídos testes de diferenciação fonêmica e semântica e, quando necessária, outras atividades para uma análise mais detalhada dos distúrbios de articulação, das praxias e das gnosias. De acordo com Tissot,

... observa-se uma correlação entre as possibilidades de recuperação da linguagem e o nível operatório. Por isso, é de extrema importância que as capacidades intelectuais sejam, na medida do possível, avaliadas 'fora da linguagem' por meio de testes desenvolvidos especialmente para isto. Por esta razão, nossas ambições terapêuticas variarão em função de um nível intelectual

bem conservado ou, em contraposição, de uma deterioração mais ou menos acentuada. (TISSOT, 1986, p.1).

Na tradição estruturalista, a autora apresenta as afasias sob forma dos seguintes capítulos: Afasia total, Afasia de Broca e Reeducação das afasias de Wernicke com comprometimento fonêmico predominante e com comprometimento semântico predominante. Ao falar sobre a Reeducação das afasias de Wernicke⁹ com comprometimento semântico predominante, ela propõe tarefas de explicação de expressões diversas e entre essas expressões, “alguns ditados populares ou provérbios” para explicar o sentido e “integrá-los ao contexto”. No anexo de seu livro, Tissot apresenta um caderno de exercícios com um item de “Definições, provérbios e expressões”. A autora propõe apenas que se proceda na reeducação à explicação dos provérbios, ou seja, uma tarefa metalingüística como “o que quer dizer?” que se confunde com a evocação do conhecimento nocional sobre a língua ao estilo escolar, quando dedicada ao ensino da gramática. Deixa-se de lado o contexto de uso, a situação enunciativa do provérbio, além da possibilidade de construção conjunta da significação entre o sujeito afásico e o seu interlocutor.

Na verdade, não são muitos os estudos neurolingüísticos que abordam o provérbio. Dentre os que podemos encontrar na literatura, há o trabalho de Chapman *et al.* (1997), que estuda a interpretação proverbial nas afasias fluentes e na Doença de Alzheimer, e suas implicações no "pensamento abstrato". Trata-se de um estudo sobre o processamento proverbial comparando três grupos: pacientes com afasia fluente, pacientes com Doença de Alzheimer e sujeitos normais. O primeiro objetivo desses autores foi investigar a familiaridade dos provérbios e a interação entre duas variedades em dois formatos de apresentação: espontâneo e múltipla escolha. Eles examinaram o nível de competência lingüística e cognitiva associado com o sucesso na interpretação proverbial.

Para a análise dos dados coletados, foi elaborada uma escala com zero, significando uma resposta incorreta e seis para uma completa resposta "abstrata". Criaram-se variáveis

⁹ Afasia de Wernicke, definida como afasia fluente ou sensorial, apresenta características como: parafasias, dificuldades articulatórias, problemas na compreensão verbal oral e escrita, *etc.*

de "Cognição" e de "Linguagem" usadas para predizer respostas corretas e respostas incorretas do tipo espontâneo e múltipla escolha. Como resultado, os autores apresentaram diferenças no desempenho de cada grupo de sujeitos, desempenhos diferentes nas tarefas de interpretação de provérbios familiares e de provérbios não-familiares, e nas tarefas espontâneas e de múltipla escolha. Observaram ao final do trabalho, em relação aos sujeitos afásicos, uma "significante dificuldade nas tarefas de interpretação proverbial", "desempenho pobre nos provérbios familiares e não-familiares nas tarefas espontâneas", "limites normais nos provérbios familiares e não-familiares para as tarefas de múltipla escolha", "perda da habilidade na produção de explicações abstratas". Além disso, fizeram ainda uma associação do desempenho dos sujeitos com o hemisfério cerebral lesado. Apesar das conclusões a que chegaram, os autores reconhecem que é preciso desenvolver tarefas mais "elaboradas" com o uso de provérbios para mais explicações de ordem neuropsicológica.

Um outro trabalho com provérbios que poderíamos mencionar aqui é desenvolvido por Ulatowska *et al.* (2000). Os autores elaboraram uma bateria de testes proverbiais e um questionário para fazer a coleta de dados com sujeitos afásicos. O questionário serviu para verificar o conhecimento do uso do provérbio, e a bateria de testes para verificar o desempenho dos sujeitos em tarefas com provérbios em contexto e fora de contexto. Além disso, incluíram uma análise qualitativa e uma análise quantitativa dos dados.

Segundo os autores, são três os problemas mais importantes na análise da interpretação de provérbios: o contraste entre o pensamento abstrato e o concreto nas respostas dos sujeitos; a relação entre um provérbio familiar ao sujeito e a estratégia para a interpretação proverbial; e o contraste entre a compreensão dos provérbios no contexto *versus* a compreensão de provérbios fora de contexto.

Para esse trabalho, estabeleceu-se um perfil das habilidades de linguagem nos sujeitos afásicos a partir da adaptação do Teste de Boston¹⁰ para a população da Polônia (*cf.*

¹⁰ O Teste de Boston ou Bateria de Boston de H. Goodglass e E. Kaplan (*The Assessment of Aphasia and Related disorders*, 1983) apresenta como objetivos diagnosticar a presença e o tipo de síndrome afásica e avaliar o nível de rendimento do sujeito, dificuldades e aspectos positivos.

ULATOWSKA *et al.*, 2000). Para o perfil das habilidades cognitivas, usou-se o WAIS-R¹¹, também adaptado à realidade polonesa, e outros testes também foram usados para se ter "certeza" do nível de funcionamento cognitivo. As respostas dos testes foram registradas e analisadas como corretas e estabeleceram-se categorias de erros para respostas consideradas erradas.

O objetivo desse trabalho foi fazer um estudo etnográfico do uso de provérbios e analisar os erros qualitativamente: as alterações morfológicas, as sintáticas, as semânticas, as alterações pragmáticas e as alterações lingüístico-cognitivas; além disso, esse estudo pretendia realizar tarefas com provérbios no contexto como crítica às baterias de testes com provérbios fora de contexto.

Como conclusão do estudo, no qual os autores consideram uma concepção pragmática do tipo *competence* e *performance* (*cf.* Chomsky), eles comentaram que os dados indicaram que o conhecimento da função pragmática dos provérbios foi preservada entre os indivíduos com afasia. Além disso, a maioria dos sujeitos afásicos apresentaram um baixo nível de comprometimento da língua e demonstraram preservado o conhecimento comunicativo e o papel social dos provérbios, indicando uma “preservação” da função metalingüística dos provérbios. Os autores concluíram também que, na compreensão dos provérbios, os sujeitos afásicos usaram esquemas metafóricos com frames apropriados em torno dos provérbios permitindo-lhes chegar ao significado dos provérbios a partir da experiência individual. Os sujeitos afásicos também demonstraram preservada a capacidade de compreender os provérbios e de usá-los em novas situações. Segundo os autores, isso atestou a preservação do conhecimento comum, que é um elemento essencial no uso dos provérbios, mesmo em face das múltiplas dificuldades com a forma dos provérbios.

No Brasil, podemos citar alguns manuais nos quais constam algum item que envolve a tarefa de interpretação de provérbios, como os trabalhos de Isis Meira e os de Fernanda Papaterra.

¹¹ O WAIS-R (Wechsler Adult Intelligence Scale – Revised) ou Escala de Inteligência Wechsler de D. Wechsler apresenta como objetivo avaliar o Vocabulário, a Compreensão, Cubos e Símbolos Numéricos e a Memória Lógica.

No Exame de Afasia, traduzido e adaptado por Isis Meira a partir do Exame de Afasia de Hildred Schuell¹², encontramos uma atividade que se solicita ao paciente para explicar provérbio e nele não se marca correto se não for dada uma explicação considerada "correta" para ele. Buscam-se respostas compatíveis com o que se considera do tipo "correta" e "incorreta", "compreendeu", "não compreendeu"; deixam-se de lado o trabalho lingüístico-discursivo, as tentativas de interpretação e de busca de sentido por parte dos sujeitos ou suas interpretações alternativas.

Já o “Manual Papatterra de Habilidades Cognitivas”, da autora Fernanda Papatterra Limongi (1999), tem como objetivo “ativar habilidades cognitivas” e a sua primeira finalidade é a de reabilitação de pacientes afásicos apresentando exercícios com diferentes graus de complexidade. O Manual apresenta atividades de completar e formar palavras; de reconhecimento visual (identificar letras em comum entre palavras, ordenar letras, resolver códigos, *etc.*); de completar palavras compostas, expressões, sentenças, provérbios e ditos populares; de atividades mais complexas como: identificar palavras, reconhecer características semelhantes entre palavras, descobrir palavras com significado duplo ou triplo, conceitos; atividades para desenvolver a criatividade; exercícios de lógica; charadas; pegadinhas e algumas atividades com números.

O Manual apresenta duas tarefas com provérbios: uma para completar provérbios e outra para formar cinco provérbios a partir das palavras misturadas desses provérbios. Podemos observar, no “Manual Papatterra de Habilidades Cognitivas”, que as tarefas com provérbios são tarefas descontextualizadas e com características de conhecimento escolar sobre as letras e palavras que os formam. Os sujeitos não são solicitados a explicitar o sentido, a realizar a interpretação dos provérbios, pois o manual explora apenas a sua estrutura mnêmica.

Além desses comentários, podemos dizer que esses trabalhos com provérbios ou "tipos" de testes com provérbios com sujeitos afásicos também apresentam problemas com

¹² Schuell, H. (1974). *Aphasia theory and therapy: selected lectures and papers of Hildred Schuell*. Londres: The MacMillan Press.

relação aos seus objetivos (estudo etnográfico realizado para a classificação do tipo de afasia, para a avaliação do nível de competência lingüística e cognitiva), à metodologia (inespecífica) e à análise dos dados coletados (pouco detalhada). Ao que parece, a análise qualitativa nesses estudos se refere apenas à questão do "erro", e não à maneira como o sujeito afásico reconhece ou demonstra uma tentativa de reconhecimento dos efeitos de sentido de uma determinada enunciação proverbial. Esses estudos deixam de lado que os problemas de metalinguagem existentes nas afasias não foram capazes de destruir uma espécie de "postura meta-enunciativa" (Morato, 1999)¹³.

As situações de testes, pelo exposto, não permitem observar operações epilíngüísticas - atividades que suspendem o tratamento de um tema numa situação de interlocução a que se dedicam os interlocutores para refletirem sobre os recursos expressivos que estão usando - e operações metalingüísticas - atividades que tomam a linguagem como objeto ao falar sobre ela conscientemente - realizadas pelos sujeitos. São atividades lingüísticas praticadas nos processos interacionais e se referem ao assunto em questão, que demandam uma reflexão automática sem suspensão das determinações do sentido que se pretende construir (MORATO, 2005b).

Em nossa Dissertação de Mestrado, "A interpretação de provérbios equivalentes por sujeitos afásicos: um estudo enunciativo" (2003), observamos, a partir do Protocolo de Provérbios Equivalentes, (*cf.* anexo 1), que o percurso lingüístico-cognitivo realizado pelos sujeitos afásicos na seleção de provérbios equivalentes indicava que o sentido não depende apenas do sistema lingüístico, mas constitui-se também de processos cognitivos, discursivos e culturais incluídos nos diferentes modos pelos quais os objetos do mundo se apresentam a nós. Os sujeitos compreendem os provérbios (ou estabelecem uma equivalência entre eles) somente se interpretam os contextos nos quais são produzidos. Isso confirma a afirmação de Parret (1988, p.25) segundo a qual a compreensão (fundamental nas atividades interpretativas) é "uma operação-no-mundo". Portanto, a interpretação de provérbios remete ao contexto enunciativo no qual se inserem e são usados.

¹³ De acordo com Morato (2001, p.59), uma "postura meta-enunciativa" é "*o movimento de distanciamento e reflexão dos sujeitos com relação ao dizer próprio e alheio*". Refere-se a um saber lingüístico-cognitivo e a um saber pragmático, relacionados enunciativamente (Morato, 1999).

Na análise dos dados da pesquisa anterior (Cazelato, 2003), foi possível observar que, apesar das dificuldades impostas pela afasia, os sujeitos afásicos trabalham com a linguagem e com os processos discursivos, pragmáticos e inferenciais que ela envolve. Os comentários que os sujeitos fizeram como justificativa para suas escolhas proverbiais equivalentes mostraram o percurso lingüístico-cognitivo realizado por eles através da evocação de uma cena enunciativa correspondente. A equivalência selecionada pelos sujeitos afásicos se deu de modo preferencialmente enunciativo, no contexto de uso, de maneira semântico-pragmática. Além disso, foi possível observar, na análise dos dados, consistência e semelhança nas respostas dos sujeitos afásicos e não afásicos na escolha de provérbios em relação à equivalência semântico-pragmática com o provérbio alvo. A equivalência entre os provérbios realizada pelos sujeitos afásicos se deu tanto entre provérbios mais metafóricos, quanto menos metafóricos. Ou seja, o elemento metafórico – por si mesmo – não representou um impedimento lingüístico-cognitivo para o estabelecimento de equivalência entre enunciados.

De acordo com Jakobson (1981), os afásicos apresentam problemas que podem interferir na capacidade de seleção de elementos lingüísticos ou na capacidade de combinação desses elementos, que envolvem dois eixos relacionados entre si na comunicação, o sintagmático e o paradigmático. O eixo paradigmático/metafórico apresenta como distúrbio afásico problemas na seleção e substituição das unidades lingüísticas – distúrbio de similaridade – aqui a combinação de elementos lingüísticos e o contexto verbal estão relativamente estáveis. Segundo ele, a compreensão é limitada a situações concretas, o que reduz a possibilidade de recombinações semânticas ou abstratas/metafóricas. Já o eixo sintagmático/metonímico apresenta como distúrbio afásico principal problemas na combinação e no contexto verbal – distúrbio de contigüidade – em que a capacidade de seleção e substituição de unidades lingüísticas está relativamente preservada. Aqui haveria problemas na capacidade combinatória, na ordenação das unidades lingüísticas. Assim, dificuldades na explicitação e interpretação de enunciados proverbiais afetariam predominantemente o pólo paradigmático.

Entretanto, estando os eixos sintagmático e paradigmático imbricados, como postulou Jakobson mais fortemente em seu texto “Lingüística e Poética” (1981), há

problemas que podem afetar mais um pólo do que o outro, embora ambos estejam sempre interligados nas práticas de linguagem.

No caso das afasias, haveria, segundo o lingüista russo, uma perda das operações metalingüísticas, o que caracterizaria mais especificamente as afasias posteriores (que implicam no distúrbio de similaridade) (*cf.* JAKOBSON, 1981), contudo, esse fato incorreria em maiores dificuldades de reconhecer e interpretar provérbios, o que não foi observado na atividade do Protocolo de Provérbios Equivalentes.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

1. METODOLOGIA

1.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Nesta pesquisa, como mencionado anteriormente, elaboramos um novo protocolo de estudos a partir da versão do protocolo de Iniciação Científica composto por provérbios. Na versão atual do Protocolo, apenas um dos provérbios consta daquele elaborado na Iniciação Científica: o provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de dados de oito sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), os quais são apresentados com as iniciais de seus nomes: NS, LM, MN, JM, MS, MH, MG e ES. Posteriormente, apresentaremos uma breve descrição neurolingüística de cada um desses sujeitos afásicos. Todos os sujeitos afásicos assinaram de livre vontade o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*cf.* anexo 2) aprovado pelo Comitê de Ética¹⁴.

Também integraram nosso *corpus* de pesquisa dados de quatro sujeitos não afásicos com as seguintes iniciais: CC, FC, IG e AM. Os sujeitos afásicos e não afásicos estão na faixa etária entre 30 e 80 anos e apresentam diferentes graus de escolaridade. A sigla INV corresponde à investigadora.

Os dados de aspectos lingüístico-discursivos dos sujeitos foram extraídos da aplicação de um PROTOCOLO DE ESTUDO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS, elaborado para as finalidades desta pesquisa.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas individuais com os sujeitos afásicos e não afásicos, com duração de mais ou menos duas horas cada. Apenas o sujeito afásico JM precisou de duas sessões para a coleta de dados. As entrevistas foram registradas em

¹⁴ Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp / Comitê de Ética em Pesquisa: Parecer do Projeto N° 643/2006 CAAE: 0519.0.146.000-06

gravador digital e em filmadora digital, sendo posteriormente transcritas por nós de acordo com o sistema de notação (*cf.* anexo 3) estabelecido pelo Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Dra. Edwiges Maria Morato (2006)¹⁵, o qual inclui aspectos concernentes ao contexto não-verbal.

Antes de proceder à aplicação do Protocolo de Estudo, participamos das atividades do CCA e, junto com nossa orientadora, apresentamos aos sujeitos afásicos a proposta da pesquisa. Tanto os sujeitos afásicos, quanto os não afásicos demonstraram interesse e disposição em participar do projeto. Cumpre observar que alguns dos sujeitos afásicos já participaram de nossa pesquisa de Mestrado (Cazelato, 2003).

Na entrevista, antes de iniciar a explicação dos procedimentos da pesquisa, perguntamos aos sujeitos se eles se lembravam de algum provérbio. Caso não se lembrassem, mencionamos um ou mais provérbios e, posteriormente, propusemos a atividade do Protocolo. Ao explicarmos os procedimentos aos sujeitos, apresentamos um exemplo da atividade utilizando um provérbio ou mais do Protocolo de Provérbios Parodiados, quando necessário.

O Protocolo foi apresentado oralmente e por escrito tanto aos sujeitos afásicos quanto aos não afásicos. A investigadora leu os provérbios dos procedimentos do protocolo junto com os sujeitos e, algumas vezes, eles o leram em voz alta ou silenciosamente. Todos os sujeitos tiveram acesso ao protocolo, e todos acompanharam a leitura com a investigadora. Os sujeitos podiam assinalar os provérbios no protocolo ou escrever; e para isso, tinham à disposição caneta e papel.

O objetivo de apresentar o Protocolo de Provérbios Parodiados aos sujeitos não afásicos de perfil sócio-lingüístico semelhante aos sujeitos do CCA foi checar a finalidade do estudo e verificar a consistência das respostas, destacando se os sujeitos conheciam os provérbios parodiados e a explicitação dos seus sentidos.

Na análise dos dados, consideramos os processos de significação implicados na interpretação de provérbios, destacando: i) o reconhecimento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados apresentados; ii) o reconhecimento de provérbios-origem na forma

¹⁵ Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (Diretório Lattes-CNPq).

de enunciados parodiados e iii) a explicitação do sentido dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados. Consideramos, nesse ato de reconhecimento, que os sujeitos demonstram conhecer os provérbios como uma expressão formulaica no contexto de uma determinada tradição cultural, discursiva; entendemos como explicitação¹⁶ do sentido a exposição (verbal e não-verbal) de mecanismos e recursos lingüístico-pragmáticos implicados na manipulação enunciativa de provérbios.

Apresentamos, no capítulo seguinte, dados gerais e relevantes dos sujeitos afásicos e não afásicos com relação ao reconhecimento ou não dos provérbios em questão, bem como a explicitação do sentido tanto dos provérbios-origem, quanto dos provérbios parodiados. Na análise procuraremos enfatizar os dados dos sujeitos afásicos quando demonstrarem singularidades frente aos dados dos sujeitos não afásicos.

Neste trabalho, entendemos por explicitação a exposição, pelo sujeito, de mecanismos e recursos semântico-pragmáticos implicados, ou seja, implícitos e subentendidos presentes no provérbio-origem e no provérbio parodiado. Para identificar os processos de significação veiculados nos provérbios, foi solicitado aos sujeitos que explicitassem o sentido neles veiculado, isto é, que tornassem explícitos os conteúdos implícitos ou informações pressupostas ou subentendidas nos provérbios parodiados a partir da exposição oral dos mecanismos de construção do sentido, de forma que o interlocutor pudesse ter condições de perceber o que se quis transmitir, sendo a ele esclarecidos os valores presentes nos provérbios recuperados através de inferências.

A grade interpretativa dos provérbios por nós considerada, a qual apresentamos mais adiante, explicita a nossa expectativa com relação ao sentido veiculado pelos enunciados que integram o Protocolo de Provérbios Parodiados. Além disso, consideramos, também na análise, a reação não-verbal dos sujeitos como o riso, os gestos, as expressões faciais, a postura corporal, o direcionamento de olhar em relação ao provérbio parodiado ou à paródia como fenômeno discursivo, quando caracterizavam, de alguma forma, o reconhecimento dos provérbios e a explicitação de seus sentidos.

1.2. CONSTITUIÇÃO DO PROTOCOLO DE ESTUDO DE PROVÉRBIOS

¹⁶ A explicitação, vale dizer, em termos semântico-discursivos, está implicada no mecanismo de implicação.

PARODIADOS

O PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS (doravante PPP) é composto por provérbios, provérbios que consideramos como provérbios-origem e como provérbios parodiados, respectivamente domínio alvo (*source domain*) e domínio fonte (*target domain*). Como provérbio-origem, procuramos selecionar os provérbios mais conhecidos e cristalizados culturalmente e, como provérbio parodiado, consideramos os provérbios que, de alguma forma, apresentam um tipo de intertextualidade com os provérbios-origem.

Na seleção dos provérbios do PPP, procuramos realizar um levantamento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados apropriados à configuração sócio-cultural e à realidade sociolingüística dos sujeitos que freqüentam o CCA e a dos sujeitos não afásicos, assim como os provérbios mais recorrentes e cristalizados em nossa cultura. Os provérbios-origem e os provérbios parodiados foram retirados de livros que são coletâneas de provérbios e também de alguns sítios da Internet. Com relação à seleção dos provérbios parodiados, é importante comentar que eles foram selecionados a partir da observação de sua intertextualidade em relação aos provérbios-origem mais recorrentes ou cristalizados. Procuramos, também, em relação ao parodiado, selecionar os enunciados proverbiais mais recorrentes.

A proposta desse protocolo foi apresentar aos sujeitos dois procedimentos diferentes com provérbios parodiados, os quais são:

1. Quais desses provérbios você conhece? (mediante apresentação oral e escrita)

Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?

Justificar.

2. Você conhece esse provérbio? (mediante apresentação oral e escrita)

Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?

Justificar.

No procedimento 1, composto de cinco provérbios-origem e cinco provérbios parodiados, o sujeito deveria assinalar ou dizer quais os provérbios-origem e parodiados que ele conhecia e, posteriormente, a partir do questionamento da investigadora, foi solicitado a responder à pergunta: “Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?”. O objetivo desse procedimento era verificar quais provérbios eram reconhecidos pelos sujeitos, ou seja, quais provérbios faziam parte do seu repertório linguístico; além disso, era também objetivo desse procedimento saber se dentre esses provérbios por ele conhecidos havia provérbios parodiados e quais seriam dentre estes os que o sujeito reconheceu. Procuramos aí verificar os provérbios por ele conhecidos e a explicitação do sentido dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados, bem como a explicitação do sentido dos provérbios-origem presentes na forma do enunciado parodiado, realizado espontaneamente pelo sujeito ou quando solicitado pela investigadora.

Os provérbios-origem presentes neste procedimento são os seguintes: “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, “Caiu na rede é peixe”, “A pressa é inimiga da perfeição”, “O amor é cego” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. E os provérbios parodiados são: “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Antes tarde do que mais tarde”, “Quem ri por último, ri atrasado”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”.

Já no procedimento 2, composto por onze provérbios parodiados, o sujeito foi solicitado a dizer se os conhecia ou não e, posteriormente ao questionamento da investigadora, o sujeito foi solicitado a responder à pergunta: “Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?”. O objetivo desse procedimento foi verificar se os provérbios parodiados seriam conhecidos pelos sujeitos e observar como eles explicitam seu sentido dentro de um contexto de uso, de uma cena enunciativa. Além disso, procuramos verificar se os provérbios-origem eram reconhecidos nos enunciados parodiados, bem como a explicitação do sentido dos provérbios-origem realizada espontaneamente ou não pelo sujeito.

Os provérbios parodiados presentes neste procedimento são os seguintes: “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”, “Quem tem boca vai ao dentista”, “Quem canta seus males, espanta”, “Quem

espera sempre cansa”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, “Quem ama o feio é cego”, “Os últimos serão desclassificados”, “Quem vê cara não vê o resto”, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” e “Quem não tem cão não caça”.

No primeiro procedimento, o principal objetivo era verificar quais os provérbios parodiados eram conhecidos pelos sujeitos, junto com os provérbios-origem. Posteriormente, foi solicitado aos sujeitos a explicitação do sentido dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados. Já no segundo procedimento, o objetivo era a explicitação do sentido dos provérbios parodiados.

Com o PPP, procuramos focalizar o trabalho lingüístico-discursivo e o percurso enunciativo realizado pelos sujeitos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, além de verificar se os sujeitos os conheciam, reconhecendo e explicitando os sentidos e sua relação com os provérbios-origem.

1.2.1. PROVÉRBIOS UTILIZADOS NO PROTOCOLO DA PESQUISA

A seguir, apresentamos os provérbios parodiados integrantes do Protocolo e, em parênteses, os respectivos provérbios-origem, considerando seu grau de metaforicidade e o tipo de intertextualidade que os caracterizam. Com relação ao grau de metaforicidade, consideramos, como Kleiber (2000), que há provérbios que são mais metafóricos e provérbios que são menos metafóricos. Kleiber (2000) considera que há provérbios metafóricos e provérbios não-metafóricos em função da existência de um sentido implicativo de alguma forma literal presente em certos provérbios¹⁷; com relação ao tipo de intertextualidade, consideramos que há provérbios parodiados com diferentes tipos de intertextualidade: a partir de substituição de palavras, de acréscimo de palavras, de

¹⁷ Como exemplo, temos o provérbio “A união faz a força”, no qual a implicação mostrada é diretamente informativa, válida plenamente e especificamente ao nível situacional expresso sem nenhuma dependência de um princípio superior. Isso ocorre diferentemente de provérbios como “O hábito não faz o monge” ou “Gato escaldado tem medo de água fria”, que provêm de uma verdade implicativa superior, ou seja, são provérbios que dependem de situações particulares que garantem a veracidade, na medida em que as situações correspondem a uma verdade universal (KLEIBER, 2000). Considero neste trabalho que um provérbio menos metafórico é o que Kleiber considera como implicação mostrada, ou seja, um provérbio não-metafórico.

acréscimo de formulação adversativa, de negação e de mudança de organização prosódica em relação ao provérbio-origem.

Vale salientar aqui que, além dos aspectos de metaforicidade e de intertextualidade, os fatores mesmos de proverbialização (vide capítulo 1) são importantes na análise da paródia proverbial. Tendo níveis diferentes de proverbialização, os provérbios parodiados apresentam em relação aos provérbios-origem uma maior ou menor reação (de rejeição, de questionamento, de ironia *etc.*) em relação à cristalização e ao universo discursivo, bem como o valor pragmático de acordo com uma maior ou menor aceitação do provérbio parodiado.

É importante ressaltar também que os provérbios parodiados, independentemente do grau de metaforicidade e do tipo de intertextualidade, são exemplos de *détournement* de provérbios (*cf.* GRÉSILLON e MAINGUENEAU, 1984, e KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007), pois envolvem casos de subversão por intermédio da contradição do provérbio-origem, através do acréscimo de palavras ou de expressões adversativas, ou pela substituição de palavras nos provérbios parodiados, ou negação do todo, ou ainda por mudança de organização prosódica.

1. Grau de metaforicidade dos provérbios parodiados

1.a. Provérbios Parodiados mais metafóricos

1. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar (Dinheiro não traz felicidade)
2. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão (Feliz foi Adão que não teve sogra)
3. Quem canta seus males, espanta (Quem canta, seus males espanta)
4. Quem dá aos pobres, empresta ... adeus! (Quem dá aos pobres, empresta a Deus)
5. Quem vê cara não vê o resto (Quem vê cara não vê coração)

1.b. Provérbios Parodiados menos metafóricos

1. Antes tarde do que mais tarde (Antes tarde do que nunca)
2. Depois do temporal vem o lamaçal (Depois do temporal vem a bonança)
3. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã (Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje)
4. Os últimos serão desclassificados (Os últimos serão os primeiros)
5. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme (Quando um não quer, dois não brigam)
6. Quem ama o feio é cego (Quem ama o feio, bonito lhe parece)
7. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo (Deus ajuda quem cedo madruga)
8. Quem espera sempre cansa (Quem espera sempre alcança)
9. Quem não tem cão não caça (Quem não tem cão caça com gato)
10. Quem ri por último, ri atrasado (Quem ri por último, ri melhor)
11. Quem tem boca vai ao dentista (Quem tem boca vai a Roma)

Com relação ao processo de metaforização dos provérbios, podemos dizer que os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, “Quem canta seus males, espanta”, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”, “Antes tarde do que nunca”, “Não deixes para amanhã, o que puderes fazer depois de amanhã” e “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” parecem apresentar uma tendência à metaforização, isto é, uma construção discursiva do sentido metafórico. Já os provérbios parodiados “Quem vê cara não vê o resto”, “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Os últimos serão desclassificados”, “Quem ama o feio é cego”, “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, “Quem espera sempre cansa”, “Quem não tem cão não caça”, “Quem ri por último, ri atrasado” e “Quem tem boca vai ao dentista” parecem apresentar uma tendência à desmetaforização, isto é, uma construção discursiva que tende para o sentido literal.

2. Tipo de intertextualidade dos provérbios parodiados

2.a Substituição de palavras

1. Antes tarde do que **mais tarde** (Antes tarde do que **nunca**)
2. Depois do temporal vem **o lamaçal** (Depois do temporal vem **a bonança**)
3. Não deixes para amanhã o que puderes fazer **depois de amanhã** (Não deixes para amanhã o que puderes fazer **hoje**)
4. Os últimos serão **desclassificados** (Os últimos serão **os primeiros**)
5. Quando um não quer, **o outro vira para o lado e dorme** (Quando um não quer, **dois não brigam**)
6. Quem ama o feio **é cego** (Quem ama o feio, **bonito lhe parece**)
7. Quem cedo madruga, **fica com sono o dia todo** (**Deus ajuda** quem cedo madruga)
8. Quem espera sempre **cansa** (Quem espera sempre **alcança**)
9. Quem ri por último, ri **atrasado** (Quem ri por último, ri **melhor**)
10. Quem tem boca vai **ao dentista** (Quem tem boca vai **a Roma**)
11. Quem vê cara não vê **o resto** (Quem vê cara não vê **coração**)

2.b Acréscimo de palavras

1. Feliz foi Adão que não teve sogra **nem caminhão** (Feliz foi Adão que não teve sogra)

2.c. Acréscimo de formulação adversativa

1. Dinheiro não traz felicidade, **mas ajuda a comprar** (Dinheiro não traz felicidade)

2.d. Negação

1. Quem não tem cão **não caça** (Quem não tem cão **caça com gato**)

2.e. Mudança de organização prosódica

1. Quem canta seus males, espanta (Quem canta, seus males espanta)

2. Quem dá aos pobres, empresta ... **adeus!** (Quem dá aos pobres, empresta **a Deus**)

Podemos observar, na classificação dos provérbios parodiados acima, que, com relação ao grau de metaforicidade, a maioria dos provérbios parodiados é menos metafórica e, com relação ao tipo de intertextualidade, a maioria dos provérbios parodiados apresenta substituição de palavras em relação aos respectivos provérbios-origem. O que parece é que a substituição de palavras nos provérbios parodiados tem como implicação “retirar” o caráter metafórico dos provérbios-origem, recategorizando-os ou tentando reconstruir outros sentidos (via significação causal, literal, modalizada, implicada). Observamos também que todos os provérbios parodiados apresentam parte do provérbio-origem no provérbio parodiado e apenas o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” apresenta uma mudança na forma inicial do provérbio em relação ao provérbio-origem. Os demais provérbios parodiados apresentam a mesma construção inicial em relação ao provérbio-origem, atestando para a estrutura argumental.

Com relação aos provérbios parodiados com mudança de organização prosódica, consideramos que a prosódia faz parte de um contexto de produção e tem a duração e a curva entoacional em ação conjunta atuando na produção da significação; portanto, a prosódia e os significados dependem um do outro na constituição do sentido e da significação para dar estruturação ao discurso (VISCARDI, 2005, p.88-94). No caso dos dois últimos provérbios parodiados, a vírgula, as reticências e o sinal de exclamação provocam mudanças de duração, pausa e contornos entonacionais em relação aos provérbios-origem, o que confere a eles sentidos e significações diferentes.

1.2.2. GRADE INTERPRETATIVA DOS PROVÉRBIOS UTILIZADOS NO PROTOCOLO E A RELAÇÃO FORMAL E DISCURSIVA DOS PROVÉRBIOS PARODIADOS COM OS PROVÉRBIOS-ORIGEM

Abaixo segue uma expectativa de interpretação dos provérbios presentes no PPP, que norteiam nossa análise de dados. Em parênteses, apresentamos os provérbios-origem.

Procedimento 1

1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento

Esse provérbio tem um sentido semelhante ao provérbio “As aparências enganam”, ou seja, afirma que o que se vê pode não ser o que realmente é.

2. Caiu na rede é peixe

Esse provérbio veicula a idéia de que a oportunidade que surgir será aproveitada.

3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar (Dinheiro não traz felicidade)

Esse provérbio parodiado não contraria o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade”, na medida que o dinheiro não é a coisa mais importante da vida que traz felicidade, mas de todo modo ajuda a conquistar muitas coisas que podem nos fazer felizes.

O provérbio parodiado traz em seu enunciado o provérbio-origem sem alterar a sua forma e o seu sentido, mas complementa esse sentido com o acréscimo da adversativa - por meio de um marcador argumentativo - “... **mas** ajuda a comprar”, acrescentando com uma implicação semântico-pragmática uma outra idéia de felicidade advinda com recursos financeiros. O provérbio parodiado faz uma relação entre trazer e comprar, concordando que o dinheiro realmente não *traz* felicidade, mas argumenta que ele pode comprá-la, não a felicidade, mas coisas que podem nos fazer felizes, que só podemos comprar/ter se tivermos dinheiro, riqueza.

4. A pressa é inimiga da perfeição

Esse provérbio veicula a idéia de que fazer as coisas apressadamente pode dar resultados imperfeitos.

5. Antes tarde do que mais tarde (Antes tarde do que nunca)

O provérbio-origem “Antes tarde do que nunca” veicula a idéia de que é melhor a realização de algo, mesmo que tardiamente, do que sua não realização. Já o provérbio parodiado reafirma o provérbio-origem, acrescentando o elemento de procrastinação (tarde – mais tarde).

Esse provérbio parodiado apresenta uma intertextualidade com o provérbio-origem que se caracteriza pela forma e pelo discurso, fazendo uma relação entre *tarde*, *mais tarde* e *nunca*. O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem, contudo substitui uma palavra do provérbio-origem, operando uma mudança argumentativa, que altera o seu sentido. O sentido veiculado no provérbio parodiado ameniza, pondera em relação ao sentido veiculado no provérbio-origem, argumentando sobre a possibilidade de se postergar, de se deixar as coisas para mais tarde, valorizando que elas sejam feitas, mesmo que apenas “um pouco” tarde.

6. O amor é cego

Diz-se de pessoas que se casam com outras ou muito feias, ou muito pobres ou de outra condição social. (PRATA, 1997). Quando se ama não se vê beleza física, condição social e financeira.

7. Quem ri por último, ri atrasado (Quem ri por último, ri melhor)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo do provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor” e veicula, por um truísmo, a idéia de que quem ri por último de alguma coisa riu tardiamente, riu atrasado em relação aos demais ou veicula a idéia de que se demorou para entender o aspecto cômico de algo.

O provérbio parodia o provérbio-origem satirizando o fato de que quem ri por último, ri melhor. O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do

provérbio-origem e a substituição de uma palavra em relação a este. O provérbio parodiado relaciona a palavra *último* com *atrasado*, com aquele que chega depois de todos, como experienciamos nas situações de vida em nossa sociedade. Dessa forma, ele confronta o provérbio-origem, que, por sua vez, associa as palavras *último* com *melhor*, sendo que ambas apresentam uma maior distância semântica, foco de atenção da paródia.

8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão (Feliz foi Adão que não teve sogra)

Esse provérbio parodiado reforça a idéia original veiculada no provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra”, ou seja, a idéia de que a felicidade de Adão deriva do fato de ele não ter sogra, pois sogra é considerada indesejável, uma verdadeira megera em nossa sociedade. Acrescenta ainda que não ter caminhão igualmente é fonte de felicidade de Adão, que assim não teve dois problemas ou incômodos: sogra e caminhão.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção do provérbio-origem e o provérbio-origem está formalmente presente nele. Portanto, ao interpretar o provérbio parodiado, interpretamos o provérbio-origem, embora nem sempre seja preciso fazer referência a este. Entretanto, no provérbio parodiado, temos o acréscimo da palavra caminhão relacionando-a à felicidade de não ter sogra, o que advém também com a felicidade de não se ter caminhão. O provérbio parodiado apresenta duas palavras com campos semânticos diferentes, aproximando pragmaticamente a situação de não ter sogra e nem caminhão como feliz, e por isso a presença da palavra caminhão se destaca e causa estranheza. Pela distância entre os campos semânticos dessas palavras no provérbio parodiado, podemos perceber, se não a paródia, algo diferente e estranho pela presença da palavra caminhão.

9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher

Esse provérbio veicula a idéia de que em briga de marido e mulher ninguém deve se intrometer, ninguém dá palpites, pois ninguém conhece realmente os problemas do casal, ao ponto de ajudá-los a resolver a pendenga.

10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo (Deus ajuda quem cedo madruga)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo do provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, isto é, a idéia de que Deus ajuda quem levanta cedo para trabalhar. O provérbio veicula a idéia de que quem acorda cedo para trabalhar fica com sono o dia todo, contrariando a idéia positiva em relação ao madrugador – empreendedor do provérbio-origem.

O provérbio parodiado apresenta uma construção inicial diferente do provérbio-origem invertendo a segunda parte deste para a primeira parte no provérbio parodiado. Neste provérbio parodiado, há um deslocamento para o início da oração, que no provérbio-origem está no final. Dessa maneira, o tema no provérbio-origem corresponde a “Deus ajuda” e, no provérbio parodiado, corresponde a “Quem cedo madruga”, sendo o rema do provérbio-origem o tema do provérbio parodiado. De acordo com Koch (2004), as construções em que o locutor antepõe o rema ao tema têm como função a expressividade e o envolvimento do falante com o assunto e com o interlocutor e, “na perspectiva do falante, permite-lhe antecipar na formulação aquilo que constitui a meta de sua comunicação” (KOCH, 2004, p.119). No caso desse provérbio parodiado, o efeito da paródia incide sobre essa anteposição do rema ao tema, e o interlocutor reconhece o rema do provérbio-origem no provérbio parodiado (a paródia como “meta de sua comunicação”). Além disso, no provérbio parodiado temos, assim, a substituição de palavras com mudança argumentativa em relação ao provérbio-origem. Nesse provérbio parodiado temos a alteração formal e discursiva do provérbio-origem.

Procedimento 2

1. Depois do temporal vem o lamaçal (Depois do temporal vem a bonança)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo otimista do provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança”, isto é, questiona o fato de que depois da adversidade sempre vêm dias melhores e, a partir de um truísmo, afirma a relação causal entre temporal e lamaçal, relacionando chuva abundante (temporal) com sujeira, lama, *etc.*

O provérbio parodiado apresenta a mesma forma do provérbio-origem e o que altera o seu sentido em relação ao provérbio-origem é a substituição de uma palavra. O provérbio-origem é mais metafórico do que o provérbio parodiado, pois trabalha com distintos campos semânticos, temporal e bonança, já no provérbio parodiado as palavras temporal e lamaçal fazem parte do mesmo campo semântico. Nesse provérbio parodiado, temos uma mudança argumentativa que incide sobre a relação semântica dessas palavras.

2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã (Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo empreendedor do provérbio-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, isto é, põe em questão a idéia de que as pessoas sensatas não adiam a solução de seus problemas. Ele veicula a idéia de procrastinação, ou seja, a idéia de que se alguém tem algo para fazer amanhã, pode muito bem adia-lo, fazer depois de amanhã.

O provérbio parodiado glosa o provérbio-origem relacionando graus diferentes em relação ao tempo amanhã, hoje e depois de amanhã, e argumenta a favor do adiamento, da procrastinação no fazer as coisas, *etc.* Esses provérbios apresentam uma mesma construção inicial com a substituição de uma palavra e uma mudança argumentativa que altera o sentido do provérbio-origem.

3. Quem tem boca vai ao dentista (Quem tem boca vai a Roma)

Esse provérbio parodiado redireciona o conteúdo do provérbio-origem “Quem tem boca vai a Roma”, quer dizer, a idéia de que quem ousa perguntar para informar-se chega ao seu destino para veicular a idéia de que quem tem boca, portanto dentes, tem que ir ao dentista para bem tratar deles.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem com a substituição de uma palavra que altera o sentido com a mudança semântica e a metaforicidade do provérbio-origem. No provérbio parodiado, estão relacionadas as palavras boca e dentista, que fazem parte de um campo semântico mais próximo e menos

metafórico, do que as palavras boca e Roma presentes no provérbio-origem com campos semânticos distintos e mais metafóricos.

4. Quem canta seus males, espanta (Quem canta, seus males espanta)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo do provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta”, isto é, a idéia de que o canto é uma poderosa terapia para o corpo e o espírito, afastando os problemas, as tristezas, os males. Esta forma parodiada nos previne para o fato de que podemos espantar os outros ao nosso redor ao reclamarmos em demasia, ou ao expressarmos nossos problemas, tristezas, *etc.*

O provérbio parodiado apresenta uma mudança de organização prosódica representada na escrita pela vírgula sem alterar a forma do provérbio e sem substituir ou acrescentar palavras, *etc.* Essa alteração prosódica é uma mudança semântica que resulta no questionamento do sentido veiculado pelo provérbio-origem.

5. Quem espera sempre cansa (Quem espera sempre alcança)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo perseverante do provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”, ou seja, a idéia de que quem tem calma e paciência sempre acaba conseguindo o que quer. O provérbio parodiado retira as vantagens, os resultados positivos, o otimismo verificados no provérbio-origem, veiculando a idéia de que quem espera sem realizar uma iniciativa, cansa e nada obtém.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem e substitui uma palavra por outra, *alcança* por *cansa*, as quais apresentam a mesma sonoridade na sílaba final. Essa substituição de palavras representa uma mudança semântica que define a paródia no caso desse provérbio.

6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme (Quando um não quer, dois não brigam)

Esse provérbio parodiado não chega a contrariar o provérbio-origem, “Quando um não quer, dois não brigam”, pois é necessário dois para se fazer alguma coisa. Ele refere-se

ao fato de que, no caso de um casal, quando um não quer ter relação sexual, o outro vira para o lado e dorme (supondo que dormir é alternativa frustrada a manter relação sexual).

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem, mas a segunda parte do provérbio parodiado agrega uma exemplificação de outra ordem, com outra estrutura que não condiz com a forma proverbial presente nos provérbios que se caracterizam por uma construção binária de causalidade. Para considerarmos a estrutura proverbial original, o provérbio parodiado poderia ser, por exemplo, “Quando um não quer, dois não *transam*”, e concordando que, para se fazer ou não algo, é preciso dois (como brigar e manter relação sexual). O provérbio parodiado, desse modo, não contradiz o provérbio-origem.

7. Quem ama o feio é cego (Quem ama o feio, bonito lhe parece)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo do provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, ou seja, a idéia de que quando se ama, o amado pode ser feio, mas para quem ama é bonito, por efeito do amor, da afeição, da empatia. Ele veicula a idéia de que quem ama o feio é porque é cego e, por isso, não vê a feiúra de quem ama, reafirmando o valor da beleza física em nosso contexto cultural e da incapacidade de se enxergar a realidade.

O provérbio parodiado relaciona a palavra *parece* presente no provérbio-origem com a palavra cego do provérbio parodiado, associando o sentido de *ver* com a palavra *parece*. A construção inicial dos provérbios é a mesma e a segunda parte do provérbio parodiado apresenta uma outra estrutura e a substituição de palavras que alteram o sentido veiculado no provérbio-origem. Nesse provérbio parodiado, temos uma mudança estrutural e semântica em relação ao provérbio-origem.

8. Os últimos serão desclassificados (Os últimos serão os primeiros)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo otimista ou empreendedor veiculado no provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros”, ou seja, a idéia de que quem está sem vantagens em comparação a outros pode finalmente conseguir o que quer antes dos outros ou conseguir algo melhor do que eles. O provérbio parodiado veicula a idéia de que

quem está em último lugar (em concursos ou provas, por exemplo) não está classificado. O provérbio faz alusão ao que nos acontece quando obtemos os últimos lugares, isto é, somos desclassificados, ficamos fora de uma categoria, somos desaprovados.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem, substituindo uma palavra, *primeiros* por *desclassificados*, que se caracteriza por uma mudança semântica. Essa substituição de palavra coloca em relação as palavras *últimos* e *desclassificados* que representam o que realmente experienciamos em nossa sociedade, ou seja, que os últimos são desclassificados, e não a relação semântica, *últimos* e *primeiros*, presente no provérbio-origem.

9. Quem vê cara não vê o resto (Quem vê cara não vê coração)

Esse provérbio parodiado brinca com o sentido veiculado no provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”, veiculando a idéia de que é preciso ver ou conhecer as pessoas por inteiro, e não parcialmente. Quem apenas vê a cara ou o rosto não estará vendo as outras partes do corpo, potencialmente mais interessantes.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem com a substituição de uma palavra, *coração* por *resto*, que opera uma mudança semântica, e relaciona a palavra *resto* com a palavra *cara*. A palavra *resto* tem o sentido relacionado com a parte física, assim como a palavra *cara*; já no provérbio-origem, a palavra *cara* quer dizer aparência, e a palavra *coração*, quer dizer “o interior”.

10. Quem dá aos pobres, empresta... adeus! (Quem dá aos pobres, empresta a Deus)

Esse provérbio parodiado subtrai o tom obsequioso do provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” que valoriza o valor da caridade e a procura de retribuição. A paródia veicula a idéia de que quem ajuda, dá ou empresta alguma coisa ao pobre não está emprestando dinheiro, alimento ou outra coisa, porque o pobre não irá devolver a ajuda que lhe foi dada, por sua falta de condição material.

O provérbio parodiado apresenta a mesma construção inicial do provérbio-origem com a substituição, no final do provérbio, da palavra *Deus*, presente no provérbio-origem,

por *adeus* que apresenta uma mesma sonoridade. No provérbio parodiado temos uma diferença na prosódia em relação ao provérbio-origem e ainda a palavra *adeus* que se aproxima da construção de “a Deus” do provérbio-origem. Essa prosódia altera o sentido do provérbio-origem, pois é preciso que o locutor faça uma entonação diferente representada pelas reticências para que o ouvinte seja capaz de perceber que a palavra não é “a Deus” e sim “adeus”.

11. Quem não tem cão não caça (Quem não tem cão caça com gato)

Esse provérbio parodiado questiona o conteúdo do provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato”, ou seja, a idéia de que se você não pode fazer algo de uma maneira, se vira e faz de outra. O provérbio parodiado veicula a idéia de impossibilidade advinda da falta de recursos, instrumentos ou meios para executar determinada tarefa.

O provérbio parodiado apresenta uma negação argumentativa do provérbio-origem associando apenas o cão à caça e não outras possibilidades ou instrumentos para caçar. Portanto, se você não tem o instrumento cão, você não tem o elemento caça. Já o provérbio-origem associa a questão de alternativa para conseguir o que se quer, considerando que se não tem cão ou algum instrumento específico podemos utilizar outro meio para conseguir o que queremos. Nesse provérbio parodiado, temos o efeito argumentativo da negação “não caça” sobre o fato de não ter cão, e a ausência da estrutura binária presente no provérbio-origem.

Como observamos, nos provérbios parodiados acima, apenas o provérbio “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” apresenta uma inversão do rema em relação ao tema; que nos demais provérbios parodiados, o tema permanece na mesma posição inicial em relação ao provérbio-origem. De acordo com Koch, o papel das construções com tema marcado é “... destacar um elemento do enunciado, colocando-o em posição inicial, com o objetivo de indicar para o interlocutor, desde o início, aquilo de que se vai tratar...” (KOCH, 2004, p.116), ativando ou reativando a memória do interlocutor. No caso aqui, trata-se de ativar na memória do interlocutor os provérbios-origem, apresentando a seguir “algo que deseja enfatizar ou com que pretende estabelecer algum tipo de contraste”

(KOCH, 2004, p.117), ou seja, a paródia de provérbios. Esse funcionamento também tem a ver com os efeitos lingüístico-dicursivos da paródia.

1.2.3. PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS

PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS

1) Quais desses provérbios você conhece? (mediante apresentação oral e escrita)

Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?

Justificar.

1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento.
2. Caiu na rede é peixe.
3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar.
4. A pressa é inimiga da perfeição.
5. Antes tarde do que mais tarde.
6. O amor é cego.
7. Quem ri por último, ri atrasado.
8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão.
9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher.

10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo.

2) Você conhece esse provérbio? (mediante apresentação oral e escrita)

Quando as pessoas usam este provérbio, o que elas querem dizer?

Justificar.

1. Depois do temporal vem o lamaçal.

2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã.

3. Quem tem boca vai ao dentista.

4. Quem canta seus males, espanta.

5. Quem espera sempre cansa.

6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme.

7. Quem ama o feio é cego.

8. Os últimos serão desclassificados.

9. Quem vê cara não vê o resto.

10. Quem dá aos pobres, empresta... adeus!

11. Quem não tem cão não caça.

1.3. BREVE DESCRIÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA DOS SUJEITOS AFÁSICOS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

Sujeito 1 - NS

NS, sexo feminino, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo, é casada, empregada doméstica, faxineira, com escolaridade de primeiro grau incompleto (cursou até a quarta série primária). NS tem duas filhas e reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado nesse hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à esquerda. Nesse diagnóstico, houve dúvidas sobre a existência de Síndrome Piramidal frontal à direita. NS apresenta, além disso, um déficit motor à direita. No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural nesta região. Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico inicial de NS dificuldades no acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, dificuldade na seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

Sujeito 2 - LM

LM, sexo masculino, nascido em 10/09/1957, na cidade de Borda da Mata, em Minas Gerais, é separado, metalúrgico aposentado, com escolaridade de primeiro grau completo. LM é pai de duas filhas e reside em Campinas (SP). Em 1986, LM sofreu um Acidente Vascular Cerebral hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, interessando a região da cápsula interna e lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica inicial, diagnosticou-se uma hemiparesia espástica acentuada à direita e uma afasia de predomínio expressivo (eferente), com hesitações, parafasias fonológicas, perseverações e alteração de prosódia.

Sujeito 3 – MN

MN, sexo feminino, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira da Espanha, em Portugal, é viúva, dona de casa, com escolaridade de primeiro grau incompleto. Estudou dos 10 aos 13 anos em classe multiseriada em Portugal. MN reside em Campinas (SP), tem três filhos, sendo que um deles já faleceu. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo imediatamente encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico inicial, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

Sujeito 4 - JM

JM, sexo masculino, nascido em 04/03/1933, na cidade de São Paulo (SP), é casado, vendedor, com escolaridade de segundo grau completo. JM fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone). Atualmente, JM faz curso de marcenaria, especializando-se em marchetaria, o que o tem deixado bastante satisfeito. JM tem dois filhos e reside na cidade de São Paulo. Em 17/11/00, JM teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com exame neurológico, realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP em 23/09/02, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica.

JM apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ou parafasias e contaminações. Caracterizam a fala de JM dificuldades de encontrar palavras, perseverações, dificuldades predicativas e abundantes parafasias (fonológicas e semânticas).

Sujeito 5 – MS

MS, sexo masculino, nascido em 17/01/1946, na cidade de Campinas, em São Paulo, é separado, professor de inglês, com escolaridade de terceiro grau completo em Letras. MS é pai de dois filhos, sendo que um deles já faleceu e tem dois netos. MS reside em Campinas (SP). Há cinco anos, MS sofreu um AVC. Ao exame clínico, o médico constatou afasia, com marcha parética, mantendo hemiparesia D com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). MS apresenta como seqüela deficit motor em domínio direito e afasia motora. MS trabalhava como professor de inglês em curso pré-vestibular quando sofreu o AVC e também já atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, lia e escrevia muito, nos variados gêneros textuais; após o AVC continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior, o que o incomoda. Frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais, viaja inclusive ao exterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além da hemiparesia à direita, o que lhe dificultou a escrita já que era destro.

Sujeito 6 – MH

MH, sexo feminino, nascida em 29/09/1959, na cidade de Bauru, em São Paulo, solteira, é contadora e caixa de loja, com grau de escolaridade de segundo grau completo, com curso técnico em Contabilidade. MH tem uma filha e reside em Campinas (SP). Em 29/07/2004, apresentou perda súbita da fala e ao exame clínico apresentou um quadro de olhar fixo com alteração do nível de consciência, hemiparesia do lado direito e afasia. A tomografia computadorizada evidenciou um quadro de AVC isquêmico em território de cerebral média (têmporo-parietal à esquerda). A ressonância magnética do crânio apresentou acometimento do território de irrigação cortical e profundo da artéria cerebral média esquerda compatível com seqüelas de infarto isquêmico. A alteração do sinal estende-se ao hipotálamo, pedúnculo cerebral e região lateral esquerda da ponte, que se encontram reduzidos de volume (compatível com degeneração Walleriana). MH apresenta uma afasia de predomínio expressivo.

Sujeito 7 - MG

MG, sexo feminino, nascida em 04/04/1948, na cidade de Guapé, em Minas Gerais, é solteira, agente de turismo aposentada, com escolaridade de segundo grau completo e curso técnico em Contabilidade. MG não tem filhos e reside em Campinas (SP). Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando seqüelas de Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC) isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial, além de uma dispraxia construcional.

Em sua linguagem, observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas, em especial).

Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é muitas vezes laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou "neologizantes"). Embora proceda, por vezes, a operações epilingüísticas, MG demonstra dificuldades em proceder a processos inferenciais.

Sujeito 8 – ES

ES, sexo feminino, nascida em 03/03/1976, na cidade de Corbélia, no estado do Paraná, é casada, dona de casa, com escolaridade de segundo grau completo. ES não tem filhos e reside em Sumaré (SP). Em agosto de 2004, ES apresentou um quadro súbito de cefaléia de média intensidade associadas a parestesias e afasia. A tomografia computadorizada de crânio apresentou imagens sugestivas de AVC isquêmico em parte dos territórios superficial e profundo da artéria cerebral média esquerda. A ressonância magnética do crânio apresentou como achados AVC isquêmico com áreas de transformação hemorrágica no território da artéria cerebral média esquerda. Ao exame neurolinguístico, ES apresentou boa compreensão da linguagem oral e escrita com comprometimento da

linguagem espontânea no nível fonológico. ES apresenta uma afasia motora com hemiplegia à esquerda.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

1. COMENTÁRIOS GERAIS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS SOBRE OS PROVÉRBIOS PARODIADOS

Iniciamos este capítulo apresentando, primeiramente, alguns comentários gerais e algumas reações à paródia realizados pelos sujeitos afásicos e não afásicos quando da aplicação do PPP (em parênteses apresentamos os provérbios-origem).

Participaram desta pesquisa quatro sujeitos não afásicos na faixa etária de 50 a 70 anos, e oito sujeitos afásicos na faixa etária de 30 a 80 anos, com diferentes graus de escolaridade:

Sujeitos não afásicos

Sujeito CC: 64 anos, sexo feminino, nascida em Campinas (SP), casada, dona de casa, com escolaridade de segundo grau incompleto.

Sujeito FC: 64 anos, sexo masculino, nascido em Cambé (PR), casado, caminhoneiro aposentado, com escolaridade de primeiro grau incompleto.

Sujeito IG: 54 anos, sexo feminino, nascida em Cambé (PR), viúva, dona de casa, com escolaridade de segundo grau incompleto.

Sujeito AM: 57 anos, sexo masculino, nascido em Campinas (SP), casado, contador (curso técnico em Contabilidade), com escolaridade de segundo grau completo.

Sujeitos afásicos

Sujeito NS: 47 anos, sexo feminino, nascida em José Bonifácio (SP), casada, dona de casa, com escolaridade de primeiro grau incompleto.

Sujeito LM: 49 anos, sexo masculino, nascido em Borda da Mata (MG), casado, metalúrgico aposentado, com escolaridade de primeiro grau completo.

Sujeito MN: 79 anos, sexo feminino, nascida em Riveira da Espanha (Portugal), viúva, dona de casa, portuguesa, com escolaridade de primeiro grau incompleto.

Sujeito JM: 74 anos, sexo masculino, nascido em São Paulo (SP), casado, com escolaridade de segundo grau completo, cursos na área de vendas e administração.

Sujeito MS: 61 anos, sexo masculino, nascido em Campinas (SP), separado, professor de inglês, com escolaridade de terceiro grau completo em Letras.

Sujeito MH: 47 anos, sexo feminino, nascida em Bauru (SP), solteira, com escolaridade de segundo grau completo, com curso técnico em Contabilidade.

Sujeito MG: 59 anos, sexo feminino, nascida em Guapé (MG), solteira, agente de turismo aposentada, com escolaridade de segundo grau completo, com curso técnico em Contabilidade.

Sujeito ES: 31 anos, sexo feminino, nascida em Corbélia (PR), casada, com escolaridade de segundo grau completo.

Nos comentários e nas reações (verbais e não-verbais) dos sujeitos afásicos e não afásicos com relação à paródia, observamos movimentos comuns às duas populações sobre os efeitos de sentido em relação ao provérbio-origem. Observamos, também, ponderação e conduta argumentativa em relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado; concordância ou discordância em relação ao sentido do provérbio parodiado; reação de riso, de estranhamento, de dúvida em relação ao enunciado parodístico, o que demonstra percepção do sentido da paródia e da memória discursiva atinente ao provérbio-origem. Além disso, observamos, algumas vezes, a aceitação da “verdade” veiculada no provérbio parodiado, ainda que o sujeito recuse a forma parodiada como detentora de um estatuto de provérbio.

A seguir, apresentamos alguns dados e assinalamos em negrito os movimentos reflexivos e argumentativos realizados pelos sujeitos afásicos e não afásicos ao reagirem à paródia, conhecendo-a ou não, aceitando-a ou não, reinventando-a, ponderando sobre seus efeitos de sentido e sobre as modificações da forma com relação ao provérbio-origem.

“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (“Dinheiro não traz felicidade”)

(1)

LM: certo ... é ... é um ... **é um ditado** ((olhando para o protocolo))
--→ ((movimento de afirmação com a cabeça))
certo né?

(2)

MN: ... eu ... ((olhando para baixo)) **não conheço assim** ... mas se quer dizer ... ((olhando para a investigadora)) “O dinheiro não traz felicidade ... **mas costuma** ... mas ajuda a comprar” ... ((olhando para o protocolo))

(3)

MH: não ... traz sim ... **já ouvi já** ((olhando para a investigadora))

“Antes tarde do que mais tarde” (“Antes tarde do que nunca”)

(1)

IG: “Antes tarde do que mais tarde” **no::ssa** ((risos))

(2)

IG: “Antes tarde do que mais tarde” ... “Antes tarde do que nunca” ... antes você fazer tarde do que nunca fazer nada ... **esse eu acho engraçadinho** ... **mas não concordo muito com esse** ((risos))

(3)

MN: “Antes tarde do que mais tarde” do que mais tarde ... “Antes tarde do que mais tarde” ((lendo no protocolo)) ... **“Antes tarde do que nunca” que eu conheço** ((olhando para a investigadora))

“Quem ri por último, ri atrasado” (“Quem ri por último, ri melhor”)

(1)

CC: "Quem ri por último, ri atrasado" ... **não era assim** ... "Quem ri por último, ri melhor" ...

(2)

IG: "Quem ri por último, ri atrasado" ... **no::ssa** ... **tá diferente**

(3)

AM: é ... **não é bem assim** ... **eu conheço esse provérbio da seguinte maneira** ... "Quem ri por último, ri melhor"

(4)

NS: não atrasado não ... **é diferente** ... **eu sei mas diferente**

(5)

LM: ... "Quem ri por último ..." ... ((olhando para a investigadora))
agora ... atrasado
-----→ ((expressão de dúvida))

"Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão" ("Feliz foi Adão que não teve sogra")

(1)

LM: essa ... **essa daí é meio (11s)** ((olhando para o protocolo)) o que quer dizer ... ((olhando para a investigadora))

"Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo" ("Deus ajuda quem cedo madruga")

(1)

CC: **é: mas é** "... quem cedo madruga" ... "Deus ajuda quem cedo madruga" ... **mas eu vou por** ... fica com sono o dia inteiro ... **é verdade** ... o dia todo

(2)

IG: **não ... eu conheço ...** "Quem cedo madruga..." **mas não** é que fica com sono o dia todo ... **isso daqui é uma uma brincadeira ... na verdade é uma brincadeira ...**

(3)

MN: hum hum ... não ... "Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo" ... eu não ...

--→ ((movimento de negação com a cabeça))

essa parte nunca tinha visto

-----→ ((apontando para a parte do provérbio "... fica com sono o dia todo"))

"Depois do temporal vem o lamaçal" ("Depois do temporal vem a bonança")

(1)

FC: depois do temporal vem também o lamaçal **mas** ... "Depois do temporal vem a: a bonança"

(2)

MN: ((**movimento de negação com a cabeça**)) **eu não sei** "... temporal ... vem o lamaçal" ((olhando para a investigadora))

(3)

MH: **vixe Maria ((risos))** ((olhando para a investigadora))

"Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã" ("Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje")

(1)

CC: "Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã"? **não ... esse não** ... eu conheço "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje"

(2)

IG: "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje" ... **esse é comum né**

(3)

AM: não ... **não é bem assim** também que eu vejo esse provérbio ... **eu conheço assim** "Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje" ...

(4)

MS: ((risos)) ... **depois ... maravilha** ((olhando para a investigadora))
((risos))
"... depois de amanhã" ... ((olhando para o protocolo))
-----→ ((apontando para o provérbio))
não ... hoje ((olhando para a investigadora))
→ ((movimento de negação com a cabeça))

(5)

ES: não ... ((olhando para a investigadora)) e e eu ... **eu parecido com esse** ...
-> ((expressão de estranhamento))

"Quem tem boca vai ao dentista" ("Quem tem boca vai a Roma")

(1)

CC: com certeza ... **só que não é assim ... pra mim** é "Quem tem boca vai a Roma"

(2)

IG: **NOSSA** vai a Roma ... vai ... "Quem tem boca vai ... todo mundo tem boca ... todo mundo vai no dentista"

(3)

AM: é ... **eu conheço outra versão** ... é ... **geralmente é** ... "Quem tem boca vai a Roma"

(4)

MN: "Quem tem boca vai ao dentista" ... ((lendo no protocolo)) **não é é** ((olhando para a investigadora)) "Quem tem boca vai a Roma" ((lendo no protocolo)) ((olha para a investigadora))

"Quem canta seus males, espanta" ("Quem canta, seus males espanta")

(1)

IG: eu não canto seus males ... eu não canto meus males ... **tira essa vírgula daí** ((risos)) não tem necessidade dessa vírgula aqui ... **ela tá atrapalhando ... tá querendo dizer outra coisa aqui**

“Quem espera sempre cansa” (“Quem espera sempre alcança”)

(1)

CC: não ... **eu conheço assim** “Quem espera sempre alcança”

(2)

NS: **alcança ... a:::** ((risos)) ((olhando para a investigadora))

“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (“Quando um não quer, dois não brigam”)

(1)

CC: **não ... eu conheço** “Quando um não quer, dois não brigam”

(2)

IG: **não ... eu conheço um ... você misturou tudo aqui ... mudou muita coisa aqui ...** “Quando um não quer ...”

(3)

LM: hum ... é ... **um ditado certo né?**

“Quem ama o feio é cego” (“Quem ama o feio, bonito lhe parece”)

(1)

IG: ... **ai tá invertido ai** ((risos)) não tá? “Quem ama o feio...” **tá estranho isso...**

(2)

MH: "Quem ama ..." **como que é** ... "Quem ama o feio é cego" ((olhando para o protocolo)) ((olha para a investigadora))

"Os últimos serão desclassificados" ("Os últimos serão os primeiros")

(1)

CC: porque "Os últimos serão os primeiros" **não é?**

(2)

AM: ... é ... tem tem ... um ... **uma pequena alteração aqui** ... "Os últimos serão os primeiros"

(3)

JM: (18s) "Os os últimos ..." ((olhando para o protocolo)) ((movimento de negação com a cabeça)) **tá na ponta da ... da língua** ... (19s) ((olhando para frente))

"Quem vê cara não vê o resto" ("Quem vê cara não vê coração")

(1)

CC: ... **é aquele** "Quem vê cara não vê coração" **né** ... ?

(2)

MS: **não** ... ((risos)) ((olhando para a investigadora)) ai ...

→ ((movimento de negação com a cabeça))

"Quem vê cara ((olhando para o protocolo)) não vê coração" ((olhando para a investigadora))

"Quem dá aos pobres, empresta... adeus!" ("Quem dá aos pobres, empresta a Deus")

(1)

CC: conheço "Quem dá aos pobres ... empresta ... e adeus" ... **aqui tá diferente ... a vírgula aqui** ... você pode dar... uma esmola... "Quem dá aos pobres... empresta"... adeus dinheiro... não é?

(2)

IG: **é mas tá errado aqui** ... eu conheço "Quem dá aos pobres empresta a Deus"

(3)

AM: adeus ... não é ... **não tem sentido esse adeus não** ... que Deus escreve com letra maiúscula ... principalmente o início dela ... então não é adeus ... empresta ... a mais ... **um deus diferente do que tá aqui** ...

(4)

MN: ... é é ... eu não sei dizer ... "... empresta ... adeus!" ... **tinha que ter um a grande** ((olhando para o protocolo)) aqui ...
--→ ((apontando para a vogal a da palavra adeus no provérbio))
e **não tinha esses** ((olhando para o protocolo)) **pontinhos** ...
-----→ ((apontando para reticências do provérbio))

"Quem não tem cão não caça" ("Quem não tem cão caça com gato")

(1)

CC: **eu conheço outro** ... "Quem não tem cão caça com gato"

(2)

IG: "Quem não tem cão caça com gato" ... **é esse que é famoso né?**

2. QUADROS E ANÁLISE DOS DADOS DE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA APLICAÇÃO DO PROTOCOLO DE PROVÉRBIOS PARODIADOS (PROCEDIMENTOS 1 E 2)

Neste item apresentamos os quadros sinópticos relativos ao desempenho dos sujeitos frente ao Protocolo e alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos quanto ao reconhecimento ou não dos provérbios, bem como a explicitação do sentido veiculados pelos provérbios.

2.1. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS NÃO AFÁSICOS E COMENTÁRIOS GERAIS

Nos quadros numerados de 1 a 2, podemos observar o desempenho geral dos sujeitos não afásicos CC, FC, IG e AM frente ao Protocolo de Provérbios Parodiados.

2.1.1. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS NÃO AFÁSICOS NO PROCEDIMENTO 1

No quadro 1, podemos verificar o desempenho dos sujeitos não afásicos quanto ao reconhecimento ou não dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados do procedimento 1. Podemos, também, verificar a porcentagem relativa a cada provérbio-origem e cada provérbio parodiado, identificando quais provérbios foram reconhecidos por cada um dos sujeitos não afásicos.

Quadro 1

*Quadro 1 -
Reconhecimento dos Provérbios-origem e dos
Provérbios Parodiados*

Provérbios	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento	X	X	X	X	4	100%
2. Caiu na rede é peixe	X	X	X	X	4	100%
3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar		X		X	2	50%
4. A pressa é inimiga da perfeição	X	X	X	X	4	100%
5. Antes tarde do que mais tarde					0	0%
6. O amor é cego	X	X	X	X	4	100%
7. Quem ri por último, ri atrasado					0	0%
8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão	X	X		X	3	75%
9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher	X	X	X	X	4	100%
10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo		X			1	25%
TOTAL	6	8	5	7		

Podemos observar que os sujeitos não afásicos afirmaram conhecer todos os provérbios-origem deste procedimento. Com relação aos provérbios parodiados, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” é o provérbio mais conhecido, seguido do provérbio “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”. Os provérbios “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem ri por último, ri atrasado” não foram reconhecidos pelos sujeitos não afásicos, que afirmaram não conhecer nem um nem outro.

FC e AM foram os sujeitos que reconheceram um número maior de provérbios. O sujeito IG demonstrou reconhecer apenas os provérbios-origem, e o sujeito CC reconheceu

os provérbios-origem, bem como o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”.

No quadro 1.1, a seguir, podemos verificar quais os provérbios-origem e os provérbios parodiados do procedimento 1 tiveram seus sentidos explicitados pelos sujeitos não afásicos. Além disso, podemos verificar no quadro a porcentagem de explicitação do sentido de cada provérbio-origem e de cada provérbio parodiado, bem como quais provérbios cada um dos sujeitos não afásicos deixou de explicitar o sentido.

Quadro 1.1

Quadro 1.1 -
Explicitação do sentido dos provérbios

Provérbios	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento	X	X	X		3	75%
2. Caiu na rede é peixe		X	X	X	3	75%
3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar	X	X	X	X	4	100%
4. A pressa é inimiga da perfeição	X	X	X	X	4	100%
5. Antes tarde do que mais tarde	X		X		2	50%
6. O amor é cego	X		X	X	3	75%
7. Quem ri por último, ri atrasado			X		1	25%
8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão	X	X		X	3	75%
9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher	X	X	X	X	4	100%
10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo	X	X	X	X	4	100%
TOTAL	8	7	9	7		

Podemos observar que os sujeitos não afásicos apresentaram uma porcentagem alta de explicitação na maioria dos provérbios desse procedimento, e apenas nos provérbios parodiados “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem ri por último, ri atrasado” ocorreu uma porcentagem menor de explicitação do sentido. Esses provérbios parodiados também apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento por parte dos sujeitos não afásicos, como observamos no quadro 1. Já os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” apresentaram 100% de explicitação do sentido e uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos não afásicos.

Os sujeitos IG e CC apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido entre os sujeitos não afásicos, e os sujeitos FC e AM apresentaram uma porcentagem menor de explicitação do sentido. Com relação ao desempenho dos sujeitos não afásicos, ao reconhecerem os provérbios (quadro 1) e na explicitação do sentido (quadro 1.1) no procedimento 1, observamos que alguns sujeitos reconheceram alguns provérbios, embora não tenham explicitado o seu sentido. Com isso, observamos que o fato de conhecer o provérbio não implicou sempre a explicitação do seu sentido. Como exemplo disso, temos os provérbios “O amor é cego” e “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, em relação aos quais os sujeitos FC e AM, respectivamente, reconheceram os provérbios mas não explicitaram o seu sentido. Da mesma maneira, a explicitação do sentido dos provérbios não significa necessariamente que os sujeitos reconheceram os provérbios. Os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” são exemplo disso, pois os sujeitos CC e IG não reconheceram os provérbios, mas explicitaram seu sentido.

No quadro 1.2, podemos observar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados foram reconhecidos pelos sujeitos não afásicos no procedimento 1 e quais destes sujeitos os reconheceram.

Quadro 1.2

Quadro 1.2 -
Reconhecimento dos Provérbios-origem nos
enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Dinheiro não traz felicidade (Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar)	X		X		2	50%
2. Antes tarde do que nunca (Antes tarde do que mais tarde)	X	X	X	X	4	100%
3. Quem ri por último, ri melhor (Quem ri por último, ri atrasado)	X	X	X	X	4	100%
4. Feliz foi Adão que não teve sogra (Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão)			X		1	25%
5. Deus ajuda quem cedo madruga (Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo)	X	X	X		3	75%
TOTAL	4	3	5	2		

No quadro 1.2 acima, observamos que os provérbios-origem relativos aos enunciados parodiados “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor” foram reconhecidos por todos os sujeitos não afásicos. Esses são os provérbios-origem nos enunciados parodiados que os sujeitos não afásicos não reconheceram os provérbios parodiados “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem ri por último, ri atrasado” e que a maioria dos sujeitos não explicitou o sentido deles (quadro 1.1). O sujeito IG reconheceu todos os provérbios-origem nos enunciados parodiados e, como vimos no quadro 1, não reconheceu os provérbios parodiados desse procedimento.

Observamos, também, neste quadro que o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga” apresentou uma porcentagem maior de reconhecimento do que o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” (quadro 1). Os provérbios “Dinheiro não traz felicidade” e “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (quadro 1) apresentaram 50% de reconhecimento pelos sujeitos não afásicos, e o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” apresentou uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos do que o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve

sogra nem caminhão” (quadro 1). Esse resultado nos leva a considerar que os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” parecem estar em grau crescente de cristalização em nossa cultura, razão de serem reconhecidos e de apresentarem significativa estabilidade.

No quadro 1.3, podemos observar o desempenho dos sujeitos não afásicos na explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

Quadro 1.3

*Quadro 1.3 -
Explicitação do sentido dos Provérbios-origem
nos enunciados parodiados*

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Dinheiro não traz felicidade (Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar)			X		1	25%
2. Antes tarde do que nunca (Antes tarde do que mais tarde)			X	X	2	50%
3. Quem ri por último, ri melhor (Quem ri por último, ri atrasado)	X		X	X	3	75%
4. Feliz foi Adão que não teve sogra (Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão)				X	1	25%
5. Deus ajuda quem cedo madruga (Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo)			X		1	25%
TOTAL	1	0	4	3		

Observamos, no quadro acima, que os provérbios-origem “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor” apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos, assim como apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento (quadro 1.2). Entretanto, como já comentamos, conhecer o provérbio nem sempre foi condição para a explicitação do seu sentido, como

nos exemplos “Antes tarde do que nunca” e “Deus ajuda quem cedo madruga” que os sujeitos CC e FC reconheceram, mas não explicitaram o sentido. No caso em que houve reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados (quadro 1.2), ocorreu também a explicitação do sentido do provérbio-origem implicando no seu reconhecimento. Em outras palavras, todos os sujeitos não afásicos que explicitaram o sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados também reconheceram os provérbios-origem nestes enunciados (quadro 1.2).

Com relação aos provérbios parodiados, os provérbios “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido (quadro 1.1) do que os respectivos provérbios-origem.

O sujeito IG apresentou uma porcentagem maior de explicitação do sentido dos provérbios-origem, sendo que também reconheceu todos os provérbios-origem nos enunciados parodiados (quadro 1.2), e não reconheceu os provérbios parodiados conforme o quadro 1.

No procedimento 1, os provérbios-origem apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento e de explicitação do seu sentido; já os provérbios parodiados apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos não afásicos, o que não se aplica à explicitação do seu sentido por parte deles. Ou seja, conhecer e explicitar o sentido dos provérbios-origem parece indicar uma cristalização de sentido e do provérbio; não conhecer os provérbios parodiados, mas explicitar o seu sentido, parece implicar, de alguma forma, a cristalização do seu sentido.

Os provérbios-origem nos enunciados parodiados apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento e de explicitação do sentido nos provérbios parodiados que apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento e de explicitação do sentido. Isto é, não conhecer e não explicitar o sentido do provérbio parodiado parece implicar o reconhecimento e a explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, o que pode ser exemplificado pelos provérbios-origem “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor”.

De fato, o que parece estar em jogo no reconhecimento e/ou na explicitação do sentido dos provérbios é a questão da cristalização cultural dos provérbios (formal) e/ou a cristalização do sentido (discursiva) dos provérbios-origem e parodiados. É o que podemos observar, por exemplo, nos seguintes provérbios: i) os provérbios-origem “A pressa é inimiga da perfeição” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”; ii) os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”; iii) e os provérbios-origem nos enunciados parodiados “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor”.

Em suma, nos quadros de desempenho dos sujeitos não afásicos, observamos uma maior porcentagem de reconhecimento e de explicitação do sentido dos provérbios-origem “Caiu na rede é peixe”, “A pressa é inimiga da perfeição”, “O amor é cego” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. Também observamos uma porcentagem alta de reconhecimento e de explicitação do sentido em relação aos provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”; e dos provérbios-origem nos enunciados parodiados “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri atrasado”.

2.1.2. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS NÃO AFÁSICOS NO PROCEDIMENTO 2

No quadro 2, podemos verificar o desempenho geral dos sujeitos não afásicos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados do procedimento 2 do Protocolo de Provérbios Parodiados. Em outras palavras, podemos observar quais provérbios parodiados tiveram seu sentido explicitado pelos sujeitos não afásicos. Além disso, podemos verificar a porcentagem de explicitação do sentido de cada provérbio parodiado e de cada sujeito não afásico.

Quadro 2

Quadro 2 -
Explicitação do sentido dos Provérbios
Parodiados

Provérbios Parodiados	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Depois do temporal vem o lamaçal	X	X	X	X	4	100%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã		X	X	X	3	75%
3. Quem tem boca vai ao dentista	X	X	X	X	4	100%
4. Quem canta seus males, espanta	X		X	X	3	75%
5. Quem espera sempre cansa	X	X	X	X	4	100%
6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme	X	X	X	X	4	100%
7. Quem ama o feio é cego	X	X	X		3	75%
8. Os últimos serão desclassificados	X	X		X	3	75%
9. Quem vê cara não vê o resto		X			1	25%
10. Quem dá aos pobres, empresta...adeus!	X			X	2	50%
11. Quem não tem cão não caça	X	X	X	X	4	100%
TOTAL	9	9	8	9		

Podemos observar, no quadro 2 acima, que os sujeitos não afásicos apresentaram uma porcentagem menor de explicitação do sentido nos provérbios parodiados “Quem vê cara não vê o resto” e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”. Isso pode ter ocorrido por uma recusa do sentido veiculado nesses provérbios e/ou em função da alta cristalização dos provérbios-origem “Quem vê cara não vê coração” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”. O sujeito IG explicitou o sentido de um número menor de provérbios parodiados.

No quadro 2.1, podemos verificar o desempenho dos sujeitos não afásicos no reconhecimento dos provérbios parodiados. Dentre eles, alguns sujeitos afirmaram conhecer os provérbios parodiados.

Quadro 2.1

Quadro 2.1 -
Reconhecimento dos Provérbios Parodiados

Provérbios Parodiados	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Depois do temporal vem o lamaçal		X			1	25%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã					0	0%
3. Quem tem boca vai ao dentista					0	0%
4. Quem canta seus males, espanta					0	0%
5. Quem espera sempre cansa					0	0%
6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme						0%
7. Quem ama o feio é cego					0	0%
8. Os últimos serão desclassificados		X			1	25%
9. Quem vê cara não vê o resto					0	0%
10. Quem dá aos pobres, empresta...adeus!					0	0%
11. Quem não tem cão não caça					0	0%
TOTAL	0	2	0	0		

No quadro 2.1 acima, pudemos observar que apenas o sujeito FC afirmou conhecer alguns dos provérbios parodiados; os demais sujeitos não afásicos não conheceram os provérbios parodiados do procedimento 2.

Podemos concluir, a partir dos quadros 2 e 2.1, que não conhecer o provérbio parodiado parece não implicar a não explicitação do seu sentido.

No quadro 2.2, a seguir, podemos verificar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados foram reconhecidos pelos sujeitos não afásicos e quais provérbios cada um dos sujeitos comentou reconhecer. Além disso, podemos verificar a porcentagem de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados por cada um dos sujeitos não afásicos.

Quadro 2.2

Quadro 2.2 -
Reconhecimento dos Provérbios-origem nos
enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Depois o temporal vem a bonança (Depois do temporal vem o lamaçal)	X	X	X		3	75%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje (Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã)	X	X	X	X	4	100%
3. Quem tem boca vai a Roma (Quem tem boca vai ao dentista)	X	X	X	X	4	100%
4. Quem canta, seus males espanta (Quem canta seus males, espanta)	X	X	X	X	4	100%
5. Quem espera sempre alcança (Quem espera sempre cansa)	X	X	X	X	4	100%
6. Quando um não quer, dois não brigam (Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme)	X	X	X	X	4	100%
7. Quem ama o feio, bonito lhe parece (Quem ama o feio é cego)			X	X	2	50%
8. Os últimos serão os primeiros (Os últimos serão desclassificados)	X	X	X	X	4	100%
9. Quem vê cara não vê coração (Quem vê cara não vê o resto)	X		X	X	3	75%
10. Quem dá aos pobres, empresta a Deus (Quem dá aos pobres, empresta...adeus!)	X	X	X	X	4	100%
11. Quem não tem cão caça com gato (Quem não tem cão não caça)	X	X	X	X	4	100%
TOTAL	10	9	11	10		

Podemos observar, no quadro 2.2 acima, que os sujeitos não afásicos apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados dos seguintes provérbios: “Depois do temporal vem a bonança”, “Quem ama o feio, bonito lhe parece” e “Quem vê cara não vê coração”. No provérbio parodiado “Depois do temporal vem a bonança”, o sujeito AM lembrou a frase “Depois do temporal vem o vendaval”, e no provérbio “Quem vê cara não vê o resto” o sujeito FC lembrou o provérbio “Quem vê cara não vê coroa”. Já no provérbio “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, os

sujeitos não afásicos não se referiram a esse provérbio, eles lembraram o provérbio “Quem ama o feio, bonito é”. Esses provérbios-origem podem apresentar um menor grau de cristalização de sentido e de provérbio que os demais provérbios-origem nos enunciados parodiados desse procedimento, principalmente o provérbio “Quem ama o feio, bonito lhe parece”.

Os sujeitos CC, FC e AM não reconheceram alguns provérbios-origem nos enunciados parodiados e, entre esses sujeitos, o sujeito FC reconheceu um número menor de provérbios-origem nos enunciados parodiados.

No quadro 2.3, a seguir, podemos verificar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados tiveram o sentido explicitado pelos sujeitos não afásicos e quais sujeitos que explicitaram o sentido desses provérbios no procedimento 2. Além disso, podemos verificar a porcentagem de explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados por cada um dos sujeitos não afásicos.

Quadro 2.3

Quadro 2.3 -
Explicitação do sentido dos Provérbios-origem
nos enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Não Afásicos				TOTAL	%
	CC	FC	IG	AM		
1. Depois do temporal vem a bonança (Depois do temporal vem o lamaçal)	X	X	X		3	75%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje (Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã)	X	X	X	X	4	100%
3. Quem tem boca vai a Roma (Quem tem boca vai ao dentista)	X	X	X	X	4	100%
4. Quem canta, seus males espanta (Quem canta seus males, espanta)	X	X	X	X	4	100%
5. Quem espera sempre alcança (Quem espera sempre cansa)	X	X	X	X	4	100%
6. Quando um não quer, dois não brigam (Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme)	X	X	X	X	4	100%
7. Quem ama o feio, bonito lhe parece (Quem ama o feio é cego)				X	1	25%
8. Os últimos serão os primeiros (Os últimos serão desclassificados)					0	0%
9. Quem vê cara não vê coração (Quem vê cara não vê o resto)	X		X	X	3	75%
10. Quem dá aos pobres, empresta a Deus (Quem dá aos pobres, empresta...adeus!)		X	X		2	50%
11. Quem não tem cão caça com gato (Quem não tem cão não caça)		X		X	2	50%
TOTAL	7	8	8	8		

No quadro 2.3 acima, observamos que os sujeitos não afásicos não explicitaram o sentido do provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros”, mas todos reconheceram esse provérbio-origem no enunciado parodiado (quadro 2.2). Os provérbios-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” e “Quem não tem caça com gato” também apresentaram uma porcentagem menor de explicitação do sentido, sendo que todos os sujeitos não afásicos reconheceram os provérbios “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” e “Quem não tem cão caça com gato” (quadro 2.2). Neste procedimento,

todos os sujeitos que reconheceram os provérbios-origem nos enunciados parodiados também explicitaram o seu sentido, exceto no provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros” que, como já comentamos, foi reconhecido por todos os sujeitos não afásicos, não sendo seu sentido explicitado por nenhum deles.

Com relação à explicitação do sentido dos provérbios parodiados e dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, os sujeitos não afásicos apresentaram uma porcentagem maior de explicitação nos provérbios parodiados “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Quem ama o feio é cego”, “Os últimos serão desclassificados” e “Quem não tem cão não caça” do que nos respectivos provérbios-origem; e apresentaram uma porcentagem maior de explicitação nos provérbios-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem canta, seus males espanta” e “Quem vê cara não vê coração”.

Nos demais provérbios, ou seja, nos provérbios “Quem tem boca vai ao dentista” / “Quem tem boca vai a Roma”, “Quem espera sempre cansa” / “Quem espera sempre alcança”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” / “Quando um não quer, dois não brigam”, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” / “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” a porcentagem de explicitação do sentido foi igual nos provérbios parodiados e nos provérbios-origem nos enunciados parodiados. Os sujeitos não afásicos apresentaram 100% de explicitação do sentido nesses provérbios, exceto nos provérbios “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” / “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

Os provérbios parodiados com uma porcentagem maior de explicitação parecem apresentar um menor grau de metaforicidade e daí um número menor de inferências na explicitação do sentido; contudo, veiculam sentidos e valor pragmático cristalizado em nossa tradição cultural. Já os provérbios-origem com uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos parecem apresentar um maior grau de cristalização formal e discursiva em nossa cultura; assim, os respectivos provérbios parodiados parecem veicular sentidos que geralmente são recusados ou contestados pelos sujeitos.

Nos provérbios-origem e parodiados, em que a porcentagem de explicitação do sentido foi igual, parece haver um menor grau de metaforicidade e daí um número menor de inferências na explicitação do sentido, sendo que esses provérbios também veiculam

sentidos cristalizados em nossa cultura. Conseqüentemente, os respectivos provérbios-origem apresentam um forte grau de cristalização formal e discursiva na nossa cultura. Apenas nos provérbios “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” / “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, os sujeitos que explicitaram o sentido do provérbio parodiado não explicitaram o sentido do provérbio-origem.

De forma geral, o que parece estar em jogo na explicitação dos provérbios parodiados é a questão do sentido nele encerrado, que tem a ver com o seu grau de cristalização discursiva, e a questão do grau de cristalização formal e discursiva do respectivo provérbio-origem. Desse modo, reconhecer e/ou explicitar o sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados parece estar relacionado com o fato da cristalização dos provérbios-origem e do seu sentido.

Nos quadros 2 e 2.3, observamos que os sujeitos não afásicos apresentaram uma porcentagem maior de explicitação dos provérbios parodiados (quadro 2) do que dos provérbios-origem sem, no entanto, uma diferença significativa. Dessa forma, os sujeitos FC, IG e AM apresentaram uma porcentagem maior de explicitação nos provérbios-origem, e os sujeitos CC, FC e AM apresentaram uma porcentagem maior de explicitação nos provérbios parodiados.

Podemos considerar, a partir dos resultados dos sujeitos não afásicos apresentados nos quadros 2.2 e 2.3, que os provérbios-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem tem boca vai a Roma”, “Quem canta, seus males espanta”, “Quem espera sempre alcança” e “Quando um não quer, dois não brigam” apresentam alta cristalização formal e discursiva na nossa cultura, já que todos os sujeitos não afásicos reconheceram e explicitaram o sentido destes provérbios.

2.2. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS AFÁSICOS E COMENTÁRIOS GERAIS

Nos quadros numerados de 3 a 4, podemos observar o desempenho geral dos sujeitos afásicos NS, LM, MN, JM, MS, MG, MG e ES frente ao Protocolo de Provérbios Parodiados.

2.2.1. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS AFÁSICOS NO PROCEDIMENTO 1

No quadro 3, podemos verificar o desempenho dos sujeitos afásicos quanto ao reconhecimento ou não dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados do procedimento 1. Podemos também verificar a porcentagem relativa a cada provérbio-origem e a cada provérbio parodiado, identificando quais provérbios foram reconhecidos por cada um dos sujeitos afásicos.

Quadro 3

Quadro 3 -
Reconhecimento dos Provérbios-origem e dos
Provérbios Parodiados

Provérbios	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento	X	X	X	X	X		X	X	7	87,5%
2. Caiu na rede é peixe	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar	X	X		X	X	X	X	X	7	87,5%
4. A pressa é inimiga da perfeição	X	X	X	X	X		X	X	7	87,5%
5. Antes tarde do que mais tarde				X					1	12,5%
6. O amor é cego	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
7. Quem ri por último, ri atrasado								X	1	12,5%
8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão							X		1	12,5%
9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo	X							X	2	25%
TOTAL	7	6	5	7	6	4	7	8		

Observamos, no quadro 3 acima, que os sujeitos afásicos conheceram mais os provérbios-origem do que os provérbios parodiados. Os provérbios-origem “Caiu na rede é peixe”, “O amor é cego” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” foram reconhecidos por todos os sujeitos afásicos. Com relação aos provérbios parodiados do procedimento 1, os sujeitos afásicos apresentaram uma porcentagem maior de

reconhecimento do provérbio “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”. Já os demais provérbios parodiados apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos afásicos.

O sujeito ES reconheceu uma porcentagem maior dos provérbios desse procedimento entre os sujeitos afásicos, e os sujeitos NS, JM e MG apresentaram um resultado próximo de ES. Já os sujeitos MN e MH apresentaram uma porcentagem menor no reconhecimento dos provérbios desse procedimento. O sujeito MN reconheceu apenas os provérbios-origem e não reconheceu os provérbios parodiados (assim como o sujeito não afásico IG); já os sujeitos LM, MS e MH afirmaram conhecer apenas o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, dentre os provérbios parodiados.

No quadro 3.1, a seguir, podemos verificar quais os provérbios-origem e os provérbios parodiados do procedimento 1 tiveram seus sentidos explicitados pelos sujeitos afásicos. Além disso, podemos verificar no quadro a porcentagem de explicitação do sentido de cada provérbio-origem e de cada provérbio parodiado, bem como quais provérbios cada um dos sujeitos afásicos deixou de explicitar o sentido.

Quadro 3.1

Quadro 3.1 -
Explicitação do sentido dos provérbios

Provérbios	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento			X		X			X	3	37,5%
2. Caiu na rede é peixe	X	X		X	X			X	5	62,5%
3. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar		X	X		X		X	X	5	62,5%
4. A pressa é inimiga da perfeição	X	X	X	X	X		X	X	7	87,5%
5. Antes tarde do que mais tarde		X	X		X				3	37,5%
6. O amor é cego		X	X	X	X			X	5	62,5%
7. Quem ri por último, ri atrasado									0	0%
8. Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão			X				X	X	3	37,5%
9. Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher	X	X	X		X	X	X	X	7	87,5%
10. Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo	X	X		X	X		X	X	6	75%
TOTAL	4	7	7	4	8	1	5	8		

Podemos observar que os sujeitos afásicos apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido para a maioria dos provérbios-origem desse procedimento e para os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” (o que também observamos no quadro 1.2 dos sujeitos não afásicos). Dentre os provérbios parodiados, “Antes tarde do que mais tarde”, “Quem ri por último, ri atrasado” e “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” apresentaram

uma menor porcentagem de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos (o que também observamos no quadro 1.2 dos sujeitos não afásicos, com exceção do provérbio “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”). Esses provérbios parodiados também foram os provérbios menos reconhecidos pelos sujeitos afásicos, como observamos no quadro 3.

Os sujeitos MS, ES, LM e MN apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido dos provérbios entre os sujeitos afásicos, e o sujeito MH apresentou uma porcentagem menor de explicitação do sentido dos provérbios nesse procedimento.

Com relação ao desempenho dos sujeitos quanto a reconhecerem ou não os provérbios (quadro 3) e a explicitar o sentido dos provérbios (quadro 3.1) do procedimento 1, observamos, nos quadros de desempenho, que alguns sujeitos reconheceram determinados provérbios, mas não explicitaram o seu sentido, ou seja, o fato de conhecer o provérbio não implicou sempre a explicitação do seu sentido. Como exemplo, têm-se os sujeitos NS, LM, JM e MG que afirmaram conhecer o provérbio-origem “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, mas não explicitaram o seu sentido. Da mesma forma, a explicitação do sentido dos provérbios não implicou necessariamente conhecer os provérbios, como aconteceu com os sujeitos LM, JM, MS e MG que não reconheceram o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, mas explicitaram o sentido desse provérbio.

No quadro 3.2, podemos verificar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados foram reconhecidos pelos sujeitos afásicos no procedimento 1 e quais sujeitos afásicos os reconheceram.

Quadro 3.2

Quadro 3.2 -
Reconhecimento dos Provérbios-origem nos
enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios parodiados)	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Dinheiro não traz felicidade (Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar)	X	X			X			X	4	50%
2. Antes tarde do que nunca (Antes tarde do que mais tarde)		X	X	X	X		X	X	6	75%
3. Quem ri por último, ri melhor (Quem ri por último, ri atrasado)	X	X		X	X	X		X	6	75%
4. Feliz foi Adão que não teve sogra (Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão)		X	X	X	X				4	50%
5. Deus ajuda quem cedo madruga (Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo)		X	X	X	X		X		5	62,5%
TOTAL	2	5	3	4	5	1	2	3		

No quadro 3.2 acima, observamos que os provérbios-origem mais reconhecidos nos enunciados parodiados pelos sujeitos afásicos foram: “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor” (como observamos também no quadro 1.2 dos sujeitos não afásicos). Esses são os provérbios-origem nos enunciados parodiados que os sujeitos afásicos apresentaram porcentagem menor de reconhecimento em “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem ri por último, ri atrasado” e de explicitação do sentido (quadro 3.1).

Já os provérbios-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” e “Deus ajuda quem cedo madruga” apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento do que os respectivos provérbios parodiados (quadro 3); e os provérbios parodiados apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do seu sentido (quadro 3.1) do que de

reconhecimento (quadro 3). Apenas o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade” teve uma porcentagem menor de reconhecimento e de explicitação do sentido do que o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (quadro 1), com uma porcentagem maior de reconhecimento (quadro 3) e de explicitação do sentido (quadro 3.1).

Podemos dizer que os provérbios-origem “Antes tarde do que nunca”, “Quem ri por último, ri melhor”, “Feliz foi Adão que não teve sogra” e “Deus ajuda quem cedo madruga” e o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (quadro 3) parecem apresentar uma cristalização de sentido e de provérbio, pois apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento.

Os sujeitos afásicos LM e MS apresentaram uma porcentagem maior no reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados e os sujeitos NS e MH apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

No quadro 3.3, podemos observar o desempenho dos sujeitos afásicos na explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

Quadro 3.3

Quadro 3.3 -
Explicitação do sentido dos Provérbios-origem
nos enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios parodiados)	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Dinheiro não traz felicidade (Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar)				X				X	2	25%
2. Antes tarde do que nunca (Antes tarde do que mais tarde)		X	X		X		X		4	50%
3. Quem ri por último, ri melhor (Quem ri por último, ri atrasado)	X				X			X	3	37,5%
4. Feliz foi Adão que não teve sogra (Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão)		X		X					2	25%
5. Deus ajuda quem cedo madruga (Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo)		X	X						2	25%
TOTAL	1	3	2	2	2	0	1	2		

Observamos, no quadro 3.3 acima, que os provérbios-origem “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor” apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos, assim como apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento (quadro 3.2). Entretanto, como já comentamos, conhecer o provérbio nem sempre implicou a explicitação do seu sentido, como atestam os provérbios “Feliz foi Adão que não teve sogra” e “Deus ajuda quem cedo madruga”. Esses provérbios foram reconhecidos pelos sujeitos MS e MG (quadro 3.2), sendo que eles não explicitaram o sentido. No caso de reconhecer os provérbios-origem nos enunciados parodiados, parece que explicitar o seu sentido implicou reconhecer os provérbios-origem nos enunciados parodiados, pois todos os sujeitos afásicos que explicitaram o sentido dos provérbios-

origem nos enunciados parodiados também reconheceram os provérbios-origem nos enunciados parodiados (quadro 3.2), com exceção do sujeito afásico JM que não reconheceu o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade” (quadro 3.2), mas explicitou o seu sentido.

Os provérbios parodiados “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos (quadro 3.1) do que os respectivos provérbios-origem, o que também observamos nos quadros 1.1 e 1.3 dos sujeitos não afásicos.

O sujeito LM apresentou uma porcentagem maior de explicitação do sentido desses provérbios e os sujeitos MH, NS e MG apresentaram uma porcentagem menor de explicitação.

Neste procedimento, os sujeitos afásicos reconheceram os provérbios mais do que explicitaram o seu sentido. Observamos, nos provérbios-origem, uma porcentagem maior de reconhecimento e de explicitação do seu sentido nos provérbios parodiados que apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos afásicos, mas não necessariamente de explicitação do seu sentido, como nos provérbios “Antes tarde do que mais tarde”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”. Isto é, reconhecer e explicitar o sentido dos provérbios-origem parece indicar uma cristalização de sentido e de provérbio, e não reconhecer os provérbios parodiados, mas explicitar o seu sentido, parece implicar o grau de cristalização do seu sentido.

Com relação aos provérbios-origem nos enunciados parodiados, eles obtiveram porcentagem maior de reconhecimento pelos sujeitos afásicos nos provérbios parodiados que apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento e de explicitação do sentido, exceto o provérbio “Dinheiro não traz felicidade”. Portanto, não reconhecer e não explicitar o sentido do provérbio parodiado parece indicar uma porcentagem maior de reconhecimento e de explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

O que parece estar em jogo na afirmação de conhecer e/ou na explicitação do sentido dos provérbios é a questão da cristalização cultural dos provérbios e/ou a cristalização do sentido dos provérbios-origem e parodiados. Isso podemos observar, por exemplo, nos quadros de desempenho dos sujeitos afásicos nos seguintes provérbios: i) nos provérbios-origem “A pressa é inimiga da perfeição” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”; ii) no provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”; e iii) nos provérbios-origem nos enunciados parodiados “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor”; o que observamos, também, nos quadros de desempenho dos sujeitos não afásicos (exceto em relação ao provérbio “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” para o qual os sujeitos não afásicos também apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento).

Em resumo, nos quadros de desempenho dos sujeitos afásicos observamos uma maior porcentagem de reconhecimento e de explicitação do sentido dos provérbios-origem “Caiu na rede é peixe”, “A pressa é inimiga da perfeição”, “O amor é cego” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”; do provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”; e do provérbio-origem no enunciado parodiado “Antes tarde do que nunca”. Da mesma maneira, observamos nos quadros de desempenho dos sujeitos não afásicos, exceto nos provérbios “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Quem ri por último, ri atrasado”, em que os sujeitos não afásicos também apresentaram uma porcentagem maior de reconhecimento e de explicitação do sentido.

2.2.2. QUADROS DO DESEMPENHO DOS SUJEITOS AFÁSICOS NO PROCEDIMENTO 2

No quadro 4, podemos verificar o desempenho geral dos sujeitos afásicos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados do procedimento 2 do Protocolo de Provérbios Parodiados. Em outras palavras, podemos observar quais provérbios parodiados tiveram seu sentido explicitado pelos sujeitos afásicos. Além disso, podemos verificar a porcentagem de explicitação do sentido de cada provérbio parodiado relativo a cada sujeito afásico.

Quadro 4

Quadro 4 -
Explicitação do sentido dos Provérbios
Parodiados

Provérbios Parodiados	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Depois do temporal vem o lamaçal		X	X	X		X	X	X	6	75%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã	X		X	X	X		X		5	62,5%
3. Quem tem boca vai ao dentista	X	X		X	X	X	X		6	75%
4. Quem canta seus males, espanta								X	1	12,5%
5. Quem espera sempre cansa		X	X	X	X		X	X	6	75%
6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme									0	0%
7. Quem ama o feio é cego				X	X			X	3	37,5%
8. Os últimos serão desclassificados		X	X	X			X		4	50%
9. Quem vê cara não vê o resto							X		1	12,5%
10. Quem dá aos pobres, empresta...adeus!	X							X	2	25%
11. Quem não tem cão não caça	X		X	X	X		X		5	62,5%
TOTAL	4	4	5	7	5	2	7	5		

Podemos observar, no quadro 4 acima, que os sujeitos afásicos apresentaram uma porcentagem menor de explicitação do sentido nos provérbios parodiados “Quem canta seus males, espanta”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, “Quem vê cara não vê o resto” e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”. Isso pode ter ocorrido por uma recusa do sentido veiculado nesses provérbios parodiados e/ou por uma cristalização do sentido e dos provérbios-origem “Quem canta, seus males espanta”, “Quando um não quer, dois não brigam”, “Quem vê cara não vê coração” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

Os sujeitos afásicos JM e MG explicitaram o sentido de um maior número de provérbios parodiados e os sujeitos MH, NS e LM explicitaram o sentido de um número menor de provérbios parodiados.

No quadro 4.1 podemos verificar o desempenho dos sujeitos afásicos no reconhecimento dos provérbios parodiados. Dentre eles, alguns sujeitos comentaram conhecer os provérbios parodiados.

Quadro 4.1

Quadro 4.1.-
Reconhecimento dos Provérbios Parodiados

Provérbios Parodiados	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Depois do temporal vem o lamaçal									0	0%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã									0	0%
3. Quem tem boca vai ao dentista									0	0%
4. Quem canta seus males, espanta									0	0%
5. Quem espera sempre cansa	X	X						X	3	37,5%
6. Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme		X						X	2	25%
7. Quem ama o feio é cego									0	0%
8. Os últimos serão desclassificados									0	0%
9. Quem vê cara não vê o resto				X						12,5%
10. Quem dá aos pobres, empresta...adeus!								X	1	12,5%
11. Quem não tem cão não caça				X					1	12,5%
TOTAL	1	2	0	2	0	0	0	3		

Podemos observar, no quadro 4.1 acima, que os provérbios parodiados “Quem espera sempre cansa” e “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” foram reconhecidos por alguns sujeitos afásicos e os provérbios parodiados “Quem vê cara não vê o resto”, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” e “Quem não tem cão não caça” foram

reconhecidos por um sujeito afásico. Os sujeitos afásicos não reconheceram ou não comentaram reconhecer os provérbios parodiados.

Podemos concluir, a partir dos quadros 4 e 4.1, que não conhecer o provérbio parodiado parece não implicar a não explicitação do seu sentido.

No quadro 4.2, a seguir, podemos verificar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados foram reconhecidos pelos sujeitos afásicos e quais provérbios cada um dos sujeitos reconheceu. Além disso, podemos verificar a porcentagem de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados por cada um dos sujeitos afásicos.

Quadro 4.2

Quadro 4.2.-

Reconhecimento dos Provérbios-origem nos enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%)
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Depois do temporal vem a bonança (Depois do temporal vem o lamaçal)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje (Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã)	X	X	X	X	X		X	X	7	87,5%
3. Quem tem boca vai a Roma (Quem tem boca vai ao dentista)	X	X	X		X	X	X	X	7	87,5%
4. Quem canta, seus males espanta (Quem canta seus males, espanta)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
5. Quem espera sempre alcança (Quem espera sempre cansa)	X	X	X	X			X	X	6	75%
6. Quando um não quer, dois não brigam (Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
7. Quem ama o feio, bonito lhe parece (Quem ama o feio é cego)			X	X	X		X	X	5	62,5%
8. Os últimos serão os primeiros (Os últimos serão desclassificados)		X	X	X	X		X	X	6	75%
9. Quem vê cara não vê coração (Quem vê cara não vê o resto)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
10. Quem dá aos pobres, empresta a Deus (Quem dá aos pobres, empresta... adeus!)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
11. Quem não tem cão caça com gato (Quem não tem cão não caça)	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100%
TOTAL	9	10	11	10	10	7	11	11		

Podemos observar, no quadro 4.2 acima, que os sujeitos afásicos apresentaram uma porcentagem menor de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados: “Quem espera sempre alcança”, “Quem ama o feio, bonito lhe parece” e “Os últimos serão os primeiros”. Esses provérbios-origem podem apresentar um menor grau de cristalização de sentido que os demais provérbios-origem nos enunciados parodiados desse procedimento (como observamos também no quadro 2.2 dos sujeitos não afásicos).

Os sujeitos NS, LM, JM, MS e MH não reconheceram alguns provérbios-origem nos enunciados parodiados e, dentre esses sujeitos, o sujeito MH reconheceu um número menor de provérbios-origem nos enunciados parodiados.

No quadro 4.3, a seguir, podemos verificar quais provérbios-origem nos enunciados parodiados tiveram o sentido explicitado pelos sujeitos afásicos e quais sujeitos explicitaram o sentido desses provérbios. Além disso, podemos verificar a porcentagem de explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados e por cada um dos sujeitos afásicos.

Quadro 4.3

Quadro 4.3. –
Explicitação do sentido dos Provérbios-origem nos enunciados parodiados

Provérbios-origem (Provérbios Parodiados)	Sujeitos Afásicos								TOTAL	%
	NS	LM	MN	JM	MS	MH	MG	ES		
1. Depois do temporal vem a bonança (Depois do temporal vem o lamaçal)	X			X	X			X	4	50%
2. Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje (Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã)		X	X	X	X	X	X	X	7	87,5%
3. Quem tem boca vai a Roma (Quem tem boca vai ao dentista)	X	X	X		X		X	X	6	75%
4. Quem canta, seus males espanta (Quem canta seus males, espanta)	X	X	X	X	X		X	X	7	87,5%
5. Quem espera sempre alcança (Quem espera sempre cansa)	X	X		X			X	X	5	62,5%
6. Quando um não quer, dois não brigam (Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme)	X	X							2	25%
7. Quem ama o feio, bonito lhe parece (Quem ama o feio é cego)			X		X			X	3	37,5%
8. Os últimos serão os primeiros (Os últimos serão desclassificados)		X						X	2	25%
9. Quem vê cara não vê coração (Quem vê cara não vê o resto)	X	X	X		X			X	5	62,5%
10. Quem dá aos pobres, empresta a Deus (Quem dá aos pobres, empresta... adeus!)	X		X	X	X		X	X	6	75%
11. Quem não tem cão caça com gato (Quem não tem cão não caça)	X	X			X			X	4	50%
TOTAL	8	8	6	5	8	1	5	10		

No quadro 4.3 acima, observamos que ocorreu um número menor de explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados: “Depois do temporal vem a bonança”, “Quando um não quer, dois não brigam”, “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, “Os últimos serão os primeiros” e “Quem não tem cão caça com gato”; sendo que o provérbio “Quem ama o feio, bonito lhe parece” apresentou também uma porcentagem menor de reconhecimento pelos sujeitos afásicos. Entretanto, todos os sujeitos afásicos reconheceram os provérbios-origem “Depois do temporal vem a bonança”, “Quando um não quer, dois não brigam” e “Quem não tem cão caça com gato” (quadro 4.2).

Nos quadros 4.2 e 4.3, observamos que os sujeitos afásicos que não reconheceram os provérbios-origem nos enunciados parodiados não explicitaram o sentido deles, exceto o sujeito MH, que não reconheceu o provérbio “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer hoje”, mas explicitou o seu sentido.

Com relação à explicitação do sentido dos provérbios parodiados e dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, os sujeitos afásicos apresentaram uma porcentagem maior de explicitação dos provérbios “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Quem espera sempre cansa”, “Quem ama o feio é cego”, “Os últimos serão desclassificados” e “Quem não tem cão não caça” (quadro 4) do que dos respectivos provérbios-origem; contudo apresentaram uma porcentagem maior de explicitação dos provérbios-origem “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer hoje”, “Quem canta, seus males espanta”, “Quando um não quer, dois não brigam”, “Quem vê cara não vê coração” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”. Para os provérbios “Quem tem boca vai ao dentista” / “Quem tem boca vai a Roma”, a porcentagem de explicitação do sentido foi igual (quadro 4).

Os provérbios parodiados com uma porcentagem maior de explicitação e o provérbio “Quem tem boca vai ao dentista”, em que a porcentagem de explicitação do sentido foi igual ao do provérbio-origem, parecem apresentar um menor grau de metaforicidade e, daí, um número menor de inferências na explicitação do sentido, embora também apresentem o sentido de uma “verdade” presente na nossa cultura. Já os provérbios-origem, com uma porcentagem maior de explicitação do sentido, realizada pelos

sujeitos afásicos, parecem apresentar um maior grau de cristalização formal e discursiva em nossa cultura.

Ocorreu um resultado semelhante nos quadros dos sujeitos afásicos em relação aos quadros de desempenho dos sujeitos não afásicos nos provérbios parodiados “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Quem ama o feio é cego”, “Os últimos serão desclassificados” e “Quem não tem cão não caça”; e nos provérbios-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem canta, seus males espanta” e “Quem vê cara não vê coração”; e nos provérbios-origem e parodiado “Quem tem boca vai ao dentista” / “Quem tem boca vai a Roma”.

Como já comentamos em relação aos dados dos sujeitos não afásicos e também dos sujeitos afásicos, de forma geral, o que parece estar em jogo na explicitação do sentido dos provérbios parodiados é a questão do sentido do provérbio parodiado, que tem a ver com o grau de cristalização do sentido (discursiva) do provérbio parodiado e com o grau de cristalização formal e discursiva do provérbio-origem. Além disso, o grau de cristalização formal e discursiva dos respectivos provérbios-origem parece interferir nesse processo. Observamos também nos resultados apresentados nos quadros que reconhecer e/ou explicitar o sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados parece estar relacionado com a cristalização dos provérbios-origem e do seu sentido.

Os sujeitos afásicos ES, NS, LM e MS apresentaram maior porcentagem de explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, enquanto que os sujeitos MH, NS e LM apresentaram baixa porcentagem de explicitação do sentido dos provérbios parodiados (quadro 4).

Podemos considerar, a partir dos resultados dos sujeitos afásicos apresentados nos quadros 4.2 e 4.3, que os provérbios “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem tem boca vai a Roma”, “Quem canta, seus males espanta” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” apresentam forte cristalização de sentido, já que a maioria dos sujeitos afásicos reconheceu os provérbios e explicitou o sentido deles, o que também é demonstrado pelos dados dos sujeitos não afásicos quanto aos provérbios “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem tem boca vai a Roma” e “Quem canta, seus males espanta”.

2.3. ANÁLISE DOS DADOS DA EXPLICITAÇÃO DO SENTIDO DOS PROVÉRBIOS POR AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS (PROCEDIMENTOS 1 E 2)

Neste item, apresentamos a análise de alguns dados mais representativos dos sujeitos afásicos e não afásicos que indicam as tendências dos sujeitos que participaram da pesquisa no reconhecimento do sentido veiculado nos provérbios e na explicitação do sentido dos provérbios realizada pelos sujeitos nos procedimentos do PPP. Em parênteses, estão os provérbios-origem nos enunciados parodiados.

PROCEDIMENTO 1

1. “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos IG e AM reconheceram esse provérbio, explicitaram o sentido nele veiculado e concordaram com ele, como podemos ver nos dados, a seguir:

IG: o que elas querem dizer ... é:: porque a pessoa só representa por fora ... ela mostra uma coisa e por dentro não é nada daquilo ... não é?

AM: quer dizer que tem uma coisa bela por fora e por dentro ... uma coisa péssima ... uma coisa podre .. uma coisa que não ... não diz com o início do provérbio

No dado do sujeito IG, podemos observar que ele fez uso de uma forma de menção “o que elas querem dizer”, de quando as pessoas usam o provérbio, para explicitar o sentido do provérbio. IG fez também uma pausa e um prolongamento de vogal, o que indica um planejamento e uma verbalização sobre o que se quer dizer “em se fazendo”, uma reflexividade sobre a linguagem e sobre o sentido do provérbio.

O sujeito AM explicitou o sentido do provérbio de outra forma, comparando a segunda parte do provérbio com a explicação que fez da primeira parte (“*coisa bela por*

fora”), dando relevo a partes do enunciado para orientar o interlocutor na construção do sentido. Esses são movimentos reflexivos realizados pelos sujeitos IG e AM na interpretação do sentido dos provérbios.

Sujeitos afásicos

A seguir, podemos observar a explicitação do sentido do provérbio “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” realizada pelo sujeito afásico MS, de modo a mostrar concordância com o sentido veiculado neste provérbio. MS também afirmou conhecer esse provérbio.

MS: não ... ah é ... é “... fora bela viola ...” muito ...
--→ ((gesto com a
mão))
“... por dentro ... hum ... pão bolorento” ((olhando para a
investigadora)) *→* ((gesto de cheiro ruim com os dedos fechando
o nariz))

Neste dado, podemos observar que MS fez uso das palavras presentes no provérbio acrescentando outras juntamente com o uso de gestos para explicitar o sentido. Para explicar a primeira parte do provérbio, “Por fora bela viola...”, MS fez uso da palavra muito com o gesto com a mão direita indicando “muito”. Para explicar a segunda parte do provérbio, “... por dentro pão bolorento”, ele usou a expressão “hum” com uma prosódia, expressão facial e o gesto de fechar as narinas, de modo a indicar cheiro ruim. Os gestos que acompanharam a fala e a mudança de prosódia são indicadores da interpretação e da explicitação do sentido realizadas por MS neste provérbio.

MS explicitou o sentido do provérbio “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” de maneira diferente dos sujeitos não afásicos, como IG e AM, mas sem deixar de explicitar o sentido veiculado nesse provérbio. Os gestos e a prosódia de MS são constitutivos do processo de significação e da construção do sentido que se caracterizam por uma “postura meta-enunciativa” e pela subjetividade envolvidas no trabalho lingüístico-cognitivo de interpretação de provérbios nas situações interativas.

MS apresenta dificuldades importantes de acesso ou de processamento lexical, que poderiam indicar alteração da compreensão da fala se ele não apresentasse os gestos e a prosódia como constitutivos da explicitação do sentido do provérbio. Pudemos observar aqui relações entre linguagem e outros processos semióticos que mostram as formas solidárias de inteligibilidade no mundo, isto é, as relações entre língua e exterioridade.

2. “Caiu na rede é peixe”

Sujeitos não afásicos

Com relação a esse provérbio, o sujeito AM afirmou conhecê-lo e reconheceu um sentido implícito de que “Caiu na rede é peixe” pode ser cair numa armadilha, como podemos observar no dado a seguir. Entretanto, o sentido desse provérbio está mais relacionado ao aproveitamento de uma oportunidade, e não de cair numa armadilha, como considerou AM. Vejamos o dado:

AM: quer dizer o seguinte ... que a pessoa quando cai numa armadilha ... é que nem o peixe quando cai numa rede ...

Esse sentido dado por AM pode ser considerado a depender da situação de uso, mas o sentido cristalizado culturalmente desse provérbio é o sentido de aproveitar a oportunidade oferecida. Já os sujeitos afásicos LM e MS explicitaram esse sentido cristalizado de acordo com a grade interpretativa esperada, demonstrando um reconhecimento lingüístico, referencial e cultural implicados neste provérbio.

Sujeitos afásicos

Os sujeitos LM e MS afirmaram conhecer esse provérbio e podemos observar, a seguir, a explicitação do sentido do provérbio “Caiu na rede é peixe” realizada por eles. Eles explicitaram o sentido desse provérbio apresentando várias pausas, principalmente o

sujeito MS. Essas pausas parecem ocorrer a fim da organização, do planejamento do que se quer dizer, do que se quer explicitar ao interlocutor para ser compreendido.

O sujeito LM explicitou o sentido do provérbio indicando a interpretação do elemento metafórico contido nele. Vejamos o dado, a seguir:

LM: é ... esse aqui ... "Caiu na rede é peixe" é: ((olhando para o protocolo)) ... a pessoa que ... não ... é: não dispensa nada ((olhando para a investigadora))

A seguir, podemos observar o dado de MS na explicitação do sentido desse provérbio:

MS: "... na rede" ... é é é ... é é é ((olhando para a investigadora))
--→ ((apontando para ele))
"Caiu na rede é peixe" ... não ah ... ah ... ah ... ah ... "Caiu na rede
...." não ... a a ... menos ... menos ... ((olhando para a
investigadora)) *-----→* ((gesto com a mão
direita espalmada para baixo repetidas vezes indicando menos))
INV: porque tudo era "Caiu na rede é peixe" ...
MS: isso ... isso ... ah ah ah ...
-----→ ((movimento de afirmação com a cabeça))
eu ... acho acho que ...
* ((apontando para ele mesmo))
"Caiu na rede é peixe" ... mulher ((aponta com a mão para a
investigadora)) ((olhando para a investigadora))

Como observamos, o sujeito MS também explicitou o sentido do provérbio "Caiu na rede é peixe" comentando que: "*não a ... a ... a ... a ... 'Caiu na rede' não ... a a... menos... menos*", juntamente com um gesto com a mão indicando "menos" ao mesmo tempo em que evoca a palavra menos. A investigadora, então, introduziu um comentário solicitando um esclarecimento de MS sobre o que ele estava pretendendo dizer. Posteriormente, MS comentou que: "*Caiu na rede é peixe'... mulher*" e apontou para a investigadora. Aqui, MS indica o caráter metafórico da expressão fazendo remissão ao caráter conquistador do homem, que não deixa escapar uma mulher (sentido este veiculado na marchinha de Carnaval "Caiu na rede" que diz: "Caiu na rede é peixe, eu não posso bobear. A maré tá cheia. Cheia de sereia no anzol, querendo se enfiar")¹⁸.

¹⁸ Letra retirada do sítio da Internet: www.letras.terra.com.br/marchinhas-de-carnaval/497939 (19/06/2008).

MS explicitou o sentido do provérbio considerando o sentido de aproveitar a oportunidade quando surgir uma mulher, mas é melhor, em sua opinião, “*menos... menos*”. MS apresentou uma exemplificação com relação ao sentido do provérbio, ou seja, com relação ao sentido de aproveitar a oportunidade para precisar melhor o que quis dizer e facilitar a compreensão do seu interlocutor.

Os gestos e o movimento de cabeça que MS fez na explicitação do sentido são constituintes da construção do sentido, demonstrando diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem, e atuam no processo de significação na interpretação dos provérbios.

3. “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (“Dinheiro não traz felicidade”)

Sujeitos não afásicos

No dado a seguir, podemos observar que o sujeito CC reconheceu o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade” e concordou com o sentido nele veiculado, mas também considerou que “*ele completa*” (o dinheiro). CC também concordou com o sentido do provérbio parodiado e considerou que: “*ele traz felicidade sim ... não é uma coisa que completa ... mas ele ajuda*”.

Neste dado, CC comentou não conhecer o provérbio parodiado e apresentou várias pausas como uma forma de organização e de um melhor esclarecimento do que se queria dizer na explicitação do sentido veiculado nesse provérbio. Vejamos o dado a seguir:

CC: “... mas ajuda a comprar” ... agora ... eu ... “Dinheiro não traz felicidade” só isso ... não tem “... mas ajuda a comprar” ... mas eu acho que o dinheiro traz felicidade sim ... porque às vezes ... o casal tem brigas ... às vezes quer uma coisa um quer ... uma coisa o outro quer outra ... isso gera briga ... por que ... por causa do dinheiro ... ele ... lógico ... ele traz felicidade sim ... não é uma coisa que completa ... mas ele ajuda

O sujeito IG também afirmou conhecer o provérbio-origem e comentou sobre o provérbio parodiado “*a gente escuta falar muito*”. IG não reconheceu o provérbio

parodiado e não concordou com o sentido nele veiculado, justificando que “*felicidade nós não compramos felicidade*” e “*não concordo ... não ... não ... não compramos a felicidade*”. Ele fez comentários com os quais procura explicitar o sentido desse provérbio e, posteriormente, comentou que: “*ele ajuda a facilitar coisas pra gente ...*”. As pausas presentes no dado podem atuar na organização do que se quer dizer para facilitar a compreensão pelo seu interlocutor. Vejamos o dado de IG, no qual ele postula a existência de uma felicidade advinda das possibilidades trazidas pelo dinheiro ou pela riqueza:

IG: o dinheiro ... o que elas querem dizer? Porque ... eu acho que a felicidade é interior ... cada um tem a felicidade dela ... às vezes a pessoa fica feliz ... eu acho que felicidade não é tanto ... é momentos felizes ... a gente acha que a felicidade é aquilo lá no momento que você tá vivendo aquilo ... que você tá vivendo ... então ... é: é: por exemplo ... coisas que você ... que você vê que não tem preço aquilo ... aquilo que você valoriza bastante ... o que você conquistou e conseguiu aquilo é a felicidade que você teve é: ... mas ... o dinheiro na verdade não traz ... felicidade ... mas ele mas ele ajuda ... de que forma ele ajuda ... ele ajuda a facilitar coisas pra gente ... uma coisa que você quer ter pra você ser feliz ele ajuda ... ele ajuda ele facilita ...

Pudemos também observar nos dados acima as justificativas dadas pelos sujeitos CC e IG ao mostrarem a sua adesão ao sentido veiculado pelo provérbio parodiado. Os sujeitos, principalmente o sujeito IG, avaliam, ajustam, expressam a sua posição e sua adesão em relação ao provérbio, além de expressar conhecimento e atenuações em relação ao dinheiro. O sujeito IG também expressou um juízo de valor com relação ao dinheiro trazer ou não felicidade, considerando que a felicidade são os momentos felizes.

Os comentários, as explicações, as justificativas dos sujeitos, na explicitação do sentido dos provérbios, são “estratégias metadiscursivas” (KOCH, 2004, p.120), as quais se caracterizam por serem uma propriedade auto-reflexiva da linguagem; e são estratégias metapragmáticas, pois têm por fim indicar o grau de comprometimento dos sujeitos não apenas com o seu discurso, mas também com o discurso outro; são, ainda, metaenunciativas, pois os sujeitos refletem sobre o “dizer-enquanto-se-diz” (KOCH, 2004). Nos dados, observamos a presença de diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre a linguagem, ao constatarmos que ela incidiu sobre o enunciado proverbial origem, sobre a paródia (o enunciado parodiado) e sobre a própria enunciação.

Sujeitos afásicos

O sujeito JM afirmou conhecer o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e, logo abaixo, podemos observar a maneira pela qual ele tentou explicitar o seu sentido. Ele o fez a partir de uma situação particular de comprar um bilhete de loteria, como uma forma de se conseguir ganhar um dinheiro que nunca conseguiu ganhar. Ele procura levar sua explicitação para um contexto de emprego da expressão. Vejamos esse dado:

JM: ah: eu ... ah: tenho ... toda vez eu compro bilhete da ... da loteria ... nunca deu nada ... ((olhando para a investigadora))
((risos))

JM: ah: ah: ah: ... ((olhando para o protocolo)) eu eu eu disse ... eu compro bilhete ... todo dia ... todo dia eu ... eu compro bilhete ... mas não ... não jo ... não jo ... não jogo ... às vezes ... eu pe ... eu pego ... milhares ... centena ... mas não junta pra comprar ((olhando para a investigadora))

Posteriormente, JM explicitou o sentido desse provérbio parodiado: “*ajuda a comprar ... mas ah: ah: ... eu ...ajuda a comprar ... ((olhando para o protocolo)) mas eu ... eu ... por exemplo não ... não tenho mais nada ... mais nada a comprar ((olhando para a investigadora))*”, isto é, que o dinheiro pode ajudar a comprar coisas, embora JM não tenha mais nada a comprar.

Sobre o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade”, que a investigadora lembrou a JM, ele comentou:

JM: então ... “... não traz felicidade” ... não ... tá certo ... aqui ... ((olhando para o protocolo)) antes é ... eu falava muito ... e era vendedor ((risos)) eu eu falava bastante mas ... (8s) ((olhando para a investigadora))

No dado acima, JM concorda com o provérbio-origem, utilizando o exemplo da saúde, que não se compra com dinheiro. A seguir, JM completou:

JM: “Dinheiro não ... não traz felicidade” de forma alguma ... ((olhando para o protocolo)) porque ... do ... do jeito que eu tô ... de saúde ... não não não ... não é o dinheiro que ... que que que permanece ((olhando para a investigadora))

Pudemos observar nos dados que JM apresenta dificuldades na seleção de palavras adequadas na explicitação do sentido do provérbio parodiado, o que poderia afetar distintos processos de significação, como o reconhecimento dos implícitos presentes nos provérbios e na paródia. Entretanto, ele demonstrou reconhecê-los no provérbio parodiado e explicitou o sentido nele veiculado, apesar das alterações dos aspectos lingüísticos decorrentes da afasia do tipo semântica. Consideramos, assim, que ele explicitou o sentido desse provérbio parodiado, já que foi possível compreender que o dinheiro ajuda a conquistar, comprar ou fazer coisas e por isso pode nos fazer felizes, mesmo ele, JM, não tendo nada mais a comprar. A explicitação que ele fez do provérbio-origem demonstrou o reconhecimento do sentido veiculado nesse provérbio, sentido esse, de certa forma, diferente do sentido que ele considerou para o provérbio parodiado visto que explicitou o sentido deste comentando sobre o sentido de “... mas ajuda a comprar”.

Apesar das dificuldades que JM apresentou na explicitação do sentido, observamos as manobras lingüísticas realizadas por ele no reconhecimento e na explicitação dos sentidos dos provérbios, que envolvem os processos meta (lingüístico, pragmático, discursivo) relevantes no processo de significação implicados na interpretação e na explicitação do sentido de provérbios e de provérbios parodiados.

O sujeito ES também reconheceu o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e reconheceu o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade”, quando a investigadora lembrou a ela. ES concordou com o sentido veiculado nos provérbios parodiado e origem.

Com relação ao provérbio parodiado, ES comentou que é preciso ter cuidado com o dinheiro e que a felicidade é também o afetivo: “*mas ... felicidade completo num tem*” e “*é ... dinheiro ... ((olhando para o lado)) por exemplo ... ((olhando para a investigadora)) é ... ((olhando para baixo)) felicidade ... dinheiro casa tudo né ... aí ... é ... (5s) é ... ((olhando para o lado)) a felicidade né ... afetivo ... afetivo né ((olhando para a investigadora))*”.

Neste dado, ES apresentou uma ponderação com relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado e explicitou o sentido do provérbio-origem, demonstrando reconhecer os implícitos envolvidos nos provérbios-origem e parodiado, realizando as inferências necessárias para a interpretação, para o reconhecimento de um tipo de intertextualidade entre os provérbios e a diferença de sentido entre eles. Dito de outra maneira, ES operou meta-enunciativamente sobre os enunciados indicando uma reflexão meta-enunciativa/meta-discursiva sobre a linguagem. Aqui podemos verificar uma competência relativamente à linguagem que se fez presente de forma mais explícita, indicando relações entre os processos lingüísticos e cognitivos envolvidos nos provérbios e na paródia, assim como a relação entre linguagem e cognição numa perspectiva sociocognitiva.

Além disso, ES também explicitou o sentido do provérbio parodiado exemplificando com uma situação particular. Vejamos os dados:

ES: é ... é ... se manter ... é ... se manter ... comprar as coisas ... é
 ... a minha casa ... um carro né *-----
 -----→* ((movimento com a mão indicando coisas))

ES: ah ... derrame ... ((olhando para a investigadora))
 INV: hum hum
 ES: oito meses sem recebe ... um (5s) ((olhando para a investigadora))
 INV: aposentadoria ...
 ES: não ... auxílio doença ... aí ... eu ... graças a Deus né ... a minha
 mãe ... é ... socorreu né ... a a gente ... eu né ... por exemplo ...
 ((olhando para a investigadora))
 INV: tá ...
 ES: oito meses ... oito meses ... oito meses ... oito dias ... ((olhando
 para a investigadora))

Como observamos nos dados de ES, ele primeiro explicitou o sentido veiculado no provérbio e, posteriormente, introduziu uma exemplificação sobre esse sentido por uma situação particular. Ao explicitar o sentido veiculado no provérbio parodiado, ES apresentou várias pausas e um gesto com as mãos que acompanharam a sua fala indicando várias coisas (“*comprar as coisas... é... a minha casa... um carro*”). As pausas parecem ocorrer como uma forma de se refletir sobre o que se quer dizer e organizar para ser compreendido pelo seu interlocutor. Observamos, ainda, que a investigadora participou da construção do sentido do provérbio parodiado com a introdução de um comentário que

levou ES a esclarecer e dar informações sobre o que ele estava querendo dizer. Esse movimento de interação entre ES e a investigadora visa garantir o sucesso da interação, ou seja, a compreensão do que ES explicitou sobre o sentido veiculado no provérbio por parte do seu interlocutor.

O sujeito MN afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e não reconheceu o provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade”, quando a investigadora lembrou a MN. Entretanto, MN concordou com o sentido veiculado no provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”. Vejamos o dado:

MN: ... eu ... ((olhando para baixo)) não conheço assim ... mas se quer dizer ... ((olhando para a investigadora)) “O dinheiro não traz felicidade” ... mas costuma ... “... mas ajuda a comprar” ... ((olhando para o protocolo)) e eu sei que o dinheiro não traz felicidade ... mas ajuda a comprar ... então é dinheiro ... ((olhando para o lado)) que elas não tinham ... ((olhando para a investigadora)) que lhe vem ... que que ... que ... ou acham ... ou ou ou roubam ... ((olhando para o lado)) ou qualquer coisa ... e serve pra tudo ((olhando para a investigadora))

Neste dado de MN, podemos perceber que ele introduziu elementos na explicitação do sentido, os quais não estão veiculados no provérbio, mas que dizem respeito à forma como as pessoas conseguiram o dinheiro, justificando o “*serve pra tudo*”. Entretanto, consideramos que MN explicitou o sentido veiculado nesse provérbio.

O dado em que MN comentou “*eu sei que o dinheiro não traz felicidade... mas ajuda a comprar ...*” demonstra seu acordo concordar e a necessidade de deixar explícita sua posição com relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado, ao concluir que o dinheiro “*serve pra tudo*”. Observamos várias pausas no dado de MN que se caracterizam por uma atividade de reflexão e de organização sobre o que se quer dizer para a compreensão por parte do seu interlocutor. Podemos destacar, neste dado de MN, a subjetividade e a reflexividade enunciativa na realização de inferências relevantes para o reconhecimento dos implícitos culturais envolvidos neste provérbio parodiado - um saber da língua e um saber de mundo - inter-relacionados de forma enunciativamente constitutiva.

Os dados dos sujeitos afásicos e não afásicos mostram, além do que já comentamos, uma cristalização do provérbio parodiado em razão de elementos ideológicos, sociais, econômicos e culturais veiculados na nossa cultura e presentes neste provérbio parodiado, que não são veiculados no provérbio-origem.

4. “A pressa é inimiga da perfeição”

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos FC e IG afirmaram conhecer esse provérbio, explicitaram o sentido nele veiculado orientando o interlocutor na construção do sentido (como indicam as pausas presentes, principalmente na explicitação de IG) e concordaram com o seu sentido. Vejamos os dados a seguir:

FC: você faz uma coisa com pressa ... nunca fica perfeita

IG: conheço ... tudo que você fizer rápido não sai ... muito difícil de sair perfeito ... tem que fazer com calma ... sem pressa ... perfeição não ... mas o melhor que você puder fazer

Como observamos no dado, o sujeito IG também acrescentou *“perfeição não ... mas o melhor que você puder fazer”*, fazendo uma ponderação com relação ao provérbio, o que mostra uma reflexão sobre a linguagem, sobre o sentido veiculado neste provérbio. IG expressou sua posição e o grau de adesão em relação ao provérbio, e comentou a forma do dizer do provérbio ajustando-a de acordo com a sua posição. Aqui, temos o que Koch (2004, p.120) considera como estratégias metadiscursivas, que atuam na própria atividade discursiva: “Evidencia-se, nestas, a propriedade auto-reflexiva da linguagem, isto é, a potencialidade que têm os discursos de se dobrarem sobre si mesmos.”

Sujeitos afásicos

Os sujeitos LM e MN também afirmaram conhecer esse provérbio e, a seguir, podemos ver a explicitação do sentido realizada por eles, os quais concordaram com o sentido veiculado no provérbio. Vejamos os dados:

LM: ah: ... bom ... assim ... eu ((olhando para o protocolo)) ... aconteceu ... várias ... problema ... por causa que eu ... quis rápido ... que eu quis resolver rápido ... no fim dá ... né? ((olhando para a investigadora))

Neste dado, o sujeito LM apresentou várias pausas na explicitação do sentido desse provérbio e explicitou o sentido a partir de situações particulares que aconteceram com ele porque ele quis ser rápido. LM justificou os vários problemas que ele teve: “*por causa que eu ... quis rápido ... que eu quis resolver rápido*”. Aqui ele acrescentou um elemento necessário na explicitação do sentido, justificando o fato de que “*aconteceu... várias... problemas*”. A presença das pausas pode ser considerada como um processamento textual de construção do sentido, uma forma de refletir sobre a própria enunciação “enquanto se diz”. Observamos a presença da subjetividade e dos processos meta (metalingüísticos, meta-enunciativos, metadiscursivos) em jogo na linguagem que se constituem nas situações interativas e no trabalho expressivo e interpretativo dos sujeitos sobre a linguagem, como na interpretação e na explicitação do sentido de provérbios.

A seguir, vejamos o dado de MN:

MN: é mesmo ... quando eu quero fazer ... escrever uma coisinha qualquer
... *-----→*
((gesto de escrever no papel))
ou fazer alguma coisa ... eu faço depressa e aquilo fica uma miséria
((risos colocando a mão na boca))

Neste dado, o sujeito MN explicitou o sentido do provérbio também a partir de uma situação pessoal em que se quer escrever ou fazer alguma coisa com pressa e “*fica uma miséria*”. Quando MN fez esse comentário, o fez entre risos, o que parece ter ocorrido pelas palavras que ele usou para explicitar o sentido da parte do provérbio “...inimiga da perfeição” ou da palavra imperfeição. Esse dado mostra uma “postura meta-enunciativa” e

uma reflexão sobre o enunciado e a sua própria enunciação. Isso também pôde ser observado no dado em que MN fez o gesto de escrever que acompanhou a sua fala quando se referiu a escrever.

O gesto e o riso de MN que acompanharam a sua fala são indicadores da tarefa interpretativa e da explicitação do sentido realizada por ele. Esses são fenômenos coadjuvantes e constitutivos do processo de significação e da construção do sentido. Assim, como no dado de LM, observamos neste dado de MN a subjetividade e a reflexividade nas formas do dizer e nos comentários meta-enunciativos verbais e não-verbais sobre o dizer próprio e alheio (do enunciado proverbial).

5. “Antes tarde do que mais tarde” (“Antes tarde do que nunca”)

Sujeitos não afásicos

O sujeito CC reconheceu o provérbio-origem “Antes tarde do que nunca” e explicitou o sentido da seguinte maneira: *“ai ... eu acho ... às vezes ... a pessoa tem ... uma esperança ... uma esperança de ter alguma coisa ... cada dia a esperança aumenta e: e não consegue ... e vem o outro dia nada ... mas um dia aparece ... ela tem esperança de que um dia vai conseguir e consegue”*. A investigadora perguntou, então, sobre o sentido do provérbio parodiado, provérbio que ele não reconheceu, e sobre o qual comentou fazendo uma relação intertextual entre os provérbios-origem e parodiado:

CC: não ... eu acho que pode ser ... aí no caso ... “Antes tarde do que mais tarde” porque aí ela conseguiu ... e “Antes tarde do que nunca” é uma coisa que ela nunca vai conseguir ... então é “Antes tarde do que mais tarde” ...

No dado acima, CC reconheceu e explicitou a diferença de sentido entre os provérbios, reconhecendo e interpretando a paródia proverbial, após a investigadora perguntar sobre o sentido do provérbio parodiado. Ele não explicitou exatamente o sentido veiculado no provérbio-origem, já que comentou que: *“é uma coisa que ela nunca vai conseguir”*. CC, entretanto, explicitou o sentido desse provérbio no dado anterior. A

inserção que a investigadora fez, provocando uma reflexão de CC sobre o sentido veiculado no provérbio parodiado, levou-o a refletir sobre a sua própria enunciação, uma atividade meta-enunciativa, para interpretar o sentido dos provérbios e explicitá-los, reconhecendo a diferença de sentidos entre eles e os efeitos de sentido da paródia.

O sujeito IG não reconheceu esse provérbio parodiado, mas demonstrou que reconheceu a paródia proverbial ao comentar sobre o provérbio parodiado: “*‘Antes tarde do que mais tarde’ no::ssa ((risos))* e “*‘Antes tarde do que mais tarde’ ... ‘Antes tarde do que nunca’ ... antes você fazer tarde do que nunca fazer nada ... esse eu acho engraçadinho ... mas não concordo muito com esse ((risos)) ((lendo os provérbios))*).

IG também reconheceu e tentou explicitar o sentido do provérbio-origem “Antes tarde do que nunca”, colocando em questão o seu sentido ao comentar: “*mas você nunca deixar de fazer uma coisa também é difícil né ... NUNCA NUNCA dependendo do que você possa fazer*”. Sobre o sentido desse provérbio-origem, IG ainda comentou, sem explicitar o sentido que realmente é veiculado no provérbio-origem:

IG: qualquer coisa que você venha fazer que você queira fazer ... como que eu posso dar um exemplo ... qualquer coisa que a pessoa queira fazer ... não deixe pra amanhã ... não deixe pra depois ... é: faz ... não deixe de fazer porque às vezes ... o que você pode ... o mais tarde ... não vai dar mais tempo ... você não vai ter mais tempo pra fazer aquilo

Com relação ao provérbio parodiado, IG concordou com o sentido nele veiculado a partir de um comentário da investigadora quanto ao provérbio-origem, e explicitou o sentido veiculado no provérbio parodiado, demonstrando reconhecer a paródia e interpretando-a. Vejamos o dado a seguir:

INV: é melhor “Antes tarde do que mais tarde” do que “Antes tarde do que nunca”?

IG: é ... nunca também é uma palavra muito comprida pra você falar nunca é grande né

INV: nunca é nunca ... então é melhor mais tarde do que nunca

IG: é: pensando desse lado aí ... é melhor fazer tarde do que mais tarde ... concordo ... mas você nunca deixar de fazer uma coisa também é difícil né ... NUNCA NUNCA dependendo do que você possa fazer ... às vezes nunca vai dar pra você fazer mais ... né têm coisas que você pode

fazer hoje ou amanhã ou depois que seja ... mas você deixar pra nunca ... nunca vai dar pra fazer ... entendeu o que eu quero dizer?

Podemos observar também que IG ponderou sobre a forma proverbial do provérbio parodiado, que substitui “nunca” por “mais tarde”, com risos, comentando que:

IG: concordo “Antes tarde do que mais tarde” ... mas você acha que fica legal falar “Antes tarde do que mais tarde”? ((risos))

No dado, IG considerou o provérbio-origem como mais importante ou mais reconhecido do que o provérbio parodiado, já que fez poucos comentários sobre o provérbio parodiado, mesmo explicitando o seu sentido e concordando com ele. IG centrou-se mais no sentido veiculado no provérbio-origem e no sentido da palavra nunca presente neste provérbio.

Sujeitos afásicos

No dado a seguir, podemos observar como o sujeito LM procurou explicitar o sentido do provérbio parodiado “Antes tarde do que mais tarde” e do provérbio-origem “Antes tarde do que nunca”. LM reconheceu o provérbio-origem, não reconheceu o provérbio parodiado e concordou mais com o sentido veiculado no provérbio parodiado. Na tentativa de explicitar o sentido do provérbio parodiado, LM comparou o sentido dos dois provérbios, como podemos ver a seguir:

LM: ((movimento de afirmação com a cabeça)) é: esse aí talvez aconteça né: ... que antes tarde do que mais tarde ((olhando para a investigadora)) ... mas é ((olhando para o protocolo)) ... bom ... antes tarde ((olhando para a investigadora))
((risos))

Neste dado, LM primeiro tentou explicitar o sentido de que no provérbio-origem “talvez aconteça” e no provérbio parodiado “que antes tarde do que mais tarde ((olhando para a investigadora)) ... mas é ... mas é ... bom ... antes tarde”, reconhecendo um tipo de intertextualidade entre os provérbios e interpretando a paródia. Ele reconheceu no

provérbio parodiado o sentido de que é melhor “tarde” do que ainda “mais tarde”. Após essa explicitação, LM riu e parece que os risos foram pelo fato de ele considerar o sentido do provérbio parodiado como: *“mas é ... bom ... antes tarde”*.

Observamos neste dado que LM fez as inferências relevantes para o reconhecimento dos implícitos presentes nos provérbios e para a explicitação do sentido. Os movimentos lingüísticos que LM fez, em torno da explicitação do sentido desses provérbios e da diferença de sentido entre eles, mostram uma reflexividade enunciativa de LM que caracteriza o reconhecimento dos efeitos de sentido dos provérbios e dos efeitos de sentido da paródia relevantes na interpretação e na explicitação do sentido neles veiculado. Isso demandou de LM uma atitude lingüística, discursiva, meta-enunciativa, sócio-lingüística em relação ao provérbio e à paródia, ou seja, um trabalho sobre a língua e sua exterioridade.

O sujeito MN reconheceu o provérbio-origem “Antes tarde do que nunca” no provérbio parodiado comentando que: *“‘Antes tarde do que mais tarde’ do que mais tarde ... ‘Antes tarde do que mais tarde’ ((lendo no protocolo)) ... ‘Antes tarde do que nunca’ que eu conheço ((olhando para a investigadora))*. MN afirmou não conhecer o provérbio parodiado, mas explicitou o sentido desse provérbio parodiado. Vejamos o dado a seguir:

MN: é ... a gente fazer ... a gente quer fazer uma coisa ... a gente ... embora já seja tarde ... mas ainda faz ... porque nunca fica por fazer ((olhando para a investigadora))

Posteriormente, MN também explicitou o sentido do provérbio parodiado “Antes tarde do que mais tarde”, associando-o com o sentido do provérbio-origem, semelhantemente ao que fez o sujeito não afásico CC, e mostrando a relação de intertextualidade entre esses provérbios e os efeitos de sentido da paródia. Vejamos, então, o dado de MN:

MN: é que a gente ... o que a gente queria fazer ... mesmo fazer a tempo ... fez mais tarde ... é melhor fazer mais tarde do que nunca fazer

Nesse provérbio parodiado, MN explicitou o sentido, comentando sobre o que se queria fazer a tempo, mas “*fez mais tarde*” e “*fazer mais tarde do que nunca fazer*”. Aqui MN demonstrou diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem: sobre o sentido veiculado no provérbio parodiado e no provérbio-origem e sobre o sentido da necessidade ou do querer fazer as coisas no tempo e não mais tarde, e muito menos nunca fazer. MN reconheceu e interpretou a paródia presente neste provérbio. É um trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo envolvido no processo de significação da construção do sentido, do reconhecimento de sentidos e da explicitação deles (inferenciação requerida na interpretação), que evidenciam as relações entre linguagem e cognição e entre língua e exterioridade.

Sobre o provérbio parodiado, MN ainda explicitou o seu sentido com certa dúvida, apresentando algumas pausas como forma de organizar e explicar melhor o sentido veiculado nesse provérbio, em relação ao qual afirmou, considerando o sentido do provérbio parodiado “mais tarde” e do provérbio-origem “nunca”: “*é melhor fazer do que mais tarde ... do que deixar por fazer*”.

Nos dados acima, é possível observar que MN sempre tentou fazer uma relação de sentido entre fazer a tempo, fazer tarde, fazer mais tarde e nunca fazer. Essas manobras lingüísticas caracterizam-se pelo acréscimo de elementos necessários para explicar e explicitar os sentidos e por repetições sobre os sentidos veiculados nos provérbios, que parecem ocorrer para reforçar o que ele quis dizer na construção do sentido veiculado nos provérbios e no reconhecimento dos efeitos de sentido da paródia. São atividades meta-enunciativas, tipicamente enunciativo-discursivas que demandam um maior grau de reflexividade sobre a linguagem e seu funcionamento.

Nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, pudemos observar que o provérbio-origem apresenta maior ou menor cristalização de sentido em nossa cultura, uma cristalização a um só tempo formal e discursiva. Com relação ao provérbio parodiado, os sujeitos não afásicos apresentaram certa dificuldade no reconhecimento e na explicitação do seu sentido, fazendo-os a partir dos questionamentos da investigadora que, de certa forma, direcionaram os sujeitos na realização e co-construção das inferências específicas

para a interpretação do sentido. Os sujeitos afásicos LM e MN, que reconheceram e explicitaram o sentido desse provérbio parodiado sem os questionamentos da investigadora, mostraram uma reflexividade enunciativa mais incisiva na explicitação do sentido desses provérbios, como pudemos observar nos dados.

6. “O amor é cego”

Sujeitos não afásicos

A seguir, podemos observar que a explicitação do sentido desse provérbio, realizada pelos sujeitos CC e IG, que concordaram com o sentido nele veiculado, não explicita o que realmente o provérbio quer dizer, isto é, o sentido de que quando se ama não se vê beleza física, condição social e financeira. Entretanto, o sujeito CC também explicitou o sentido que realmente o provérbio veicula. IG comentou sobre esse provérbio que *“já ouvi falar”* e CC também afirmou conhecê-lo. Vejamos os dados:

CC: bom ... no coração a gente não manda né ... às vezes você conhece uma pessoa ... que ... feia fisicamente ... e: mas tem um coração maravilhoso que ... combina assim com a pessoa e:: também tem um outro caso ... também não é só a beleza é: o interior da pessoa ... às vezes a pessoa ... é uma pessoa ruim ... que ... pode até no caso bater na namorada e tal ... mas ela continua gostando dele ... então eu acredito que pra ela “O amor é cego” ... ela não vê essas coisas ... ela não sente

IG: a pessoa faz de tudo de tudo não vê que tá ... que tá ... ela não vê que ela tá machucando alguém ... passa por cima de tudo porque gosta entendeu? Passa por cima de tudo ... por isso fala “O amor é cego” ... ela não vê nada na pessoa ... sabe se tem uma outra pessoa lá fora que tá vendo que ela tá fazendo alguma coisa errada ... a pessoa que gosta dela não vê isso ... porque pode ser que mais tarde ela venha a ver ... é o que acontece ... é o que acontece ... por isso que fala “O amor é cego” ... a pessoa não vê o que a pessoa o que ela tá fazendo por gostar

Já os sujeitos afásicos MS e MG, como se pode ver nos dados abaixo, explicitaram o sentido veiculado neste provérbio considerando que quando se ama não se vê beleza física, assim como fez o sujeito não afásico CC. Esse sentido IG não considerou, já que explicitou outro sentido (como CC), isto é, o sentido de que quem ama não vê o que o outro

faz de errado ou de ruim. Portanto, o sujeito IG parece não ter reconhecido o implícito cultural envolvido neste provérbio, não realizando, assim, a inferência específica que seria fundamental no trabalho linguístico-cognitivo requerido em sua interpretação.

Sujeitos afásicos

Os sujeitos MS e MG afirmaram conhecer esse provérbio e, como podemos ver a seguir, explicitaram o sentido nele veiculado:

MS: não ... ((olhando para a investigadora)) e ... e ... ((olhando para o
protocolo)) é "O amor é cego" maravilha ... eu ... ((olhando para a
investigadora)) ((risos)) ... mulheres ...
-----→ ((gesto com os dedos de número
cinco))
ah ... não ... gosta ... não ... eu acho ... eu feio ((risos)) ((aponta
para o provérbio)) *-----→* ((apontando para
ele))

MG: "O amor é cego" ... ((olhando para o protocolo)) você vê cada pessoa ... ((olhando para o lado)) cada pessoa horrorosa ((risos)) ((olhando para a investigadora))
INV: e daí?
MG: tem cada namorado ... um ... um ... um amor ... daquele de (SI) ((risos)) ((olhando para a investigadora))

Pudemos observar, nesses dados dos sujeitos afásicos, que eles explicitaram o sentido do provérbio “O amor é cego” de acordo com o sentido de que quando se ama não se vê beleza física, condição social e financeira, o que nos dados dos sujeitos não afásicos foi realizado apenas pelo sujeito CC.

No dado do sujeito MS, podemos observar que ele explicitou o sentido do provérbio por uma situação particular, levando em conta que teve cinco mulheres achando-se feio. Assim, “O amor é cego”, seu interlocutor pode concluir. Há várias pausas presentes na enunciação de MS, durante a explicitação do sentido que parecem ocorrer para a organização e planejamento do seu intuito comunicativo. Observamos no dado que, ao mesmo tempo em que ele riu, realizou um gesto com os dedos indicando com a mão

espalmada o número cinco antes de enunciar “*mulheres*”, demonstrando uma organização do que se quer dizer para ser compreendido pelo seu interlocutor, a partir do sentido veiculado no provérbio. Esse é um dado que mostra mais claramente a presença do gesto como um processo de significação não-verbal relevante na construção do sentido, pois mesmo não sendo acompanhado da fala, foi possível compreender o que ele quis dizer, no contexto de uma informação relevante para o sentido do provérbio e do emprego que dele fez MS em uma dada situação enunciativa.

Na explicitação do sentido realizada por MG, o sujeito fez um comentário sobre o sentido do provérbio e, a partir desse comentário, a investigadora solicitou um esclarecimento para compreender o que ele queria dizer sobre o sentido veiculado no provérbio. MG, então, completou esse comentário, por nós considerado como uma explicação ou justificativa do que já havia dito, e concluiu a explicitação do sentido do provérbio acrescentando informações necessárias para a compreensão por parte do seu interlocutor.

Nos dados de MS e MG, podemos destacar o reconhecimento dos implícitos culturais, bem como as inferências semântico-pragmáticas realizadas pelos sujeitos afásicos, fundamentais para caracterizar o trabalho lingüístico-cognitivo requerido na interpretação desse provérbio. Observamos, nos dados, que os sujeitos afásicos “trabalham” com e sobre a linguagem e “... atuam com processos alternativos disponíveis, selecionados por eles ou pelos seus interlocutores numa situação enunciativa dada e tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos.” (MORATO, 2001, p.72).

7. “Quem ri por último, ri atrasado” (“Quem ri por último, ri melhor”)

Sujeitos não afásicos

Neste provérbio, o sujeito CC reconheceu o provérbio-origem e explicitou o seu sentido. Ele não reconheceu o provérbio parodiado, mas tentou explicitar o sentido nele veiculado, considerando o mesmo sentido do provérbio-origem, o que de fato não corresponde ao sentido veiculado no provérbio parodiado. Observamos, ainda, no dado, a

presença de várias pausas durante a explicitação realizada por CC como uma forma de organizar sua fala. Vejamos o dado a seguir:

CC: é ... eu eu falo assim ... “Quem ri por último, ri melhor” ... aí dá a impressão que há uma espécie de um ... desentendimento né ... e aí a pessoa fala ... hoje ela ganhou ... ela riu de mim ... mas amanhã eu vou rir dela ... agora aqui “... ri atrasado” também acho que não tá errado ... porque ... a outra pessoa aqui também vai rir ... embora mais tarde ... mas vai rir ... vai conseguir também

Já o sujeito AM recusou o sentido veiculado no provérbio parodiado “Quem ri por último, ri atrasado” e não explicitou o seu sentido. Com relação ao provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor”, AM reconheceu-o no provérbio parodiado, mas não explicitou o sentido que esse provérbio realmente veicula, ou seja, aquele sentido que CC apresentou no dado anterior. Vejamos os dados de AM:

AM: é ... não é bem assim ... eu conheço esse provérbio da seguinte maneira ... “Quem ri por último, ri melhor” ... quer dizer o seguinte ... você ... deixa pra tomar uma atitude mais tarde ... e essa atitude que você vai tomar ... você vai ter ... não é proveito dela ... você vai ter melhor sentido de ... satisfação ... de você ter sido por último ...

AM: não ... não consigo entender “Quem ri por último, ri atrasado” ... não é ... não é esse o sentido do provérbio ... é sim “Quem ri por último, ri melhor” ... não vejo “Quem ri por último, ri atrasado” não ... não vejo dessa maneira não

No dado do sujeito CC, podemos observar que ele realizou as inferências relevantes para a explicitação do sentido do provérbio-origem; observamos também que o sujeito AM tentou explicitar o sentido do provérbio-origem. Já, com relação ao provérbio parodiado, CC não reconheceu o sentido desse provérbio, assim como o sujeito AM; entretanto, AM não o reconheceu também como “provérbio”. Como já comentamos, o provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor” apresenta um elevado grau de cristalização linguístico-cultural diferente do provérbio parodiado, como comentou AM: “*é sim ‘Quem ri por último, ri melhor’ ... não vejo ‘Quem ri por último, ri atrasado’ não ... não vejo dessa maneira não*”. Esses são comentários meta-enunciativos realizados pelos sujeitos não afásicos sobre o enunciado proverbial.

Sujeitos afásicos

Neste provérbio parodiado, nenhum sujeito afásico realizou a explicitação do seu sentido.

O sujeito NS comentou sobre esse provérbio parodiado: “*não atrasado não ... é diferente ... eu sei mas diferente*”, demonstrando não conhecê-lo. Ele reconheceu o provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor” e explicitou o seu sentido a partir de uma situação particular de emprego que exemplifica o sentido veiculado nesse provérbio:

NS: que nem ... aí eu triste ... R sorri ... “vai ... vai ... se eu sorri ... eu triste ... um dia você chora e eu sorri” ... ((olhando para a investigadora))

NS explicitou o sentido desse provérbio-origem exemplificando com uma situação particular e com a introdução de um discurso indireto. No dado ele apresentou pausas que parecem ocorrer para uma organização do seu dizer. É possível observar ainda que ele reformulou “*se eu sorri*” por “*eu triste*”, uma atividade metaformativa, de acordo com Koch (2004). Para concluir e dar o sentido veiculado pelo provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor”, NS comentou: “*um dia você chora e eu sorri*”.

A explicitação realizada por NS foi semelhante à explicitação que o sujeito não afásico CC fez para esse provérbio e, assim como CC, NS realizou as inferências relevantes para o reconhecimento e a explicitação do sentido nele veiculado. NS, ainda que com dificuldades próprias da sua afasia, não deixa de atuar significativamente sobre e com a linguagem e, dessa forma, atuar com processos linguístico-pragmáticos disponíveis, tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos.

Com relação ao provérbio parodiado, NS comentou que “*atrasado ... ai eu não sei não*”, demonstrando não conhecê-lo e nem o seu sentido. Esse provérbio apresenta um grau menor de metaforicidade do que o provérbio parodiado, e os sujeitos afásicos não explicitaram o seu sentido, talvez por não conhecê-lo como provérbio ou em função do grau de cristalização formal e discursiva do provérbio-origem, que o provérbio parodiado não apresenta.

No dado, a seguir, do sujeito MH, podemos observar que ele fez um comentário sobre ele mesmo, comentando “*eu sempre... assim*”, com relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado “Quem ri por último, ri atrasado”. Embora MH pareça ter reconhecido o sentido veiculado no provérbio, não o explicitou. Ele demonstrou um tipo de reflexão sobre o sentido do provérbio e sobre a sua condição de afásico ao fazer uma relação desse sentido com a sua afasia. Observamos como de forma subjetiva e reflexiva se produz o enunciado de MH sobre o sentido veiculado no provérbio parodiado. Vejamos o seu comentário:

MH: “Quem ri por último ... ” ... a ... eu sempre ... assim
 --→ ((apontando a parte do provérbio “Quem ri por último ...”))

Portanto, MH, que apresenta dificuldades de predomínio expressivo (por dificuldade de acesso ou de processamento lexical) explicitou, de certa forma, o implícito cultural presente neste provérbio parodiado, isto é, a idéia de que quem ri por último numa situação de piada, por exemplo, ri atrasado. Ele o faz assumindo uma posição na enunciação por ter experiência na situação de rir por último, advinda da sua condição de afásico. Podemos observar aqui que o reconhecimento do sentido desse provérbio parodiado por MH ocorreu pelo conhecimento de mundo necessário para interpretá-lo, fator relevante para a realização das inferências específicas no trabalho lingüístico-cognitivo da interpretação.

Os sujeitos afásicos e não afásicos não reconheceram os elementos presentes na paródia. Apenas o sujeito afásico MH, como observamos nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, reconheceu o sentido desse provérbio parodiado, ao tecer comentários sobre ele. MH demonstrou um nível de reflexão sobre a linguagem que os demais sujeitos afásicos e os sujeitos não afásicos não apresentaram.

8. “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” (“Feliz foi Adão que não teve sogra”)

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos CC e FC afirmaram conhecer esse provérbio parodiado e explicitaram o sentido nele veiculado, mas não justificaram o fato de Adão não ter sogra, ou seja, o fato de que ele foi o primeiro homem criado por Deus e por isso não teve sogra. CC explicitou, de alguma forma, o sentido veiculado no provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” ao explicitar o sentido do provérbio parodiado, assim como foi feito pelos sujeitos afásicos. Vejamos o dado de CC a seguir:

CC: olha ... eu acho assim que ... o Adão ... ele não teve sogra ... porque senão ele ia sofrer muito ((risos)) né ... porque você sabe como que é ... todo mundo fala mal da sogra ... “ai porque a sogra é isso ...” “que a sogra é aquilo” ... mas tem sogra boa também ... não tem nem dúvida ... quem tem caminhão ... sofre muito porque é um serviço muito assim ... arriscado ... caminhão quebra na estrada ... e ... quebrou ... então eu acho que aí tá igual ... a sogra né ... faz a:: o:: genro sofrer né ... e o caminhão também ... é uma luta ...

Tomemos o dado de FC, que procura explicitar o sentido do provérbio parodiado:

FC: então ... porque ... “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” ... porque se ele tivesse sogra e caminhão ele tava ferrado ... só ia batalhar ... e ... sogra dando palpite ... e caminhão quebrando ... então só tava enrolado ...

Na explicitação do sentido desse provérbio, os sujeitos CC e FC consideraram apenas o fato de que sogra e caminhão são duas coisas que dão trabalho, realizando as inferências relevantes para reconhecer e explicitar esse sentido. Os sujeitos derivaram desse enunciado propriedades e relações semânticas entre sogra/genro, marido/mulher, bem como reconheceram o pré-construído cultural de que é melhor não ter sogra nem caminhão, pois normalmente elas são vistas como megeras e eles quebram demais. Ambos, de algum modo, implicam o sentido de serem um transtorno. Entretanto, CC e FC não explicitaram o conhecimento enciclopédico de que Adão foi o primeiro homem criado por Deus, logo não tinha sogra nem caminhão. Isso talvez ocorreu pela suposição de que não precisava ser dito ou explicitado o por que Adão não teve sogra nem caminhão.

CC e FC não comentaram reconhecer o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra”.

Podemos observar nestes dados a presença de várias pausas, principalmente nos dados de CC, que parecem ter ocorrido como uma forma de refletir, de organizar e de introduzir comentários, indicando uma reflexividade sobre o enunciado e sobre a própria enunciação, importantes na construção do sentido e na explicitação do sentido veiculado no provérbio.

Sujeitos afásicos

Com relação ao provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, ES afirmou não conhecê-lo, mas explicitou, de certa forma, o sentido dele, como podemos observar a seguir:

ES: é ... é ... caminhoneiro ... sem vergonha ... meu irmão ... meu irmão
... é ... caminhoneiro ... ((olhando para a investigadora))
INV: hum
ES: ai ai ai ... ((olhando para a investigadora))
INV: sem vergonha?
ES: ichi ... pa caramba ... ((olhando para a investigadora))
INV: é?
ES: é ... eu ... ((olhando para baixo))
INV: a ...
ES: separado ... três crianças pequena ... ((olhando para a
investigadora)) *----→* ((gesto com a mão de pequeno))
INV: nossa
ES: aí ... a cunhada ... gosta dele ...
-----→ ((gesto com o polegar de jóia))

A presença da palavra caminhão no provérbio parodiado parece dificultar o reconhecimento desse provérbio e do seu sentido e a explicitação do sentido nele veiculado. ES explicitou o sentido de que ser caminhoneiro é um problema, derivando da situação de ser caminhoneiro o fato de que ele é sem vergonha e, por isso, ele é separado da esposa, a qual ainda gosta dele, e daí o sentido veiculado no provérbio parodiado.

Esse dado de ES nos mostra os processos meta (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos) em jogo no funcionamento da linguagem, indicando o papel do

conhecimento de mundo e das relações pragmático-sociais na interpretação desses provérbios. No caso do provérbio parodiado, ES ainda reconheceu e explicitou o sentido dele de forma a realizar, além das inferências semântico-pragmáticas com relação a Adão e sogra, a inferência sobre o termo caminhão dentro do contexto de Adão e sogra. Ou seja, ES reconheceu implícitos culturais envolvidos nos dois provérbios e os explicitou.

Com relação ao provérbio-origem, ES não comentou conhecê-lo, mas explicitou o sentido dele e, quando a investigadora perguntou por que Adão não teve sogra, ES respondeu “*o primeiro*”, e justificou que Adão foi feliz por não ter sogra comentando que sogra “*atrapalha né*”. Vejamos o dado, a seguir:

ES: é ... sogra né ... ((risos)) ((olhando para a investigadora)) é ...
sogra né ((olhando para o protocolo))
INV: hum
ES: atrapalha né ((olhando para o protocolo))
((risos))
INV: é ... por isso que “Feliz foi Adão que não teve sogra”?
ES: é ((olhando para a investigadora))
INV: Adão teve sogra ... não teve né ...
ES: é ((olhando para o protocolo))
INV: por que que ele não teve sogra?
ES: o primeiro ((olhando para a investigadora))

Para interpretar o provérbio “Feliz foi Adão que não teve sogra”, é preciso conhecimento enciclopédico acerca de quem foi Adão e conhecimento do universo discursivo no qual circula o conceito de sogra em nossa sociedade. Neste dado, ES trabalhou semântico-pragmaticamente sobre o enunciado derivando propriedades e relações semânticas entre sogra/genro, de marido/mulher; reconheceu o pré-construído cultural de que é melhor não ter sogra, pois normalmente elas são vistas como megeras; e evocou o conhecimento enciclopédico de que Adão foi o primeiro homem criado por Deus, logo não tinha sogra. Portanto, ES reconheceu os implícitos culturais envolvidos neste provérbio e realizou as inferências relevantes o que caracteriza o trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo requerido na interpretação desse provérbio.

ES demonstrou nos dados como é possível ver em outros dados de sujeitos afásicos, uma competência relativamente à linguagem (*cf.* Morato, 2005a) de forma mais

significativa, indicando o percurso lingüístico-cognitivo realizado por ele na interpretação dos provérbios e no reconhecimento dos efeitos de sentido da paródia.

O sujeito MG afirmou conhecer o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e explicitou o seu sentido na construção conjunta do sentido com a investigadora, a partir de inserções com um pedido de esclarecimento e questionamentos provocados por ela, como podemos observar no dado a seguir:

MG: foi ... ((olhando para o protocolo)) quem não teve sogra ...
*-----
é também não ... não tem
-----→* ((apontando para o provérbio))
caminhão ... ((olhando para a investigadora)) que de ... ((olhando para o protocolo)) é ... sorte dele que não tem sogra e nem ... ((risos)) nem de ... ai
-----→ ((apontando para a palavra caminhão))
INV: caminhão
MG: caminhão((risos)) ((olhando para a investigadora))
INV: por que sorte dele?
MG: ah ... porque ... ((olhando para o protocolo)) podê ... ele ... ((olhando para a investigadora)) só ... ai ... ((olhando para o lado)) não ter ... não ter sogra e não ter ... ((olhando para a investigadora)) caminhão ... ((olhando para o protocolo)) sorte dele ((olhando para a investigadora))
INV: mas por quê?
MG: porque ... não conhece ... duas
--→ ((gesto com os dedos de número dois))
e duas ... ai ... ((olhando para a investigadora))
→ ((gesto com os dedos de número dois))
sogra e caminhão ((olhando para o protocolo))
-----→ ((apontando para o provérbio))
INV: sorte porque ... porque sogra ...
MG: é é é ... ((risos)) ((olhando para a investigadora))
INV: é chata?
MG: é ... não ... é é ... é “Feliz ... sogra e ((olhando para o protocolo))
*-----
nem caminhão” ((olhando para a investigadora))
-----→* ((apontando para o provérbio))
INV: mas por que feliz?
MG: ... duas coisa chata ((risos)) ((olhando para a investigadora))
→ ((gesto de número dois com os dedos))
INV: /ah ((risos)) ... e por que que Adão não teve sogra nem caminhão?
MG: ah ... porque ... ma ... ((olhando para o protocolo)) ele foi primeiro a comprar ... primeiro ... ((aponta para o provérbio))
-----→ ((gesto com o dedo do número um))
((olhando para a investigadora))
INV: o primeiro homem ...
MG: a a a ter ... ((olhando para a investigadora))

-----→ ((apontando para o provérbio))
 INV: que Deus criou ...
 MG: ISSO ((olhando para a investigadora))
 INV: que Deus fez ... segundo a Bíblia ...
 MG: é ((risos)) ((olhando para a investigadora))

Neste dado referente à explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por MG, pudemos observar dificuldades de predomínio expressivo como dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas que caracterizam o quadro afásico desse sujeito. Além disso, observamos o uso de gestos apontando para o provérbio, para a palavra e ainda o desvio de olhar, gestos com o dedo indicando o número um e o número dois que fazem parte da construção do sentido e da explicitação do sentido realizada por MG, sendo estes constitutivos do processo de significação. MG não fez comentários sobre o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra”.

A interação entre MG e a investigadora, que colabora com inserções e questionamentos, auxiliaram MG na construção do sentido e em sua explicitação. Assim, observamos, neste dado, que a determinação da linguagem “se decide na relação com o outro e em relação ao outro” (MORATO, 2001, p.72). Observamos, também, uma competência relativamente à linguagem (MORATO, 2005a) de MG que relaciona os processos lingüísticos e cognitivos no reconhecimento do sentido do provérbio parodiado e dos efeitos de sentido da paródia relevantes na interpretação de provérbios parodiados.

Constatamos, nos dados dos sujeitos afásicos, uma reflexividade e uma atividade meta-enunciativa em relação ao provérbio parodiado o que, no caso desse provérbio, tem a ver com o grau de metaforicidade, com as inferenciações relevantes, com os processos meta envolvidos na interpretação e na explicitação do sentido de provérbios parodiados.

Observamos que os dados dos sujeitos afásicos em relação aos dados dos sujeitos não afásicos mostram, de forma mais explícita, as relações entre os processos lingüísticos e cognitivos, entre linguagem e cognição, apesar das dificuldades próprias das afasias, das alterações dos aspectos lingüísticos, discursivos e cognitivos presentes nas afasias, revelando uma competência relativamente à linguagem. Os sujeitos afásicos, assim como os sujeitos não afásicos, apresentam uma postura argumentativa, meta-enunciativa,

discursiva em relação aos provérbios e os pressupostos culturais que veiculam ou confrontam.

9. “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos CC e AM afirmaram conhecer esse provérbio e explicitaram seu sentido implícito concordando com ele. Nos dados, observamos a presença de várias pausas como uma forma de introduzir esclarecimentos e exemplificações na construção do sentido para a compreensão pelo interlocutor. Vejamos os dados a seguir:

CC: isso aí é coisa ... aí eu acho que ... é coisa um casal briga ... tanto ele quanto ela ... nunca ninguém fica sabendo realmente o que está acontecendo né ... então ... vai falar com alguém ... precisa de uma ajuda de alguém ... então ... às vezes não fala tudo o que é realmente ... e: se falar às vezes a pessoa ainda um dia mais tarde ela vai sair mal ... porque deu alguma ... ajudou ... em alguma coisa né ... eu acho assim ... que não deve dar palpite porque ... né ... em briga de casal só os dois sabe da situação ... a não ser que ...que nem eu tô falando a pessoa pode pedir um conselho ... né ... uma uma ajuda ... mas às vezes você ajuda e no fim você que vai sair mal mais tarde

AM: é ... é o seguinte ... eu entendo esse provérbio da seguinte maneira ... é “Em briga de marido e mulher...” é o seguinte ... você não deve se meter ... num assunto que não lhe diz ... então se tem por exemplo ... um amigo brigando com a mulher ... então você não deve se meter ... deve se ausentar ... ignorar tudo que você tá vendo

Como observamos no dado de AM, num primeiro momento, ele explicitou que “*não deve se meter ... num assunto que não lhe diz ...*” e, posteriormente, exemplificou esse sentido com uma situação que envolve marido e mulher.

Dentre os dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, apenas o sujeito CC explicou o porquê de não se meter na briga de marido e mulher, isto é, o sentido de que “*em briga de casal só os dois sabe da situação*”, e não apenas o sentido de que você não deve se intrometer na briga de um casal como os demais sujeitos explicitaram nesse provérbio.

Sujeitos afásicos

Os sujeitos NS e MN afirmaram conhecer esse provérbio e, a seguir, podemos observar a explicitação do sentido realizada por eles concordando com o sentido nele veiculado. Eles realizaram as inferências semântico-pragmáticas relevantes ao reconhecer as propriedades e relações semânticas entre marido e mulher, assim como os sujeitos não afásicos. Vejamos os dados:

NS: não não pode ... que nem eu e o R né ... aí ...
-----→ ((movimento de negação com a cabeça))
eu R brigando ... brigando ... boca boca né ... boca boca ... "Reg ...
*-----
quieta
----->* ((gesto com as mãos de briga e coloca o dedo na boca))
Reg" ... "deixa eu e R" "você não ... você fora ... eu o R só eu ... você
... Reg ... só isso ... só ... R só ... você ... a C" ... vai assisti
você não pode colher não ... ((olhando para a investigadora)) Reg também
Reg ... M ... agora não ... M ... briga Reg ... ((olhando para o lado))
vontade de falar mas não pode ... Reg ... Reg ... Reg ... M briga Reg ...
dá vontade ... sabe ... bate ... não pode ... também então ... ((olhando
para a investigadora))

Neste dado do sujeito NS, podemos observar que ele explicitou o sentido desse provérbio a partir de uma situação particular, utilizando discurso indireto e um gesto com as mãos indicando "briga" e outro gesto com o dedo sobre a boca indicando "ficar com a boca fechada" ou quieta. Ele também explicitou o sentido desse provérbio comentando que: "*assisti você não pode colher não ...*", ou seja, que você pode assistir a briga, mas não pode meter a colher; e "*vontade de falar mas não pode ...*", querendo dizer que dá vontade de falar, de meter a colher, mas não pode, assim como diz o provérbio.

Este dado de NS mostra algumas dificuldades expressivas do tipo fala telegráfica, em que há supressão de palavras funcionais, o que não impede NS de explicitar o sentido do provérbio de uma forma específica com o uso do discurso indireto para exemplificar o sentido veiculado no provérbio, e com a introdução de esclarecimentos para ser compreendido. A presença das pausas caracteriza a narrativa de NS, as quais parecem atuar na organização e no planejamento do que ele quer dizer, sendo os gestos complementares de sua fala. Os gestos apresentados por NS são constitutivos da construção do sentido

veiculado no provérbio e dos processos de significação na explicitação do sentido. Observamos, ainda, neste dado de NS, na explicitação do sentido que diz respeito aos processos de significação verbais e não-verbais, os meios de determinação da linguagem no contexto patológico, contrariando o fato de que a linguagem dos sujeitos afásicos parece ser sempre mais indeterminada que a linguagem dos sujeitos não afásicos (MORATO, 2001).

A seguir, apresentamos o dado do sujeito MN na explicitação do sentido desse provérbio:

MN: "Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher" ((lendo no protocolo)) ... o o ... o marido está brigando com a mulher e ... ninguém vai lá ... se meter ... porque ... vai ...
 -----→ ((gesto com a mão de ir lá))
 vão pôr na rua ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((gesto com a mão de pôr na rua))

O sujeito MN fez a explicitação do sentido desse provérbio comentando que ninguém vai "*se meter*" na briga porque "*vão pôr na rua*", ou seja, o sentido de que quem se intrometer na briga de marido e mulher vai sofrer as conseqüências. Ele também fez uso de gestos com as mãos que acompanharam sua fala indicando lá e "*vão pôr na rua*", que são constitutivos do processo de significação na interpretação e na explicitação do sentido.

Nos dados de NS e MN, observamos os processos meta (metalingüísticos, meta-enunciativos, metadiscursivos) que são relativos aos processos de significação verbais e não-verbais, que se constituem nas situações interativas no trabalho expressivo e interpretativo com e sobre a linguagem com provérbios e com a paródia.

Observamos nos dados dos afásicos e não afásicos que este provérbio apresenta um grau elevado de cristalização formal e discursiva na nossa cultura.

10. "Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo" ("Deus ajuda quem cedo madruga")

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos CC e FC reconheceram o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga” no provérbio parodiado. O sujeito CC afirmou não conhecer o provérbio parodiado e FC afirmou conhecer. Eles concordaram com o sentido veiculado no provérbio parodiado e explicitaram o sentido desse provérbio.

CC comentou com relação aos provérbios-origem e parodiado: *“é: mas é ‘... quem cedo madruga’ ... ‘Deus ajuda quem cedo madruga’ ... mas eu vou por ... fica com sono o dia inteiro ... é verdade ... o dia todo”*, demonstrando reconhecer a paródia. Ele ainda comentou sobre o sentido veiculado no provérbio-origem que *“quem cedo madruga é que vai trabalhar ((risos)) geralmente vai trabalhar ...”* e enfatizou que o provérbio parodiado tem relação com esse sentido, como podemos observar a seguir:

CC: quem quem trabalha né ... você você tem sempre que procurar vencer na vida ... vencer trabalhando ... e lógico você fica com sono o dia todo depois não fica?

Vejamos, a seguir, o dado da explicitação do sentido realizada por FC neste provérbio parodiado:

FC: eu passei isso ... às vezes eu levantava de madrugada ... e depois eu passava sono o resto do dia

Com relação ao provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, FC explicitou o seu sentido a partir da remissão ao provérbio parodiado, como podemos ver no dado a seguir:

FC: também ... “Deus ajuda quem cedo madruga” também tá certo ... mas só que você fica com sono ((risos))

Podemos observar que os sujeitos CC e FC fizeram uma relação entre os provérbios e o seu sentido, a partir do que eles explicitaram no provérbio parodiado, mostrando que esses provérbios apresentam um tipo de intertextualidade entre si. CC e FC reconheceram e explicitaram os implícitos culturais envolvidos nos provérbios e também demonstraram

reconhecer a paródia presente no provérbio parodiado, ao comentarem que: *“e lógico você fica com sono o dia todo depois não fica?”* e *“Deus ajuda quem cedo madruga’ também tá certo ... mas só que você fica com sono ((risos))”*. Os risos de FC também mostram um tipo de reação reflexiva com relação ao sentido veiculado no provérbio-origem e à paródia.

Sujeitos afásicos

O sujeito MN, ao ler o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, não o reconheceu e comentou *“só até aqui “Quem cedo madruga ...” e depois tem outra coisa”* e *“essa parte nunca tinha visto”*, com relação à parte do provérbio parodiado “... fica com sono o dia todo”. Ou seja, ele comentou que o provérbio conhecido por ele é outro, no caso “Deus ajuda quem cedo madruga”. No episódio, a investigadora ajudou MN a lembrar-se do provérbio a partir dos seus comentários.

Após esses comentários, MN tentou explicitar o sentido do provérbio-origem a partir de uma situação conhecida por ele e, posteriormente, explicitou o sentido do provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”. Vejamos a explicitação do sentido do provérbio-origem:

MN: é porque ... é é ... a gente lá em Portugal é ... no verão ... no verão ((olhando para o lado)) tem que levantar muito cedo né ... porque depois fica muito calor ... a gente não pode ir pro trabalho ... murcha tudo ... fica tudo ruim ... ((olhando para a investigadora)) e a gente não aguenta com o calor e ... “Quem cedo madruga ...” ((olhando para o lado))

MN: é “Deus ajuda quem cedo madruga” ... porque acaba o serviço de manhã e já não fica ... por calor a trabalhar ... ((olhando para a investigadora)) mas eu não sei ((olhando para o protocolo))

A seguir, a explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por MN:

MN: a gente fica com sono na hora do almoço ... um sono danado

Observamos, no dado de MN, várias pausas como uma forma de organizar e acrescentar informações que ele considerou importantes na explicitação do sentido do

provérbio para ser compreendido pelo seu interlocutor. As manobras lingüísticas apresentadas por ele demonstram a presença de subjetividade e de reflexividade enunciativa tanto na tentativa de explicitar o sentido do provérbio-origem a partir de uma situação particular, quanto na explicitação do sentido do provérbio parodiado.

O sujeito ES afirmou conhecer o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” e explicitou o seu sentido a partir de uma situação particular, como podemos ver a seguir:

ES: ... eu por exemplo ... ((olhando para o protocolo)) eu ... hoje ...
* ((apontando para ela))
cinco horas de ... da manhã ... da manhã
-----→ ((gesto com a mão de cinco))

ES: sono dia inteiro ((olhando para a investigadora))

Após a investigadora comentar sobre o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, ES comentou conhecê-lo e explicitou o sentido desse provérbio da seguinte maneira:

ES: ... (9s) ((olhando para o protocolo)) trabalho né ... ((olhando para a investigadora)) trabalho ... ((olhando para baixo))

Podemos dizer, a partir dos dados, que ES explicitou o sentido do provérbio parodiado e fez apenas um comentário sobre o sentido do provérbio-origem, o qual mostra que ES reconheceu e explicitou o sentido veiculado no provérbio-origem, já que identificou o sentido implícito de levantar para trabalhar. Portanto, ES reconheceu alguns implícitos presentes nos provérbios realizando uma atividade meta-enunciativa em relação ao provérbio.

NS também afirmou conhecer o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” e, no dado a seguir, observamos que ele explicitou o sentido do provérbio parodiado de acordo com uma situação específica e particular. Ele não comentou

sobre o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”. Vejamos seus comentários sobre a explicitação do sentido do provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”:

NS: eu acordo cinco ... três ... quatro eu acordo ... não consigo dormir ... aí ... aí não sei ... a cabeça dói ... aí eu acordo ... no banheiro lavo tudo ... café ... leite ... vou lavar ... aí ... aí ... de dia ... aí eu sozinha ... aí eu como meio-dia ... e pouquinho ... com sono ... direto ... sabe ... com sono ... ((olhando para a investigadora))

NS: então ... vô trabalhar ... cinco horas eu vou trabalhar ... é ... faxina ... doméstica ... depois com sono ... ((olhando para o protocolo)) ((risos olhando para a investigadora)) agora não ... com sono ... só ((olhando para o protocolo))

Observamos no dado que NS introduziu informações que considerou importantes com relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado como uma forma de esclarecer e exemplificar o sentido a fim de facilitar a compreensão do seu interlocutor, demonstrando uma postura pragmático-discursiva frente ao provérbio. E, talvez por isso, verificamos a presença de várias pausas na explicitação do sentido.

Já os sujeitos MH e MG discordaram do sentido veiculado no provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, como podemos ver a seguir:

MH: não ... eu não fico com ... porque eu vou dormir cedo ((risos))
→ ((movimento de negação com a cabeça))

MG: ah ... mas isso é muita vergonha ((risos))
-----→ ((gesto com a mão de mais ou menos))

Podemos dizer aqui sobre esses dados dos sujeitos MH e MG que eles explicitaram o sentido veiculado no provérbio discordando dele. Observamos a presença de uma “postura meta-enunciativa” dos sujeitos em relação ao sentido veiculado, ao considerarem inverdade o pressuposto nele presente.

Quanto ao provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, quando a investigadora o lembrou à MH e MG, MH comentou não conhecê-lo e MG afirmou conhecer, embora ambos não explicitassem o sentido nele veiculado.

Além do que já comentamos, observamos, também, nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, que esse provérbio parodiado apresenta um sentido que é próximo da nossa realidade sócio-cultural, um sentido que veicula pressupostos culturais de certa forma cristalizados, mas não uma cristalização como provérbio (como o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” que apresenta um grau de cristalização formal e discursiva).

PROCEDIMENTO 2

1. “Depois do temporal vem o lamaçal” (“Depois do temporal vem a bonança”)

Sujeitos não afásicos

Neste provérbio, o sujeito CC reconheceu o provérbio-origem e explicitou o seu sentido: “*que vem a paz ... que vem a calmaria*”. Com relação ao provérbio parodiado, afirmou não conhecê-lo, mas explicitou o sentido: “*a lama mesmo ... na minha rua aqui fica um lamaçal*”.

O sujeito IG também afirmou não conhecer esse provérbio parodiado, e assim como CC, explicitou o seu sentido, afirmando concordar com o provérbio, como podemos ver a seguir:

IG: ai vem depois do temporal faz uma sujeira ... vento ... eu concordo com isso aqui “Depois do temporal vem o lamaçal” que não tem tamanho ... a mão-de-obra pra limpar tudo hein ...

Com relação ao provérbio-origem, IG o reconheceu no provérbio parodiado e procedeu ao seguinte comentário, feito com a presença de várias pausas:

IG: ... depois da tempestade ... depois que vem o temporal na vida da gente ... vem um monte ... aí vem a calmaria ... bonança é calmaria ...

então ... é onde ... eu acho que a gente tem muita paciência e esperança no dia de amanhã ... que amanhã seja melhor que hoje ... é aí que é: né ... vai vim a calmaria ... tudo passa como eu digo aqui em casa tudo passa ... tá difícil mas amanhã é outro dia ... como se fosse o provérbio ... hoje tá acontecendo isso amanhã é outro dia vamos ter paciência que amanhã é melhor ... mais ou menos por aí ... “Depois do temporal vem a bonança” que dizer depois da tempestade que você tá passando ... depois tem a sua recompensa

Nos dados podemos observar que os sujeitos CC e IG explicitaram o sentido do provérbio parodiado de acordo com a interpretação que postulamos na grade interpretativa, concordando com o seu sentido, pois este parece veicular um pressuposto cultural admitido como válido em nossa sociedade. Já, quanto ao provérbio-origem, os sujeitos parecem concordar com o seu sentido, por ser este um provérbio cristalizado formal e discursivamente, apresentando um sentido cristalizado na nossa cultura como uma “verdade imemorial” e uma cristalização como provérbio, conforme pudemos perceber nos dados da explicitação do sentido realizada pelos sujeitos afásicos e não afásicos.

CC e IG reconheceram os implícitos culturais envolvidos nos provérbio-origem e parodiado e realizaram as inferências relevantes, além de assumirem posições na enunciação. Observamos, nos dados, uma reflexividade enunciativa por parte dos sujeitos na construção do sentido implicada nos processos de significação de interpretação e de explicitação do sentido.

Sujeitos afásicos

O sujeito MN afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Depois do temporal vem o lamaçal”, mas explicitou o seu sentido. Antes de explicitar esse sentido, ele tentou explicitar o sentido do provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança”, que a investigadora lembrou-lhe e ele o reconheceu, comentando da seguinte forma: “... *porque vem ... ((olhando para a investigadora)) o temporal é ... ((olhando para o protocolo)) bastante chuva e o milho e ... todas as coisas crescem melhor né ... mas ((olhando para a investigadora)) aqui ‘... vem o lamaçal’ ... ((olhando para o protocolo)) aqui eu não sei ((olhando para a investigadora))*”.

Podemos observar também no dado que MN utiliza a adversativa “... *mas ((olhando para a investigadora)) aqui ‘... vem o lamaçal’ ...*”, mostrando perceber a diferença entre os dois provérbios “Depois do temporal vem o lamaçal” e “Depois do temporal vem a bonança” e reconhecendo um tipo de intertextualidade entre os provérbios.

Vejamos a explicitação do sentido do provérbio parodiado “Depois do temporal vem o lamaçal”, realizada por MN na qual é possível subentender que depois do temporal a estrada ficava cheia de lama, como podemos perceber no dado a seguir:

MN: vem ... os caminhos ... porque antigamente não tinha estrada
→ ((movimento de afirmação com a cabeça))
... como agora tem estrada para todo o lado e ... ainda tinham os carros de bois que andavam nos caminhos ... que estragavam tudo ... até as estradas ... o que era a estrada ficava tudo cheia de lama ... ((olhando para a investigadora)) então ... “Depois do temporal vem o lamaçal” ... isso ... eu ... é isso aí ... é isso aí ((olhando para o protocolo))

Neste dado de MN, podemos observar que ele elaborou uma situação que explica o sentido do provérbio e assim explicitou o sentido desse provérbio parodiado concluindo que: “*então ... ‘Depois do temporal vem o lamaçal’ ... isso ... eu ... é isso aí ... é isso aí*”. Na explicitação de MN, o interlocutor tem condições de perceber que depois do temporal “*a estrada ficava tudo cheia de lama*”. Observamos, neste dado de MN, a presença de subjetividade e de uma “postura meta-enunciativa” na interpretação e explicitação do sentido veiculado neste provérbio que indicam uma reflexão de MN com relação ao seu dizer.

No dado do sujeito JM, num primeiro momento, ele parece que tentou lembrar qual seria o provérbio que conhecia, no caso, “Depois do temporal vem a bonança” e, posteriormente, comentou “*tá aqui ó ...*”, apontando para sua cabeça. Depois, quando a investigadora lembrou o provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança” e JM afirmou conhecê-lo, ele explicitou o seu sentido comentando a respeito da sua dificuldade para explicitar o sentido do provérbio: “*não tem ... não tenho palavras ... não ... não encontro palavras para isso aí*”. Esse comentário de JM é o que caracteriza a sua afasia do tipo semântica, mas isso não quer dizer que ele não explicitou o sentido desse provérbio e

de outros, já que reconheceu os implícitos envolvidos nos provérbios. Esse comentário de JM é uma atividade meta-enunciativa sobre o próprio dizer como “auto-comentador de suas palavras”.

JM afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Depois do temporal vem o lamaçal” e, a seguir, podemos ver a explicitação do sentido do provérbio parodiado e do provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança” com a presença de várias pausas e manobras lingüísticas para explicitar o sentido dos provérbios:

JM: “Depois do ...” ((olhando para o protocolo)) ... ((risos)) quando existe uma ... ((olhando para cima)) tem tempestade ... ((olhando para a investigadora)) ah ... ((olhando para o protocolo)) quando existe uma tem ... tem ... tempestade ... ((olhando para o lado)) chuva de vento ... a ... ((olhando para frente)) sobe um ... um ... na ... ((olhando para baixo)) lamaçal ((olhando para o lado)) ... lamaçal ... eu não queria ... ((olhando para frente)) ((olha para baixo)) empregar ... sobe ... sobe a ... tempestade ((olhando para o protocolo)) ((olha para a investigadora))

JM: quando ... ((olhando para frente)) existe ... ((olhando para a investigadora)) um temporal ... um ... uma tempestade ... tudo fica mais claro ... ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

Observamos, no dado acima, que JM queria usar uma palavra mais adequada para explicar a palavra lamaçal e comentou: “... *lamaçal* ... *eu não queria* ...”. Observamos também o percurso lingüístico-discursivo realizado por JM na explicitação do sentido que, apesar das suas dificuldades em função da afasia, trabalhou sobre e com a linguagem e atuou com processos alternativos disponíveis na situação enunciativa.

Com relação ao provérbio-origem, JM fez inferências relevantes na interpretação e explicitação do sentido desse provérbio reconhecendo os implícitos culturais envolvidos, mas diferentemente do sujeito MN, que não fez as inferências e não reconheceu os implícitos culturais e, portanto, não explicitou o sentido desse provérbio enquanto tal.

Podemos dizer, então, a partir dos dados de JM, que as alterações nos aspectos semânticos da linguagem, que afetariam os processos de significação, não interferiram na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios e dos provérbios parodiados.

O sujeito ES afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Depois do temporal vem o lamaçal” e a investigadora lembrou o provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança”, que ele afirmou conhecer. No dado do sujeito ES, podemos observar a explicitação do sentido do provérbio-origem a partir de uma situação particular. ES ainda estendeu seu comentário, procurando explicitar a sua compreensão sobre o sentido do provérbio, dizendo: “*aí ... temporal né ... ((olhando para o protocolo)) é difícil as coisa ...*” *((olhando para a investigadora))* e “*é ... ((olhando para baixo)) temporal ... aí ... bonança ... ((risos)) ((olhando para a investigadora))*”. Vejamos, abaixo, a explicitação do sentido do provérbio-origem “Depois do temporal vem a bonança” a partir de um contexto particular de ES:

ES: ... eu ... fiquei oito meses sem receber né ... ((olhando para a investigadora)) *-----→* ((gesto com os dedos de dois))
 INV: tá...
 ES: pindura ... pra caramba ((olhando para baixo))
 INV: hum hum
 ES: pindura ... pindura né ... aí ... nervoso nervoso ... mas ... eu sempre fui ... é ((olhando para baixo)) esforçada ... né ... aí ... me achei ... todo lado paralisado ... o ... eu ...
 -----→ ((passa a mão esquerda no lado direito do corpo))
 eu
 * ((apontando para ela))
 na cama ... ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((gesto com a mão))
 INV: hum hum
 ES: é ... ((olhando para baixo)) é ... ((olhando para o lado)) depois ... ((olhando para baixo)) a luta ... INSS ... tudo é ... aí ... ((olhando para o lado)) *-----→* ((gesto com o braço))
 INV: hum
 ES: veio né ... ((olhando para o lado)) quase tudo ... ((olhando para a investigadora))
 INV: tá
 ES: é ... quatro ... quatro meses ... é ... ficou ... pra trás ((olhando para o protocolo)) *-----→* ((gesto com os dedos de quatro))
 INV: de oito ... quatro ...
 ES: é ... aí ... quatro meses ... aí ((olhando para a investigadora))
 * ((movimento de afirmação com a cabeça))
 -----→ ((gesto com os dedos de quatro))
 INV: hum hum
 ES: recurso ... ((olhando para a investigadora))
 INV: hum ...
 ES: recurso ... ((olhando para baixo)) esperando recurso ...
 -----→ ((gesto com a mão))
 INV: tá

ES: aí ... temporal né ... ((olhando para o protocolo)) é difícil as coisa ... ((olhando para a investigadora))
INV: hum
ES: ((olhando para o lado)) é ... ((olhando para baixo)) temporal ... aí ... bonança ... ((risos)) ((olhando para a investigadora))

Observamos, neste dado, que ES fez comentários sobre o provérbio-origem e explicitou o seu sentido na interação com a investigadora, sendo que a investigadora apenas sinalizou compreender o que ele estava dizendo e uma única vez fez uma inserção como um pedido para que ES esclarecesse o que estava dizendo. ES, assim como JM, reconheceu os implícitos culturais envolvidos nesse provérbio, fazendo as inferências específicas para a interpretação e explicitação do sentido do provérbio-origem.

Posteriormente, ES também explicitou o sentido do provérbio parodiado “Depois do temporal vem o lamaçal” a partir do que já havia dito, mas diferenciando os sentidos entre os provérbios ao dizer: “*pior ainda ((rindo))*”. Podemos entender que ES explicitou o sentido desse provérbio de forma mais metafórica, diferentemente de todos os demais sujeitos afásicos e não afásicos, ainda que não reconhecesse a paródia presente neste provérbio. Podemos considerar, neste provérbio, esse sentido metafórico, mas o sentido desse provérbio parodiado dá-se quase como um truísmo, subvertendo o sentido do provérbio-origem. A paródia veiculada nesse provérbio parodiado foi considerada pelos outros sujeitos.

ES considerou, no dado apresentado, um tipo de intertextualidade entre os provérbios (isto caracteriza a paródia, embora ES tenha desconsiderado isso na interpretação do provérbio), isto é, o sentido mais metafórico presente nos provérbios, bem como as razões encontradas atualmente e que dão o sentido de que depois das coisas ruins, tudo pode ficar “*pior ainda*”.

Neste dado de ES, está em jogo a questão da metaforicidade, sendo preciso realizar as inferências específicas que se apresentaram pelo tipo de intertextualidade entre os provérbios e entre os sentidos desses provérbios considerados por ES na interpretação do provérbio parodiado. Pensar esse percurso lingüístico-discursivo e também cognitivo realizado por ES, considerando o sentido do provérbio parodiado, como fizeram os sujeitos não afásicos CC e IG e os sujeitos afásicos JM e MN, seria desconsiderar determinados

implícitos culturais e as inferências necessárias para a interpretação e explicitação do sentido como fez ES. ES demonstrou, dessa forma, diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem, o que envolve trabalho sobre a língua e a exterioridade, mas não um tipo de reflexão meta-enunciativa/meta-discursiva particular sobre a linguagem requerida na interpretação dessa paródia.

2. “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer depois de amanhã” (“Não deixes para amanhã o que pudeses fazer hoje”)

Sujeitos não afásicos

Neste provérbio, o sujeito FC afirmou não conhecer esse provérbio parodiado e IG não comentou conhecê-lo, mas eles explicitaram o seu sentido e também reconheceram o provérbio-origem no provérbio parodiado e explicitaram seu sentido. Vejamos os dados, a seguir, da explicitação do provérbio-origem:

FC: ... bom ... quando eu trabalhava por conta eu procurava sempre fazer as coisas ... no dia ... nunca deixar para amanhã ... porque o amanhã eu não sei ... eu fazia hoje

IG: ah: o que você puder fazer hoje faça ... eu falo aqui não enrola ... faz ... tem tempo de sobra faz hoje ... amanhã nós não sabemos o amanhã vamos fazer hoje

A seguir, podemos observar a explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada pelos sujeitos FC e IG:

FC: ... ai agora ... “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer depois de amanhã” ... eu vou deixar pra amanhã ... depois de amanhã eu faço

IG: “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer depois de amanhã” é amanhã depois de amanhã depois depois depois ((risos)) não é? Pode fazer depois de amanhã mas se você puder fazer amanhã vai ser melhor ((risos))

No dado de IG acima, podemos observar que ele explicitou o sentido do provérbio parodiado com risos e, posteriormente, comentou em relação a este provérbio que é melhor fazer amanhã do que depois de amanhã, sendo que este não é o sentido veiculado no provérbio parodiado. Esse comentário de IG é semelhante ao sentido veiculado no provérbio-origem. IG demonstrou um certo juízo de valor com relação ao sentido veiculado no provérbio. Nos dados de FC e IG, podemos perceber que eles reconheceram a paródia presente neste provérbio em relação ao provérbio-origem.

Observamos, nos dados, que os sujeitos concordaram com o sentido veiculado no provérbio-origem, pois demonstraram sua adesão a esse provérbio e assumiram uma posição de concordância na enunciação. Quanto ao provérbio parodiado, eles reconheceram e explicitaram o sentido, mas apresentaram, de certa forma, um estranhamento com relação ao sentido veiculado nesse provérbio.

Sujeitos afásicos

O sujeito JM, apesar das dificuldades de uma afasia com predominância semântica (dificuldade de evocação lexical, parafasias), o que podemos observar no dado a seguir, explicitou o sentido do provérbio parodiado “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”, mas não comentou se o conhecia, e também explicitou o sentido do provérbio-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, comentando conhecê-lo quando a investigadora lembrou-lhe. Podemos observar nos dados que JM utilizou um mesmo exemplo de uso para os dois provérbios, mas diferenciando o sentido deles. Vejamos, a seguir, a explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por JM:

JM: ah ... “... depois de amanhã” (9s) ((olhando para o protocolo))
quando quando uma pessoa ((olhando para a investigadora)) ah (5s) tá
livre ... não ... quando uma pessoa está ... ((olhando para o protocolo))
(16s) não ... ((olhando para baixo))

JM: a pessoa tá livre ... não não deixem ... não ... o que puder fazer
amanhã ((olhando para cima)) ... não ... tá livre ... tá tá livre e

-> ((movimento de negação com a cabeça e risos))
desimpedida ... ela pode resolver depois de amanhã ((olhando para o lado)) ((olha para a investigadora))

No dado acima, observamos o percurso linguístico-discursivo realizado por JM na explicitação do sentido do provérbio parodiado, ao proceder a reformulações, refletir sobre a adequação dos termos empregados, apresentar repetições e realizar as inferências necessárias para a interpretação do provérbio. Esse percurso mostra uma reflexão sobre a própria enunciação e sobre o enunciado proverbial.

A seguir, podemos observar a explicitação do sentido do provérbio-origem realizada por JM:

JM: quando ... quando ... quando o o su ... sujeito está liberado ... não deixa ... para amanhã ... ((olhando para a investigadora)) não deixa ... para o dia seguinte ... ah ... ((olhando para o lado))
INV: e faz quando?
JM: faz hoje ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

Com relação ao dado acima, que se refere à explicitação do provérbio-origem, podemos observar que JM apresentou menos reformulações e repetições. Isso pode se dar devido ao fato de ser este um provérbio mais conhecido, ou seja, tem a ver com o grau de cristalização do sentido e do provérbio. Nessa explicitação, como JM não finalizou o que queria dizer, a investigadora introduziu uma pergunta para que ele apresentasse o elemento relevante “faz hoje” que mostrou que ele realmente reconheceu os implícitos presentes nesse provérbio, interpretando e explicitando o sentido do provérbio-origem. Além disso, JM demonstrou que reconheceu a diferença de sentido entre os provérbios, ou seja, um tipo de intertextualidade entre eles, mas não reconheceu essa relação intertextual como paródia.

No dado, a seguir, podemos observar que MG explicitou o sentido do provérbio parodiado “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” com as palavras do próprio provérbio, porém incluiu o “*mas*” para explicar o sentido de não fazer amanhã, e sim fazer depois de amanhã, o que serviu de suporte na explicitação do sentido desse provérbio. MG também se serviu de gestos e movimentos de cabeça para orientar o

locutor quanto à compreensão do seu dizer. Afora isso, ele não comentou conhecer esse provérbio parodiado. Vejamos a explicitação do provérbio parodiado:

MG: não deixe fazer ... o que pode fazer ... ((olhando para o protocolo))
coisas ((olhando para a investigadora)) que você pode fazer ... depois de
amanhã ((olhando para o protocolo))

MG: ah ... não deixe pra amanhã ... mas ...
-----→ ((apontando para o provérbio))
que você pode fazer depois de amanhã ((olhando para o protocolo))
-----→ ((gesto com o braço indicando
amanhã))

MG: ah ... isso já é muito tarde ... ((risos))
--→ ((movimento de negação com a cabeça))

Nos dados acima, MG explicitou o sentido do provérbio parodiado e a sua discordância com o sentido nele veiculado. MG fez as inferências necessárias para reconhecer e interpretar o sentido desse provérbio e fez uso de um gesto que acompanhou sua fala indicando exatamente o sentido de amanhã, que diz respeito a uma significação não-verbal na construção do sentido. Portanto, observamos nos dados de MG, processos de significação verbais e não-verbais na construção do sentido do provérbio. MG, ao comentar, “*isso já é muito tarde*”, com movimento de negação com a cabeça, parece que reconheceu a paródia nesse provérbio.

MG também reconheceu o provérbio-origem “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer hoje” no provérbio parodiado. Vejamos o dado a seguir:

MG: “Não deixe ... ((olhando para o lado)) fazer amanhã ... o que pode
ser feito ... *-----→* ((gesto com o
braço indicando amanhã))
a ... a ... amanhã” ... não
-----→ ((gesto com a mão sobre a mesa))
“... hoje” ... ((risos)) ((olhando para a investigadora))
→ ((gesto com a mão sobre a mesa com maior força))

No dado acima, MG demonstrou que reconheceu a diferença de sentido entre os dois provérbios, reconhecendo um tipo de intertextualidade entre eles. Na explicitação do

sentido do provérbio-origem, fez uso de dois gestos que indicaram exatamente o sentido de “amanhã” e “hoje” que acompanharam sua fala. Observamos no dado que MG fez uma correção imediatamente após a evocação da palavra amanhã, presente no final do provérbio parodiado, e que foi acompanhado pelo gesto que indica hoje, que era o que ele queria dizer. MG interrompe-se com um “*não*”, pois considerou o termo amanhã inadequado em relação ao que ele queria dizer e, então, explicitou a palavra hoje junto com o gesto com a mão sobre a mesa, mas agora com maior força, como se quisesse enfatizar o que realmente ele queria dizer.

Neste dado, pudemos observar que os gestos apresentados por MG são realmente constitutivos do processo de significação na construção do sentido. No trabalho lingüístico-cognitivo da explicitação do sentido realizado por MG estão implicados os processos de significação verbais e não-verbais, a subjetividade, a determinação da linguagem, a inferenciação e uma reflexividade enunciativa na explicitação do sentido dos provérbios, mostrando diferentes níveis de reflexão do sujeito sobre a linguagem e seu funcionamento.

Nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, observamos a presença de subjetividade e de uma “postura meta-enunciativa” com relação ao sentido veiculado nos provérbios. Observamos, ainda, que os sujeitos reconheceram um tipo de intertextualidade entre os provérbios. Por fim, observamos uma cristalização do sentido e do provérbio-origem demonstrada pelo reconhecimento do provérbio no provérbio parodiado e pelo grau de adesão com relação a verdade presente nesse provérbio, além do sentido mais próximo da nossa realidade sócio-cultural, o que não pudemos observar na explicitação do sentido do provérbio parodiado.

3. “Quem tem boca vai ao dentista” (“Quem tem boca vai a Roma”)

Sujeitos não afásicos

Neste provérbio, os sujeitos FC e IG reconheceram e explicitaram o sentido do provérbio-origem da seguinte maneira: “*que você vai pedindo informação ... chega lá*” e

"tal ... tal ..."
 -----→ ((gesto com a mão de escrever no papel))
 "moça sabe tal tal tal ..." "aqui na rua tal" ...
 -----→ ((gesto de mostrar papel para alguém))
 "ó ... caminhar" ... eu sei ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((gesto com a mão de ir))

Neste dado de NS, podemos observar que a sua fala foi acompanhada por gestos que explicitaram o sentido do que ele estava dizendo no momento sobre o sentido do provérbio-origem. Este gestos, então, foram complementares à sua fala para a explicitação do sentido veiculado no provérbio, sendo indicativos da tarefa interpretativa e da explicitação do sentido. Portanto, eles são constitutivos do processo de significação e da construção do sentido do provérbio.

Com relação ao provérbio parodiado "Quem tem boca vai ao dentista", NS explicitou o sentido demonstrando certo estranhamento com o sentido nele veiculado e comentando que: "... *a não ser que ... ((risos)) ((olhando para baixo)) quebra um dente ... ((risos)) não é? ((olhando para a investigadora))*". Assim como o sujeito não afásico FC, NS também não reconheceu a paródia presente nesse provérbio.

O sujeito LM reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem "Quem tem boca vai a Roma" no provérbio parodiado e depois também explicitou o sentido do provérbio parodiado "Quem tem boca vai ao dentista", mas não comentou conhecê-lo. Vejamos o dado a seguir:

LM: ... hum hum ... não é ... a gente ... por exemplo assim ... eu ... é ... é ... é ... tem certos dias ... que a gente ... usa a boca pra ... pra num se perder ((risos))

LM: ... bom ... boca ... é ... quem tem vai ... ao dentista ... ((olhando para o protocolo)) tá certo né? Precisa de ir né? ((olhando para a investigadora))

Podemos observar nos dados a presença de várias pausas que parecem ocorrer como uma forma de organização e de reflexão sobre o que ele queria dizer na construção do sentido dos provérbios. Com relação ao provérbio parodiado, LM também apresentou certo

estranhamento e comentou: “*tá certo né? Precisa de ir né?*”, não reconhecendo a paródia assim como o sujeito NS e o sujeito não afásico FC.

A explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por NS e LM, apresentando certo estranhamento, mostra que talvez eles tenham reconhecido nesse provérbio parodiado a ausência de um sentido mais implícito característico dos provérbios. Isso demonstra que os sujeitos afásicos, assim como os não afásicos, reconhecem o que caracteriza os provérbios, ou seja, a presença de um sentido implícito, o que envolve também um nível de reflexão sobre a linguagem e seu funcionamento. Os sujeitos NS e LM também reconheceram os implícitos culturais envolvidos no provérbio-origem e realizaram as inferências relevantes no trabalho linguístico-discursivo, e também cognitivo, requerido na interpretação e explicitação do sentido.

O que parece aqui é que os sujeitos afásicos e não afásicos não reconheceram esse provérbio parodiado como provérbio, mas como uma frase que veicula um determinado sentido já explícito. Eles não reconheceram a paródia do provérbio-origem presente no provérbio parodiado que altera o sentido do provérbio-origem para ironizar, subverter ou questionar o seu sentido para desqualificá-lo. Nesse provérbio, é preciso fazer inferências mais específicas para reconhecer e explicitar a paródia desse provérbio em relação ao provérbio-origem, o que os sujeitos afásicos e não afásicos não fizeram.

Com relação ao provérbio-origem, este apresenta um grau de cristalização de sentido e de provérbio na nossa cultura, sendo reconhecido pelos sujeitos afásicos e não afásicos no provérbio parodiado e talvez por isso o não reconhecimento de um provérbio que parodia (o provérbio parodiado) o provérbio-origem e da paródia.

4. “Quem canta seus males, espanta” (“Quem canta, seus males espanta”)

Sujeitos não afásicos

Nesse provérbio parodiado, apenas o sujeito não afásico IG reconheceu espontaneamente a diferença na posição da vírgula em relação ao provérbio-origem. Os

demais sujeitos, num primeiro momento, explicitaram o sentido do provérbio-origem e reconheceram a diferença entre os provérbios apenas quando a investigadora comentou e, a partir disso, alguns deles explicitaram o sentido do provérbio parodiado.

Em relação ao provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”, IG comentou recusando o provérbio e reconhecendo a paródia: *“eu não canto seus males ... eu não canto meus males ... tira essa vírgula daí ((risos)) não tem necessidade dessa vírgula aqui ... ela tá atrapalhando ... tá querendo dizer outra coisa aqui”*. IG ainda comentou: *“‘Quem canta, seus males espanta’ sem vírgula ...”* e *“vai espantar o que ... não vai espantar nada ... os companheiros”*. Ele discordou do provérbio parodiado como provérbio, mas não discordou do seu sentido. IG apresentou certo estranhamento com relação ao sentido veiculado nesse provérbio, pois o seu sentido não representa algo que se diz nos provérbios. Além disso, percebeu a diferença de sentido com a mudança da vírgula em relação ao provérbio-origem, e a diferença de sentido em relação ao verbo cantar, reconhecendo um tipo de intertextualidade entre os provérbios e a paródia em relação ao provérbio-origem, explicitando o sentido do provérbio parodiado. Observamos, no dado de IG, no reconhecimento da paródia e na explicitação do sentido do provérbio parodiado, diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem, uma reflexividade enunciativa, uma atividade meta-enunciativa do sujeito.

IG também explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta”. Ele fez as inferências relevantes e reconheceu os implícitos presentes nesse provérbio, como podemos ver a seguir:

IG: é porque quando você tá pensando ... seus pensamentos não são bons ... tá rodando no momento que você é: certos momentos ... tá rodando pensamentos que não são bons ... você canta que eles ... você se distrai e aquilo passa

Sujeitos afásicos

Neste provérbio parodiado, nenhum sujeito afásico afirmou conhecer o provérbio parodiado e apenas o sujeito ES reconheceu a diferença entre os provérbios parodiado e

origem, quando a investigadora comentou, e explicitou o sentido como veremos mais abaixo.

Os sujeitos NS, LM e MN reconheceram o provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta” e explicitaram apenas seu sentido. Eles não explicitaram o sentido do provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”. Vejamos os comentários dos sujeitos sobre o provérbio-origem:

(1)

NS: que nem em casa ... em casa ... tô triste ... aí tem o rádio ... aí
*-----
vô coisa ... aí ah: ... na
-----→* ((gesto de ligar o rádio))
música ... aí errado ... errado... eu falo ... aí depois ... tô feliz ...
sozinho mas tô feliz ... só ((risos)) ((olhando para a investigadora))

NS: é ... então ... porque ... eu ... eu ... eu eu eu tô feliz ... eu
triste ... também o coração é ...*-----
----→* ((apontando para ela))
triste ... vontade de chorar ... não ... chorar não ... tô feliz ...
-----→ ((movimento de
negação com a cabeça))
vamos ... vamos ... é ... cantar ... é rádio ... certo ... vamos cantar
...

(2)

LM: ah: porque ... pelo menos ... na hora que a gente tá ... cantando ...
esquece ... os problema ... pelo menos ... aquelas hora que a gente tá
... cantando né ((olhando para a investigadora))

(3)

MN: “Quem canta, seus males espanta” eu sei ... espanta ... quer dizer
que ... “Quem canta, seus males espanta” ... espanta ... ((olhando para o
protocolo)) quer dizer ... manda embora
-----→ ((gesto com a mão de ir embora))
os maus ... ((olhando para a investigadora)) ah: “Quem ...” ... a gente
canta ... seus mal espanta ... isto é bom de ... de ... ((olhando para o
protocolo)) mas eu não sei como eu hei de ((olhando para o lado))
explicar ((olhando para o protocolo))

Como observamos nos dados acima, o provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta” apresenta uma forte cristalização, sendo seu sentido reconhecido. Os sujeitos não

apenas reconhecem o provérbio e o seu sentido, como também concordam com ele. Os sujeitos afásicos reconheceram os implícitos culturais envolvidos nesse provérbio-origem, assim como os efeitos de sentido, realizando inferências fundamentais no trabalho lingüístico-cognitivo de interpretação e de explicitação do sentido dos provérbios. Ainda pudemos observar nos dados os processos meta (metalingüísticos, metadiscursivos, metaenunciativos), a subjetividade, a determinação referencial, que são constitutivas da interpretação do provérbio e demandam dos sujeitos um trabalho em termos lingüísticos e cognitivos, sobre a língua e a exterioridade.

Com relação ao provérbio parodiado, os sujeitos não o conheceram quando a investigadora o leu no protocolo, mesmo quando ela explicou que havia uma diferença de sentido entre os provérbios em função da posição da vírgula e leu os dois provérbios, mostrando a diferença prosódica a promover deslocamento de sentido. Isso parece ocorrer por um não reconhecimento do sentido desse provérbio e do provérbio parodiado - que pôde ser observado também na população não afásica - devido à dificuldade ou à instabilidade metalingüística característica das afasias.

Já o sujeito ES, num primeiro momento, explicitou também o sentido do provérbio-origem e, quando a investigadora o questionou sobre o provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”, percebeu a diferença entre os dois provérbios e explicitou o sentido do provérbio parodiado, mas não reconheceu a paródia. Vejamos o dado da explicitação do sentido do provérbio-origem a seguir:

ES: eu ... ((olhando para baixo)) por exemplo né ... é ... antes né ... é
 * ((apontando para ela mesma))
 ... gosto muito de
 música né ((olhando para a investigadora))
 INV: hum hum
 ES: é ... a minha casa ... ((olhando para o lado)) no banheiro ...
 ((olhando para a investigadora)) é ... ((olhando para baixo)) os
 problemas né ... esquece ... ((olhando para a investigadora)) aí ... só
 pensa ((olhando para o lado)) em cantar ... alegrar ((risos)) ((olhando
 para a investigadora)) *-----→* ((gesto com a mão e
 expressão de alegria))

Podemos observar, nos dados de ES acima, a presença de várias pausas e os desvios de olhar que parecem ocorrer como uma forma de organização e de processamento lingüístico-discursivo do que se quer dizer para acrescentar ou não elementos necessários para a compreensão pelo seu interlocutor. Além disso, observamos um gesto com a mão e a expressão de alegria de ES acompanhando a fala para complementar o que ele estava dizendo. Todos esses movimentos de ES na explicitação do sentido desse provérbio-origem constituem a construção do sentido e são relevantes para a sua interpretação e explicitação. Observamos, ainda neste dado, processos de significação verbais e não-verbais que caracterizam o trabalho lingüístico-discursivo, e também cognitivo, requeridos na interpretação e explicitação do sentido de provérbios.

A seguir, a explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por ES:

ES: (21s) é é ... por exemplo né ... é ... ((olhando para o protocolo)) é
é ... algumas pessoas né ... ((olhando para o lado))
INV: hum
ES: é ... ((olhando para baixo)) é ... por exemplo né ... ((olhando para
o lado)) amarga né ... ((olhando para o protocolo))
INV: hum
ES: é ... amarga né ... aí ... espanta os ((olhando para o protocolo))
... espanta as outras pessoas né ... ((olhando para a investigadora))

No dado acima, podemos observar as manobras lingüísticas realizadas por ES na explicitação do sentido desse provérbio parodiado reconhecendo a diferença de sentido entre os provérbios com a mudança da prosódia. Há também a presença de várias pausas e desvios de olhar como uma forma de refletir sobre a linguagem e organizar o que se quer dizer. ES reconheceu os implícitos envolvidos nesse enunciado proverbial (diferentes dos implícitos envolvidos no provérbio parodiado), o que indica uma reflexividade enunciativa sobre os enunciados proverbiais na realização das inferências específicas para interpretar e explicitar o sentido veiculado nesse provérbio, quer dizer, realizado por ES sobre a linguagem e seu funcionamento.

Observamos nos dados que o provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta” apresenta um grau elevado de cristalização na nossa cultura, assim como o seu sentido, que parece levar tanto os sujeitos afásicos quanto os não afásicos a recusarem o provérbio

parodiado e o seu sentido. Os sujeitos IG e ES reconheceram os implícitos culturais e os efeitos de sentido presentes nos provérbios, e os efeitos de sentido do provérbio parodiado em relação ao provérbio-origem. Para tanto, assumiram diferentes posições nos provérbios e realizaram as inferências relevantes que são fundamentais no trabalho linguístico-cognitivo de interpretação e explicitação do sentido desse provérbio. Além disso, IG reconheceu a paródia em relação ao sentido veiculado no provérbio-origem.

5. “Quem espera sempre cansa” (“Quem espera sempre alcança”)

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos IG e AM reconheceram e explicitaram o sentido do provérbio-origem “Quem espera sempre alcança” sem a investigadora perguntar sobre o provérbio-origem. O sujeito AM afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Quem espera sempre cansa” e IG não comentou conhecê-lo, mas eles explicitaram o seu sentido, sendo que IG concordou com o sentido veiculado e comentou: “*é: ‘Quem espera sempre cansa’ ... você vai lá no INSS lá ficar sentado ali espera CANSA NOSSA aquilo CANSA ... você tá numa fila ... você cansa de ficar numa fila ... é isso sempre cansa*”. Já AM discordou do sentido deste provérbio e comentou: “*eu vejo que não cansa não ... eu espero ... ‘Quem espera sempre alcança’ ... não vejo essa palavra cansa ... adequada a esse provérbio não*”.

Podemos observar, no dado de IG acima, que ele explicitou o sentido do provérbio parodiado com uma situação possível de acontecer que exemplifica o sentido veiculado neste provérbio. Ele ainda aumentou a intensidade da voz nas palavras cansa e nossa enfatizando que realmente cansa de esperar no contexto que ele considerou para o sentido desse provérbio parodiado, demonstrando, também, a sua adesão àquilo que o provérbio veicula. IG reconheceu um tipo de intertextualidade entre os provérbios e parece que reconheceu a paródia em relação ao provérbio-origem. Já o sujeito AM recusou veementemente o provérbio parodiado considerando o sentido de que esperar não cansa, mas que “Quem espera sempre alcança”.

Tanto no dado de IG, quanto no dado de AM, observamos uma “postura meta-enunciativa” dos sujeitos frente ao enunciado proverbial que se caracterizaram pela adesão ou recusa dos sujeitos quanto ao provérbio parodiado.

Vejamos, a seguir, a explicitação do sentido do provérbio-origem realizada pelos sujeitos:

IG: é porque ela é paciente ... ela alcança ... ela tem ... se ela tem objetivo pra aquilo ... ela alcança

AM: “Quem espera sempre alcança” ... quem tem paciência ...espera ... sempre alcança aquilo que ... tá tá desejando

Podemos observar, nos dados acima sobre o provérbio-origem, que os sujeitos IG e AM explicitaram o sentido desse provérbio de modo semelhante, comentando sobre a paciência para alcançar os objetivos e desejos. Esses dados dos sujeitos não afásicos e os dados dos sujeitos afásicos (como observaremos a seguir) nos mostram um grau de cristalização formal-discursiva do provérbio-origem, que pode levar os sujeitos a recusarem o provérbio parodiado e o seu sentido, como no dado do sujeito AM.

Sujeitos afásicos

O sujeito LM indicou, no episódio abaixo, que ele concordou com o sentido veiculado no provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”, após a investigadora lembrar esse provérbio. Após isso, ele comentou conhecê-lo, explicitando o sentido, mas fez também uma ponderação com relação ao seu sentido. Vejamos o dado abaixo:

LM: hum hum ... então ... eu quero dizer que ... quem espera ... não esperar muito né ... mas ... é melhor né ... quem espera é ... é ... quem espera é ... espera ... espera ... assim ... uma coisa boa né ... ((olhando para a investigadora))

LM: é ... eu acho que ... quem espera ... certo né

Com relação ao provérbio parodiado “Quem espera sempre cansa”, LM comentou conhecê-lo e também explicitou o sentido estabelecendo um tipo de aproximação com o sentido do provérbio-origem e fazendo comentários em relação ao sentido do provérbio parodiado. LM reconheceu um tipo de intertextualidade entre os provérbios e parece que reconheceu a paródia presente no provérbio parodiado. LM comentou: “*quem espera ... sempre ... cansa ... assim ... quando espera ... demais né ... mas ... esperando um pouco ... num cansa não ((olhando para a investigadora))*”, ou seja, quem espera um pouco não cansa, mas alcança.

Podemos observar, na explicitação do sentido dos provérbios-origem e parodiado, que LM explicou “*não esperar muito*” para o provérbio-origem e que “*esperando um pouco*” não cansa para o provérbio parodiado. Quanto ao sentido dos dois provérbios, LM apresentou uma “postura meta-enunciativa” com ponderações, mostrando o seu grau de adesão em relação ao sentido veiculado nos provérbios, e assumiu posições na enunciação em relação aos provérbios o que faz parte da construção do sentido e de sua explicitação.

Nos dados, observamos, ainda, a presença de várias pausas com algumas repetições de palavras que caracterizam as manobras lingüísticas realizadas por ele na construção do sentido. O trabalho lingüístico-cognitivo demonstrado por LM na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios e no reconhecimento da paródia envolve os processos meta (lingüístico, pragmático, discursivo) sobre a linguagem e seu funcionamento.

A seguir, no dado do sujeito MS, podemos observar que ele discordou do sentido veiculado no provérbio parodiado “Quem espera sempre cansa” já que comentou: “*eu... espero... hum*” e “*... sempre cansa*”, fazendo o movimento de negação com a cabeça. MS não comentou conhecer esse provérbio parodiado. Vejamos o dado de explicitação do provérbio parodiado:

MS: ((risos)) eu ... não ((olhando para o protocolo))
 -----→ ((movimento de negação com a cabeça))
 cansar ... ((olhando para o protocolo)) não ...
 → ((movimento de negação com a
 cabeça e com o dedo indicador))

eu
 * ((apontando para ele mesmo))
 espero ... hum ...
 --→ ((gesto com a mão indicando esperar))
 "... sempre cansa" ... ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((movimento de negação com a cabeça))

No dado, a seguir, MS se referiu a um outro provérbio, “Quem espera, desespera”, que podemos também considerar como um provérbio parodiado. Vejamos o dado:

MS: a ... “ai ai ... ai” ...
 -----→ ((prosódia de reclamação))
 “espera um pouco” ...
 -----→ ((gesto com a mão de esperar))
 ah ... ah ... ah ... eu ... eu acho
 -----→ ((gesto com a mão de esperar))
 ((gesto com a mão de chamar e de conversar))
 que de desespera ... ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((apontando para o provérbio))

Podemos observar, nos dados de MS, várias pausas, hesitações, gestos que acompanharam a sua fala, movimento de cabeça e uma mudança na prosódia quando ele quis caracterizar uma reclamação no discurso indireto. Às vezes, MS fez dois movimentos ao mesmo tempo, como o movimento de negação com a cabeça e o gesto de negação com o dedo acompanhado de um “*não*”. Em outro momento, MS fez o gesto com a mão de chamar e conversar que não acompanhou a fala. Esse gesto comunicou o que ele queria dizer ao seu interlocutor em relação ao provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”, explicitando depois o sentido do provérbio parodiado “Quem espera, desespera”.

Os movimentos de cabeça e gestos que acompanharam ou não a fala de MS mostram-nos diferentes níveis de reflexão do sujeito sobre a linguagem envolvendo processos de significação verbais e não-verbais que participaram da construção e da explicitação do sentido dos provérbios para ele transmitir o sentido dos provérbios e o seu interlocutor compreender o que ele queria dizer. Além disso, MS apresentou, assim como o sujeito LM, uma “postura meta-enunciativa” frente a esse provérbio parodiado ao comentar: “*espera um pouco*”.

MS não fez comentários sobre o provérbio-origem “Quem espera sempre alcança” e lembrou o provérbio parodiado “Quem espera, desespera”, demonstrando reconhecer os implícitos culturais envolvidos no provérbio-origem, que a investigadora lembrou ao sujeito MS, e os efeitos de sentido da paródia em relação ao provérbio-origem “Quem espera sempre alcança” e em relação aos provérbios parodiados “Quem espera sempre cansa” e “Quem espera, desespera”. Além disso, MS reconheceu um tipo de intertextualidade entre os provérbios e assumiu sua posição diante dos provérbios: a posição de que “Quem espera, desespera” e não “Quem espera sempre cansa” ou “Quem espera sempre alcança”, demonstrando, assim, reconhecer a paródia no provérbio “Quem espera, desespera” quanto ao provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”.

Observamos, nesse dado de MS, processos meta (lingüísticos, meta-enunciativos, discursivos, pragmáticos) e a determinação referencial na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios “Quem espera sempre cansa” e “Quem espera, desespera”, ainda que com alterações dos aspectos lingüísticos e cognitivos presentes no quadro afásico de MS.

6. “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (“Quando um não quer, dois não brigam”)

Sujeitos não afásicos

Os sujeitos FC e AM afirmaram não conhecer esse provérbio parodiado, mas explicitaram seu sentido. O sujeito FC comentou explicitando o sentido desse provérbio: “*é ... a gente conhece ((risos)) ‘Quando um não quer, dois não faz’*”; e o sujeito AM afirmou conhecer a frase “*vamos dormir como marido e mulher ou como patrão e secretária*”, que apresenta uma relação de sentido com o sentido do provérbio parodiado.

AM explicitou o sentido do provérbio parodiado através de comentários sobre o casamento ou sobre a vida conjugal “*desanimada*” que pode haver nele: “*é ... o casal deita e fala assim ... ‘vamos dormir como marido e mulher ou como patrão e secretária’ ... se é*

como marido e mulher ... um vira para o lado e pro outro e dorme ... já como patrão e secretária já é diferente ... entendeu ((risos))”.

Nesses dados, podemos observar que os sujeitos FC e AM reconheceram o sentido veiculado neste provérbio parodiado e o explicitaram de forma semelhante, ou seja, através de duas frases diferentes, mas com sentidos próximos e que traduzem para o interlocutor o sentido do provérbio parodiado de forma que há condições de perceber o que os sujeitos transmitiram com relação ao sentido implícito veiculado neste provérbio parodiado. Os sujeitos demonstraram, assim, um trabalho sobre a linguagem que envolve os processos meta (lingüístico, pragmático, discursivo) e estes demandam diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem, um trabalho sobre a língua e a exterioridade, o que também observamos na explicitação do sentido do provérbio-origem realizada pelos sujeitos FC e AM e apresentada a seguir.

Os sujeitos também reconheceram o provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam” no provérbio parodiado e explicitaram o seu sentido. Vejamos os dados:

FC: “Quando um não quer, dois não brigam” ... é ... aqui o problema é o seguinte ... “Quando um não quer, dois não brigam” não tem como fazer ... se um não quer o outro não vai brigar ... nunca vai ter briga né

AM: por exemplo ... vamos falar em termos de casais ... às vezes o marido começa a provocar a mulher e ela fica quieta ... ela não quer brigar ... quando um não quer não tem briga ... mas se ... se provoca e tem ... reação ... aí vai dar briga ... não é verdade?

O sujeito AM explicitou o sentido do provérbio-origem, exemplificando com uma situação entre casais, de onde deriva essa idéia ou contexto da explicitação do sentido realizada por ele no provérbio parodiado. Além disso, AM também explicitou o sentido contrário do provérbio-origem, ou seja, “*se provoca e tem ... reação ... aí vai dar briga ...*”.

Sujeitos afásicos

Neste dado do sujeito ES, observamos que ele reconheceu o sentido veiculado no provérbio parodiado “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, mas por ser

esse um provérbio com conotação sexual, parece que ficou inibido e comentou: “*ai não sei*” e depois “*vergonha*”. ES comentou conhecer esse provérbio parodiado. Posteriormente, quando a investigadora fez um comentário com o qual ES concordou, confirmou-se que ES reconheceu o sentido veiculado nesse provérbio, como podemos ver no dado a seguir:

ES: ai não sei ((rindo)) ((olhando para o protocolo))
INV: não ...
ES: ai ... vergonha né ... ((rindo)) ((olhando para a investigadora))
((risos))
INV: tá bom ... no caso de um casal né?
ES: é ((olhando para a investigadora))

ES, portanto, reconheceu o implícito cultural presente nesse provérbio parodiado e fez as inferências necessárias no reconhecimento do sentido, indicando uma reflexividade enunciativa no trabalho interpretativo desse provérbio que envolve os processos meta e diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem e seu funcionamento requeridos na interpretação e na explicitação do sentido de provérbios.

Com relação ao provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam”, ES afirmou conhecê-lo quando a investigadora comentou sobre esse provérbio e deu o exemplo de uma situação de briga entre ES e o namorado, mas ela não explicitou o sentido. A partir desse exemplo, ES demonstrou reconhecer o sentido nele veiculado, como podemos ver no dado, a seguir:

ES: um ... um só ((olhando para a investigadora))
-----→ ((gesto com o dedo de um))
INV: você ou ele ...
ES: é ((olhando para a investigadora))
INV: aí vai ter briga?
ES: não ((olhando para a investigadora))
-> ((movimento de negação com a cabeça))
((risos))

O fato de ES não explicitar o sentido desse provérbio pode ter ocorrido por ser um provérbio que apresenta uma construção “... um não quer” sem ter o componente do que não se quer, ou seja, o predicado e com a presença da palavra um, e “... dois não brigam”,

com a presença da palavra dois. Podemos observar esse fato, no dado acima, quando ES enfatizou “*um ... um só*” acompanhado do gesto com o dedo de número um. Esse fato não ocorreu no provérbio parodiado, que apresenta a construção “... um não quer” presente também no provérbio-origem, e “... o outro vira para o lado e dorme”, com as palavras um e outro. Aqui podemos observar, de certa forma, uma dificuldade de ordem metalingüística apresentada por ES, o que implicou, de alguma maneira, a dificuldade no reconhecimento do sentido e na interpretação desse provérbio-origem.

O sujeito LM reconheceu esse provérbio parodiado comentando que: “*hum ... é ... um ditado certo né?*”. A seguir, o sujeito LM explicitou o sentido do provérbio parodiado “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, reconhecendo também o implícito presente neste provérbio e concordando com o sentido veiculado, como podemos ver a seguir:

LM: ah: porque ... é ... fazer as coisas ... é bom ... quando ... quando os dois ... os dois quer ... agora ... quando um não quer ...
 ---→ *-----→* ((gesto do número dois com os dedos))
 ((risos))

Já o sujeito LM, na explicitação do provérbio parodiado, referiu-se à “*os dois quer*” acompanhado do gesto de número dois com os dedos e “*quando um não quer*”, sendo possível compreender o que ele quis dizer sobre o sentido veiculado nesse provérbio, diferentemente do que fez o sujeito ES na explicitação do provérbio-origem. Neste dado, LM realizou operações metaenunciativas sobre o enunciado proverbial e sobre a sua própria enunciação, as quais são tipicamente enunciativo-discursivas (KOCH, 2004), relevantes na interpretação e na explicitação do sentido, o que também observamos na explicitação do sentido do provérbio-origem apresentada a seguir.

LM reconheceu o provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam” e explicitou o seu sentido. Vejamos o dado:

LM: ... é ... aí ... quer dizer ... tudo ... o que você não quer ... posso ...
 -----→ ((movimento de

negação com a cabeça))
 sair fora ... não quer ... é
 ----→ ((gesto com a mão))

Podemos reconhecer, nesse dado sobre o provérbio-origem, que LM explicitou o sentido de que se você não quer, você pode “*sair fora*”, ou seja, se você não quer brigar e o outro quer, você pode “*sair fora*” e não haverá briga. Portanto, LM realizou inferências semântico-pragmáticas relevantes no trabalho lingüístico-cognitivo para a interpretação e explicitação do sentido desse provérbio-origem, assim como no provérbio parodiado.

Na explicitação do sentido dos dois provérbios, LM apresentou pausas e acompanhou a fala com o gesto de número dois com os dedos para o provérbio-origem, apresentou, também, o gesto com a mão representando “*sair fora*” e o movimento de negação com a cabeça. As pausas apresentadas por LM parecem ser uma forma de refletir sobre a linguagem e organizar a fala para explicitar melhor o que ele compreendeu do enunciado e o que queria dizer para ser compreendido pelo seu interlocutor. Os gestos e o movimento de cabeça complementaram seu propósito discursivo e são constitutivos do processo de significação e da construção do sentido na explicitação dos provérbios.

Nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos da explicitação do sentido do provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam”, podemos perceber que esse provérbio apresenta uma cristalização de sentido e de provérbio na nossa cultura, já que a maioria dos sujeitos demonstrou conhecer esse provérbio e o seu sentido, explicitando-o. Com relação ao provérbio parodiado, para explicitar algum sentido veiculado não é necessário reconhecer o provérbio-origem no provérbio parodiado, os sujeitos reconhecem os efeitos de sentido presentes no provérbio parodiado, mas não reconhecem necessariamente a paródia, o que também não implica reativar o sentido do provérbio-origem. Esse provérbio parodiado parece apresentar um certo grau de cristalização do sentido, mas não como provérbio.

7. “Quem ama o feio é cego” (“Quem ama o feio, bonito lhe parece”)

Sujeitos não afásicos

O sujeito IG comentou sobre esse provérbio parodiado: “... *aí tá invertido aí ((risos)) não tá? “Quem ama o feio...” tá estranho isso...*”, reconhecendo, de certa forma, a paródia. Ele lembrou o provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito é”, mas não explicitou o sentido desse provérbio. Com relação ao provérbio parodiado “Quem ama o feio é cego”, IG explicitou o seu sentido discordando dele e ponderando que “Quem ama o feio é cego”: “às vezes também não é cego”. Entretanto, antes de explicitar esse sentido, IG também explicitou um sentido para esse provérbio parodiado próximo ao sentido veiculado no provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito é” ou do provérbio “Quem ama o feio, bonito lhe parece”. Vejamos o dado de IG a seguir:

IG: ... ah: mas não tem como um sentido ... “Quem ama o feio ...” o feio é ... a visão de cada um ... pode ser cego pode estar enxergando também ... não pode? ... não é? Ele pode tá enxergando ... isso aí é ... o jeito que a pessoa tá olhando ... às vezes o amor dela é tão lindo ... entendeu ... né ... não é feio ... então é ... às vezes também não é cego né ...

Vejamos os dados do sujeito AM que também lembrou o provérbio “Quem ama o feio, bonito é” e comentou discordando do conceito de feio, do mesmo modo que o sujeito afásico MN:

AM: porque ... não existe ... eu vejo isso ... pessoa feia ... todas as pessoas são bonitas ...

Com relação ao provérbio parodiado, AM fez uma tentativa de explicitar o seu sentido, como podemos ver a seguir:

AM: não ... não conheço não ... mas o ... “Quem ama o feio é cego” ... é cego ... é cego quem ... é cego quem ... porque “Quem ama o feio é cego” ... é cego quem ama o feio ... é o contrário ... que eu entendo ... “Quem ama o feio é cego” ... é cego quem ama o feio

Os sujeitos IG e AM reconheceram os implícitos envolvidos no provérbio-origem e realizaram as inferências necessárias para a interpretação e explicitação do seu sentido.

Com relação ao provérbio parodiado, observamos nos dados as “estratégias” meta dos sujeitos não afásicos na explicitação do sentido veiculado nesse provérbio (como também observamos nos dados dos sujeitos afásicos). O sujeito IG explicitou o sentido do provérbio parodiado, demonstrando a sua adesão ao provérbio “Quem ama o feio, bonito é” e discordando do provérbio parodiado, além de comentar que: “*a: mas não tem como um sentido ...*”. O sujeito AM afirmou não conhecer o provérbio parodiado e tentou meta-enunciativamente explicitar um sentido para esse provérbio sem explicar o que realmente o provérbio quer dizer, tal como observamos no dado.

Sujeitos afásicos

O sujeito MN reconheceu o provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece” e o seu sentido, lendo mais de uma vez o provérbio parodiado no protocolo. Ele comentou explicitando o sentido do provérbio-origem: “*que ele não está vendo a feiúra ((olhando no protocolo)) dele ... ele ... ele o ama ... e o quer mesmo assim ((olhando para a investigadora))*”.

Com relação ao provérbio parodiado, MN não comentou conhecê-lo e discordou do seu sentido ponderando em relação ao conceito de feio, como fez o sujeito não afásico FC, o que demonstra uma atividade meta-enunciativa do sujeito sobre a linguagem. MN, além disso, explicitou um sentido semelhante ao sentido veiculado no provérbio-origem, como podemos ver no dado a seguir:

MN: “Quem ama o feio é cego” ... ((lendo no protocolo)) é porque não põe os olhos para feiúras que tem né ... quem ama o feio ... as pessoas são feias ... umas acham-nas feias ... outras acham-nas bonitas ... mas ele acha sempre bonito ((olhando para a investigadora))

Posteriormente, junto com a investigadora, MN parece que reconheceu um possível sentido para esse provérbio, mesmo discordando dele. Vejamos o dado:

MN: ... não não é só isso não ... “Quem ama o feio ...” quem ama o
 -----→ ((movimento de negação com a cabeça e com o
 dedo))

feio não é o cego ... quem ama o feio ... “Quem ama o feio é cego” ... mas quem ama ... não é o feio ... o feio é o cego ... “Quem ama o feio ...” ((olhando para a investigadora))
 INV: “Quem ama o feio ...”
 MN: “... é cego” ((olhando para o protocolo))
 INV: “Quem ama o feio é o cego” ... o cego ama o feio ... por que o cego ama o feio?
 MN: porque não vê ... como ele é ((olhando para a investigadora))
 INV: porque não enxerga
 MN: é ... não vê ... não enxerga ((olhando para a investigadora))

Podemos observar, no dado acima, que MN apresentou certa dificuldade na explicitação do sentido do provérbio parodiado e considerou o sentido veiculado no provérbio-origem para o provérbio parodiado. Posteriormente, quando a investigadora perguntou “*por que o cego ama o feio?*”, MN explicitou a idéia de que o cego ama o feio “*porque não vê*”. Portanto, parece que ele reconheceu o sentido veiculado no provérbio parodiado, mas não é possível ter certeza, pois ele pode ter considerado o sentido de não ver, de não enxergar a feiúra das pessoas, sentido este veiculado no provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”.

Observamos também, neste dado de MN, a consideração de certo grau de cristalização do provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, bem como a recusa do provérbio parodiado e do sentido nele veiculado.

Já o sujeito JM, afirmou não conhecer esse provérbio parodiado, mas explicitou o sentido nele veiculado, como podemos ver a seguir:

JM: (5s) ((olhando para o protocolo)) o sujeito que ... que ... enxerga ... ((olhando para frente)) não vê ... não vê ... um sujeito que é cego ((olhando para a investigadora))
 INV: não vê ...
 JM: não vê ... o sujeito que é cego é cego ((olhando para a investigadora))

No dado acima, JM fez referência ao sujeito que enxerga e, posteriormente, ele explicitou que: “*não vê ... um sujeito que é cego*”. Depois, a partir do que a investigadora disse como forma de pedir um esclarecimento sobre o que ele queria dizer, JM comentou que: “*não vê ... o sujeito que é cego é cego*”. Os comentários de JM explicitam o sentido

desse provérbio parodiado. Ele explicitou o conteúdo, a idéia presente neste provérbio e, assim, pudemos compreender que “*o sujeito que é cego é cego*”, portanto não vê o feio que ele ama.

Pudemos observar que JM apresentou dificuldades na explicitação do sentido, dificuldades as quais parecem ser de ordem semântico e discursiva e que são características da sua afasia, mas que não implicaram a falta da explicitação de conteúdos que explicassem o sentido veiculado no provérbio e que poderia resultar na não compreensão do que ele quis dizer para o seu interlocutor.

Com relação ao provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”, JM não explicitou o sentido completo desse provérbio, mas o reconheceu quando a investigadora lembrou-lhe, parecendo haver também reconhecimento do seu sentido. Vejamos o dado a seguir:

JM: (12s) ((olhando para baixo)) uma porção de gente que é feia ...
((olhando para a investigadora)) (14s) “... bonito lhe ...” ((olhando para o protocolo))

No dado acima, podemos também observar que JM apresentou certa dificuldade na explicitação do sentido do provérbio-origem e utilizou parte do provérbio para explicar uma parte do seu sentido, informando, dessa forma, para o seu interlocutor, o sentido veiculado no provérbio-origem. Observamos nos dados que, apesar das dificuldades próprias da afasia de JM, ele reconheceu implícitos e explicitou o sentido veiculado nesses provérbios, o que caracteriza um trabalho lingüístico-discursivo, e também cognitivo, requerido na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios.

Nos dados dos sujeitos afásicos, observamos as manobras lingüísticas realizadas por eles na explicitação dos sentidos dos provérbios, as quais envolvem processos de ordem meta (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos) implicados na inferenciação requerida na construção do sentido e na explicitação da significação dos provérbios-origem e parodiado (mesmo sem reconhecer a paródia). Observamos que, apesar das alterações nos

processos lingüísticos e cognitivos presentes nas afasias, os sujeitos trabalham com e sobre a linguagem, sobre a interpretação e a explicitação do sentido.

Esse provérbio parodiado apresenta um sentido que questiona o sentido do provérbio-origem e veicula a idéia de que quem ama o feio é porque é cego e por isso não vê a feiúra de quem ama, reafirmando o valor da beleza física no contexto social. A paródia tem como característica subverter o sentido original, fazendo aparecer uma contradição entre o sentido veiculado no provérbio-origem e o sentido do provérbio parodiado, como podemos observar nesse provérbio. A maioria dos sujeitos afásicos e dos não afásicos recusou esse sentido veiculado no provérbio parodiado e o próprio provérbio, como o sujeito afásico MG bem comentou: *“ai que coisa feia”*. Contudo, eles não se referiram à paródia desse provérbio em relação ao provérbio-origem.

Nesse provérbio parodiado, temos que considerar também, além do seu sentido, muitas vezes, recusado pelos sujeitos, a cristalização do provérbio-origem e do seu sentido na nossa cultura, sentido esse que valoriza a beleza interna e que acredita que o conceito de feio é bastante relativo, como o sujeito FC comentou sobre o provérbio parodiado: *“porque não existe pessoas feia ... eu acho que o feio não existe ... eu acho ... que o feio não existe”*.

8. “Os últimos serão desclassificados” (“Os últimos serão os primeiros”)

Sujeitos não afásicos

O sujeito CC não comentou conhecer esse provérbio parodiado, mas explicitou o seu sentido. Ele reconheceu o provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros” e tentou explicitar o sentido desse provérbio-origem.

Com relação ao provérbio parodiado, CC explicitou o sentido: *“... é ... ‘Os últimos serão ...’ porque ... os primeiros já foram ... são os primeiros ... os últimos então ... estão desclassificados ...”*. Podemos observar nesse dado que CC apresentou várias pausas e repetições de palavras na explicitação do provérbio parodiado, o que pode ter ocorrido pela obviedade do sentido presente neste provérbio.

Vejamos, a seguir, que CC demonstrou certa dúvida sobre o sentido veiculado no provérbio-origem e concluiu sobre o sentido desse provérbio:

CC: ... “Os últimos serão os primeiros” ... aí ... talvez ... porque têm mais capacidade ...

Podemos dizer que CC tentou explicitar o sentido desse provérbio-origem. Nesse provérbio-origem, os sujeitos não afásicos não realizaram as inferências específicas para interpretar e explicitar o seu sentido.

Sujeitos afásicos

O sujeito LM afirmou não conhecer o provérbio parodiado “Os últimos serão desclassificados”, mas explicitou o seu sentido comentando que: “... *é ... serão ... reprovados né ... é ... então ... como que se diz ... se eu que tô ... numa dessa ... eu quero sair primeiro ((olhando para a investigadora)) ((risos))*”. Ou seja, se eu estiver em primeiro lugar eu serei aprovado. Podemos observar nesse dado que LM fez as inferências semântico-pragmáticas relevantes para a interpretação e explicitação do sentido desse provérbio parodiado, derivando, desse enunciado, propriedades semânticas, implícitos culturais e pré-construídos de que quem está em último lugar está reprovado.

A seguir, LM explicitou o sentido do provérbio-origem, “Os últimos serão os primeiros”, provérbio que ele afirmou conhecer quando a investigadora lembrou, e considerou nesse provérbio o sentido de que “*sai mais bem*” quem está em último em comparação a quem está em primeiro, como podemos ver abaixo:

LM: ... que ... quem ficar ... por último ... sai mais bem ... do que quem sair primeiro né? ((olhando para a investigadora))

Podemos considerar que o sujeito LM explicitou o sentido dos provérbios-origem e parodiado de forma mais “clara” do que a explicitação realizada pelo sujeito não afásico CC (que apresentamos nos dados dos sujeitos não afásicos). LM explicitou o sentido do

provérbio parodiado e ainda inseriu um comentário assumindo sua posição na enunciação que deu suporte à explicitação do sentido. Os dados de LM mostram que ele reconheceu os implícitos envolvidos nos provérbios e realizou as inferências necessárias, além de assumir determinada posição enunciativa, que é fundamental para caracterizar o trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo requerido na interpretação e na explicitação de provérbios.

Nesse provérbio parodiado, o sujeito JM tentou lembrar qual seria o provérbio que ele conhecia comentando que: “(18s) “Os os últimos ...” ((olhando para o protocolo)) ((movimento de negação com a cabeça)) tá na ponta da ... da língua ... (19s)”. Assim como o sujeito LM, JM fez as inferências semântico-pragmáticas relevantes, reconhecendo os implícitos culturais envolvidos nesse provérbio. JM, depois de várias tentativas, explicitou o sentido desse provérbio parodiado, que ele afirmou não conhecer, como podemos ver a seguir:

JM: ... os que estão na na última ... posição ... serão descla ...
desclassificados ... ((olhando para a investigadora)) ota vida ((olhando
para frente))

Com relação ao provérbio-origem, JM afirmou conhecê-lo quando a investigadora lembrou e explicitou um sentido que não é o sentido desse provérbio, mas mostra uma tentativa de explicitação e de coerência com o que a frase poderia querer dizer se não fosse um provérbio:

JM: “Os últimos serão os primeiros” ... ((olhando para a investigadora))
quem tá ... tá ... na na ... numa sala ... ((olhando para frente)) che
chega por último ... quando todos ... os alunos ... deixam pronto ...
serão os primeiros ... ((olhando para o lado))
---→ ((gesto com a mão))
((olha para a investigadora))

Nos dados, JM apresentou várias tentativas na explicitação do sentido dos provérbios, e no provérbio parodiado comentou: “ota vida”, ao conseguir explicitar o que ele queria dizer sobre o sentido, uma operação meta-enunciativa sobre sua própria

enunciação. As pausas caracterizam uma forma de JM refletir sobre a linguagem e organizar o que ele quis dizer e assim explicitar o sentido do provérbio. Essas manobras lingüísticas observadas nos dados de JM caracterizam-se por processos meta e mostram o percurso lingüístico-discursivo e cognitivo realizado por ele na construção do sentido e da significação implicados na interpretação e na explicitação de provérbios.

Já o sujeito ES afirmou não conhecer esse provérbio parodiado e não explicitou o sentido nele veiculado. Ele reconheceu o provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros” e explicitou o sentido deste elaborando um contexto possível para explicar o seu sentido. A investigadora participou da construção do sentido ao fazer inserções pedindo um certo esclarecimento para tentar compreender o que ES realmente estava querendo dizer a respeito do sentido do provérbio-origem. Vejamos o dado a seguir:

ES: ... aquele lá ((olhando para o lado)) ((olha para a investigadora))
 é ... aquele lá ... é ... ((olhando para baixo)) é gordo ... é ...
 vaidade ... tudo né ... metido né ... ((olhando para a investigadora))
 metido né ... ((olha para a investigadora))
 ((risos)) ((olhando para o lado))
 ((risos))
 ES: é ... metido né ... é ... ((olhando para baixo)) você ... é ...
 ((olhando para o lado)) o outro ... coitadinho né ... ((olhando para a
 investigadora))
 INV: o coitadinho está em último?
 ES: é ((olhando para a investigadora))
 INV: e o vaidoso está lá em primeiro ...
 ES: é ((olhando para a investigadora))
 INV: e daí ...
 ES: (8s) ((olhando para o protocolo))
 INV: às vezes quem está lá em último ... é melhor do que quem se acha o
 ...
 ES: o bam bam ... bam bam ... não ... o ... é ... bam bam
 -----→ ((com o dedo
 polegar levantado))
 INV: é ... bam bam bam
 ES: bam bam ... bam bam ... ((olhando para a investigadora))
 INV: bam bam bam
 ES: bam bam bam ((olhando para a investigadora))
 ((risos))

Observamos, neste dado de ES, que ele apresentou uma ilustração de situação de emprego para exemplificar o sentido do provérbio-origem e explicitar o sentido nele

veiculado. Há a presença de várias pausas e desvios de olhar que parecem caracterizar uma reflexão sobre a linguagem, auxiliando a organização do texto. No dado, ES usou “*aquele lá*” e “*outro*”, respectivamente, para caracterizar quem está em “primeiro” e quem está em “último” no contexto que ele criou para o sujeito “*metido*” e o sujeito “*coitadinho*”, o que a investigadora confirmou no decorrer da interação. Posteriormente, quando ela pediu um esclarecimento de ES, ele fez uma pausa de oito segundos sem explicar o que ele realmente quis dizer; então, a investigadora fez uma conclusão sobre o que ES disse e ele complementou o que já havia dito anteriormente. A investigadora procurou dizer de outra forma o que ES estava explicitando no exemplo que ele elaborou sobre o provérbio para confirmar o que ele quis dizer sobre o sentido do provérbio.

ES demonstrou, nesse dado, que reconheceu os implícitos culturais envolvidos no provérbio-origem, realizando inferências relevantes para interpretar o seu sentido que indicam um trabalho meta-enunciativo de ES em relação aos provérbios. Temos aqui a presença da subjetividade, da determinação referencial, do conhecimento de mundo, *etc.*, que caracterizam o trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo requerido na interpretação de provérbios que foi realizado por ES.

Como observamos nos dados, os sujeitos afásicos LM e ES reconheceram e explicitaram o sentido desse provérbio-origem, reconhecendo os implícitos e realizando inferências relevantes para a interpretação e explicitação do sentido, o que o sujeito não afásico CC não fez. Podemos observar um grau de cristalização, tanto formal quanto discursiva do provérbio-origem.

Já o provérbio parodiado “Os últimos serão desclassificados” apresenta um sentido marcante em nossa sociedade: o sentido de que os últimos são desclassificados e não os primeiros, como, por exemplo, na situação de um concurso. Talvez, por isso, haja maior número de explicitação do sentido desse provérbio parodiado (realizada pelos sujeitos afásicos e não afásicos), o qual parece apresentar uma cristalização de sentido, mas não de estatuto proverbial.

9. “Quem vê cara não vê o resto” (“Quem vê cara não vê coração”)

Sujeitos não afásicos

Apenas o sujeito FC explicitou o sentido do provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto”, mas não comentou conhecê-lo. FC lembrou e explicitou o sentido do provérbio “Quem vê cara não vê coroa” e não fez referência ao provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”. Com relação ao provérbio “Quem vê cara não vê coroa”, FC comentou: *“porque a coroa ficou embaixo ... só viu a cara”*, retirando o caráter metafórico presente neste provérbio e deixando de reconhecer os implícitos nele envolvidos. Quanto ao provérbio parodiado, ele tentou explicitar o sentido da seguinte maneira: *“Quem vê cara não vê o resto’ ... porque ele só viu a cara”*.

Observamos, no dado de FC, que ele explicitou o sentido do provérbio parodiado de forma semelhante ao que fez com o provérbio “Quem vê cara não vê coroa”, comentando: *“porque ele só viu a cara”*. Podemos subentender que o resto é *“o corpo ... pé ...”*, como fez o sujeito afásico MG.

Como paródia, esse provérbio subverte o sentido do provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração” e retira, de certa forma, o caráter metafórico desse provérbio. FC não reconheceu a paródia, assim como os demais sujeitos não afásicos e os sujeitos afásicos, mas reconheceu os implícitos envolvidos nesse provérbio parodiado.

Já o sujeito CC reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração” e, com relação ao provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto”, comentou, não explicitando o seu sentido: *“‘Quem vê cara não vê o resto’? será que ... não sei”*. Vejamos o comentário de CC sobre o provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”:

CC: é ... às vezes você vê uma pessoa ai como ela é boazinha ... ou ele é bonzinho ... pelo jeito e pela aparência ... mas só que o ... por dentro que é o problema ... coração de pedra ... então eu entendo isso “Quem vê cara não vê coração” ... não vê o interior dele

Observamos, no dado acima sobre o provérbio-origem, que CC reconheceu os implícitos culturais envolvidos nesse enunciado proverbial, realizando as inferências semântico-pragmáticas relevantes no trabalho lingüístico-cognitivo implicados na interpretação de provérbios. Com relação ao provérbio parodiado, CC apresentou certa dúvida, não explicitou o seu sentido, nem o reconheceu, assim como, a paródia nele presente.

Sujeitos afásicos

Podemos observar, no dado abaixo do sujeito MG, que ele explicitou o sentido do provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto”, mas não comentou sobre conhecê-lo:

MG: é é ... “Quem vê cara ... ((olhando para o lado)) não vê o resto” ... que ... é ... por exemplo ((risos)) ((olhando para a investigadora)) ... a ... ((olhando para baixo)) e e ... “Quem vê cara ...” não vê o ((gesto com a mão de tudo)) o corpo ... o pé ... ((olhando para o protocolo))

O sujeito MG explicitou, neste provérbio, algo que estava subentendido, demonstrando realizar as inferências necessárias e explicitando os subentendidos na interpretação do provérbio parodiado. MG demonstrou uma operação meta-enunciativa mais intensa sobre a linguagem, pois considerou que quem vê cara não vê outras partes do corpo, diferentemente do sujeito não afásico FC que explicitou apenas o sentido de “*porque ele só viu a cara*”.

Com relação ao provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”, que a investigadora lembrou a MG, e ele afirmou conhecer, MG tentou explicitar o sentido acompanhando a fala com gestos. Vejamos o dado a seguir:

MG: ai ... é ((com a mão aberta bate na região do coração)) ((risos)) ... ah ... ((olhando para a investigadora)) “Quem vê cara não vê o coração”
----→ ((com a mão aberta bate na região do coração))

Neste dado, podemos observar que MG usou gestos para ajudá-lo na explicitação do sentido desse provérbio; entretanto, ele apenas repetiu o provérbio e fez duas vezes o gesto

de bater com a mão aberta sobre o coração. MG apresenta uma afasia de predomínio expressivo com dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, que pode ser observado no dado acima. Entretanto, parece que MG reconheceu o sentido desse provérbio, indicando, de alguma forma, o reconhecimento de implícitos nele envolvidos (repetição do enunciado proverbial, gesto de indicação do coração e do interior do corpo, risos), o que caracteriza uma reflexão sobre a linguagem. MG apresentou em sua fala várias pausas e desvios de olhar, o que parece ser uma forma de refletir sobre a linguagem e organizar o que se queria dizer para explicitar o sentido veiculado nos provérbios.

O sujeito ES também reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”. ES reconheceu os implícitos culturais envolvidos nesse provérbio e realizou inferências relevantes para a interpretação e explicitação do sentido desse provérbio, assim como o fez o sujeito não afásico CC, como podemos ver a seguir:

ES: ai ... ((olhando para a investigadora)) muitas vezes ... é ...
 ((olhando para baixo)) passa ... passa ... é ... nossa vida né ... é ...
 ((olhando para a investigadora)) pessoas ... pes ... pes ... umas pessoas
 ... ((olhando para baixo))
 INV: hum
 ES: cara dela ... tranqueira ... tranqueira tranqueira ... cara dela ...
 -----→ ((gesto com o braço))
 aí ... vai ver ... nada disso
 ((olhando para a investigadora))

Com relação ao provérbio parodiado, ES demonstrou reconhecer os implícitos presentes desse provérbio que indicam que “o resto” parece indicar “dentro” ou “o todo”. Apesar disso, não comentou conhecer esse provérbio e considerou a presença dos mesmos implícitos nos provérbios-origem e parodiado. Vejamos o comentário de ES sobre o provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto”:

ES: ai ... resto é ... resto ... de dentro ... ((olhando para o
 protocolo)) *-----→* ((com a mão no peito))

Podemos dizer aqui que este provérbio parodiado apresenta uma construção ou um tipo de intertextualidade frente ao provérbio-origem que aproxima os sentidos se não

reconhecemos os implícitos ou efeitos de sentido presentes no provérbio parodiado e/ou na paródia, requerendo dos sujeitos diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem e seu funcionamento. Ao que parece, a maioria dos sujeitos não o reconheceu, como o sujeito afásico ES.

A maioria dos sujeitos afásicos e não afásicos não reconheceu os efeitos de sentido presentes no provérbio parodiado relevantes na interpretação e na explicitação do seu sentido. Temos, também, que considerar aqui o grau de cristalização formal e discursiva do provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração”, sendo esse provérbio (e seu sentido) o mais reconhecido pela maioria dos sujeitos afásicos e não afásicos.

10. “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” (“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”)

Sujeitos não afásicos

Neste dado, CC reconheceu o provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” e percebeu que as reticências presentes no provérbio parodiado, bem como a presença da palavra adeus e a prosódia empregada na paródia, alteraram o sentido do provérbio-origem. CC explicitou o sentido do provérbio parodiado e reconheceu a paródia, mas não comentou conhecer esse provérbio parodiado, como a seguir:

CC: “Quem dá aos pobres ... empresta ... e adeus” ... aqui tá diferente ... a vírgula aqui ... você pode dar ... uma esmola ... “Quem dá aos pobres ... empresta” ... adeus dinheiro ... não é? ((risos))

O sujeito IG também reconheceu a diferença entre o sentido dos provérbios-origem e parodiado e comentou explicitando o sentido do provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”: *“é mas tá errado aqui ... eu conheço ‘Quem dá aos pobres, empresta a Deus’ e ‘porque Deus quer que a gente ajude um irmão que está do lado da gente se preocupe com ele ... com a pessoa que tá do lado ... a gente tá fazendo uma coisa que Deus ensinou pra gente ... então’*. Com relação ao provérbio parodiado “Quem dá aos pobres,

empresta... adeus!", IG comentou, atentando para o escopo semântico do verbo emprestar e dar:

IG: ... você não empresta você tá dando pra ele ... mas então "Quem dá aos pobres ... adeus"

Podemos observar, nesses dados dos sujeitos CC e IG, que eles reconheceram a diferença entre os provérbios e entre o sentido neles veiculado, identificando um tipo de intertextualidade entre eles, a paródia e seus efeitos de sentido. Isso mostra que eles reconheceram implícitos culturais envolvidos nos provérbios-origem e parodiado e realizaram as inferências semântico-pragmáticas específicas em cada um dos provérbios, que são operações meta-enunciativas sobre a linguagem, uma reflexividade enunciativa, fundamental no trabalho lingüístico-cognitivo da interpretação de provérbios e da paródia.

Sujeitos afásicos

O sujeito NS tentou explicitar o sentido do provérbio parodiado "Quem dá aos pobres, empresta... adeus!", comentando que "adeus" quer dizer que a pessoa foi embora: "*foi embora e tchau né*", o que é essencial para entender que o dinheiro emprestado não será devolvido. Vejamos, a seguir, a explicitação do sentido do provérbio parodiado realizada por NS a partir de uma situação que ilustra o sentido que ele considerou para esse provérbio:

NS: por que empresta ... o dinheiro será ... ((olhando para a investigadora)) emprestado ... que nem pobre ... vai em casa ... chama ... que foi ... tal "você tem dinheiro" "não tem" o que ... "você tem pão" ... "tem pão ... é: arroz ... feijão" ... "eu tenho" "dinheiro não tem" "tó" ... depois "tchau" ... "dinheiro não tem" ... "tem tem comida"... "só comida" ... depois "tchau" ... eu penso ... ((olhando para baixo))

NS reconheceu o sentido nesse provérbio parodiado, considerando o sentido de dar pão, arroz, feijão, enfim, de dar comida ao pobre, "*só comida*", e não dar dinheiro. Além disso, NS também comentou que não tem dinheiro para emprestar/dar. Podemos perceber

que ele reconheceu o sentido de que “emprestar” tem o sentido de “dar” comida ou dinheiro ao pobre e que o pobre não irá devolvê-los, portanto, “*tem pão ... é: arroz ... feijão*’ ... ‘*eu tenho*’ ‘*dinheiro não tem*”. NS reconheceu o implícito de que dinheiro emprestado é dinheiro dado, por isso descartou o fato de emprestar dinheiro e comentou que comida, ele tem para dar. NS fez alusão à maneira como ela age com o pobre que pede, para o qual não dá dinheiro, mas alimentos.

Posteriormente, quando a investigadora lembrou a NS o provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, ele percebeu que o provérbio conhecido por ele é esse e não o provérbio parodiado, ao comentar: “*ai é mesmo ... ((olhando para a investigadora)) Deus ... o meu Deus do céu ... é mesmo ... é Deus ...*” e “*é adeus ... mas é Deus ...*”. Nesse dado, NS procedeu a uma reformulação sob a forma de correção, refletindo sobre o provérbio parodiado “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”, sobre a sua enunciação anterior e também sobre o enunciado proverbial origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”. Evidenciou-se, assim, a propriedade auto-reflexiva da linguagem, ou seja, o trabalho meta-enunciativo realizado por ele sobre e com a linguagem. Após esse comentário, NS também explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

A seguir, a explicitação que NS fez do provérbio-origem:

NS: a: então ... sabe por que ... a mulher “não tem dinheiro?” “não ... tenho comida se quer tal ...” ai ai ... a menina falou assim ... “ai” ... falou assim ... “vai ... Deus ...” não “Deus lhe pague” ... falo assim ... “Amém” ... “Amém”
 -----→ ((gesto com o dedo apontando para cima))

Nesse dado, NS explicitou a mesma situação do dado sobre o provérbio parodiado, comentando que não tem dinheiro, mas tem comida para dar e depois disso recebe o agradecimento “*Deus lhe pague*” e ele responde “*Deus lhe pague*” e “*Amém*”, referindo-se ao sentido veiculado no provérbio-origem.

NS explicitou o sentido dos provérbios apresentando, algumas vezes, o discurso indireto e várias pausas que parecem ocorrer para uma organização do que ele queria dizer. Nos dados, observamos, com relação ao reconhecimento e a explicitação do sentido, que NS reconheceu a diferença de sentido entre os provérbios (isto é, o tipo de intertextualidade

entre eles), bem como os implícitos culturais presentes neles, realizando inferências diferentes, específicas e relevantes em cada um dos provérbios. Temos aqui diferentes níveis de reflexão do sujeito NS sobre a linguagem e seu funcionamento, que incidiu sobre os provérbios e sobre a sua própria enunciação.

Já o sujeito ES afirmou conhecer os provérbios parodiado e origem, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, explicitando o sentido deles pelo reconhecimento da diferença entre os provérbios e a paródia, como podemos ver a seguir:

ES: adeus ... ó ((olhando para o protocolo)) ... nunca mais ... o dinheiro ó ((risos))
-----→ ((gesto de tchau))
((risos))

ES: (12s) ((olhando para o lado)) ah ... mais tarde né ... compensa né ... compensado ... é ... agora né ... é ... morreu né ... é ... é ... ((olhando para baixo)) compensado ... forma eu não sei ...
-----→ ((movimento de negação com a cabeça))

Podemos observar nos dados que ES, assim como o sujeito NS, reconheceu os implícitos e fez as inferências semântico-pragmáticas fundamentais para o reconhecimento dos efeitos de sentido da paródia para a interpretação e para a explicitação do sentido desses provérbios.

Na explicitação do provérbio parodiado, ES apresentou um gesto que acompanhou a sua fala. Esse gesto não representou o sentido de “dinheiro” - palavra que ele evocou quando fez o gesto de tchau - mas o sentido de “tchau” que completou o que ele estava dizendo sobre o sentido veiculado no provérbio. Ao mesmo tempo, ES explicitou o sentido de “dinheiro” e o sentido de “tchau” utilizando diferentes processos de significação. Os risos de ES complementam o reconhecimento e a explicitação do sentido. Esse dado sublinha o movimento de ES em relação ao seu dizer e ao dizer do outro, o provérbio-origem e o provérbio parodiado, com vários e diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem na interpretação dos provérbios e da paródia e na explicitação do sentido,

exibindo um trabalho lingüístico-cognitivo que envolve os processos meta (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos) nos processos de significação verbais e não-verbais da construção do sentido.

Os sujeitos NS e ES mostraram, nos dados, ter uma competência relativamente à linguagem (MORATO, 2005a), explicitando de forma “meta” os processos de significação envolvidos no percurso da relação entre língua e o (inter)discurso, entre a língua e a exterioridade, entre os processos lingüísticos e cognitivos na interpretação dos provérbios e dos efeitos de sentido da paródia. O trabalho realizado pelos sujeitos sobre a linguagem indica uma reflexividade enunciativa relevante para a construção do sentido, no reconhecimento da paródia e nos processos de explicitação da significação.

Esse provérbio parodiado apresenta uma complexidade metalingüística em relação ao provérbio-origem; os sujeitos afásicos, apesar das alterações dos processos lingüísticos próprios das afasias, o reconheceram e o explicitaram, assim como os sujeitos não afásicos. Observamos, então, os processos meta (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos) na construção do sentido e na explicitação da significação dos provérbios e da relação de intertextualidade entre eles e/ou da paródia.

11. “Quem não tem cão não caça” (“Quem não tem cão caça com gato”)

Sujeitos não afásicos

O sujeito AM reconheceu o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato” e recusou o provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, com o seguinte argumento: “*quando você ... não tem ... não tem um cachorro ... você não caça? ... não é bem assim né*”. Posteriormente, AM concordou com o provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça” ao comentar: “*gato não serve pra caça ... só cão mesmo*”.

Com relação ao provérbio-origem, AM fez a explicitação do seu sentido, mas também fez uma outra explicitação, considerando o sentido veiculado no provérbio parodiado, como ele disse: “*se fosse especificar no caso caça*”. Vejamos o dado a seguir:

AM: ah:: são todos provérbios ... ditados populares né ... se você não tem uma coisa você tem outra ... mas ... não tem nada a ver ... por exemplo ... se fosse especificar no caso caça ... cão não serve pra caça ... aí ... gato não serve pra caça ... só cão mesmo

O sujeito CC também reconheceu o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato”, mas não explicitou o seu sentido e comentou, expressando uma dificuldade comum aos afásicos: *“é difícil né ... eu sei assim ... o que quer dizer ... mas eu não sei explicar”*. Com relação ao provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, CC comentou não conhecê-lo e discordou do seu sentido ao expressar: *“acho que quem não tem espingarda”*. Vejamos, a seguir, o dado:

CC: ... é ... porque o cão ... no caso aqui ajuda o caçador né ... e ... ele que vai na caça ... agora “Quem não tem cão ... não caça” ... acho que quem não tem espingarda que não caça ((risos)) bom ... esse aqui ... “Quem não tem cão não caça” ... eu acho que é isso ... “Quem não tem cão ... não caça” ...

Nos dados dos sujeitos AM e CC, observamos que ambos explicitaram o sentido do provérbio parodiado discordando por justificativas diferentes e questionando a “verdade” veiculada nesse provérbio. Eles explicitaram, de certa forma, a idéia nele veiculada: a impossibilidade advinda da falta de recursos, instrumentos ou meios para executar determinada tarefa. Por fim, concluíram, assim como os sujeitos afásicos, que “Quem não tem cão não caça”, isto é, que não se realiza determinada ação sem os recursos que lhe são próprios.

Sujeitos afásicos

Os sujeitos JM e MG comentaram não conhecer o provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, explicitando o sentido desse provérbio, como podemos ver a seguir:

JM: (9s) “Quem não tem cão não caça” (18s) o sujeito que ... ((olhando para o protocolo)) que (8s) um sujeito que vai caçar ... mas não tem cão

... não caça ((expressão de dúvida)) ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

MG: é ... aqui ... é ... ((olhando para o lado)) quem não tem ((olhando para baixo)) cão ... não pode caçar ((olhando para a investigadora))

No dado de JM, podemos observar que ele apresentou certa dúvida na explicitação em relação ao sentido veiculado no provérbio parodiado e em relação ao que ele disse, o que mostra também uma reflexão sobre a linguagem. Já o sujeito MG explicitou o sentido do provérbio parodiado com as palavras do próprio provérbio.

Com relação ao provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato”, JM e MG não o reconheceram quando a investigadora lembrou a eles. Eles parecem não ter identificado os implícitos culturais presentes nesse provérbio, não realizando as inferências relevantes para a interpretação do seu sentido, assim como o sujeito não afásico AM, que comentou: *“gato não serve pra caça ... só cão mesmo”*, explicitando um sentido semelhante ao do provérbio parodiado. Vejamos os dados a seguir:

JM: “Quem não tem cão caça com gato” ((olhando para a investigadora)) (13s) “Quem não tem cão caça com gato” ((olhando para frente)) (11s) ((olhando para o protocolo)) o sujeito não tem cão ... ((olhando para frente))

INV: ah ...

JM: ... tá disposto a caçar ... caça com ... com ... gato ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

MG: ... é ... ah ... ((olhando para o lado)) quem não tem ... ((olhando para a investigadora)) quem ... não tem ... ((olhando para baixo)) não tem cão ... caça com gato ... ah ... ((olhando para a investigadora))

Já o sujeito ES reconheceu o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato” no provérbio parodiado e explicitou seu sentido a partir de um contexto que ele próprio elaborou, demonstrando reconhecer os implícitos culturais aí envolvidos. Vejamos, então, o comentário de ES quanto ao provérbio-origem:

ES: ... é por exemplo né ... ((olhando para a investigadora)) eu não

*

((apontando para ela mesma))

tenho dinheiro ... é ... armário ... armário ... não tenho né ...

na sala)) *-----→* ((apontando para o armário
 com a cabeça)) *-----→* ((movimento de negação
 ((olhando para o lado))
 INV: hum
 ES: a mesinha ... tudo ... tenha a ...
 -----→ ((apontando para mesa))
 eu aqui ... ó ((olhando para a investigadora))
 -----→ ((apontando para a mesa))
 INV: a ... tá
 ES: preferível ((olha para o armário)) esse daqui ... só que o dinheiro
 está curto *-----→* ((apontando para o armário))

Neste dado de ES, ele reconheceu os implícitos envolvidos no provérbio e realizou as inferências específicas exemplificando com uma situação de ter que escolher entre as alternativas existentes, preferencialmente a melhor delas diante das circunstâncias. ES realizou um trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo operando metaenunciativamente sobre a linguagem na interpretação e na explicitação desse provérbio.

Com relação ao provérbio parodiado, ES não comentou conhecê-lo e não explicitou o seu sentido. Isso parece ter ocorrido por este provérbio apresentar um menor grau de metaforicidade ou pelo fato de que o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato” apresenta um alto grau de cristalização de sentido e de provérbio na nossa cultura.

Nesse provérbio parodiado, podemos observar as explicitações de sentido que são bastante semelhantes entre os sujeitos afásicos e não afásicos, pois eles apresentaram apenas a idéia de não ter cachorro para caçar, ou seja, a idéia da falta de recurso para executar determinada tarefa. Os dados dos sujeitos afásicos e não afásicos sobre esse provérbio parodiado mostram o não reconhecimento da paródia ou dos seus efeitos de sentido.

Observamos, ainda, que os sujeitos afásicos e não afásicos consideraram um tipo de intertextualidade entre os provérbios e o seu sentido, mas não o tipo de intertextualidade considerada na paródia. Com relação ao provérbio-origem, observamos no reconhecimento do provérbio e/ou na explicitação do sentido a importância do grau de cristalização formal e/ou discursiva para a tarefa interpretativa.

Na análise dos dados apresentados, observamos as justificativas, os comentários, as alternativas comunicacionais e as tentativas de explicitação do sentido nos provérbios parodiados, realizados tanto por sujeitos afásicos quanto por não afásicos. Com isso, nem sempre podemos considerar que as dificuldades ou resoluções se devam por dificuldades de ordem apenas metalingüística no tratamento interpretativo da paródia.

Pudemos observar nos dados estratégias de construção do sentido utilizadas pelos sujeitos para facilitar a compreensão, introduzir esclarecimentos, exemplificar, modalizar aquilo que é dito e, às vezes, refletir sobre a própria enunciação (*cf.* KOCH, 2004). Como exemplo de estratégias formulativas (KOCH, 2004), podemos considerar os dados nos quais os sujeitos, na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, organizam o texto com inserções e repetições para facilitar a compreensão do interlocutor (no caso, a investigadora) sobre o sentido veiculado nos provérbios, a partir da elaboração de um contexto de uso particular do provérbio na interação com a investigadora, introduzindo explicações ou justificativas, por meio de ilustrações ou exemplificações no discurso, algumas vezes provocadas a pedido de um esclarecimento do interlocutor. Nesses casos, os sujeitos puderam, ainda, fazer alusão a um conhecimento prévio, procedendo a comentários quando do reconhecimento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados. As repetições aqui parecem contribuir, principalmente no caso dos sujeitos afásicos, para a organização textual-discursiva, favorecendo a referencialidade e a sequencialidade, importantes para a organização tópica. Além disso, através da desaceleração do ritmo da fala, ocorre aqui a possibilidade de um tempo maior para o processamento do que se quer dizer.

Encontramos, também, em nossos exemplos, marcas de redundância, que constituem estratégias importantes na formulação do texto falado, presentes, principalmente, nos dados dos sujeitos afásicos, como um meio de reparar ou aperfeiçoar o que já foi dito, como ocorre nas construções segmentadas, precedidas ou seguidas de hesitações ou de marcadores discursivos, como *quer dizer, enfim, etc.* (KOCH, 2004).

As estratégias metadiscursivas, segundo Koch (*op.cit*), são aquelas presentes quando os sujeitos avaliam, corrigem, ajustam, comentam a forma do próprio ato de dizer, ou quando refletem sobre o provérbio e a sua enunciação, expressando a sua posição, o

grau de adesão e de conhecimento, além de juízos de valor, fazendo atenuações *etc.* Pudemos observar quanto a essa questão um grande número de comentários dos sujeitos sobre os provérbios parodiados e sobre os provérbios-origem nos enunciados parodiados. Observamos, também, as ações reflexivas tanto dos sujeitos afásicos quanto dos não afásicos sobre a linguagem, na linguagem e com a linguagem.

Dentre as estratégias metadiscursivas, conforme descritas por Koch (2004), temos: i) as estratégias metaformativas, que têm como objeto o próprio texto, com a presença das reformulações, a reflexão sobre a adequação dos termos empregados, as correções, as repetições saneadoras provocadas ou não pelo interlocutor; ii) as estratégias modalizadoras ou metapragmáticas, que indicam a adesão, o comprometimento dos sujeitos com relação ao discurso, as atenuações, *etc.*; e iii) as estratégias metaenunciativas, em que os sujeitos refletem metaenunciativamente sobre o seu dizer, num grau máximo de reflexividade entre as estratégias apresentadas e presentes nos dados dos sujeitos da pesquisa.

Nos dados obtidos, pudemos também observar o que Koch (2004) denomina de articuladores discursivo-argumentativos, que são justificativas, explicações, conclusões, generalizações, comprovações e outros - para melhor justificar ou explicar, contrapor ou adicionar argumentos, comprovar a veracidade ou não, convocar o interlocutor a concordar ou não *etc.* Esses processos foram observados no caso dos provérbios parodiados ou dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

Pudemos, ainda, observar a presença de marcadores discursivos como *daí, então, agora etc.*, e de articuladores metadiscursivos para introduzir comentários sobre o enunciado ou sobre a própria enunciação, sendo neste caso comentários sobre os enunciados, como *é certo, talvez, do meu ponto de vista, etc.* Os articuladores metaenunciativos, como *quer dizer, por assim dizer etc.*, segundo Koch, estão presentes quando os sujeitos introduzem enunciados que evidenciam a atividade auto-reflexiva da linguagem. Esses articuladores são elementos lingüísticos que operam a progressão textual responsáveis pela coesão textual e pelas indicações ou sinalizações que orientam a construção interacional do sentido e da coerência.

3. RESULTADOS COMPARATIVOS DOS DADOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA PESQUISA

A partir dos quadros sinópticos e dos dados lingüísticos dos sujeitos afásicos e não afásicos foi possível fazer uma discussão dos resultados obtidos nos procedimentos da aplicação do PPP. É o que apresentaremos a seguir.

PROCEDIMENTO 1

No procedimento 1, podemos verificar que, no reconhecimento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados, os sujeitos afásicos e não afásicos apresentaram um resultado com baixa porcentagem em relação aos seguintes provérbios parodiados:

- **“Antes tarde do que mais tarde”**: 12,5% dos sujeitos afásicos e 0% dos sujeitos não afásicos reconheceram esse provérbio;
- **“Quem ri por último, ri atrasado”**: 12,5% dos sujeitos afásicos e 0% dos sujeitos não afásicos reconheceram esse provérbio;
- **“Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”**: 25% dos sujeitos afásicos e não afásicos reconheceram esse provérbio.

Já o provérbio parodiado **“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”** foi reconhecido por 87,5% dos sujeitos afásicos e por 50% dos sujeitos não afásicos, e o provérbio parodiado **“Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”** foi reconhecido por apenas 12,5% dos sujeitos afásicos e por 75% dos sujeitos não afásicos.

Portanto, no procedimento 1, o provérbio parodiado mais reconhecido por sujeitos afásicos e não afásicos foi **“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”**. Os provérbios parodiados **“Antes tarde do que mais tarde”** e **“Quem ri por último, ri atrasado”** foram os provérbios menos reconhecidos pelos sujeitos afásicos e não afásicos.

No reconhecimento dos provérbios-origem, os sujeitos afásicos e não afásicos tiveram resultado semelhante nos provérbios **“Caiu na rede é peixe”**, **“O amor é cego”** e **“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”**, apresentando 100% de reconhecimento. Já nos provérbios-origem **“Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”** e **“A pressa é inimiga da perfeição”**, os sujeitos afásicos apresentaram 87,5% de reconhecimento e os sujeitos não afásicos 100% de reconhecimento.

Dentre os provérbios presentes nesse procedimento, os provérbios-origem **“Caiu na rede é peixe”**, **“A pressa é inimiga da perfeição”**, **“O amor é cego”** e **“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”** apresentaram porcentagem maior de explicitação de sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos. Com relação aos provérbios parodiados, os provérbios **“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”** e **“Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”** também apresentaram uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos, enquanto que o provérbio **“Quem ri por último, ri atrasado”** teve uma baixa porcentagem de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos.

Vejamos as porcentagens de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos dos provérbios presentes neste procedimento. Atentamos para o fato de que deste rol fazem parte provérbios com sentido mais e menos indiretos, mais e menos metafóricos. Isso indica que o reconhecimento do sentido parece ter mais a ver com a familiaridade semântico-pragmática do provérbio, e com o grau de cristalização cultural do que com suas propriedades essencialmente formais.

1. “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”

- 37,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 75% de explicitação por sujeitos não afásicos

2. “Caiu na rede é peixe”

- 62,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 75% de explicitação por sujeitos não afásicos

3. “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”

- 62,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 100% de explicitação por sujeitos não afásicos

4. “A pressa é inimiga da perfeição”

- 87,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 100% de explicitação por sujeitos não afásicos

5. “Antes tarde do que mais tarde”

- 37,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 50% de explicitação por sujeitos não afásicos

6. “O amor é cego”

- 62,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 75% de explicitação por sujeitos não afásicos

7. “Quem ri por último, ri atrasado”

- 0% de explicitação por sujeitos afásicos
- 25% de explicitação por sujeitos não afásicos

8. “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”

- 37,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 75% de explicitação por sujeitos não afásicos

9. “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”

- 87,5% de explicitação por sujeitos afásicos
- 100 % de explicitação por sujeitos não afásicos

10. “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”

- 75% de explicitação por sujeitos afásicos
- 100% de explicitação por sujeitos não afásicos

Neste procedimento, ocorreu uma diferença maior (37,5%) no resultado da explicitação de sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos nos provérbios “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” e “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”. Nos provérbios parodiados “Quem ri por último, ri atrasado” e “Quem cedo madruga, fica sono o dia todo” ocorreu uma diferença menor na porcentagem (25%) de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos. Já nos provérbios “Caiu na rede é peixe”, “A pressa é inimiga da perfeição”, “Antes tarde do que mais tarde”, “O amor é cego” e “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” essa diferença no desempenho da explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos foi um pouco menor (12,5%).

Ainda no procedimento 1, podemos observar um resultado semelhante entre os dados de sujeitos afásicos e não afásicos no reconhecimento e na explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados. A investigadora assinalou a presença de provérbios-origem nos enunciados parodiados na maioria dos provérbios desse procedimento. Podemos observar o seguinte resultado com relação ao reconhecimento e à explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados:

“Dinheiro não traz felicidade”

- 50% de reconhecimento por sujeitos afásicos e não afásicos
- 25% de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos

“Antes tarde do que nunca”

- 75% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 100% de reconhecimento por sujeitos não afásicos
- 50% de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos

“Quem ri por último, ri melhor”

- 75% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 100% de reconhecimento por sujeitos não afásicos

- 37,5% de explicitação por sujeitos afásicos e 75% de explicitação por sujeitos não afásicos

“Feliz foi Adão que não teve sogra”

- 50% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 25% de reconhecimento por sujeitos não afásicos

- 25% de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos

“Deus ajuda quem cedo madruga”

- 62,5% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 75% de reconhecimento por sujeitos não afásicos

- 25% de explicitação por sujeitos afásicos e não afásicos.

Podemos verificar, em relação às respostas, que os sujeitos afásicos e não afásicos apresentaram uma porcentagem menor no reconhecimento dos provérbios parodiados “Antes tarde do que mais tarde” e “Quem ri por último, ri atrasado”; além disso, constatamos uma porcentagem maior de reconhecimento dos respectivos provérbios-origem “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor”.

Podemos dizer, com base nos resultados, que os provérbios-origem “Antes tarde do que nunca” e “Quem ri por último, ri melhor” apresentam uma cristalização formal e discursiva, o que não se aplica aos provérbios parodiados. Com relação a esses provérbios-origem, “Antes tarde do que nunca” apresentou uma porcentagem maior de explicitação do sentido (50%) por sujeitos afásicos e não afásicos, e no provérbio “Quem ri por último, ri melhor” ocorreu uma diferença considerável (37,5%) na explicitação do sentido por sujeitos afásicos e não afásicos. Já nos provérbios “Dinheiro não traz felicidade”, “Feliz foi Adão que não teve sogra” e “Deus ajuda quem cedo madruga” o resultado foi semelhante com 25% de explicitação do sentido por sujeitos afásicos e não afásicos. Os provérbios-origem nos enunciados parodiados foram mais reconhecidos pelos sujeitos afásicos e não afásicos do que a explicitação do seu sentido.

Vejamos, a seguir, alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos relativos aos provérbios parodiados “Antes tarde do que mais tarde” (“Antes tarde do que nunca”) e “Quem ri por último, ri atrasado” (“Quem ri por último, ri melhor”), com 12,5% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 0% por sujeitos não afásicos (e 75% de reconhecimento por sujeitos afásicos e 100% de reconhecimento por sujeitos não afásicos dos respectivos provérbios-origem). Nossa finalidade é mostrar a discrepância de reconhecimento desses provérbios:

“Antes tarde do que mais tarde” (“Antes tarde do que nunca”)

Sujeito não afásico

AM: por exemplo ... é ... esse provérbio “Antes tarde do que mais tarde” não ... nunca ouvi falar ... eu sempre ouvi falar “Antes tarde do que nunca” ... essa é a diferença ... mais tarde ... eu desconheço ... eu conheço “Antes tarde do que nunca”

Sujeito afásico

MS: ... não ((movimento de negação com a cabeça)) não ... “Antes tarde do que mais cedo” ((olhando para o protocolo)) hum ... ((olhando para a investigadora)) *→* ((expressão de dúvida e gesto com a mão de mais ou menos))
INV: lembra de um que é assim “Antes tarde do que nunca”?
MS: isso ... isso ... é ((olhando para a investigadora))
-----→ ((movimento de afirmação com a cabeça))

“Quem ri por último, ri atrasado” (“Quem ri por último, ri melhor”)

Sujeito não afásico

AM: não ... não consigo entender “Quem ri por último, ri atrasado” ... não é ... não é esse o sentido do provérbio ... é sim “Quem ri por último, ri melhor”

Sujeito afásico

MS: não ... ((olhando para a investigadora)) "... ri por último,
 -> ((movimento de negação com a cabeça e gesto com o dedo indicador de não))
 ((olhando para o protocolo)) ri melhor" ((olhando para a investigadora))

Em relação ao provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, os sujeitos afásicos e não afásicos também apresentaram uma porcentagem baixa no reconhecimento do provérbio, 25%, sendo que o seu respectivo provérbio-origem, “Deus ajuda quem cedo madruga”, foi reconhecido por 62,5% dos sujeitos afásicos e 75% dos sujeitos não afásicos. Vejamos, a seguir, alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos relativos a esse provérbio:

“Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” (“Deus ajuda quem cedo madruga”)

Sujeito não afásico

AM: eu também não vejo dessa maneira ... quem cedo madruga ... ele tem mais tempo ... de ... de resolver ... aquilo que ele precisava fazer ... ele deve ter tirado uma noite boa de sono ... levantou cedinho ... ele tá disposto ... então ele não vai ficar com sono o dia todo ... pra ele ... pra ele levantar cedo é porque ele dormiu cedo ... se é uma pessoa que vai dormir tarde ... dificilmente vai acordar cedo ... entendeu ... então ... “Quem cedo madruga ...” tem mais ... eficiência no dia seguinte ... no dia ... no dia que já levantou ...

Sujeito afásico

MN: “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” ... não e e
 → ((movimento de negação com a cabeça))
 só até aqui “Quem cedo madruga ...” e depois tem outra coisa
 -----→ ((apontando para a parte do provérbio “Quem cedo madruga ...”))

O provérbio parodiado “**Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão**” foi reconhecido por apenas 12,5% dos sujeitos afásicos, contudo a maioria dos sujeitos não

afásicos (75%) o reconheceu. Verificamos que o respectivo provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” foi reconhecido por 62,5% dos sujeitos afásicos e por 25% dos sujeitos não afásicos.

Vejamos, então, um comentário do sujeito não afásico AM ao afirmar conhecer o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”:

“Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” (“Feliz foi Adão que não teve sogra”)

Sujeito não afásico

AM: isso daí ... pra dar um suplemento pra ... pra frase ... que não tem nada a ver ... “Feliz foi Adão que não teve sogra ...” aí ... se você for ver bem ... você vai comparar sogra com caminhão ... caminhão ... caminhão é aquela coisa bruta né ... é o cara que quer dizer ... sogra também é uma coisa bruta né ...

A partir do dado acima, não podemos dizer aqui que o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” apresenta uma cristalização consistente de sentido porque os sujeitos não afásicos reconheceram e explicitaram o sentido desse provérbio. Podemos dizer, apenas, que o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” está presente de forma reconhecida na paródia “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, com um grau considerável de cristalização. Como o sujeito AM comentou sobre o termo caminhão: *“pra dar um suplemento pra ... pra frase”*.

Esse provérbio parodiado apresenta uma complexidade metalingüística representada pelo complemento sintático-semântico “nem caminhão”, daí, talvez, uma porcentagem menor de reconhecimento e de explicitação do seu sentido pelos sujeitos afásicos, sendo que os sujeitos não afásicos, como já comentamos acima, apresentaram 75% de reconhecimento e de explicitação do seu sentido. Já a porcentagem menor de reconhecimento e de explicitação do provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” pelos sujeitos não afásicos pode ter ocorrido pelo fato de o provérbio-origem estar presente no provérbio parodiado.

A seguir, apresentamos, também, um comentário de um sujeito afásico a respeito desse provérbio, lembrando que apenas 12,5% dos sujeitos afásicos reconheceram o provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e 37,5% explicitaram o sentido desse provérbio, sendo que 75% dos sujeitos não afásicos reconheceram e explicitaram o sentido do provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”. O dado mostra que o sujeito afásico recusou e estranhou o termo caminhão presente no provérbio parodiado. Vejamos um dado:

“Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” (“Feliz foi Adão que não teve sogra”)

Sujeito afásico

MS: hum ... é ... não é ...

→ ((expressão de não concordar))

eu ... não tenho sogra ... hum ... não ... é ... caminhão ... hum

* ((apontando para ele mesmo))

((movimento de negação com a cabeça e fecha o nariz com os dedos com a expressão de não concordar, indicando não gostar ou discordar do provérbio)) ((olhando para a investigadora))

Como já comentamos acima, o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra” é uma expressão cristalizada, sendo que o seu respectivo provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” também parece apresentar certa cristalização cultural. Porém, o conceito depreciativo de sogra e o complemento “... nem caminhão” podem ser questionados e recusados pelos sujeitos, como observamos nos dados, de modo a indicar sua adesão ou não ao sentido nele veiculado.

Já o provérbio parodiado **“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”** foi o mais reconhecido pelos sujeitos afásicos e não afásicos (87,5% de reconhecimento pelos sujeitos afásicos e 50% de reconhecimento pelos sujeitos não afásicos), sendo que o seu respectivo provérbio-origem “Dinheiro não traz felicidade” foi reconhecido por metade dos sujeitos afásicos e não afásicos. Podemos dizer que, de alguma forma, esse provérbio

parodiado pode estar em fase de cristalização sócio-cultural, já que ele foi mais reconhecido do que o seu respectivo provérbio-origem. Vejamos, a seguir, alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos:

“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (“Dinheiro não traz felicidade”)

Sujeito não afásico

CC: “... mas ajuda a comprar” ... agora ... eu ... “Dinheiro não traz felicidade” só isso ... não tem “... mas ajuda a comprar” ...

Sujeito afásico

ES: é ... ((olhando para o protocolo)) eu gosto também né ... ((olhando para a investigadora)) *-----→* ((apontando para ela))
dinheiro ... ((olhando para o protocolo)) todo mundo gosta ... ((olhando para a investigadora))
INV: hum hum
ES: e ... é ... é ... aí ... cuidado né ... porque ... dinheiro ... às vezes ... ((olhando para o protocolo)) *-----
não traz ... per é ... perfeição ... não traz
→* ((movimento de negação com a mão))
INV: tá ...
ES: é ... é ... se manter ... é ... se manter ... comprar as coisas ... é ... a minha casa ... um carro né *-----
-----→* ((movimento com a mão indicando coisas))
INV: hum hum
ES: mas ... felicidade completo num tem ((olhando para a investigadora)) *-----→* ((movimento de negação com a cabeça))
INV: tá ... mas o dinheiro ajuda ...
ES: é ... ajuda ((olhando para a investigadora)) *-----→* ((movimento de afirmação com a cabeça))

No procedimento 1, a tarefa requerida aos sujeitos foi verificar o reconhecimento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados apresentados e, além disso, explicitar o sentido dos provérbios. A tarefa de interpretar os provérbios-origem nos enunciados

parodiados não foi requerida aos sujeitos afásicos e não afásicos; entretanto, os sujeitos puderam dizer se reconheciam os provérbios-origem e explicitar o seu sentido. Os sujeitos afásicos e não afásicos demonstraram reconhecer os provérbios-origem nos enunciados parodiados quando eles reconheceram outro provérbio que não o provérbio parodiado, ou quando a investigadora questionou o reconhecimento ou não do provérbio-origem no enunciado parodiado. Portanto, algumas diferenças nos resultados no reconhecimento ou na explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados podem ter ocorrido por esse motivo, dentro desse contexto.

Como conclusão dos resultados dos sujeitos afásicos e não afásicos nesse procedimento, podemos dizer que os sujeitos apresentaram resultado semelhante no reconhecimento dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados. Apenas no provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” ocorreu uma diferença, em que 50% dos sujeitos afásicos reconheceram o provérbio-origem e apenas 12,5% dos sujeitos afásicos reconheceu o provérbio parodiado, sendo que 25% dos sujeitos não afásicos reconheceram o provérbio-origem no provérbio parodiado e 75% dos sujeitos não afásicos reconheceram o provérbio parodiado.

PROCEDIMENTO 2

No procedimento 2, pediu-se aos sujeitos para explicitarem o sentido veiculado nos provérbios parodiados. Neste procedimento, a tarefa de reconhecer e explicitar o sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados não foi requerida; entretanto, os sujeitos realizaram comentários sobre o fato de reconhecerem e/ou explicitaram o sentido dos provérbios-origem reconhecidos. Os sujeitos afásicos e não afásicos demonstraram reconhecer ou não os provérbios-origem nos enunciados parodiados quando eles comentaram conhecer outro provérbio que não o parodiado, ou quando a investigadora questionou o reconhecimento ou não do provérbio-origem no enunciado parodiado. Assim, algumas diferenças nos resultados do reconhecimento e/ou da explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados podem ter ocorrido por esse motivo.

Vejam, a seguir, as porcentagens dos sujeitos afásicos e não afásicos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados e no reconhecimento e na explicitação do sentido dos provérbios-origem relativos a esse procedimento:

1. “Depois do temporal vem o lamaçal” (“Depois do temporal vem a bonança”)

“Depois do temporal vem o lamaçal”

- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Depois do temporal vem a bonança”

- 100% de reconhecimento e 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de reconhecimento e de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

2. “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” (“Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”)

“Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”

- 62,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”

- 87,5% de reconhecimento e de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

3. “Quem tem boca vai ao dentista” (“Quem tem boca vai a Roma”)

“Quem tem boca vai ao dentista”

- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;

- 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem tem boca vai a Roma”

- 87,5% de reconhecimento e 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

4. “Quem canta seus males, espanta” (“Quem canta, seus males espanta”)

“Quem canta seus males, espanta”

- 12,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem canta, seus males espanta”

- 100% de reconhecimento e 87,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

5. “Quem espera sempre cansa” (“Quem espera sempre alcança”)

“Quem espera sempre cansa”

- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem espera sempre alcança”

- 75% de reconhecimento e 62,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

6. “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (“Quando um não quer, dois não brigam”)

“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”

- 0% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quando um não quer, dois não brigam”

- 100% de reconhecimento e 25% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

7. “Quem ama o feio é cego” (“Quem ama o feio, bonito lhe parece”)

“Quem ama o feio é cego”

- 37,5 % de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem ama o feio, bonito lhe parece”

- 62,5% de reconhecimento e 37,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 50% de reconhecimento e 25% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

8. “Os últimos serão desclassificados” (“Os últimos serão os primeiros”)

“Os últimos serão desclassificados”

- 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Os últimos serão os primeiros”

- 75% de reconhecimento e 25% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 0% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

9. “Quem vê cara não vê o resto” (“Quem vê cara não vê coração”)

“Quem vê cara não vê o resto”

- 12,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 25% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem vê cara não vê coração”

- 100% de reconhecimento e 62,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 75% de reconhecimento e 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

10. “Quem dá aos pobres, empresta ... adeus!” (“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”)

“Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”

- 25% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”

- 100% de reconhecimento e 75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

11. “Quem não tem cão não caça” (“Quem não tem cão caça com gato”)

“Quem não tem cão não caça”

- 62,5% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

“Quem não tem cão caça com gato”

- 100% de reconhecimento e 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos;
- 100% de reconhecimento e 50% de explicitação do sentido pelos sujeitos não afásicos.

Com relação à explicitação do sentido dos provérbios parodiados, podemos observar que todos os sujeitos não afásicos, ou seja, 100% dos sujeitos não afásicos explicitaram o sentido dos provérbios parodiados “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Quem tem boca vai ao dentista”, “Quem espera sempre cansa”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” e “Quem não tem cão não caça”. Dentre esses provérbios parodiados, os sujeitos afásicos apresentaram um resultado próximo (75% de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos) ao dos sujeitos não afásicos nos provérbios “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Quem tem boca vai ao dentista” e “Quem espera sempre cansa”.

Nos provérbios parodiados “Quem canta seus males, espanta”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, “Quem ama o feio é cego” e “Quem não tem cão não caça” ocorreu uma diferença considerável entre o resultado dos sujeitos afásicos e não afásicos na explicitação do sentido desses provérbios parodiados. Essa diferença foi maior nos provérbios “Quem canta seus males, espanta” (diferença de 62,5%) e “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (diferença de 100%), principalmente neste último provérbio, pois todos os sujeitos não afásicos explicitaram o seu sentido e nenhum sujeito afásico o fez. Nos provérbios “Quem ama o feio é cego” e “Quem não tem cão não caça” a diferença foi menor no resultado de explicitação do sentido entre sujeitos afásicos e não afásicos (diferença de 37,5%).

Na explicitação do sentido dos demais provérbios parodiados, isto é, nos provérbios “Não deixes para amanhã o que pudeses fazer depois de amanhã”, “Os últimos serão desclassificados”, “Quem vê cara não vê o resto” e “Quem dá aos pobres, empresta...

adeus!”, houve uma diferença menor entre os resultados em relação à explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos. Essa diferença foi menor (25%) nos provérbios “Os últimos serão desclassificados” e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”, e foi ainda menor (12,5%) nos provérbios “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” e “Quem vê cara não vê o resto”. Dentre todos os provérbios parodiados, “Quem vê cara não vê o resto” teve uma porcentagem menor de explicitação do sentido tanto pelos sujeitos afásicos (12,5% de explicitação) quanto pelos não afásicos (25% de explicitação).

Com relação ao reconhecimento e à explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, o reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados, a explicitação do sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados não foram tarefas requeridas nesse procedimento, mas o fato de os provérbios parodiados não serem reconhecidos pelos sujeitos da pesquisa levou a investigadora, algumas vezes, a perguntar aos sujeitos se eles conheciam os provérbios-origem presentes de alguma forma no enunciado parodiado. A partir daí, a investigadora solicitou, por parte deles, uma explicitação do sentido desses provérbios-origem. Isso ocorreu quando os sujeitos afásicos e não afásicos não reconheciam e não explicitavam espontaneamente o sentido dos provérbios-origem nos enunciados parodiados.

Observamos nos dados que todos os provérbios-origem tiveram uma porcentagem alta de reconhecimento pelos sujeitos afásicos e não afásicos, exceto o provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”. Com relação à explicitação do sentido, os provérbios-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”, “Quem tem boca vai a Roma”, “Quem canta, seus males espanta”, “Quem espera sempre alcança”, “Quem vê cara não vê coração” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” tiveram uma porcentagem maior de explicitação do sentido pelos sujeitos afásicos e não afásicos entre todos os provérbios-origem desse procedimento. Os dados de reconhecimento dos provérbios-origem nos enunciados parodiados e de explicitação do sentido apontam para uma cristalização formal e discursiva dos provérbios-origem em relação aos provérbios parodiados.

A seguir, apresentamos alguns comentários e dados dos sujeitos nos provérbios em que houve uma diferença maior no resultado dos sujeitos na explicitação do sentido dos provérbios parodiados (no caso, os provérbios “Quem canta, seus males espanta” e “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”).

No provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”, que apresenta uma alteração no marcador da prosódia com relação ao provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta”, e com isso uma diferença semântica em relação ao escopo de “canta”, a diferença entre o resultado dos sujeitos afásicos e não afásicos na explicitação do sentido desse provérbio parece ter ocorrido em função desse marcador da prosódia, que modifica todo o sentido do provérbio-origem. Aqui há uma complexidade lingüística posta pela questão prosódica, responsável pela interpretação do elemento parodístico. Temos que considerar também que o provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta” apresenta forte cristalização de sentido.

Vale notar que todos os sujeitos afásicos e não afásicos reconheceram o provérbio-origem, e todos os sujeitos não afásicos e 87,5% dos sujeitos afásicos explicitaram o sentido desse provérbio. Podemos observar que os sujeitos afásicos e não afásicos reconheceram e explicitaram o sentido do provérbio-origem mais do que explicitaram o sentido do provérbio parodiado, portanto parece realmente haver maior cristalização do provérbio-origem e do seu sentido do que do provérbio parodiado. Por fim, vale observar que os sujeitos não afásicos tiveram também baixo desempenho no reconhecimento do provérbio parodiado em questão, por uma complexidade metalingüística, prosódica e semântica presente nesse provérbio.

Vejamos, então, alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos:

“Quem canta seus males, espanta” (“Quem canta, seus males espanta”)

Sujeitos não afásicos

AM: é ... esse tem sentido ... "Quem canta, seus males espanta" ... quem vive alegre cantando ... dificilmente ele vai ter algum mal ... ele está sempre de bem com a vida é ...
 INV: só que esse daí é "Quem canta seus males, espanta"
 AM: "Quem canta seus males ..." ... é ... talvez ... pode ser que puseram alguma ... alguma palavra aqui que ... agora eu não consigo lembrar ... mas geralmente é isso aí mesmo ... "Quem canta ..." é ... "Quem canta seus males ..." ... peraí ... tem um outro sentido aqui ... peraí ... "Quem canta ... quem canta seus males ..." ... não é ... agora eu tô sentindo melhor esse aqui "Quem canta seus males, espanta" ... aqui ... aqui tá com outro sentido "Quem canta seus males ... espanta" ...

Sujeito afásico

MS: eu ... acho ... ((olhando para a investigadora)) muito ...
 -----→ ((movimento de afirmação com a cabeça))
 "... espanta" ((gesto de jóia)) ((olhando para a investigadora))
 INV: "Quem canta seus males ..."
 MS: isso "... espanta" ((olhando para o protocolo)) ((movimento de afirmação com a cabeça)) ((olhando para a investigadora))
 INV: tem um provérbio que é assim ... que é diferente desse ... "Quem canta, ((coloca a vírgula no papel)) seus males espanta"
 MS: ah:: ((expressão de entender)) ((olhando para a investigadora))
 INV: ah:: é esse daí que você gosta?
 MS: isso isso ((olhando para a investigadora))
 INV: que quer dizer o que ... se a gente ...
 MS: "... males espanta" não ... hum ... ah ... ah ... ah ((olhando para a investigadora))
 "... espanta" ... ah ... "...seus males ..." hum ... "... seus males
 *-----
 espanta"
 -----→* ((apontando para o provérbio))
 ((olhando para o protocolo)) ((movimento de afirmação com a cabeça))
 ((olha para a investigadora))

Com relação ao provérbio parodiado "Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme", ocorreu uma diferença nos resultados dos sujeitos afásicos e não afásicos em relação à explicitação do sentido desse provérbio, que parece ter ocorrido devido a sua maior complexidade lingüístico-cognitiva, que retira o tipo de estrutura argumental presente em alguns provérbios, como no caso de "Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme" (relativo ao provérbio-origem "Quando um não quer, dois não brigam"). Além disso, o provérbio-origem da paródia apresenta forte cristalização lingüístico-discursiva e cultural.

Os dados dos sujeitos apresentados, a seguir, mostram que o provérbio parodiado “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” parece ser realmente paródia do provérbio “Quando um não quer, dois não brigam”. Vejamos, então, dois episódios:

“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (“Quando um não quer, dois não brigam”)

Sujeito não afásico

CC: não ... eu conheço “Quando um não quer, dois não brigam” mas ... aqui tá “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” ... então aí tá uma relação ... né sexual ... não é ((risos))? Eu acho que é isso

Sujeito afásico

O sujeito MS procurou explicitar o sentido do provérbio parodiado “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, utilizando a fala acompanhada de gestos, comentando a resposta do sentido de “virar para o lado e dormir”, talvez motivado por uma discussão conjugal ou mesmo o sentido de situação sexual aventado na paródia. Contudo, não podemos concluir aqui qual foi realmente o sentido que MS considerou neste provérbio, embora ele, de alguma forma, tenha tentado explicitar o sentido do provérbio discordando dele. MS também discordou do sentido veiculado no provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam”. Vejamos o dado a seguir:

MS: dormir ((gesto de tchau)) ah ... ronc ... não ...
-→ ((barulho de ronco e gesto de dormir))
eu ... fico com ... as ... palavras ... “ah ... por que” ... “ah ... ah
* ((apontando para ele mesmo))
ah ...” ... “por que” ... “ah ... ah ... ah ...” ... “por que” ... cansa
... ((risos)) cansa ((olhando para a investigadora))

A partir dos dados dos procedimentos 1 e 2, podemos dizer que os sujeitos afásicos apresentam dificuldades de ordem meta na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, como podemos ver nos provérbios “Feliz foi Adão que não teve sogra nem

caminhão”, “Quem canta seus males, espanta” e “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”. Entretanto, a complexidade metalingüística também representou alguma dificuldade para os sujeitos não afásicos, como nos provérbios parodiados “Quem vê cara não vê o resto” (25% de explicitação do sentido) e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” (50% de explicitação do sentido).

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS OBTIDOS NA PESQUISA

Pudemos observar nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos relativos aos procedimentos do PPP que os provérbios-origem são mais conhecidos pelos sujeitos do que os provérbios parodiados. Observamos também que o fato de não se reconhecer o provérbio parodiado não implica não conseguir explicitar o sentido nele veiculado - reconhecer, interpretar e explicitar o sentido do provérbio parodiado não é condição necessária para reconhecer e/ou referir-se ou explicitar o sentido veiculado no provérbio-origem.

Com relação à explicitação do sentido dos provérbios (isto é, “pôr a nu” o próprio processo de construção, *cf.* KOCH, 2004, p.104), pudemos observar a forma pela qual os sujeitos afásicos e não afásicos reagiram à tarefa de explicitar o sentido dos provérbios-origem e dos provérbios parodiados, que envolve as operações meta (metalingüísticas, meta-enunciativas, metadiscursivas), realizadas pelos sujeitos na busca do sentido e da significação, e a determinação referencial em contextos enunciativos, considerando que a determinação da linguagem e do seu sentido passa pelos processos de explicitação da significação (*cf.* MORATO, 2001). Observamos, ainda, a questão da subjetividade e da reflexividade enunciativa que se constituem no trabalho interpretativo e expressivo com e sobre a linguagem e na situação de interação entre os sujeitos e o seu interlocutor (a investigadora).

Na análise dos dados, levantamos fenômenos metadiscursivos e metaenunciativos apresentados pelos sujeitos afásicos e não afásicos na construção do sentido, como condição para a possibilidade de reflexividade da linguagem, para garantir a explicitação do sentido e o sucesso da interação. Tais fenômenos se apresentaram por meio de: pausas para

a organização do texto oral; introdução de esclarecimentos e/ou exemplificações, explicações, justificativas; repetições que podem servir para o locutor refletir sobre a forma do dito; alusão a um conhecimento prévio que pode demonstrar o entendimento do assunto (como o reconhecimento dos provérbios-origem e/ou do seu sentido); inserções com o acréscimo de elementos necessários para a compreensão pelos interlocutores; comentários para dar relevo a certas partes do enunciado; modalização do que é dito; expressão da sua posição, do grau de adesão, de conhecimento, de juízos de valor em relação ao seu dizer e o dizer dos provérbios; reflexão sobre os termos empregados; correções *etc.*

Dentre os processos lingüístico-discursivos implicados no trabalho meta-enunciativo com relação aos provérbios, e no caso desta pesquisa, com relação aos provérbios parodiados, destacam-se: i) o reconhecimento de pré-construídos (isto é, a remissão à memória discursiva e cultural dos provérbios, o que depende do grau de cristalização dos provérbios-origem e do seu sentido); ii) as propriedades lingüísticas; iii) o reconhecimento dos implícitos culturais envolvidos nos provérbios; iv) as inferências semântico-pragmáticas realizadas pelos sujeitos; v) o reconhecimento dos efeitos dos sentidos em um determinado enunciado proverbial e na paródia proverbial; e vi) as diferentes posições enunciativas dos sujeitos frente aos discursos. Esse trabalho lingüístico-discursivo e cognitivo dos sujeitos demanda diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem e é fundamental na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios. É o que pudemos observar tanto nos dados dos sujeitos afásicos, quanto dos não afásicos.

Na análise enunciativa dos dados dos sujeitos afásicos, observamos, ainda, que, apesar das alterações no processamento semântico-lexical, das parafasias, da inibição de certas complexidades sintáticas, das alterações semânticas *etc.*, ou seja, apesar de uma instabilidade na linguagem que se caracteriza por alterações nos processos lingüísticos e cognitivos e, portanto, alterações na seletividade de fatores lingüísticos, cognitivos, pragmáticos, discursivos, ideológicos implicados na referenciação, os sujeitos afásicos atuam enunciativamente na construção do sentido através de processos verbais e não-verbais que constituem o sentido do enunciado e a significação. Desse modo, a possibilidade de reflexividade da linguagem não está necessariamente perdida nas afasias, uma vez que aqui não consideramos apenas a reflexividade do tipo metalingüística, mas

aquela que também diz respeito à metalinguagem e à enunciação (*cf.* AUTHIER-REVUZ, 1998).

Numa perspectiva que considera que, no contexto das patologias cerebrais, há perda da habilidade metalingüística e referencial da linguagem, e daí perda da capacidade de falar sobre a linguagem e da reflexividade da linguagem, os sujeitos afásicos não seriam capazes de fazer escolhas lexicais, de mostrar suas intenções, de reconhecer implícitos culturais, de ter “posturas meta-enunciativas” *etc.*, o que observamos nos dados dos afásicos com relação aos provérbios-origem e parodiados e com relação aos efeitos de sentido da paródia.

Pudemos, ainda, observar a questão da inter-subjetividade, dos processos meta (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos) relativos aos processos de significação verbal e não-verbal em jogo na linguagem dos sujeitos afásicos, as atividades inferenciais e os fatores de constituição do sentido e do funcionamento lingüístico-cognitivo nas tarefas interpretativas e de explicitação do sentido realizadas pelos sujeitos afetados pela lesão cerebral.

O estudo das formas meta-enunciativas, mais especificamente dos enunciados proverbiais e da paródia, permite-nos estudar de maneira interessante as relações entre linguagem e cognição, bem como o lugar da competência relativamente à linguagem na construção do sentido e da sua explicitação, pois indica o percurso entre a língua e o (inter)discurso, das relações entre os processos lingüísticos e os cognitivos, da atuação meta-enunciativa dos sujeitos sobre sua própria enunciação e sobre o outro discurso. De acordo com Koch, “Tudo isso exige o domínio não só de habilidades lingüísticas, mas também de uma série de estratégias de ordem sócio-cognitiva, cultural e interacional.” (KOCH, 2004, p.128). É o que observamos nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos.

A partir das observações dos dados podemos reunir, como a seguir, questões gerais de nossa análise.

4.1. A QUESTÃO DA CRISTALIZAÇÃO DO PROVÉRBIO

Uma primeira questão a ressaltar é o fato de que provérbios-origem, como **“Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”**, **“Caiu na rede é peixe”**, **“O amor é cego”** e **“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”**, mostram-se como provérbios que veiculam pressupostos culturais mais cristalizados do que os evocados pelos demais. É quase que impossível para os sujeitos não aceitarem esses provérbios como provérbios, ou seja, como enunciados cristalizados na sua forma e no seu conteúdo. Talvez isso explique o fato de não encontrarmos para eles formas parodísticas. Algo diferente é o que ocorre com o provérbio **“A pressa é inimiga da perfeição”**, cujo sentido alguns sujeitos recusaram, porque suscita uma “verdade” (pressupostos culturais) mais propensa a questionamentos por parte dos sujeitos. Vejamos alguns dados dos sujeitos afásicos e não afásicos a respeito da aceitação ou recusa dos pressupostos culturais veiculados nos provérbios:

“Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”

(1)

CC: mostrar ... olha eu não sei se eu vou me expressar bem ... às vezes você ... eu vou me referir a pessoas ... às vezes você conversa com uma pessoa ... parece que ela é: uma pessoa boa ... assim ... inteligente ... que te dá atenção ... tudo mas ela é o oposto né ... então você fala ... eu pensei dela uma coisa e é outra

(2)

ES: ... ah ... ((olhando para o protocolo)) é ... por exemplo ... é ... a ... aquele ra rapaz né ... *-----→*
 ((apontando com o dedo indicando alguém))
 por exemplo ... a aquele rapaz né ... bonito né ... aí ... bonito ... pa caramba ... né ((olhando para a investigadora))
 ((risos))
 ES: mais ó ... sem vergonha ... ((olhando para a investigadora)) ((olha para baixo)) ... é ... malandro ... ((olhando para a investigadora))
 INV: hum hum
 ES: né ... é ... também é ... vagabundo é ... coração ... por dentro ... coração é ... é ... *-----
 -----→* ((com a mão no coração))
 estragado ((olhando para a investigadora))

“Caiu na rede é peixe”

(1)

IG: ai ... esse é complicado ... ah: “Caiu na rede é peixe” a pessoa quando cai ... cai na rede ... quando você ... convence conquista a

(2)

LM: ((desvia o olhar para o lado)) ah: ... é ... a gente nunca pode ... é ... dá palpite numa briga ... porque ... quatro paredes ... tá ... só os dois né ... não sabe qual que tá errado ... qual tá certo ... né?
→ ((movimento de negação com a cabeça))

“A pressa é inimiga da perfeição”

O sujeito NS discordou do sentido veiculado no provérbio “A pressa é inimiga da perfeição” e comentou: “*eu gosto ... com pressa*”. Vejamos o dado:

NS: lá em casa eu vou ... é: por exemplo amanhã ... faxina eu com pressa né ... com pressa com pressa ... meio-dia eu acabo ... vou buscar o
-----→ ((gesto com os dedos indicando pressa))
Vinícius ... com pressa se não devagar ... devagar ... não ... só de tarde ... então ... num dá ...
-----→ ((gesto com a mão de devagar))
((olhando para a investigadora))

Podemos observar, nos dados acima, na explicitação e na interpretação do sentido veiculado nos provérbios-origem, que os sujeitos afásicos e não afásicos fizeram comentários a partir de uma situação possível de uso, sendo que os sujeitos afásicos fizeram uso de gestos significativos que acompanharam sua fala na construção do sentido e da significação na interpretação dos provérbios. Ou seja, os sujeitos, afásicos e não afásicos, compreendem os provérbios somente se interpretam os contextos nos quais são produzidos.

4.2. A QUESTÃO DA PARÓDIA

4.2.1. A PRESERVAÇÃO DO UNIVERSO DISCURSIVO DO ENUNCIADO ORIGINAL: A PARÓDIA RECUSADA

A primeira questão refere-se ao fato de que alguns provérbios parodiados, como “**Antes tarde do que mais tarde**”, “**Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo**” e

“Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”, foram recusados em relação ao sentido ou pressuposto cultural que veiculam. Vejamos dois dados sobre o provérbio “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”:

“Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” (“Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”)

AM: não ... não é bem assim também que eu vejo esse provérbio ... eu conheço assim “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje” ... então ... se você tem que tomar por exemplo ... uma decisão hoje ... não deixe para amanhã ... toma a decisão hoje ... não existe ... pra mim não existe esse negócio ... “... depois de amanhã” ... se você tem que tomar uma decisão ... hoje ... hoje ... seja qual for ela ... bem ou mal tem que tomar hoje ...

Podemos observar, nos comentários abaixo de MN, os termos de sua discordância em relação ao provérbio parodiado (“Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”):

MN: agora “Não deixes para amanhã o que ((lendo o provérbio no protocolo)) podes fazer hoje” ... ((olhando para a investigadora)) aqui está “... o que puderes fazer depois de amanhã” e ... ((olhando para o protocolo)) ((olha para a investigadora))
INV: você conhece “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje” ... o que quer dizer esse daí “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje”?
MN: ... (9s) é que ... tem coisas ((olhando para o protocolo)) que se puderem ser feitas hoje ... vai mas é tempo ... do que deixar para amanhã ... o amanhã já será muito tarde ((olhando para a investigadora))
INV: e esse daqui ... “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”
MN: é porque depois de amanhã ... já pode ser mais tarde ... pode ser tarde ... eu não ((olhando para o protocolo)) não sei explicar ... não ((olhando para a investigadora))
INV: mas você está me explicando
((risos))
INV: “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” ...
MN: é que se você fizer ... amanhã ((olhando para o protocolo)) já fica feito ... depois de amanhã ... terá outros ... né
-----→ ((gesto com a mão indicando outros))

Outra questão relativa à recusa ou à discordância dos provérbios parodiados refere-se à forma da paródia de alguns deles, que apresenta caráter mais lúdico, sob uma estrutura

muito próxima do provérbio-origem, como no caso dos seguintes exemplos: **“Quem ri por último, ri atrasado” / Quem ri por último, ri melhor**”, **“Quem tem boca vai ao dentista” / “Quem tem boca vai a Roma”**, **“Os últimos serão desclassificados” / “Os últimos serão os primeiros”**, **“Quem vê cara não vê o resto” / “Quem vê cara não vê coração”** e **“Quem não tem cão não caça” / “Quem não tem cão caça com gato”**.

De certa forma, essas características podem levar os sujeitos a discordarem do sentido veiculado no provérbio parodiado e o recusarem como provérbio. Isso ocorre tanto com sujeitos afásicos quanto com não afásicos. Todos esses provérbios parodiados concernem a provérbios-origem altamente cristalizados em nossa cultura. Vejamos alguns dados dos provérbios “Quem em boca vai ao dentista”, “Quem vê cara não vê o resto” e “Quem não tem cão não caça”:

“Quem tem boca vai ao dentista” (“Quem tem boca vai a Roma”)

Neste provérbio, o sujeito AM reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem, e explicitou também o sentido do provérbio parodiado, fazendo remissão ao provérbio-origem:

AM: aí já tá partindo mais por exemplo ... pra um tratamento ... dentário ... né ... não é ... como quem ... como diz o provérbio natural no dia-a-dia “Quem tem boca vai a Roma”

No dado do sujeito MN, podemos observar que ele reconheceu o provérbio-origem “Quem tem boca vai a Roma”, e parece que discordou do sentido do provérbio parodiado “Quem tem boca vai ao dentista” ao comentar que: *“a boca não tem nada com os dentes”* e *“a bo ... a boca ... pode não ter dente nenhum ... e ter boca ... a mesma coisa”*. MN explicitou o sentido do provérbio-origem comentando: *“que eu não o que quer dizer ir a Roma ... mas sei que assim ((olhando para a investigadora)) ah: “Quem tem boca vai a Roma” ... ((lendo no protocolo)) “Quem tem boca vai a Roma” pode perguntar as coisas ... pode perguntar ... pode saber tudo ((olhando para a investigadora))”*.

Aqui também a expressão formulaica (o provérbio-origem) é aquela que o sujeito admite como válida.

“Quem vê cara não vê o resto” (“Quem vê cara não vê coração”)

O sujeito IG reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem vê coração não vê coração” e explicitou o sentido do provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto” de acordo com o sentido do provérbio-origem, como podemos ver a seguir:

IG: esse daí que eu falei ... aí é a pessoa ... quem vê cara às vezes a pessoa é tão feia ... mas ela tem uma simpatia tão grande ela se torna bonita ... quer dizer então às vezes você vê a cara da pessoa ... às vezes você vê o rosto da pessoa ... vê que ... você nunca pode julgar a pessoa por nada ... no ter contato com ela no você conversar com ela aí você vai conhecer a pessoa ... às vezes “Quem vê cara não vê coração” né ... às vezes a cara aqui é verdade ... porque a cara é cara dela mesmo é aquela lá ... muitas vezes a cara aquela ela merece aquela a cara ... muitas vezes a pessoa é: ela é: um coração enorme de bondade

O sujeito MN reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem vê cara não vê coração” e, de certa forma, recusou o provérbio parodiado “Quem vê cara não vê o resto”, demonstrando dúvida e comentando “*eu não sei dizer*”. Vejamos o dado a seguir:

MN: se ... você é uma pessoa feia ... ((olhando para o lado)) mas pode ter um coração bom ((olhando para a investigadora))
INV: e “Quem vê cara não vê o resto”?
MN: ((ergue os ombros e passa a mão na cabeça com expressão de dúvida e olhando para o protocolo)) acho que não vai ver ... quem vê cara ... não vê o ... eu não sei dizer *-----
-----→* ((rindo))

“Quem não tem cão não caça” (“Quem não tem cão caça com gato”)

O sujeito IG lembrou o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato”, considerado *“famoso”*, e discordou do provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, como podemos observar, a seguir, cujo pressuposto é contrariado ou posto em questão.

IG: “... não caça” ... “... caça com gato”
INV: ah::
IG: “Quem não tem cão caça com gato” ... é esse que é famoso né?
INV: isso
IG: “Quem não tem cão não caça” ... “Quem não tem cão não caça”
INV: e esse daí “Quem não tem cão não caça” ... em que situação a gente pode usar ...
IG: ... “Quem não tem cão não caça” ... ai nenhuma ... nenhuma ... “Quem não tem cão não caça” ... caça sim ... com cão sem cão ... num caça? “Quem não tem cão ... não caça” ... não ... não tem ... eu acho isso pra mim aí num tem muito sentido ... “... não tem cão não caça” ... “Quem não tem cão ...” ... caça da mesma forma

A mesma reação pode ser encontrada no exemplo abaixo, no qual o sujeito LM comentou sobre o provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, discordando do seu sentido: *“hum ... certo ... mas ... mas e ... cão é assim ... é ... não serve ... cão ... não podia ser ... ser vamos supor carro ... é ...”*. E, ainda, LM comentou: *“mas e quem ... não tem cão ... e ... não tem gato também ... você tem que se virar né”* e *“mas as pessoas sempre arruma né ... de um jeito ou de outro né?”*, ou seja, “Quem não tem cão caça com gato”.

Observamos, também, uma “dupla recusa” de pressupostos veiculados nos provérbios, tanto o origem, quanto o parodiado. É o que ocorre com os provérbios **“Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”** / **“Deus ajuda quem cedo madruga”** e **“Quem não tem cão não caça”** / **“Quem não tem cão caça com gato”**. Vejamos alguns dados a seguir:

“Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo” (“Deus ajuda quem cedo madruga”)

O sujeito AM lembrou, frente ao parodiado, que existe um outro provérbio, no caso o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, mas não soube dizer qual era ele.

Então, a investigadora lembrou a ele qual era o provérbio-origem. Sobre o provérbio-origem “Deus ajuda quem cedo madruga”, AM comentou: *“dependendo do que ele está proposto a fazer... sim”*.

Sobre o provérbio parodiado, AM explicitou o seu sentido, mas com algumas considerações sobre levantar cedo e não ficar com sono o dia todo, discordando do sentido veiculado neste provérbio parodiado: *“ele deve ter tirado uma noite boa de sono ... levantou cedinho ... ele tá disposto ... então ele não vai ficar com sono o dia todo”* e *“quem cedo madruga ... ele tem mais tempo ... de ... de resolver ... aquilo que ele precisava fazer ... ele deve ter tirado uma noite boa de sono ... levantou cedinho ... ele tá disposto ... então ele não vai ficar com sono o dia todo ... pra ele ... pra ele levantar cedo é porque ele dormiu cedo”*.

“Quem não tem cão não caça” (“Quem não tem cão caça com gato”)

O sujeito FC reconheceu e discordou do provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato” e também discordou do provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, como podemos ver no seguinte comentário: *“se se ele fosse um caçador ele não precisava nem de gato nem de nem de cão ... ele caçava logo né”* e *“‘Quem não tem cão não caça’ ... porque ele não é caçador”*.

O sujeito MN reconheceu o provérbio-origem “Quem não tem cão caça com gato” e fez vários comentários sobre o sentido desse provérbio, sobre o sentido do gato não ser caçador, mas ele poder caçar alguns ratos. Com relação ao provérbio parodiado “Quem não tem cão não caça”, MN comentou: *“‘Quem não tem cão não caça’ ... porque não vale a pena ir... para caça sem cão ... ah: eu não sei ... não sei explicar isso ‘... cão não caça’”*.

MN: quando não serve para caçar ... eu eu conheço ((olhando para a investigadora)) “Quem não tem cão caça com gato” ... mas caça ... o que ((olhando para frente)) ... caça ratos? ((olhando para a investigadora))

Uma outra questão sobre os provérbios parodiados diz respeito ao fato de que concordar ou discordar do sentido neles veiculado caracteriza também, de certa forma, a explicitação do sentido desses provérbios. Vejamos alguns dados dos sujeitos da pesquisa:

“Quem ri por último, ri atrasado” (“Quem ri por último, ri melhor”)

O sujeito IG reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor”, concordando com o seu sentido. Já com relação ao provérbio parodiado “Quem ri por último, ri atrasado”, IG fez um comentário demonstrando não concordar com o seu sentido. Vejamos os dados a seguir:

IG: porque às vezes uma pessoa prejudica a outra ... no geral assim ... no mínimo que seja ... às vezes a pessoa tá ela feliz satisfeita ela tá rindo com aquilo e a outra pessoa tá triste ... quer dizer ... o que que isso ... porque “Quem ri por último, ri melhor” ... porque a pessoa que tá sendo prejudicada ... na verdade ela vai rir por último porque aquela que tá fazendo ... é que vai voltar pra ela ... a gente acredita que seja isso ... que vai voltar ... eu pelo menos acredito que ... a gente tem que viver o dia-a-dia ... hoje hoje melhor do que ontem né ... hoje melhor do que ontem ... procurar melhorar hoje para que hoje seja melhor do que ontem né? Sem prejudicar ninguém né ... porque se eu fizer alguma coisa que venha prejudicar alguém eu me sentir feliz eu tô rindo ... tá triste a outra pessoa ... e mais tarde ela vai ... porque eu acredito que aquilo vai voltar pra mim ... entendeu por isso eu acho que ... “... ri atrasado”?

No dado a seguir, podemos observar que o sujeito LM reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem ri por último, ri melhor”, mas apresentou certa dúvida e estranhamento com relação ao provérbio parodiado, reforçando a cristalização do sentido do provérbio-origem. Vejamos, então, o dado:

LM: ((movimento de afirmação com a cabeça coçando-a)) ah: ... bom ... “Quem ri por último ... é: ... parece que ... ((olhando para o protocolo)) você acha mais graça ainda né ... “Quem ri por último ...” ... ((olhando para a investigadora)) agora ... atrasado
-----→ ((expressão de dúvida)) ((olhando para o protocolo)) ((risos)) ((movimento de negação com a cabeça))

“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (“Dinheiro não traz felicidade”)

O sujeito MS afirmou conhecer o provérbio parodiado, mas não concordou com o seu sentido. Ele explicitou, de certa forma, o sentido desse provérbio comentando não gostar do sentido nele veiculado, fazendo uso de um gesto com o dedo indicador indicando “não”, movimento de negação com a cabeça e a expressão facial de não gostar. Vejamos o dado a seguir:

MS: não ... eu ... conheço ... ah ... a não ... não gosto ((olhando para o protocolo))
-----→ ((movimento de negação com a cabeça e gesto com o dedo indicador de não))
INV: por que?
MS: não ... ah ... ah ... é ... ((olhando para a investigadora)) ((olha para o protocolo)) a “Dinheiro não traz, felicidade, ajuda a comprar” não ((olhando para a investigadora)) *-->*
((expressão de não gostar com movimento de negação com a cabeça))
INV: não ... o que que é “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” ...
MS: não ... eu não sei ... ah ... não ...
-----→ ((movimento de negação com a cabeça))
eu ... ah ... eu ... comprar ... felicidade?
-----→ ((apontando para ele mesmo))
hum hum ... ((olhando para a investigadora))
----→ ((expressão de não gostar e gesto com o dedo indicador de não))

“Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã” (“Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje”)

O sujeito ES, ao ler o provérbio parodiado “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”, fez uma expressão de estranhamento, e comentou: “*e e eu ... eu parecido com esse*”. ES reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem “Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje” e comentou que “*é melhor né*” (do que o outro, parodiado), como podemos ver a seguir:

ES: (4s) “Não deixe para amanhã ... que ... que ... deixe ... não ... não deixe para amanhã ...” ((olhando para o protocolo))

INV: "... o que pudes fazer ..."
ES: "... hoje" ((olhando para a investigadora))
→ ((apontando para ela))

“Os últimos serão desclassificados” (“Os últimos serão os primeiros”)

Neste dado, o sujeito NS discordou do provérbio parodiado “Os últimos serão desclassificados” e concordou com o sentido do provérbio “Os últimos serão os primeiros”. NS explicitou, de certa forma, o sentido do provérbio-origem “Os últimos serão os primeiros”:

NS: eu penso ... você é na última ... quem sabe ... você ganhou lá ...
última ... ce ganha ... uai ... eu penso ... ((olhando para a
investigadora))
INV: é?
NS: acho que sim
INV: você acha que o último pode ser o primeiro?
NS: é ... ((olhando para a investigadora)) eu penso ... né ((olhando para
baixo))
INV: pode conseguir
NS: conseguir uai ... é

4.2.2. O NÃO RECONHECIMENTO DA PARÓDIA DO PROVÉRBIO COMO ENUNCIADO PROVERBIAL

Outra questão a ser destacada refere-se ao fato de que a intertextualidade do tipo negação parece dificultar a aceitabilidade dos provérbios parodiados pelos sujeitos afásicos e não afásicos, como no provérbio **“Quem não tem cão não caça”** / **“Quem não tem cão caça com gato”**, que já observamos nos dados já apresentados.

Já o tipo de intertextualidade com a presença de uma frase adversativa, como o provérbio parodiado **“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”**, apresenta uma construção com um sentido mais flexível, mais complementar, mais negociável. Entretanto, isso não quer dizer que todos concordam com o sentido veiculado no provérbio por essa construção. Vejamos alguns dados, a seguir, que apontam essa questão

argumentativa da paródia, que parece ter a ver com a sua cristalização e com o seu reconhecimento de sentido:

“Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar” (“Dinheiro não traz felicidade”)

O sujeito AM concordou com o provérbio-origem e com o provérbio parodiado, como podemos ver a seguir:

AM: “Dinheiro não traz felicidade ...” mas ... ajuda a viver ... a pessoa ter uma vida melhor ...

O sujeito FC concordou com o provérbio parodiado, mas não fez referência ao provérbio-origem; entretanto, podemos entender que FC concordou com o sentido do provérbio “Dinheiro não traz felicidade”, sobre o qual teceu a explicação, a seguir:

FC: ele vai buscar ... “Dinheiro não traz felicidade ...” ele ... ele traz felicidade ... não é que ele traz a felicidade ... “Dinheiro não traz felicidade...” mas ele traz felicidade ... ele vai buscar

O sujeito LM reconheceu o provérbio parodiado “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”, ao comentar: *“certo ... é ... é um ... é um ditado”*. Além disso, LM concordou com o sentido veiculado e explicitou o sentido deste provérbio parodiado, como podemos ver a seguir:

LM: dinheiro não traz felicidade ... mas ajuda né ... é: é: não traz felicidade ... mas não o pior ((olhando para a investigadora))

Alguns provérbios, como **“Quem espera sempre cansa”** / **“Quem espera sempre alcança”**, são provérbios com os quais os sujeitos concordam. Entretanto, com relação ao provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”, apesar da cristalização do seu sentido, é um provérbio que tanto pode ser questionado, como aceito, o que vai depender da situação

possível de uso. O provérbio parodiado pode ser também tanto aceito, quanto recusado, mas não se apresenta como cristalizado na forma e no conteúdo, o que também se aplica aos provérbios **“Os últimos serão desclassificados” / “Os últimos serão os primeiros”**. Vejamos alguns dados, a seguir:

“Quem espera sempre cansa” (“Quem espera sempre alcança”)

O sujeito CC reconheceu e explicitou o sentido do provérbio-origem e explicitou também o sentido do provérbio parodiado, concordando com o sentido dos dois provérbios, como podemos ver a seguir:

(1)

CC: ... quando a gente ... cada dia é uma esperança ... cada dia que tem você ... você vive de esperança ... então a gente sempre tem aí eu quero fazer tal coisa ... hoje eu não consegui mas amanhã eu vou conseguir ... então ... eu acho que é isso ... aí eu vou conseguir um dia

(2)

CC: é: cansa ... de tanto esperar e às vezes não consegue ... né às vezes não consegue ((risos)) legal isso hein

O sujeito JM tentou explicar o sentido do provérbio parodiado “Quem espera sempre cansa”, e nessa tentativa fez referência ao provérbio-origem “Quem espera sempre alcança”. Vejamos o dado abaixo:

JM: ... o sujeito ... ((olhando para o protocolo)) sujeito que tá ah (9s) o sujeito que tá ((olhando para frente)) (11s) ((olhando para o protocolo)) o sujeito que tá ... liberado ... sempre ... aí alcança alguma coisa ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

Posteriormente, JM procurou explicitar o sentido do provérbio-origem “Quem espera sempre cansa”:

JM: “... cansa” ... ((olhando para o protocolo)) “Quem espera ...” o sujeito que está ali com pressa né ... ((olhando para frente))
INV: ah ...

JM: acaba ... cansado ((olhando para frente)) ((olha para a investigadora))

“Os últimos serão desclassificados” (“Os últimos serão os primeiros”)

No dado de AM, a seguir, podemos observar a explicitação do sentido dos provérbios “Os últimos serão desclassificados” e “Os últimos serão os primeiros” realizada por ele, demonstrando concordar com o sentido neles veiculados.

AM: “Os últimos serão desclassificados” ... é ... geralmente ... por exemplo ... num concurso de escola ... de trabalho ... sempre ... por exemplo ... entra os primeiros ... os últimos ... logicamente ... são desclassificados

INV: você conhece esse provérbio?

AM: não ...

INV: você conhece algum provérbio que é parecido com esse?

AM: ... é ... tem tem ... um ... uma pequena alteração aqui ... “Os últimos serão os primeiros”

INV: e quando as pessoas usam esse provérbio “Os últimos serão os primeiros”?

AM: dependendo ... porque o provérbio está sendo convocado ... às vezes ... tá todo mundo lá e ... não consegue ... vamos falar ... passar no teste ... e calmamente ... os últimos ... vai lá com calma pega e faz ... então ... dele ser o último ... vai ser o primeiro e os primeiros serão os últimos

Num primeiro momento, o sujeito MN comentou sobre o provérbio parodiado “Os últimos serão desclassificados”: *“esse eu não sei”*. A investigadora, então, lembrou MN sobre o provérbio “Os últimos serão os primeiros”, que MN disse conhecer explicitando o sentido. Posteriormente, MN voltou ao provérbio parodiado “Os últimos serão desclassificados”, explicitando o sentido, como podemos ver a seguir:

MN: ((risos)) aqui ... este ... “Os últimos serão os primeiros” ...

aqui “Os últimos serão desclassificados”
-----→* ((apontando para o provérbio “Os últimos serão desclassificados”))
será que ... num jogo qualquer ... os últimos ((olhando para o lado)) já são os que não ... os que são desclassificados porque os primeiros já foram ((olhando para a investigadora))

Outra questão refere-se ao fato de que provérbios parodiados, no caso aqui o provérbio parodiado **“Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”**, que traz em sua forma o provérbio-origem, é um enunciado que estabelece uma relação inesperada entre palavras, isto é, a relação entre sogra e caminhão, que não implica paralelismo semântico-lexical. A associação entre ambas é, necessariamente, semântico-pragmática. Vejamos alguns dados:

“Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” (“Feliz foi Adão que não teve sogra”)

O sujeito AM explicitou o sentido do provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra”, mostramos a seguir:

AM: por exemplo ... aqui ele fala da ... da da da ... da história ... da Bíblia né ... “... Adão não teve sogra ...” ... isso daí é mais ... é um ditado popular ... que ... por exemplo ... o cara que ... não tem sogra né ... pra ver se ele ... é um cara feliz ... quando tem uma sogra ... no caso foi o Adão ... esse provérbio aí ... eu entendo que tem esse significado né ...

Posteriormente, quando a investigadora questionou AM sobre o sentido do provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, AM fez o seguinte comentário:

AM: isso daí ... pra dar um suplemento pra ... pra frase ... que não tem nada a ver ... “Feliz foi Adão que não teve sogra ...” aí ... se você for ver bem ... você vai comparar sogra com caminhão ... caminhão ... caminhão é aquela coisa bruta né ... é o cara que quer dizer ... sogra também é uma coisa bruta né ...

No dado do sujeito MN, a seguir, podemos observar que ele procurou explicitar o sentido do provérbio parodiado “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”. Porém, quando a investigadora lembrou MN o provérbio-origem “Feliz foi Adão que não teve sogra”, perguntando-lhe *“por que feliz foi Adão?”*, MN, então, fez um comentário sobre o fato de que sogra atrapalha e que Adão não teve sogra porque não casou (e não porque

Adão foi o primeiro homem criado por Deus, de acordo com a Bíblia, e por isso não teve sogra). Vejamos o dado a seguir:

MN: a sogra ... nem caminhão ... ((olhando para o protocolo)) a sogra e caminhão ... é a mesma coisa ... é ... o ... a sogra ... está sempre metendo a ... a boca ... está sempre ... falando mal da nora ou do genro ... e ... o ... e o caminhão tá sempre dando ... problema ... gastando dinheiro e fazendo ... coisas erradas porque ... ((olhando para a investigadora)) errada porque ... porque ... o ((olhando para o protocolo)) ... tá sempre na oficina ((olhando para a investigadora))

INV: tá sempre dando ...

MN: tá sempre dando problema sim ... e agora ... como é que a gente escreve isto ... a sogra ... quer dizer que ... a sogra é como o caminhão ... pra gastar dinheiro sem precisar ... sem precisar não ... precisa ... sem terem ... ((olhando para a investigadora)) eu não sei como eu vou fazer isto ... “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” ... a sogra e o caminhão gasta muito dinheiro ... ((olhando para o protocolo))

INV: ou dão muito problema ... e ... você conhece algum outro provérbio que é parecido com esse?

MN: ... não

→ ((movimento de negação com a cabeça))

INV: tem um que é só assim “Feliz foi Adão que não teve sogra” ... por que feliz foi Adão?

MN: porque não teve sogra ... porque sogra ... atrapalha tudo ((olhando para a investigadora))

INV: e por que Adão não teve sogra?

MN: Adão ... porque não casou

INV: e por que ... ele não casou ... ele não teve sogra ...

MN: mas teve mulher ... a a ... ele não ... não casou porque era Eva ... eu penso que ele não ... porque era ele e Eva era o primeiro casal ... não sabiam como casar ... não sabiam que era casamento ... nem nada

4.2.3. O PROVÉRBIO COMO SINTAGMA METAFÓRICO: A RECUSA DO ENUNCIADO PROVERBIAL MENOS METAFÓRICO

Uma outra questão a ser observada é que alguns provérbios parodiados que apresentam caráter menos metafórico são mais facilmente recusados como provérbios. De todo modo, também é recusado o sentido neles veiculado, tanto pelos sujeitos afásicos como pelos sujeitos não afásicos. Mesmo sem reconhecer o provérbio-origem ou ter que se lembrar desse provérbio, os sujeitos recusaram o sentido veiculado no provérbio parodiado. Podemos observar isso, por exemplo, no caso do provérbio parodiado “**Quem ama o feio é cego**”, bem como no provérbio-origem “**Quem ama o feio, bonito lhe parece**”, e nos

provérbios **“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” / “Quando um não quer, dois não brigam”**.

“Quem ama o feio é cego” (“Quem ama o feio, bonito lhe parece”)

O sujeito CC discordou do sentido veiculado no provérbio parodiado “Quem ama o feio é cego”; justificou a sua recusa dos pressupostos desse provérbio e não se lembrou do provérbio-origem “Quem ama o feio, bonito lhe parece”. Vejamos o dado a seguir:

CC: ... ai ... eu acho que não existe feio e nem lindo ... sabe ... assim ... eu acho que quando ama ... não vê a aparência da pessoa ... ou se ama muito e fala “a pessoa é cega” ... não tem nada a ver com a cegueira ... mas sim com o ... ou mulher ou a moça ou moço ... não vê coisas erradas ... errado ... que ele ou ela faz ...

No dado, a seguir, o sujeito MN comentou sobre o provérbio parodiado “Quem ama o feio é cego”, discordando do seu sentido, semelhante ao que fez o sujeito CC no dado acima. Vejamos o dado:

MN: ... ((olhando para o protocolo)) não sei ... ((olhando para a investigadora)) “Quem ama *----→* ((rindo)) o feio é cego” ... ((lendo no protocolo)) é porque não põe os olhos para feiúras que tem né ... quem ama o feio ... as pessoas são feias ... umas acham-nas feias ... outras acham-nas bonitas ... mas ele acha sempre bonito ((olhando para a investigadora))

Já o provérbio parodiado **“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”** exige dos sujeitos, na explicitação do sentido, uma reflexividade enunciativa mais específica, como podemos observar nos dados a seguir. Além disso, o respectivo provérbio-origem apresenta uma forte cristalização. Essa reflexividade parece também ser muito mais marcada nos provérbios com alteração da prosódia “Quem canta seus males, espanta” e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”. Vejamos alguns dados relativos ao provérbio “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”:

“Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme” (“Quando um não quer, dois não brigam”)

IG: é ... acho que pensando sexualmente ... quando um não quer o outro vira para o lado e dorme mesmo ... insistiu aí aí ... é da insistência também ... ele vai virar para o outro lado e dormir desde que tenha certeza que aquilo não virar mesmo entendeu?

No dado abaixo, o sujeito MN comentou *“não sei te explicar”* e, posteriormente, fez uma tentativa de explicitação do sentido do provérbio parodiado “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”. A investigadora, então, lembrou a MN o provérbio-origem “Quando um não quer, dois não brigam”, o que desencadeou os seguintes comentários por parte de MN:

MN: /ah ... é isso mesmo ... “Quando um não quer, dois não brigam” ... é ((olhando para a investigadora)) e aqui ... “ ... o outro vira para o lado e dorme” ... ((lendo no protocolo)) o outro fica quieto ... ((olhando para a investigadora)) quando um não quer ... ou outro fica quieto ... ((olhando para o protocolo)) fica ... ((olhando para a investigadora)) ((olha para o protocolo))

Os sujeitos afásicos, em relação a esse provérbio parodiado, apresentaram dificuldades na aceitação do estatuto proverbial da paródia, assim como os sujeitos não afásicos. Ambas as populações também apresentaram dificuldades no reconhecimento do sentido veiculado na paródia.

4.2.4. DIFICULDADES POSTAS POR QUESTÕES MAIS ESSENCIALMENTE METALINGÜÍSTICAS

Outra questão se refere aos provérbios parodiados com alteração da prosódia, como **“Quem canta seus males, espanta”** e **“Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”**, em relação aos provérbios-origem **“Quem canta, seus males espanta”** e **“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”**, fortemente cristalizados lingüístico-culturalmente. Vejamos alguns dados a seguir:

“Quem canta seus males, espanta” (“Quem canta, seus males espanta”)

No provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”, CC explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta”, e depois, com o questionamento da investigadora, percebeu a diferença deste provérbio em relação ao parodiado “Quem canta seus males, espanta”, explicitando, também, o sentido deste. Vejamos o dado a seguir:

CC: ... bom aí muda né ... porque se eu fala para você alguma que tá me magoando ... os meus males ... vai espantar ... você ... né ... uma vírgula faz uma diferença
((risos))

Num primeiro momento, o sujeito ES explicitou o sentido do provérbio-origem “Quem canta, seus males espanta” e, posteriormente, quando a investigadora o questionou, ele reconheceu a diferença de sentido. Vejamos os dados a seguir:

ES: (21s) é é ... por exemplo né ... é ... ((olhando para o protocolo)) é é ... algumas pessoas né ... ((olhando para o lado))
INV: hum
ES: é ... ((olhando para baixo)) é ... por exemplo né ... ((olhando para o lado)) amarga né ... ((olhando para o protocolo))
INV: hum
ES: é ... amarga né ... aí ... espanta os ((olhando para o protocolo)) ... espanta as outras pessoas né ... ((olhando para a investigadora))

“Quem dá aos pobres, empresta... adeus!” (“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”)

O sujeito AM também reconheceu o provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” e comentou: *“adeus ... não é ... não tem sentido esse adeus não ... que Deus escreve com letra maiúscula ... principalmente o início dela ... então não é adeus ... empresta ... a mais ... um deus diferente do que tá aqui ...”*. Com relação ao sentido do provérbio parodiado “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”, comentou:

AM: a Deus ... então ... agora o seguinte ... se você por exemplo ... se você tem dinheiro emprestar ao pobre ... adeus ... porque você não ver mais

Nesse dado, o sujeito MN leu o provérbio parodiado como o provérbio-origem “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, quando a investigadora, então, enunciou o provérbio parodiado com marcação prosódica característica, “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”, MN comentou: *“conheço ... ((olhando para frente)) “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” ... ((olhando para o protocolo)) quer dizer ... quem dá esmola ao pobre e Deus nos ajuda ((olhando para a investigadora))”*. A investigadora, então, comentou sobre o provérbio parodiado *“‘Quem dá aos pobres ...’ ó ... ((apontando para a palavra adeus)) o que que é esse adeus?”*. MN, então, fez um comentário a partir do qual entendemos que ele não reconheceu os efeitos de sentido da paródia, como podemos ver a seguir:

MN: ... ((olhando para o protocolo)) eu não sei ... eu punha ((olhando para a investigadora)) aqui ((olhando para o protocolo)) um a grande ... e ... ficava tudo ((olhando para a investigadora)) “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” ... ((olhando para o protocolo)) mas é ... ((olhando para a investigadora)) é aqui não é isso não ((olhando para o protocolo)) ((olha para a investigadora))

4.2.5. RECONHECIMENTO DE ENUNCIADOS PROVERBIAIS ORIGEM E PARODIADOS: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA E SUFICIENTE?

Como última questão, discutiremos o fato de que reconhecer e explicitar o sentido dos provérbios parodiados nem sempre implicou, necessariamente, no reconhecimento do respectivo provérbio-origem. Algumas vezes, os sujeitos afásicos e não afásicos comentaram reconhecer e/ou explicitar o sentido dos provérbios-origem presentes na forma dos enunciados parodiados por serem provérbios mais cristalizados em termos discursivos e culturais. Contudo, essa não parece ter sido sempre uma condição necessária para reconhecer o sentido do provérbio parodiado, o que torna possível interpretá-los “por eles mesmos”. Como exemplos, citamos os provérbios parodiados: “Dinheiro não traz

felicidade, mas ajuda a comprar”, “Antes tarde do que mais tarde”, “Quem ri por último, ri atrasado”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”, “Depois do temporal vem o lamaçal”, “Não deixes para amanhã o que puderes fazer depois de amanhã”, “Quem tem boca vai ao dentista”, “Quem canta seus males, espanta”, “Quem espera sempre cansa”, “Quando um não quer, o outro vira para o lado e dorme”, “Os últimos serão desclassificados” e “Quem dá aos pobres, empresta... adeus!”.

Com outros provérbios parodiados, geralmente com caráter lúdico, os sujeitos precisam recorrer ao sentido do provérbio-origem para estabelecer uma relação entre o provérbio parodiado e o provérbio-origem, e também explicitar o sentido do provérbio parodiado. Como exemplos, podemos citar: “Quem ama o feio é cego”, “Quem vê cara não vê o resto” e “Quem não tem cão não caça”.

A partir do observado nos dados dos sujeitos afásicos e não afásicos, os sujeitos afásicos apresentaram maior dificuldade na explicitação do sentido de alguns provérbios parodiados do que os sujeitos não afásicos. Essa dificuldade se deve não apenas às alterações metalingüísticas, como também à sua familiaridade semântico-pragmática com eles (ou com seus respectivos provérbios-origem), bem como com o grau de cristalização dos provérbios em questão.

Nossos achados, no plano neurolingüístico, põem em questão a separação entre processos sintagmáticos e paradigmáticos, à maneira dos primeiros textos de Jakobson sobre as afasias. Contudo, é possível apontar uma ênfase nas dificuldades metalingüísticas encontradas nos quadros afásicos apresentados pelos sujeitos. Os sujeitos afásicos MH, NS e LM apresentaram um número menor de explicitação do sentido dos provérbios parodiados, que exigem, tanto do ponto de vista interpretativo, quanto expressivo, recursos e operações de ordem meta, lingüística e sócio-cognitivas. Já os sujeitos MN, MS, ES, JM e MG apresentaram resultado melhor, sendo que os sujeitos MS, ES e MG apresentam uma afasia de predomínio expressivo, e os sujeitos MN e JM apresentam uma afasia que também implica dificuldades semânticas. Dentre esses sujeitos, os sujeitos JM e MG apresentaram melhor resultado na explicitação do sentido dos provérbios parodiados e os

sujeitos MN, MS e ES apresentaram resultado próximo ao dos sujeitos JM e MG na explicitação do sentido dos provérbios parodiados.

Podemos concluir aqui que a interpretação e a explicitação do sentido dos provérbios parodiados não parece estar relacionada a um tipo específico de afasia, como nos mostram os dados dos sujeitos JM e MN, que apresentam um quadro de afasia semântica¹⁹. A dificuldade dos sujeitos afásicos, e também dos sujeitos não afásicos, refere-se mais à questão em jogo na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, tanto em relação à sua complexidade lingüístico-discursiva, quanto a diferentes processos de ordem léxico-semântica e sócio-cognitiva inter-atuantes na construção e na compreensão do sentido.

¹⁹ Entre as afasias consideradas fluentes, temos a Afasia Semântica que apresenta alterações nos aspectos semânticos da linguagem como: dificuldades de encontrar palavras, parafasias, especialmente verbais, circunlóquios, alterações na leitura e na escrita.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar processos de significação no contexto das afasias, destacando aspectos lingüístico-pragmáticos da interpretação e manipulação enunciativa de sentidos veiculados nas paródias proverbiais por sujeitos afásicos e não afásicos. Nosso objetivo foi estudar o trabalho lingüístico-cognitivo implicado na interpretação dos enunciados proverbiais parodiados de forma a reafirmar a relevância do provérbio e da proverbialização para os estudos neurolingüísticos.

Vimos nas seções precedentes que, na interpretação e manipulação enunciativa de provérbios parodiados, assim como de provérbios-origem, é preciso um trabalho lingüístico-discursivo de natureza meta (lingüístico, enunciativo, discursivo, pragmático). Dessa maneira, para ser lido na chave parodística, os enunciados proverbiais parodiados requerem certamente o concurso de operações metalingüísticas, como afirmam vários autores, dentre eles Bakhtin; porém, não apenas delas.

Consideramos, neste trabalho, a paródia como um fenômeno metaenunciativo que mobiliza relações lingüísticas, intencionais, sociais e culturais. Caracterizada pela intertextualidade, ela se remete a manifestações discursivas que promovem seus efeitos com diferentes sentidos e revestidos de novos acentos no campo do discurso (*cf.* BAKHTIN, 1997).

Como podemos observar em nossa pesquisa, na paródia, não apenas os processos de ordem metalingüística, mas outros processos meta são intensificados de forma especial no percurso interpretativo e expressivo de sua constituição. A ironia, o reconhecimento e questionamento de pressupostos culturais tidos como “verdades absolutas”, o redirecionamento do sentido e da referência discursiva do provérbio-origem, o caráter lúdico e de glosa da enunciação parodística salientam seus traços de intersubjetividade e de experiência sócio-cognitiva.

Do ponto de vista de sua realidade textual, processos lingüísticos envolvidos na paródia atuam com vários tipos de memória (verbal, cultural, autobiográfica, discursiva) e percepção do mundo social, evocando suas propriedades de remissividade (lingüística e não-lingüística) e de reativação referencial (sócio-cognitiva), que explicam não apenas a evocação do provérbio-origem, como também os termos (lingüísticos, pragmáticos, discursivos) e os efeitos da paródia, razão pela qual podemos falar em desfocalização e desativação da memória discursiva²⁰ à qual está vinculado o provérbio-origem.

Na descrição inicial do fenômeno abarcado nesta tese, chamamos a atenção para o fato de que é preciso, para interpretar os provérbios parodiados, ou para tratar parodisticamente o provérbio, reconhecer o provérbio-origem, identificar seus sentidos e suas propriedades lingüísticas (sintáticas, fonéticas, lexicais, morfológicas), de maneira a fazer, ou conhecer na ação parodística, uma “repetição” com ênfase na diferença. Além disso, consideramos que a paródia proverbial parece exigir ao mesmo tempo dos sujeitos duas operações interpretativas sobre a linguagem: uma sobre o provérbio-origem, e outra sobre o enunciado proverbial parodiado, que retrabalha em termos sócio-cognitivos a primeira.

O enunciado proverbial parodiado apresenta, enquanto tal, uma complexidade lingüístico-discursiva que envolve, dentre outras coisas, de acordo com os dados, conhecer ou não o provérbio parodiado, concordar ou discordar de seu sentido e reconhecer o provérbio-origem. Tais processos indicam diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre o enunciado parodiado.

A partir da observação dos dados obtidos com a aplicação do Protocolo de estudo de provérbios parodiados, temos, resumidamente, as seguintes considerações:

²⁰ De acordo com Koch (2004, p.62), na constituição da memória discursiva estão envolvidas as seguintes estratégias de referenciação:

1. construção/ativação: um “objeto” textual ainda não mencionado é introduzido e preenche um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo ficando saliente.
2. reconstrução/reativação: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente.
3. desfocalização/desativação: um novo objeto-de-discurso é introduzido e passa a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial e a qualquer momento pode voltar à posição focal para utilização imediata na memória dos interlocutores.

1) Em relação à interpretação de provérbios, os sujeitos da pesquisa compreendem os provérbios, preferencialmente, se evocam e interpretam os contextos nos quais são produzidos, especialmente situações por eles vividas. Tal fato leva-nos a considerar que a compreensão, fundamental nas atividades interpretativas, é uma “operação-no-mundo” (PARRET, 1988, p.25).

2) Na explicitação do sentido dos provérbios realizada pelos sujeitos, consideramos a exposição oral de mecanismos e recursos lingüístico-pragmáticos aí implicados. Os sujeitos, em seus gestos interpretativos, procuraram tornar “visíveis” os conteúdos implícitos, isto é, procuraram explicitar informações pressupostas ou subentendidas nos provérbios parodiados a partir da exposição dos mecanismos de construção do sentido, recuperados ou perceptíveis através da produção de inferências, de operações meta e de atividades referenciais. Tais gestos foram realizados a fim de que o interlocutor (a investigadora) tivesse condições de perceber o que se quis significar. Destacamos como constitutivos dos processos de significação implicados na interpretação e na explicitação do sentido dos provérbios parodiados, os seguintes fenômenos, característicos da paródia: variados processos meta relativos à linguagem (lingüístico, pragmático, discursivo), intertextualidade, inferenciação, metaforicidade e diferentes graus de cristalização lingüístico-cultural da expressão formulaica.

3) Na interpretação de enunciados parodiados, encontramos elementos ou processos de significação verbal (lingüísticos, discursivos, inferenciais, referenciais, *etc.*) e também não-verbal (gestuais, mnêmicos, perceptivos, *etc.*) inter-atuantes nos diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem e seu funcionamento. Pudemos, então, observar nos dados dos sujeitos da pesquisa, a convocação de uma “postura meta-enunciativa”, em especial, na determinação referencial, na intertextualidade e na metaforicidade.

4) Na interpretação dos provérbios, observamos o papel co-construtor do interlocutor (a investigadora) na construção conjunta de sentidos com o sujeitos afásicos e

não afásicos. Pudemos, assim, perceber nos dados que o interlocutor e os sujeitos atuam interativamente, colaborativamente e intersubjetivamente na construção dos sentidos dos provérbios para compreender e expressar processos de significação nas ações reflexivas, no compartilhamento de conhecimentos, na reestruturação de conhecimentos já existentes, que envolvem a capacidade de compreender e de refletir, que se constituem em sociedade, nas interações e práticas sociais.

5) O percurso sócio-cognitivo de reconhecimento e da explicitação do sentido veiculado nos provérbios parodiados realizado pelos sujeitos afásicos e não afásicos nos indica a importância da familiaridade semântico-pragmática para a interpretação, bem como a cristalização formal e discursiva dos provérbios-origem. Somado a isso, constituiu o percurso sócio-cognitivo da interpretação da paródia de provérbios, o grau de metaforicidade e o tipo de intertextualidade que estabelece com o provérbio-origem.

6) Ainda que seja um fenômeno metalingüístico, como postula Bakhtin (1997), a paródia não se reduz ao sistema lingüístico *stricto sensu*, por ser um fenômeno meta que não se reduz ao lingüístico, pelo contrário, convoca diferentes níveis de reflexão sobre a linguagem (metalingüísticos, metaenunciativos, metadiscursivos). Assim, para identificar o elemento parodístico, é necessário observar a intertextualidade da paródia com o texto-fonte, bem com o grau de metaforicidade dos provérbios relacionados e o grau de cristalização do texto-fonte (como também da própria paródia).

7) Por não depender apenas de operações metalingüísticas *stricto sensu*, os sujeitos afásicos puderam ter um desempenho semelhante aos sujeitos não afásicos. As duas populações serviram-se das relações solidárias e constitutivas entre língua e sociedade no processo de interpretação de provérbios.

Os dados da pesquisa mostram também que os sujeitos afásicos e não afásicos interpretaram e explicitaram o sentido dos provérbios parodiados como provérbio propriamente, como um enunciado da língua, não formulaico, ou como paródia.

Observamos, também, nos dados obtidos nesta pesquisa que, para dar algum sentido ao enunciado parodiado, nem sempre foi preciso que o sujeito conhecesse necessariamente o texto original ou texto-fonte, isto é, o provérbio-origem. Apesar de os sujeitos se lançarem à interpretações dos provérbios parodiados sem necessariamente conhecer o provérbio-origem, identificamos que é necessária a relação inter-textual na interpretação da paródia para que ela se constitua como tal.

Nesse sentido, podemos considerar aqui dois aspectos com relação à interpretação de provérbios parodiados, de acordo com o que se observou nos dados relativos às duas populações:

a) a tarefa de explicitar o sentido do provérbio parodiado não impediu que os sujeitos buscassem atribuir algum sentido para ele. Além disso, conhecer o provérbio parodiado não parece ser condição suficiente para a sua interpretação, sobretudo, se os provérbios parodiados são menos metafóricos. Como exemplo desse movimento interpretativo, lembramos o comentário do sujeito JM sobre o provérbio parodiado “Quem cedo madruga, fica com sono o dia todo”: *“não conheço ... mas está imaginado”*;

b) reconhecer e/ou explicitar a presença dos provérbios-origem nos enunciados parodiados não implica interpretar e/ou explicitar a paródia, para isso é necessário realizar, de alguma maneira, o percurso inter-textual.

Observamos nos dados que, tanto os sujeitos afásicos, quanto os não afásicos, demonstraram (re)conhecer mais os provérbios-origem do que os provérbios parodiados. Vale salientar um caráter sócio-cultural relativo à paródia, passível de ser observado nas duas populações: alguns provérbios parodiados parecem superar, na memória cultural-discursiva, o lugar cristalizado ocupado pelos provérbios-origem (tal como “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”). O elemento parodístico surge nesse contexto como um objeto-de-discurso²¹ co-construído ou reativado, presentificado de alguma forma na

²¹ De acordo com Mondada, “o objeto-de-discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como pelo fato de articular-se em partes suscetíveis de se automatizarem por sua vez em novos objetos. O

memória discursiva dos falantes. Como exemplo do movimento interpretativo na interpretação dos provérbios parodiados, vimos também que alguns deles ocupam um grau semelhante de cristalização do provérbio-origem, para aperfeiçoar ou complementar os provérbios-origem, como exemplo “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão” e “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a comprar”.

Os sujeitos demonstraram reconhecer a paródia por reações nem sempre verbais, mas que se constituíram por movimentos reflexivo-argumentativos, risos e expressão facial (de dúvida, de estranhamento) em relação ao provérbio parodiado. Eles interpretaram a paródia quando explicitaram o sentido do provérbio parodiado quanto ao sentido veiculado no provérbio-origem, reconhecendo a relação inter-textual entre eles e um tipo de subversão do sentido, de ironia, de questionamento, de oposição ou negação do provérbio-origem com a característica de confrontação e de contestação das práticas sociais e discursivas, ou seja, da cena enunciativa e do sentido do provérbio-origem. Dentro desse contexto, podemos dizer que o enunciado parodiado não tem a função de deixar de ser paródia e, assim, tornar-se um provérbio que veicula pressupostos “eternos”, mas sim que sua relação com o texto-origem tem a função de questionar, de subverter, de confrontar, de contestar e de ironizar pressupostos culturais veiculados em nossa cultura.

Vimos, nos dados das duas populações, como a natureza textual-discursiva da paródia está vinculada ao tratamento lingüístico-cognitivo implicado na interpretação de provérbios parodiados. O que parece estar de forma importante na base da interpretação de provérbios parodiados é o tipo de intertextualidade e o grau de metaforicidade que estes mantêm com os provérbios-origem, bem como a cristalização formal e discursiva, sócio-cognitiva destes últimos. Tal consideração tem a ver, cumpre observar, com a ativação de vários processos meta e com a natureza sócio-cognitiva dos fenômenos formulaicos. Lembremos, conforme Koch, que

objeto se completa discursivamente.” (MONDADA, 1994 *apud* KOCH, 2004, p.64). Ou seja, os objetos-de-discurso são estabelecidos discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas (*cf.* MONDADA & DUBOIS, 2003), mas também podem ser enriquecidos, alimentados e construídos coletivamente por diferentes locutores (*cf.* CLARK & WILKES-GIBBS, 1986). Os objetos-de-discurso quando introduzidos na memória discursiva vão sendo transformados, reconstruídos e recategorizados no processo de interação (KOCH, 2004).

... a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem socio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos – situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. (2004, p.57).

Na interpretação de provérbios pelos sujeitos das duas populações, pudemos observar as estratégias cognitivas que são estratégias de uso do conhecimento, como os objetivos, as convicções e o conhecimento de mundo - representados na memória semântica ou enciclopédica dos sujeitos - que consistem na execução de algum “cálculo mental” pelos interlocutores (KOCH, 2004). Tomemos, a propósito, outra passagem de Koch:

Esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que permite, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmo não desejados pelo produtor. (2004, p.26).

A partir do que vimos até aqui, que tipo de problematização poderia ser colocada a respeito da definição tradicional de afasia enquanto “dificuldade de realizar operações metalingüísticas”?

Os dados desta pesquisa colocam em xeque essa definição tradicional, comum às perspectivas estruturalistas e cognitivistas. As tarefas de ordem meta (procedimentos 1 e 2) puderam relacionar vários processos em torno da capacidade de refletir sobre a linguagem – capacidade esta não reduzida nem ao sistema lingüístico *stricto sensu* nem ao cognitivo, tal como estabelecido pela Afasiologia tradicional.

Cumpramos destacar, em relação à nossa análise, a presença de semioses co-ocorrentes e solidárias ao funcionamento da linguagem e do ato enunciativo. Não raramente, pudemos observar, nos dados de sujeitos afásicos, que o uso expressivo de gestos, olhares, expressão facial e postura corporal foram indicadores de sua tarefa interpretativa e da explicitação do sentido. Mais do que fenômenos meramente coadjuvantes, estes recursos mostraram-se constitutivos do processo de significação e da construção do sentido, sendo relevantes para a interpretação e a expressão dos fatores parodísticos. As dificuldades que poderíamos chamar de especificamente afásicas, ainda que passíveis de serem encontradas na linguagem não afásica, ativeram-se, por exemplo, à não percepção da alteração prosódica como fator parodístico (como no provérbio parodiado “Quem canta seus males, espanta”).

Por fim, as análises dos dados dos sujeitos afásicos nos permitem refletir ainda sobre a relação de mútua constitutividade entre compreensão e produção nas afasias, já que sujeitos com afasia considerada do tipo fluente (Afasia Dinâmica, Afasia Transcortical, Afasia Semântica), ou seja, uma afasia com características relativas a problemas de compreensão, com ausência de déficits articulatórios e alteração nos aspectos semânticos da linguagem, à maneira dos sujeitos que apresentam um quadro de afasia tipificada como não-fluente (Afasia de Broca), também apresentaram uma postura “meta” em relação aos provérbios parodiados. Portanto, o tipo de afasia parece não interferir na explicitação e interpretação de provérbios e de provérbios parodiados, o que nos permite considerar que a distinção fluente/não-fluente, bem como a distinção compreensão/produção, podem ser questionadas fortemente.

A partir de uma definição de afasia que considera os processos lingüísticos e cognitivos, tanto nos aspectos produtivos quanto interpretativos, no funcionamento da linguagem, os dados dos afásicos que apresentam uma afasia que incide em dificuldades léxico-semânticas mostram que esses sujeitos não apresentaram resultado pior do que os sujeitos com afasias consideradas do tipo expressivo, que incide em dificuldades fonético-fonológicas, na medida em que eles não deixam de lançar mão de processos lingüísticos e cognitivos para dar conta das tarefas que exigem uma reflexividade mais intensa e específica dos sujeitos sobre a linguagem, considerando, ainda, que os processos ou níveis lingüísticos funcionam de maneira articulada.

Em suma, na interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos foi possível, enfim, observar

um conjunto expressivo de processos de significação (lingüísticos, pragmáticos, argumentativos, textuais, discursivos, semióticos) verbais e não-verbais, que fazem emergir e consolidar diferentes competências sócio-cognitivas (lingüísticas, pragmáticas, comunicacionais, sociais, procedurais, profissionais, *etc.*) com as quais atuamos e apreendemos o mundo. (MORATO, 2007, p.5).

Foi também possível observar, de acordo com Koch, que “Tudo isso exige o domínio não só de habilidades lingüísticas, mas também de uma série de estratégias de ordem sócio-cognitiva, cultural e interacional.” (KOCH, 2004, p.128).

Essa ponderação nos leva, entre outras coisas, à reafirmação dos estudos com provérbios como relevantes para a Neurolingüística e a uma redefinição do próprio conceito de afasia, inserindo os fenômenos de ordem sócio-cognitiva, lingüístico-interacional, dentre os que podem nos ajudar a entender melhor as relações entre linguagem e cognição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Editora Globo, 1996. 264 p.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 19, p.25-42, jul/dez 1990.
- _____. **Palavras incertas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. 200 p.
- BAKHTIN, M. M. **The Dialogic Imagination**. Texas, University of Texas Press, 1996. 443 p.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. 2ª edição Revista. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1997. 275 p.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4ª edição. Campinas: SP: Pontes. Editora da Universidade de Campinas. 1995. 387 p.
- BERTHOUD-PAPANDROPOLOU, I.; FAVRE, C.; VENEZIANO, E. Construção e reconstrução das condutas explicativas. In: FERNANDES, S. D. (Org.). Aquisição da linguagem: conceito, definição e explicação na criança. **Série Trilhas Lingüísticas** nº 4. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.
- CASTRO, M. L. D. de. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.129-138.
- CAZELATO, S. E. de O. **Estudo de formas meta-enunciativas em sujeitos afásicos: a enunciação proverbial**. (Projeto de Iniciação Científica orientado pela prof. Dra.Edwiges Maria Morato, FAPESP processo número 97/11110-7), 1998. 41 p.
- _____. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. 2003. 238 f. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Tradução de Antonio Feliciano

- de Castilho. São Paulo: Clássicos Jackson, W. M. Jackson Inc. Editores, 1949.
- CHAPMAN, S. B.; ULATOWSKA, H. K.; FRANKLIN, L. R.; SHOBE, A. E.; THOMPSON, J. L.; McINTIRE, D. D. Proverb interpretation in fluent Aphasia and Alzheimer's disease: implications beyond abstract thinking. **Aphasiology**, New York v.11, n. 4/5, p.337-350, April-May 1997.
- CLARK, H. H.; WILKES-GIBBS, D. Referring as a collaborative process. **Cognition**, 22, 1986, p.1-39.
- COSCARELLI, C. V. Inferência: Afinal o que é isso?. Belo Horizonte: **FALE/UFGM**. Maio 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>> Acesso em: 05 dez. 2007.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso – Discurso e Afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p.
- CHRISTENSEN, A. **El diagnóstico neuropsicológico de Luria**. 2ª edición revisada. Madrid, Visor Libros, 1987, 210 p.
- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S. (Org.). **Da Metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p.35-51.
- DEL RÉ, A. **A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico**. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. 247 p.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. 222 p.
- FÁVERO, L. L. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, D. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin Mikhail**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p.49-61.
- FIORIO, N. M. **Quem conta um conto... A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa**. Goiânia: Editora UCG, 1995. 194 p.
- GENETTE, G. **Introdução ao arquitrato**. Lisboa: Editora Vega Limitada, Coleção Veja Universidade, 1986. 109 p.
- GOLDSTEIN, K. **La natureza humana a la luz de la Psicopatología**. Buenos Aires:

- Editorial Paidós, 1961. 195 p.
- GRÉSILLON, A. e MAINGUENEAU, D. Poliphonie, proverbe et détournement. **Langages**, Paris, v 73, p.112-25, 1984.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985. 165 p.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1981. 162 p.
- JOZEF, B. O espaço da paródia, o problema da intertextualidade e a carnavalização. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 62, p.53-70, julho-setembro 1980.
- KLEIBER, G. Sur Le Sens Des Proverbes. **Langages**. Paris: Larousse, v 139, p.39-58, Septembre 2000.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2003. 168 p.
- _____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 190 p.
- KOCH, I. G. V., BENTES, A. C. & CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007. 166 p.
- LAKOFF, G. A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 9, p.49-68, 1985.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 360 p.
- LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia**. São Paulo: Panamed Editorial, 1983. 124 p.
- LOPES, M. S. **Metáforas sobre a mulher: uma visão lingüística e conceptual**. 2005. Dissertação (Mestre), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p.8-52.
- LIMONGI, F. Papaterra. **Manual Papaterra de habilidades cognitivas**. São Paulo: Pancast, 1999, 198 p.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Tradução de Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997. 112 p.
- _____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P.de

- Souza-e-Silva, Décio Rocha. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002. 238 p.
- MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche Linguistique de la construction de objets du discours**. Lausanne: Université de Lausanne, 1994 *apud* KOCH, I. G. V. Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004. parte II, cap. 5, 190 p.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MORATO, E. M. Formas meta-enunciativas no discurso de sujeitos afásicos. In: BARROS, K. S. M. de (Org.). **Produção Textual: interação, processamento, variação**. Ed. Natal: EDUFRN, 1999. p.53-62.
- _____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 41, p.55-74, jul./dez. 2001.
- _____. (Coord.). **Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas**. Campinas: UNICAMP, 2002a. (Relatório científico FAPESP nº 99/07055-6).
- _____. (Org.). **Sobre as afasias e os afásicos**. Campinas: Editora UNICAMP, 2002b. 62 p.
- _____. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. In: SILVA, F. L.; MOURA H. M. (Org.). In **Direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2002c. p.63-74.
- _____. (Coord.). **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)**. Campinas: UNICAMP, 2005a. (Relatório científico FAPESP 03/02604).
- _____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas

- referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. p.243-263.
- _____. (Coord.). **Competência e Metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos**. Campinas: UNICAMP, 2006. 20 p. (Proposta encaminhada à Fapesp para solicitação de auxílio à pesquisa).
- _____. (Coord.). **Competência e Metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos**. Campinas: UNICAMP, 2007. 115 p. (Relatório Parcial FAPESP 06/52950-9).
- MOTA, A.V.B. **Provérbios em Goiás – contribuição à Paremiologia Brasileira**. Pref. de Basileu Toledo França. Goiânia: Oriente, 1974. 248 p.
- MOTA, L. **Adagiário Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 403 p.
- MOURA, H. M. de M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas**, Juiz de Fora, v 6, n 1, p.153-161, jan / jun 2002.
- OBELKEVICH, J. Provérbios e história social. In: BURKE, P. & PORTER, R. **História Social da Linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p.43-81 .
- PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi (*et al.*). Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. 256 p.
- PRATA, M. **Mas será o Benedito? Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares. 12ª edição**. São Paulo: Globo, 1997. 175 p.
- RICOEUR, P. O processamento metafórico como Cognição, Imaginação e Sentimento. In: SACKS, S. (Org.). **Da Metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p.145-160.
- ROSE, Margaret A. **Parody: ancient, modern, and post-modern**. New York: Cambridge University Press, 1995. 316 p.
- ROVENTA-FRUMUSANI. D. Le proverb E(s)t Enonciation Enocée. **Revue Roumaine de Linguistique**. Bucarest, XXX, p.159-167, 1985.
- SANT'ANNA, A. R. de. **Paródia, Paráfrase e Cia**. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios. 2002. 96 p.
- SCHUELL, H. **Aphasia theory and therapy: selected lectures and papers of Hildred Schuell**. Londres: The MacMillan Press, 1974.

- TISSOT, A. **Reeducação do Afásico Adulto**. São Paulo: Livraria Roca Ltda, 1986. 107 p.
- ULATOWSKA, H.; SADOWSKA, M.; KADZIELAWA, D.; KORDYS, J.;
RYMARCZYK, K. Linguistic and cognitive aspects of proverb processing
in aphasia. **Aphasiology**, New York, v.14, n. 3, p.227-250, March 2000.
- URBANO, H. Uso e abuso de provérbios. In: PRETI, D. (Org.). **Interação na fala e na
escrita**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP (Projetos Paralelos
NURC/SP), n.5, 2002. p.253-321.
- VENEZIANO, E.; HUDELOT, C. Développement des compétences pragmatiques et théorie
de l'esprit chez l'enfant: le cas de l'explication. In: BERNICOT, J. *et al.*
Pragmatique et psychologie. Presses Universitaires de Nancy. 2002 *apud* DEL RÉ,
A. A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico.
2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- VISCARDI, J. M. **O estatuto neurolingüístico do automatismo**. 2005. 132 f. Dissertação
(Mestre) – Insituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas,
2005.

ANEXO 1

PROTOCOLO DE ESTUDO DE PROVÉRBIOS EQUIVALENTES

Qual o provérbio que veicula (tem) o mesmo sentido que este (mediante apresentação oral e/ou escrita)?

1. Filho de peixe,
peixinho é.

Quem vê cara não vê coração.
Tal pai, tal filho.
Caiu na rede é peixe.
Tal cão, tal dono.

2. Nem tudo que
reluz é ouro.

A esperança é a última que morre.
As aparências enganam.
Gato escaldado tem medo de água fria.
Nem tudo que balança cai.

3. Devagar se vai ao longe.

Quanto mais alta a subida maior a queda.
O hábito não faz o monge.
Casa de ferreiro, espeto de pau.
A pressa é inimiga da perfeição.

4. Mais vale um pássaro
na mão do que dois voando.

Em terra de cego quem tem um olho é rei.
Antes pouco do que nada.
Em boca fechada não entra mosca.
Melhor prevenir do que remediar.

5. Não adianta chorar sobre o
leite derramado.

Águas passadas não movem moinhos.
Ri melhor quem ri por último.
Onde a vaca vai, o boi vai atrás.
O que não tem remédio, remediado está.

6. Cada macaco no seu
galho.

Macaco velho não mete a mão em
cumbuca.
Sapo de fora não chia.
Cada qual com seu igual.
Quem ama o feio, bonito lhe parece.

7. Em boca fechada não
entra mosca.

Água mole em pedra dura tanto bate até
que fura.
O segredo é a alma do negócio.
Não se cospe no prato onde se comeu.
O peixe morre pela boca.

8. O amor é cego.

Amor com amor se paga.
O pior cego é aquele que não quer ver.
Quem viu um viu todos.
Quem ama o feio, bonito lhe parece.

9. Olho por olho,
dente por dente.

Em terra de sapo, de cócoras como ele.
Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
Amor com amor se paga.
Cara de um, focinho de outro.

10. Quem tudo quer,
tudo perde.

Não dê o passo maior do que a perna.
Os últimos serão os primeiros.
Uma mão lava a outra.
Quem muito abarca, pouco abraça.

11. A união faz a força.

A ocasião faz o ladrão.
Roma não foi feita num dia.
Uma andorinha só não faz verão.
Um por todos, todos por um.

12. Quem semeia vento,
colhe tempestade.

O mar não está para peixe.
Quem cospe para cima cai no rosto.
Cada um deita na cama que fez.
Depois da tempestade vem a bonança.

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento que presta esclarecimentos a você (sujeito da pesquisa) e/ou responsável com relação a participação na pesquisa com o título **“A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não-afásicos”**, desenvolvida por mim, Sandra Elisabete de Oliveira Cazelato.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a interpretação de enunciados proverbiais parodiados (a paródia “é uma nova e diferente maneira de ler o convencional”) por sujeitos afásicos e não-afásicos a partir de um Protocolo de Provérbios Parodiados. Esse protocolo é composto por provérbios parodiados presentes na nossa cultura e sociedade, como por exemplo o provérbio parodiado “O pior cego é aquele que se recusa a ter cão”, e será apresentado oral e por escrito aos sujeitos. Como sujeito da pesquisa, você participará das entrevistas em interação com a responsável pela pesquisa, Sandra Elisabete de Oliveira Cazelato, na interpretação desses provérbios, na elaboração de uma situação de uso ou de emprego dos provérbios.

A partir dessa pesquisa podemos obter dados importantes para o estudo das afasias e para o estudo das resoluções com a linguagem apresentadas pelos sujeitos da pesquisa com dificuldades próprias das afasias na atividade de interpretação de provérbios, como uma forma de compreender melhor as questões sobre cérebro e linguagem.

As entrevistas serão individuais, gravadas e filmadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da professora Dra. Edwiges Maria Morato.

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis aos sujeitos e não gera despesas aos sujeitos, portanto, não vai haver nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa os sujeitos não terão nenhum gasto.

É importante ressaltar que o sujeito entrevistado terá direito ao esclarecimento de qualquer dúvida acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa, antes, durante ou após a realização da pesquisa, ainda que estes possam afetar sua vontade em continuar participando da mesma. O sujeito entrevistado terá direito também de deixar de participar da pesquisa a qualquer tempo, sem nenhum prejuízo no atendimento e tratamento pela equipe do Ambulatório de Neurologia do Hospital das Clínicas e do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Por fim, o sigilo e o caráter confidencial das informações serão mantidos, zelando pela privacidade do paciente e garantindo que sua identificação não seja exposta nas conclusões ou publicações.

Eu, _____,
_____ anos, HC _____, de livre vontade afirmo pelo presente termo o meu consentimento em participar de entrevistas individuais que fazem parte da pesquisa desenvolvida por Sandra Elisabete de Oliveira Cazalato com o título **“A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não-afásicos”** no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Estou ciente do teor deste documento e afirmo mais uma vez o meu expresso consentimento,

Assinatura do paciente

Assinatura do responsável pela pesquisa

Campinas, _____ de _____ de 2006.

Será entregue uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao sujeito que participa da pesquisa.

* Em caso de recurso ou reclamação, contatar a Secretaria da Comissão de Ética em Pesquisa no endereço Rua Tessália Vieira de Camargo nº 126 (Faculdade de Ciências Médicas – FCM/UNICAMP), no telefone (19) 32518936, ou no e-mail cep@fcm.unicamp.br.

* Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, contatar a responsável pela pesquisa, Sandra Elisabete de Oliveira Cazolato, no endereço Rua Sérgio Buarque de Holanda nº 571 (Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP) , no telefone (19) 32511532, ou no e-mail scazelato@yahoo.com.

ANEXO 3

SISTEMA DE NOTAÇÃO 2005 – LABONE/CCA

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequeninho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde...

		EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *--- ---→* ((aponta com o dedo))